



CBN Londrina
100,9 FM

LONDRINA

Aos 86, com a ousadia de origem.

Londrina: 86 years of relentless progress.

| Widson Schwartz |





LONDRINA

Aos 86, com a ousadia de origem.

Londrina: 86 years of relentless progress.

| Widson Schwartz |

CBN Londrina
100,9 FM

Copyright © 2020

Ficha Técnica

Projeto: **Rádio CBN Londrina**

Direção Geral: **Amarildo Lopes**

Pesquisa e Texto: **Widson Schwartz**

Coordenação e Edição: **Jackeline Evangelista Bezerra**

Fotografias: **Wilson Vieira | Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss - UEL**

Revisão: **Widson Schwartz | Jackeline Evangelista Bezerra**

Tradução: **Dora Horvath | Fabiano Teixeira – FD English**

Projeto Gráfico: **Bravo Propaganda**

Impressão: **Midiograf Gráfica e Editora**

Tiragem: **5.000 unidades**

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Roseli Inacio Alves
CRB 9/1590

S399l Schwartz, Widson.
Londrina aos 86, com ousadia de origem: Londrina: 86 years of relentless progress / Widson Schwartz. – Londrina: Midiograf, 2020.
253 p. : il

Edição bilíngue. Português/Inglês
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-86442-11-3

1. Jornalismo – Londrina(Pr) – História. 2. Londrina(Pr) – Colonização.
3. Pioneirismo – História. 4. Londrina(Pr) – Memórias – Cidade. I. Título.

CDU 070:981.622

Índice

1	Capitalismo na terra mais fértil e barata Capitalism and this incredibly rich and amazingly cheap land	16
2	As missões inglesas e a colonização liberal The English missions and the liberal colonization	28
3	“Eldorado da pequena lavoura”, a matriz "The El Dorado of small farms", the prototype	38
4	E se começou a colonizar And the colonization began	50
5	Londres, Londrina London, Londrina	72
6	“Sem ter sido vila, logo saltou para Município” "Never a village or a town, from settlement straight to city status"	88
7	Ferrovia, madeira e quase uma crise Wood, the railway and the city on the verge of crisis	98
8	Prefeitos nomeados e os males do sertão Nominated mayors and the diseases of the backwoods	114
9	A exuberante capital do café The exuberant coffee capital	128
10	Em 40 anos, a terceira cidade no sul do país Becoming the third largest city in the south of the country within 40 years	142
11	Sai o café, entra a soja. Uma cidade em ciclos. When the coffee was gone, came the soy. A city in cycles	158
12	Ainda é preciso mais da indústria no PIB GDP contribution from industries should be higher	172
13	Déficits e cassações Debts and impeachments	192
14	“O universo vermelho” e sua expressão cultural "The red world" and its cultural diversity	208
15	Aos 86, sem perder a ousadia de origem At 86, still as bold as ever	220



Autor: Wilson Vieira

JUNTOS SOMOS SEMPRE MAIS

JUNTOS
SOMOS
A.YOSHII.



NEGÓCIOS



Empresa com melhores práticas em
segurança, saúde e bem-estar.
Instituída no ranking entre as 1000 melhores
Sistema Sesi **SESI**



Em um ano de reinvenção e ressignificação, nos unimos, somamos forças e seguimos em frente. Enfrentamos os desafios com os mesmos valores, amor e dedicação de sempre. Nossos esforços valeram a pena, é com orgulho e reconhecimento ao comprometimento de cada que alcançamos os mais altos níveis de certificações. Muito Obrigado!

GRUPO  **A.YOSHII** 55

Great
Place
To
Work®

Certificado

12/08/2020 - 12/08/2021

BRASIL

A COPEL RECEBEU O CERTIFICADO GPTW.

4 LETRAS QUE VALEM MAIS QUE MIL PALAVRAS.

A Copel, maior empresa do Paraná, agora é também Great Place To Work – em português, Um Ótimo Lugar Para Se Trabalhar. Esse reconhecimento foi conquistado junto a uma certificadora mundialmente reconhecida, que estimula organizações a obter melhores resultados por meio de uma cultura de confiança e inovação. O certificado veio após minuciosa avaliação feita pelos empregados em um extenso questionário. Empresas certificadas com o selo GPTW têm em comum funcionários mais satisfeitos com o que fazem, marca mais valorizada e resultados financeiros mais sustentáveis. Isso tudo se reflete em melhores serviços para os nossos clientes.



PREFÁCIO

Da epiderme ao cerne! E de volta...

Mario Sergio Cortella

“Para se conhecer uma cidade, é necessário viver nela três dias ou trinta anos. Ao final dos trinta anos, verifica-se que o julgamento após os três dias é que é o bom”

(Jean Cocteau; 1889-1963)

Você conhece Londrina? – já me perguntaram algumas vezes; respondo – Claro! Sou de lá, pé-vermelho autêntico, e nessa cidade vivi até quase os meus 14 anos de idade! Ah! – já tive como resposta – então não conhece Londrina, pois a cidade mudou muito!

Ora, e qual cidade não muda? Mas será que cidades mudam tanto, com tanta velocidade, como Londrina mudou? Mudou para melhor? Melhor para quem? Mudou para pior? Pior para quem? Mudou, abandonando as raízes, de “mala e cuia” (diriam os antigos que para a região foram nos começos do século 20)? Ou mudou só por fora, nas cascas das entranhas e não nas entranhas das cascas?

Como o café que a afamou por décadas, foi colhida depois de madura? Ou foi tolhida, quando o café rareou, ficando mais na lembrança revigorada nas margens do lendário e renovado aeroporto dos anos 1960?

Continua natural, como o café que é debulhado só depois de seco, ou é grão lavado que antes da debulha tem a polpa retirada? E quem é que ainda entende disso na cidade? Não saber sobre café ali, faz mais de meio século, não era apenas de “mau gosto”, mas sintoma de forasteirismo. E isso agora importa ainda?

Sem dúvida! Neste livro raízes e asas se juntam quando vamos buscar a história, com seus encontros e

desencontros, lorotas e fatos, tradições e novidades, versões e contraversões, plena de ardis, artimanhas e astúcias, sem deixar de engendrar lealdades, dignidades e sinceridades...

Ficou algo que, para além da terra vermelha e do barro fértil, valha ir buscar e trazer para este tempo?

Sim! Ficou uma parte da história, que, nesta obra, com pesquisa atenta e bibliografia contributiva, recebe uma minuciosa trama, colocando dramas, tretas e traumas, nas várias visões, e que impedem que vejamos Londrina como território paradisíaco desde a origem (o que não é nem nunca foi) ou como torrão infernal que extingue esperanças (o que não é sempre e nem nunca foi de forma incessante).

Fiquei em Londrina menos de trinta anos, nos cinquenta anos mais recentes já retornei dezenas de vezes por bem mais de três dias, persisto no encantamento ultrapassando décadas, e, mesclando Jean Cocteau, quero nos meus eventuais três dias de passagem um pouco do olhar e percepção que suplantando as dezenas de dias, capture, como faz este livro, uns bocados intensos e tensos do dia-a-dia na história.

Afinal, do poeta e cineasta francês, ficaria para a nossa cidade mais com o nome do filme que ele adaptou do conto homônimo e que dirigiu em 1946, quando Londrina entrava na adolescência, *A Bela e a Fera*.

Ambas, bela e fera, nossa cidade é; de ambas tira energia e produz receio, com ambas seguimos, animados e inquietos, para o centenário...

[1] Filósofo e escritor londrinense, comentarista nacional da Rádio CBN, nascido em 1954, quando a cidade completava duas décadas de vida...



PREFACE

From rough to polished and beyond....
Mario Sergio Cortella

“In order to understand a city, you must live in it for three days or thirty years. At the end of the thirty years, you will see that the opinion you held after just three days, was accurate.”
(Jean Cocteau, 1889–1963)

“Do you know Londrina well?” I have been asked various times, “Of course! I am actually from Londrina. I am an authentic red foot and had lived there until I was 14,” I would usually respond and would often hear: “Ah! So, you don’t know Londrina at all, because it has changed a lot!

Still, which city doesn’t change? Although I wonder if they change as much and as quickly as Londrina did. Did it change for the better? Better for whom? Did it change for the worse? Worse for whom? Did it lose sight of its roots and change once and for all (as those who came to the region in the early 20th century used to say)? Or did it only change its appearance, but not its core?

Was it able to hold on to the fame, that coffee brought, and transform it or did it let it fade into the distant memories, leaving the legendary airport of the 60s as the only remaining witness?

Does it continue naturally, like the coffee that is first dried before the shell is removed or does it become more sophisticated, like a coffee bean that is soaked and has its flash squeezed before it’s shelled? And is there anyone left in this city who still understands this? About half a century ago, if one didn’t know all about coffee, it wasn’t only considered “bad taste,” but it was a sign that the person was certainly not

from here. But nowadays, is it still important?

Without a doubt! This book unites roots and wings in search of history and its agreements and disagreements, tales and facts, traditions and novelties, versions and contradictions, full of traps, tricks and cunning but also characterized by loyalty, dignity and sincerity.

Is there anything, apart from the red soil and the fertile clay, that is worth going back for and bringing to current day Londrina? Yes, there is! A part of the story, which comes to life in this work in a detailed plot through the various points of views of tragedy, intrigue and trauma, as a result of careful and extensive research, and which prevents us from seeing Londrina as a place that was heavenly from the start (which it isn’t and never was) or as a hellhole where dreams evaporate (which it isn’t and never was persistently).

I didn’t stay in Londrina for thirty years. However, in the last fifty years, I came back dozens of times for plenty more than three days and my infatuation persisted across these decades. As Jean Cocteau, I want to have my eventual three-day passage into a perspective that replaces those dozens of days, and captures, the same way as this book, some tense and intense fragments of everyday life in this story.

After all, what the French poet and filmmaker left for our city, is the title of his movie, which he adapted from the book of the same title and directed in 1946, when Londrina was just becoming a teenager: The Beauty and the Beast.

A beauty and a beast, our city is both: it draws energy from both and they both produce apprehension, but with both, we continue excited and restless into the century...

.....

Philosopher and writer, national commentator for Rádio CBN, born in Londrina in 1954, when the city was two decades old ...

COMPRAS,
ENTRETENIMENTO
& GASTRONOMIA

AURORA
SHOPPING

Av. Ayrton Senna da Silva, 400 | aurorashopping.com.br

 /Aurorashoppinglondrina  @Aurorashoppinglondrina

Parabéns Londrina!



Fazer parte de tantas realizações nos orgulha e nos motiva cada vez mais. Nossa homenagem e agradecimento a todos os londrinenses pela confiança e reconhecimento em nosso trabalho.

HMB | LOVAT

hyundailovat.com.br [f LovatHyundai](#) [hyundailovat](#)

Av. Tiradentes, 2525 - Rodocentro | (43) 3024-2211 | (43) 99164-2638

NOSSA HISTÓRIA É DE 65 ANOS DE AMOR E TRABALHO POR LONDRINA E PELOS LONDRINENSES. O VISCARDI É 100% PÉ VERMELHO COM MUITO ORGULHO!

A história do Viscardi com Londrina teve início há 65 anos, quando a cidade era ainda “menina”. Hoje temos a honra em fazer parte do dia a dia dos Londrinenses, gerando empregos e participando ativamente da economia do Município. É aqui que nascemos e é aqui que vamos ficar.



Londrina, parabéns pelos seus 86 anos!



VISCARDI
SEMPRE AO SEU LADO

01 Capitalismo na terra mais fértil e barata

Primórdios da colonização: alemães chegam ao hotel da Cianorte. Vão ocupar lotes em Nova Dantzig, futura Cambé.
Foto: autor desconhecido/acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



“Nasce Londrina. Criada por uma companhia colonizadora no meio de uma mancha de pequenas propriedades, ela floresce admiravelmente. Deixa para trás, mortas, dezenas de cidades antigas, imersas na miséria latifundiária.” Eis a certidão assinada pelo antropólogo Darcy Ribeiro em sua cronologia do Brasil no século 20. Embora tenha usado o gênero feminino, refere-se ao município, criado e instalado em 1934 (a 3 e 10 de dezembro), cinco anos após a fundação da cidade, em 21 de agosto de 1929 à tarde ou na manhã de 22 (há duas versões).

O patrimônio convertido em sede municipal tinha só cinco anos, uma “clareira” em expansão, com 554 casas e 1.346 moradores. Aos 86 anos, o município tem 575.377 habitantes, 97,4% urbanos, a quarta maior população ao sul do país. À exceção das cidades projetadas para serem capitais, edificadas com dinheiro público, nenhuma cresceu e se modernizou igual a Londrina no mesmo tempo.

Segundo Darcy Ribeiro, a cronologia (1900-1980) é a sua “versão do que sucedeu a nós, brasileiros, no caminho que viemos trotando aos trancos e barrancos, pelo século XX afora, para sermos o que estamos sendo”. E conclui que o Brasil, pelo conjunto, ainda não havia dado certo, “não por culpa da terra, que é boa; nem do povo, que é ótimo. Mas das nossas classes dirigentes, tão tenazmente tacanhas” (...)

A singularidade de Londrina, que Darcy enfatizou, continua a motivar teses e o debate sobre os interesses na origem. Há quem conteste o mérito aos ingleses pelo bem-sucedido

empreendimento e condene a concessão, pelo Estado, de ótimas terras a preço aparentemente ridículo. Teria sido “entreguismo”, não uma parceria geradora de riqueza para o Estado.

Nem todos que chegaram à nova fronteira alcançaram a prosperidade; portanto, não tiveram o seu “eldorado” ou “terra da promessa”, apontam os revisionistas.



Na floresta primitiva, a abertura de estrada é “guiada” pelo teodolito, o “medidor” óptico de alta precisão. Foto: autor desconhecido/acervo MHL Padre Carlos Weiss

Para José Joffily, “com o escandaloso patrocínio oficial, qualquer negociante atilado teria obtido resultados equivalentes”. Afinal, oito mil réis por hectare ou 19,5 mil réis por alqueire – o preço em 1925 – era quanto custava um par de “alpercatas envernizadas” na Casa Guiomar, no Rio de Janeiro, menos do que um aparelho Gillette de barbear (10 mil réis). E Nelson Tomazi conclui pela “existência de um mito: o da CTNP/CMNP [Companhia de Terras Norte do Paraná



Retirando a vegetação morta, para dar lugar à agricultura ou estrada. Foto: Theodor Preising / Acervo do MHL Padre Carlos Weiss



MACHADEIROS E A PEROBA – 1934. No sítio de Antônio Vendrame (atualmente Jardim San Remo). Vendrame (primeiro à esquerda), Cristovam Garcia Villar, Manoel Ezídio e Félix da Silva. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-Uel

e sucessora, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná], de como se desenvolveu, como se sustentava e qual a função que cumpria”.

Tomazi acha lastimável o ufanismo persistente quanto à povoação e a modernização até os shoppings centers, a reverência aos pioneiros que se fizeram ricos, o separatismo cultural dado à influência paulista etc. Entre outros autores, Joffly e Tomazi se apegam ao fato de antecessores na região, de índios a fazendeiros e posseiros, para ressaltar a não primazia dos ingleses, postos na condição de agentes da “reocupação”.

Contraponto: a sentença de João Domingues Sampaio, presidente da Companhia de Terras Norte do Paraná — Cianorte 1925 a 1944) —, ao receber o título de cidadão honorário de Londrina (1967): “Sem lorde Lovat, nada existiria”.

O Norte do Paraná era conhecido e avaliado desde o século anterior, sem que investidores se dispusessem a entrar. Foi preciso esperar pelos britânicos de Lovat.

Ao constituir a Companhia Pastoral, Agrícola e Industrial, em 1875, o Visconde de Mauá sabia que “as terras do Paraná e Santa Catarina não tinham quase valor; as de Mato Grosso não tinham valor algum e as do Rio Grande do Sul valiam menos do que as do Uruguai”. Seria fácil adquirir, “a preços ínfimos, extensões vastíssimas que, em futuro próximo, iriam ser valorizadas pela estrada de ferro ideada de Curitiba a Mato Grosso e pelas navegações fluviais a ela ligadas”, tinha em mente Irineu Evangelista de Souza (Barão e Visconde de Mauá), segundo o biógrafo Alberto de Faria.

“Partindo-se do mesmo ponto poder-se-

ia chegar, exclusivamente por linhas férreas, às riquíssimas terras do Norte do Paraná e do Noroeste de São Paulo.”

Fernando de Azevedo, em *Um trem corre para o Oeste*, observa que não faltariam projetos — “os de Rebouças e Monteiro Tourinho, de Keller, Palm e Lloyd, para citar apenas alguns, nem as divergências habituais quanto ao traçado que uns queriam”. Rebouças, pelo Vale do Iguaçu; Monteiro Tourinho, na direção do Piquiri. Lloyd e Palm optavam pelo vale do Tibagi.

Mais ambiciosamente, transporiam o rio Paraná, integrando o Paraguai e a Bolívia, “encostando” no Chile. André Rebouças escreveu em 1881: “Quando o Brasil tiver 39 milhões de habitantes como os têm atualmente os Estados Unidos, este caminho de ferro dará trens de prazer para se ir em carro-palácio admirar o portentoso Salto de Guaíra, como o faz presentemente o caminho de ferro de Albany a Niagara Falls”.

Contratados por Mauá, engenheiros ingleses e suecos tinham concluído explorações para definir por onde seria “um sistema misto de vias férreas e fluviais”, se pelo vale do Iguaçu, do Ivaí ou do Tibagi, quando sucedeu a falência do empreendedor, em 1878. Nesse ano, coincidentemente, Mauá foi reverenciado em Londres, na primeira edição do livro *Pioneering in South Brazil* (“Pioneirismo no Sul do Brasil”), em que o engenheiro Thomas Bigg-Wither narra a própria vivência de três anos no Paraná, tema da conferência que proferiu na Real Sociedade de Geografia.

O livro é “dedicado a Sua Excelência o Visconde de Mauá, a quem o autor é especialmente

devedor pelas oportunidades que teve de viajar e fazer observações em região pouco conhecida”, referência aos vales dos rios Ivaí e Tibagi, os quais esquadrinhou em trabalho inerente ao projeto ferroviário. “Novo Caminho do Brasil Meridional: a Província do Paraná” intitula-se a edição brasileira (1972).

Temístocles Linhares, o tradutor, presume que o original tenha despertado investidores londrinos para “novos e mais amadurecidos empreendimentos” no futuro. Por exemplo, a colonização de Londrina, que teria à frente “esse Lord Lovat, acerca de cujas curiosidades no plano intelectual tão pouco se sabe, mas que deveria ter sido, nos tempos de moço, pelo menos, leitor apaixonado de Bigg-Wither”.



Remanescente da floresta margeando a estrada Londrina – Ibiporã, fotografia em 18 de julho de 1936. Autor desconhecido/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-Uel

Na República, a constituição paranaense de 1892 estabelece no artigo 146: “As terras do Estado poderão ser vendidas ou aforadas perpetuamente como melhor convier às exigências e dificuldades do erário”. Hectare ao preço de “dois a cinco réis” em 1908, oficializado. “Esse preço nos desacredita perante o Estado, perante a Nação e mesmo perante o estrangeiro”, afirma o deputado Correia de Freitas no plenário do Congresso Legislativo Estadual. “Seria preferível mais liberais dando essas terras gratuitamente.”

O deputado menciona “negocistas apoiados em um guarda-chuva” sob pretexto de colonizar e construir ferrovias. “No fim das contas, não temos nem colonização, nem estradas de ferro e as terras ficam adquiridas pelos bendegosistas.” Não dicionarizado, “bendegosista” — no dizer do parlamentar — era sinônimo de oportunista e de especulador, aquele que aparecia inesperadamente, não se sabe de onde, como se fosse o meteorito bendengó (do tupi = vindo do céu), que caiu na Bahia.

“Um debate apaixonante” expõe Samuel Guimarães da Costa na História da Assembleia Legislativa. “Quais os capitais de que dispõem Lufredo Costa e seu companheiro (Manoel Nogueira) para estabelecerem uma empresa qualquer?” — perguntou o deputado Menezes Dória sobre projeto de lei, apresentado por dois colegas governistas em 1907, concedendo até 200 mil hectares, “quatro territórios de 50 mil hectares” a 2,5 mil réis a unidade, no sudoeste. “O fim é especulativo somente. É comprar para vender a estrangeiros que já estão preparados com a quantia para isso”, concluía.

Por outra solicitação, o Estado alienaria de

600 a 700 mil hectares (também no sudoeste) a Jorge Schimmelfeng, que se propunha a construir “uma pequena ferrovia”. O governo pagaria em terras a remuneração de 6% de juros sobre o capital que o proponente investiria, 30 contos de réis por quilômetro de ferrovia. Esse tipo de participação governamental, que já não era novidade no Brasil, tivera origem na América do Norte. Para construir uma de suas mais extensas ferrovias até a costa do Pacífico, o Canadá subsidiou com 25 milhões de dólares e 10 milhões de hectares a iniciativa particular; as terras em seções alternadas, numa faixa de 32 quilômetros ao largo de cada lado da linha principal, “gratuitamente para colonização”.

No Paraná republicano, em oito anos há um salto substancial: de 0\$002 a 0\$005 (dois a cinco réis) para 8\$000 (oito mil réis) o hectare, com a Lei de Colonização (n.º 1642) sancionada em 1916, estabelecendo a concessão de até 50 mil hectares para colonização. Modificações são introduzidas em 1919 e 1922 (leis 1.845 e 2.125), quanto a prazos para o cumprimento de obrigações pelos concessionários. Em 1933, o interventor Manoel Ribas fez o “balanço” de tantas facilidades e consultou o afamado advogado Marins Alves de Camargo, o “papa-terra”, cuja orientação permitiria ao Estado reintegrar “áreas devolutas em poder de especuladores e grileiros” ou de concessionários inadimplentes abrangendo 5,9 milhões de hectares. Certos casos envolviam “falsificação de documentos e dilatações de limites”. No confronto com a superfície do Estado, então 216.000 km², “verificamos, com espanto, ser a área de terras usurpadas ao seu domínio (...) quase um terço de seu total”, segundo Ribas, que permanecera



Década de 30. Área entre as ruas Paraíba e Quintino Bocaiúva. No horizonte, o centro da cidade. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

ausente do Paraná por décadas, só retornando em 1932 para ser interventor. Supõe-se que ele punha sob suspeita até concessionários idôneos.

O Paraná tinha apenas 685 mil habitantes na década de 1920 e muito espaço desocupado; sem dinheiro, o Estado oferecia terra em pagamento de obras públicas. Aquele que seria o primeiro prefeito de Londrina, o engenheiro Joaquim Vicente de Castro, abriu a estrada Irati-Itaparã (ao sul) e recebeu do Estado 31,6 mil alqueires no Vale do Ivaí (ao norte). A cavalo, em 1927, Joaquim penetrou no vale pela banda de Campo Mourão, reconheceu as áreas e prosseguiu até outra propriedade, a Fazenda

Juruba, onde surgiria Apucarana em área da Cianorte. Ali estavam marcos divisores da Gleba Fazenda Três Bocas, conglomerado de latifúndios na margem direita do ribeirão com o mesmo nome, e da Cianorte na margem esquerda, por isso denominou-se Patrimônio Três Bocas a origem de Londrina. Joaquim lotearia suas terras no Vale do Ivaí, origem de Bonsucesso e Fênix, em 1942 e 1948, iniciativa pela qual se tornou muito rico.

Conceder a terra roxa a preço baixo era vantajoso para o Estado, ante a perspectiva da compensação pelo imposto sobre a transmissão dos lotes vendidos; o “imposto de barreira” seria sobre



Francisco Adam e João Adam (norte-americanos), João Caldana e a peroba gigante, fotografados por José Juliani em 10 de junho de 1934. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

os bens trazidos pelos pioneiros e no futuro próximo, a contribuição do café, que faria o erário transbordar. Já havia no Norte Velho (margem direita do Tibagi) a ocupação de latifúndios titulados desde o Império, alguns deles motivo de ações judiciais na República (“Fazenda Laranjinha”, “Fazenda Santa Bárbara-Congonhas”, “Fazenda Inhô-Ó” e outros), enquanto a extensão na margem esquerda, que se convencionou mais tarde chamar Norte Novo, mantinha-se sob domínio do Estado, que fizera até 1925 mais de uma dezena de concessões a intermediários comprometidos, nas cláusulas contratuais, a vender em pequenos lotes e fazer estradas de acesso, demarcar o patrimônio etc. Geralmente concessões de 50 mil hectares, excepcionalmente acima.

A maior delas, 350 mil alqueires, à Companhia

Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, em 1922, no bojo de um contrato incluindo a construção de 800 quilômetros de ferrovia (“Central do Paraná”), ambicioso projeto governamental para integrar o norte e o noroeste ao chamado “Paraná Velho”. Compreenderia a linha tronco de Irati (sul) à foz do rio Ivaí (norte) e três ramais: um acompanhando o rio Pirapó até o Paranapanema; outro de Irati à baía de Guaratuba e o terceiro, entre um “ponto conveniente” e Curitiba.

Simon Joseph Fraser, o lorde Lovat, encontrou as melhores glebas em poder de terceiros; o jeito foi comprá-las, pagando além daqueles oito mil réis por hectare, a primeira delas a concessão da Companhia Marcondes. Com a base em Presidente Prudente (SP), a Marcondes fizera “entradas” e demarcações em parte da concessão, partindo da foz do Rio Pirapó (no Paranapanema), mas não estava suficientemente capitalizada no sentido de apressar a colonização.

Segundo Joffly, herdeiros de José Soares Marcondes atribuíram a um presidente da sua própria Companhia, Custódio Coelho, ex-diretor de Câmbio do Banco do Brasil, a não manutenção da concessão, “ora por ter deixado em abandono os 350 mil alqueires, ora pelas repetidas e infrutíferas viagens ao exterior em busca de crédito ou de colonos”. E o “coronel Marcondes, apesar da reconhecida sagacidade, estava despreparado para empreendimentos mais complexos”. Quando recorreu ao “apoio profissional e político do professor Trajano de Miranda Valverde era tarde demais”, não tendo sido possível “neutralizar o

o ato do presidente [do Paraná] Afonso Camargo considerando caducas as concessões que (...) terminariam transferidas aos agentes de Rotschild por preços irrisórios”. Lovat, segundo Joffly, representava os banqueiros Rotschild, embora se desconheça documentação em tal sentido.

Há que se separar a origem empresarial de Londrina dos antecedentes na região, sucedidos pela colonização objetiva sem a qual não haveria a grande cidade. As vizinhas Sertanópolis e Tamarana (antiga vila de São Roque) são anteriores; a noroeste, existia a Fazenda Brasileira, que daria origem a Paranavaí. E Santo Inácio, na margem do Paranapanema, surgira de uma concessão de 50 mil hectares.

O historiador palotino Carlos Probst observou que a Cianorte, “treinada no assunto [de colonizar], se alojou na parte central [da região] adquirindo glebas nos rios Três Bocas, Jacutinga, Cágados, Vermelho, Pirapó e Alonso, afluente do Ivaí, formando dessa maneira não ilhas de colonização sem importância e sim um verdadeiro reino”. Na entrada, “o espigão entre o Ribeirão Três Bocas e o Jacutinga, a quatro léguas de Jataí, construiu a cidade de Londrina, futura metrópole com as suas vilas, jardins e paróquia”.

Enorme diferença em comparação às concessões de 50 mil hectares, infere-se da apreciação de padre Probst ao mencionar um agente: “Dr. Firmino de Almeida era homem rico, mas andava a maneira de caboclo sem conforto, humilde e calmo. Como escritório, lhe servia um pequeno quarto alugado no hotel”. Firmino fundou Santo Inácio, onde Probst o conheceu.



Serradores Portugueses. Em 15 a 20 minutos tiravam uma prancha. E da prancha uma tábua. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

CHAPTER 1
CAPITALISM AND THIS INCREDIBLY RICH AND
AMAZINGLY CHEAP LAND
.....

“Londrina was born, founded by a colonization company. She has blossomed exquisitely amidst the scattered small estates and has left dozens of old towns behind, buried in the poverty and hardship of tenant farming and wage labour.” This testament is from anthropologist Darcy Ribeiro’s chronicle of 20th century Brazil. Although he uses the pronoun, she, he is referring to the municipality that was founded in 1934 (between 3 and 10 December), 5 years after the first settlers arrived in the afternoon of 21 August or the morning of 22 August in 1929 (there are two interpretations).

When the settlement became a city, it had only existed for 5 years. It was merely a growing clearing with 554 houses 1,346 and inhabitants. 85 years on, Londrina is the 4th largest city in the south of Brazil with a population of 563,943 of which 97.4% live in urban areas. Apart from cities that were intended to become state capitals and were designed and built with public funds, no other city has grown and progressed like Londrina.

According to Darcy Ribeiro, “everything that has happened to us, Brazilians, in our uphill battle through and beyond the 20th century, made us who we are.” However, in his view, there is still a long road ahead “and not because of the soil, which is good or the people who are great but because of our leaders who are so persistently narrow-minded.”

Londrina’s uniqueness, which Darcy was referring to, still provokes debate about how everything began. Some don’t give the English credit for their successful venture and disapprove of the state’s decision to give away such great land for a ridiculous price. They believe that the state “surrendered” instead of setting up a strong partnership, which could have

generated great benefits. Others argue that not everyone who made it to the new land thrived and that it wasn’t necessarily a “goldmine” or the “promised land.”

According to José Joffily, with the extortionate contributions and support from the state, any sensible businessman could have achieved the same results. At the end of the day, 8,000 réis* per hectare or 19,500 réis per alqueire* was how much you would pay for a pair of cheap sandals in Casa Guiomar in Rio de Janeiro in 1925. It’s less than the price of a Gillette shaving kit, which was 10,000 réis at the time. Nelson Tomazi came to the conclusion that “it’s all a myth: the colonizing company CTNP/CMNP (Companhia de Terras Norte do Paraná and later Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) itself, how it started, how it supported itself and the role it played.”

Tomazi finds the continuous bragging about the city rather sad; the modernization, the shopping centres, the glorification of the pioneers who did nothing but become rich, the cultural separatism brought from São Paulo, etc.

Joffily and Tomazi (among other authors) point out that indigenous people, farmers and squatters had already been living in the area. They emphasize that the English were not the first to arrive, instead, they “took over” the land. By contrast, João Domingues Sampaio, the president of CTNP Companhia de Terras Norte do Paraná – Cinanorte (from 1925 to 1944), claimed that “without Lord Lovat, there would be nothing,” in his speech accepting Londrina’s honorary citizen title (1967). Although the north of Paraná had been known to have great potential in the previous century, no one dared to invest until Lovat and his Britons arrived.

When the viscount of Mauá founded Companhia Pastoral, Agrícola e Industrial in 1875, he knew that “the price of land in Paraná and Santa Catarina was very low, in Mato Grosso it was close to nothing and in Rio Grande do Sul land was

worth less than in Uruguay. Irineu Evangelista de Souza, baron and viscount of Mauá, recognized that it would be very easy to acquire “vast areas of land for extremely low prices and their value would skyrocket in the near future once the railroads were built from Curitiba to Mato Grosso and the waterways were all connected,” according to biographer Alberto de Faria. “Using only railways, one would be able reach the prosperous lands of the north of Paraná as well as the northeast of São Paulo.” Fernando de Azevedo, in his book, Um trem corre para o oeste, (a train heading west), says that there would certainly be plenty of projects – from “Rebouças, Monteiro Tourinho, Keller, Palm and Lloyd to only name a few. They did not even have their usual disagreements over who would get which land.” Rebouças took Vale do Iguaçu, Monteiro Tourinho took some land towards Piquiri and Lloyd and Palm chose the valley of the Tibagi.

More ambitious plans included crossing the Paraná River then Paraguay and Bolivia and eventually reaching Chile. André Rebouças wrote in 1881: “when Brazil’s population reaches that of the United States, which is currently 39 million, grandiose scenic trains will be taking passengers to admire the majestic Salto de Guaíra, just like the ones from Albany to Niagara Falls.” Mauá contracted English and Swedish engineers to outline the best location for the “combined rail and waterway network” and decide if the route should run along the river valley of the Iguaçu, the Ivaí or the Tibagi. They had just finished their exploratory work when the investor passed away in 1878. By chance, the very same year in London, engineer Thomas Bigg-Wither gave Mauá high praise in the first edition of his book “Pioneirismo no Sul do Brasil” (Pioneering in South Brazil). The engineer recounted his own experience of spending three years in Paraná. He also presented his findings to the Royal Geographical Society.

The author “dedicated the book to His Excellency

the Viscount of Mauá to whom he is forever grateful for all the opportunities he was provided, to travel and study a relatively unknown region.” He was referring to the river valleys of the Ivaí and the Tibagi, which he explored as part of his work within the railway project, Pioneering in south Brazil. Three years of forest and prairie life in the province of Paraná, The Brazilian version was published in 1972.

The translator Temístocles Linhares believed that the original work had captured the attention of London investors and inspired “more serious new business ventures.” A good example would be Lord Lovat, who later led the colonization of Londrina. “Although his intellectual interests were little known, we can safely assume that he was a passionate reader of Bigg-Wither in his youth.”

Article 146 of the Parana State Constitution (1892) established that “lands within the state can be sold or kept permanently as it best serves the interests of the treasury.” The official price per hectare in 1908 was set to 2 to 5 réis. “These prices are making a mockery of us in front of the state, the nation as well as the foreigners,” said councillor Correia de Frietas at the State Legislative Congress plenary session. “Giving land away for free would have been better, more gracious.”

Correia said that it was the same group of “shady businessmen making deals” under the pretext of building railways and populating areas. “At the end of the day, there are no communities, no railways, and the lands are being taken by the bendegosistas.” The expression refers to opportunists, profiteers, who seem to appear from nowhere. The word derives from, bendegó, the name that was given to a meteorite found in Bahia and means “which comes from the sky” in the Tupi language.

Samuel Guimarães da Costa disclosed a “passionate debate” in his book, the, História Política da Assembleia

Legislativa, where councilman Menezes Dória raised the question: “How much money do Lufrido Costa and his partner (Manoel Nogueira) have, to start any kind of business?,” referring to a project the 2 fellow members had put forward in 1907 for “4 lands of 50,000 hectares” for 2,500 réis each in the southeast, totalling 200,000 hectares. “We can only assume that they have already closed a deal with foreign investors who have the capital to purchase the lands from them,” he concluded.

In another case, Jorge Schimmelfeng offered to build a “small railway line,” also in the southeast, in exchange for 600,000 to 700,000 thousand hectare* of land (from the state). The government would pay for the work in land, the equivalent of 6% of the amount invested, that is 30,000 réis** for every kilometer of railway built. Such deals with the government weren’t a novelty in Brazil. The first examples of similar arrangements were actually made in North America. Canada for example, paid 25 million dollars and gave 10 million acres of land to a private company in exchange for building some of its longest rail lines leading to the Pacific Coast. The company was given the railway belt, alternate sections of land on both sides of the 32 km main tracks, all “ready to be populated.”

The republican Paraná saw a significant increase in land prices within 8 years: from 2 to 5 réis to 8,000 réis per hectare with the 1916 Colonization Law (No. 1642) making lands of up to 50,000 hectares available for concession for the purposes of colonization. The concessionaires’ deadline for completion was altered twice, in 1919 and 1922 (Law 1.845 and 2.125).

In 1933, the governor of Paraná State, Manoel Ribas, “took stock” of the seemingly large number of facilities and he also asked the famous lawyer, Martin Alves de Camargo, the “vicar of the lands”, for his advice and together they were able to reclaim 5.9 million hectares* of “vacant land from the

hands of profiteers and land-grabbers” as well from as those concessionaires who failed to adhere to their obligations. Some cases involved “forged documents and inaccurate demarcation lines.” We were astonished to find that unlawfully possessed land made up almost a third of the total area of the state, which was 216,000 km² at the time,” said Ribas, who had been away from Paraná for decades and only returned to take office as appointed governor of the state in 1932. It is believed that he audited everyone, even the most reputable concessionaires.

Only 685,000 people were living in Paraná in the 1920s. The state had a lot of empty space and no money, so it offered land as payment for public construction work. The engineer and future mayor of Londrina, Joaquim Vicente de Castro built the road from Irati to Itapará (in the south) in exchange for 31.6 alqueires of land in Vale do Ivaí (in the north). In 1927, Joaquim approached the valley from Campo Mourão on horseback. He explored the area, then followed the road to the next property, Fazenda Juruba, which later became Apucarana in the Cianorte region. The Três Bocas River provided the natural boundary between the groups of large estates of Gleba Fazenda and Três Bocas on the right and Cianorte on the left of the stream. Together they first became Patrimônio Três Bocas and eventually Londrina. Joaquim divided his land in Vale do Ivaí and sold off the individual plots, which made him extremely wealthy. The area developed into two cities; Bonsucesso in 1942 and Fênix in 1948.

The state was selling the red-soiled land for such low prices in the anticipation of future returns. Property transfer taxes on resold plots, “border taxes” on the goods the pioneers were going to bring into Paraná as well as returns on the coffee trade, were going to have the state rolling in money. The right bank of the Tibagi, Norte Velho, was already occupied by the

estates of the imperial landlords, some of whom were facing legal procedures during the time of the Republic (Fazenda Laranjinha, Fazenda Santa Bárbara-Congonhas and Fazenda Inhô-Ó, among others). The left bank of the river, which later became Norte Novo, however, was owned by the state. By 1925, the state would make over a dozen concession agreements with reliable firms. The contracts required the firms to divide the land into small plots, build roads and infrastructure and resell the plots. The concessions were rarely for lands larger than 50,000 hectares. The biggest deal was made in 1922 with Companhia Marcondes de Colonização Indústria e Comércio, whereby the company would build 800 km of rail lines in exchange for 350,000 hectares* of land. The ambitious government project aimed to connect the north with the northeast (Paraná Velho). The main line would start in Irati (south) and reach the Ivaí river delta (north) and of the three further smaller lines, one would go along the Pirapó River to Paranapanema, one from Irati to Guaratuba bay and the third from a “convenient stop” to Curitiba. Simon Joseph Fraser, Lord Lovat, identified the best plots of privately owned lands and made an offer over the 8,000 réis - per hectare - market price. He sealed the first deal with Companhia Marcondes, which was based in Presidente Prudente (SP). Marcondes began the work, defined the demarcation lines and built access roads but didn’t have sufficient funds to step up the colonization process.

According to Joffily, the heirs of José Soares Marcondes held one of the company’s presidents, Custódio Coelho, former director at Banco do Brasil bank, responsible, for not looking after the concession, “for abandoning the 350,000 hectares* and for the countless unsuccessful trips abroad in search of funding or settlers.” Although “Colonel Marcondes was renowned for his shrewdness, he was not prepared for taking on such complex projects.” He asked “professor Trajano

de Miranda Valverde for professional and political support, but by then it was too late.” They were not able to “save the company from bankruptcy or stop the president (of Paraná), Afonso Camargo from re-evaluating the concession and ... in the end, transferring the deal to the agents of the Rotschild family for a fraction of the price.”

Joffily believed that Lovat had ties to the Rothschilds, but he found no written evidence to back this up. Unlike the older settlements in the region, Londrina had risen from the entrepreneurial culture. The city was the result of a planned colonization and it is what made it a success. Without that, Londrina wouldn’t have become a big city. The neighbouring cities were all older. Sertanópolis, Tamarana (previously São Roque) and Fazenda Brasileira (later Paranavaí) to the northwest all existed before Londrina. Santo Inácio on the bank of the Paranapanema was built on a 50- hectare* land from a concession deal.

Historian and Pallottine priest, Carlos Probst pointed out that “the experienced Cianorte, while maintaining its central position (in the region) acquired the surrounding lands, Rio Tres Bocas, Jacutinga, Cágados, Vermelho, Pirapó and Alonso, thus creating a true kingdom rather than a group of insignificant individual communities.” At the entrance, “wedged between Ribeirão Três Bocas and Jacutinga, four léguas (24 km) from Jataí was the city of Londrina, the future metropolis with its parish, gardens and villas.”

Entirely different from the 50,000-hectare* concessions, said father Probst when he talked about a certain land broker: “Dr. Firmino de Almeida was a rich man, but he was calm, humble and lived a simple life, like a native Indian. His office was a tiny room that he rented in a hotel.

*alqueire 24,200m2
* réis As the currency of the Portuguese empire, it was in use in Brazil from the earliest days of the colonial period, and remained in use until 1942, when it was replaced by the cruzeiro.
* léguas 6km



02 As missões inglesas e a colonização liberal

O Príncipe de Gales, Edward, chega a Cornélio Procópio. Ele está à direita, usando capacete. De terno branco, Arthur Thomas. Naquele ano, Cornélio era até onde chegava a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná. E o Príncipe sócio da Cianorte, a dona da ferrovia. Foto: autor não nominado/Acervo MHL Padre Carlos Weiss



Os ingleses temem, na década de 1920, a possibilidade de perder o algodão de fibras longas que produzem no Sudão, condomínio anglo-egípcio. Maior acionista do canal de Suez, a Inglaterra se impunha ao Egito desde 1882, declarando-o protetorado britânico em 1914. A reação ao imperialismo obriga a Inglaterra a conceder a independência ao Egito, em 1922.

Não significou a imediata saída dos ingleses, nem a interrupção do fornecimento de algodão, pois a independência seria reconhecida só em 1936.

Ante o risco, porém, a alternativa seria o Brasil. De março a setembro de 1921, a Missão Internacional do Algodão conhece oito Estados produtores no Brasil (SP, MG, BA, AL, SE, PE, PA e RN), mas o interesse por Birigui, noroeste paulista, vai além da cotonicultura: já estão ocupados 32 mil alqueires, em pequenos e médios lotes, por 1.700 famílias mobilizadas pelo café. A maioria é de imigrantes: 40% italianos, 30% japoneses, 25% espanhóis. As demais se compõem de alemães, poloneses, austríacos, franceses, americanos, portugueses e brasileiros.

“Nosso principal objetivo em visitar Birigui era se familiarizar com o trabalho da Companhia de Terras, Madeiras e Colonização de São Paulo, cujo responsável técnico é o senhor Robert Clark, escocês há muitos anos no interior do Brasil”, relatou Arno S. Pearse, secretário-geral da Federação Internacional de Algodão Superior e Indústrias Associadas (*), patrocinadora da Missão e com a sede em Manchester, Inglaterra.

Clark havia se tornado o único dono da Companhia, que fundara em 1912 com o inglês James Mellor, Manoel Bento da Cruz e mais sete brasileiros.

Abrangência: 60 mil alqueires.

O escocês Simon Joseph Fraser, 16º lorde Lovat, chega ao Brasil em 30 de dezembro de 1923. Ele é presidente da Sudan Plantation Syndicate (a empresa do algodão sudanês) e assessor para a agricultura e florestamento da Missão Montagu, que virá em janeiro de 1924, incumbida de analisar a situação financeira do Brasil, então devendo muito dinheiro a bancos ingleses.



Figueira Branca – Um dos indicadores da fertilidade da Terra Roxa. 03 de outubro de 1934. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Sobressaem duas versões:

1. A Missão veio a convite do presidente da República, Arthur Bernardes, e poderia sugerir a reformulação do sistema tributário entre outras medidas. Ao mesmo tempo, empreendedores sondariam o potencial brasileiro para investimentos. Esta versão, amplamente difundida por jornais à época, está incorporada ao histórico da Companhia de Terras Norte do Paraná e sua sucessora, a Companhia Melhoramentos. Lorde Edwin Samuel Montagu, chefe da Missão, havia sido secretário para as Índias e secretário financeiro do Reino Unido.

2. José Joffily subordina a Missão, “supostamente”, a interesses de banqueiros credores, que estariam “alarmados” com a má administração do governo Bernardes paralelamente à gastança da alta sociedade brasileira com supérfluos. Mister Montagu era presidente do Banco Samuel Montagu & Sons, “satélite” de N. M. Rotschild & Sons. E seria “lícito supor” – segundo Joffily – que as terras visadas por Lovat no Paraná deveriam lastrear supletivamente débitos brasileiros com os capitalistas britânicos, desde que o penhor de 4,5 milhões de sacas de café já não representava garantia real ao débito de 9,5 milhões de libras.

Ora, o Brasil “implorava” por um empréstimo suplementar de 25 milhões de libras sem que tivesse pago nem ao menos os juros dos débitos acumulados.

Mas, por outra conclusão, Lovat viu uma oportunidade para o seu grupo de investidores, da qual resultou uma iniciativa de cunho liberal contemplando até o interesse do governo

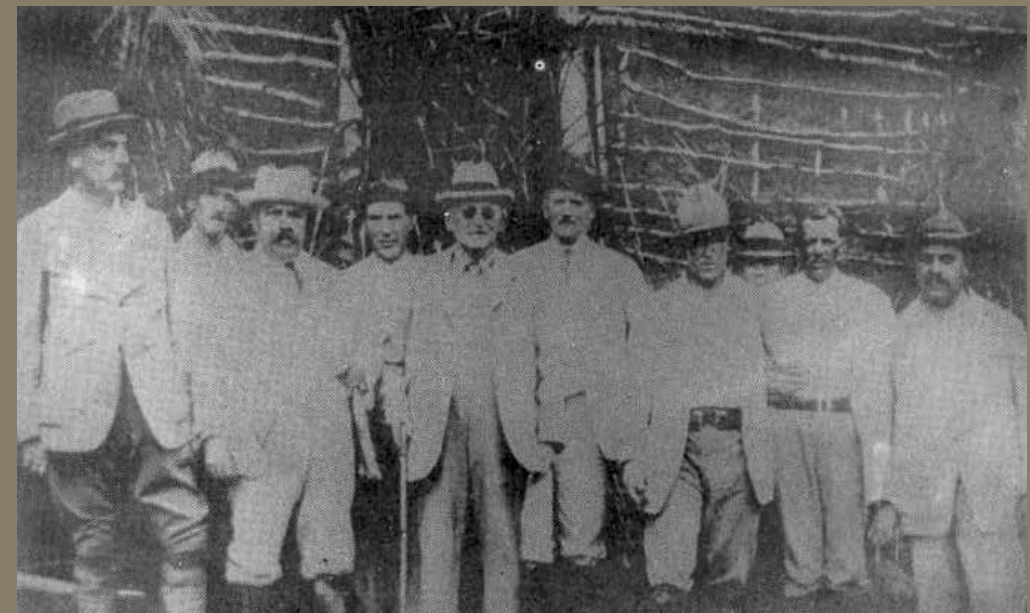
paranaense, que queria melhorar a economia interna expandindo a cafeicultura, segundo a visão dos presidentes estaduais Caetano Munhoz da Rocha e Affonso Alves de Camargo.

“Como a ideologia liberal teve participação nas características de colonização do Norte do Paraná?” – diferenciando-a pelo desenvolvimento regional sem paralelos no país – é uma das questões respondidas na tese de mestrado em História (1988) do professor Jorge Cernev.

Lovat, além da participação na Missão Montagu, viaja ao noroeste paulista e ao norte paranaense. Acredita-se que, embora procurasse terras apropriadas ao algodão, já soubesse do propósito governamental de colonizar na margem esquerda do Tibagi, onde o resultado de Birigui poderia ser multiplicado.

Fotografia no livro *Londres, Londrina* (de José Joffily) permite deduzir que, imediatamente após estar em Birigui, Lovat conheceu o coronel Juca Marcondes, o primeiro contato para negociar o direito sobre os 350 mil alqueires da Companhia Marcondes. Provavelmente apresentados por Robert Clark, os três aparecem na frente de um rancho beirando o Paranapanema, com outras pessoas. Clark explicara a Lovat que já não dispunha de grandes áreas em Birigui. “Sugeriu então (...) que ele fosse ao Norte do Paraná, onde encontraria boas terras (...) em zona ainda não explorada”, relatou Fernando Clark Soares, neto e biógrafo de Robert.

No Paraná, Willie Davids e o engenheiro Gastão de Mesquita Filho acompanham Lovat à magnífica fazenda do major Antônio Barbosa Ferraz Júnior, em Cambará. Filho de inglês e brasileira,



NA BEIRA DO PARANAPANEMA – 1924. A partir da direita, lorde Lovat, Arthur Thomas e o coronel Juca Marcondes. Ao centro (de óculos e bengala), Robert Clark, que, supostamente, apresentou Lovat a Marcondes. Foto: autor não nominado, reproduzida do livro *Londres, Londrina* – José Joffily, Editora Paz e Terra 1985.



Abertura de estrada da região de Londrina, em primeiro plano Cypriano Manoel, motorista. Década de 1930. Foto: autor José Juliani. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



6 e 7 de Abril de 1935: o algodão chegando em carroças ao estabelecimento comprador e a estocagem ao ar livre. Foto: autor José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss–UEL

engenheiro e cafeicultor em Jacarezinho, Willie havia sido prefeito e exercia mandato de deputado estadual, membro da Comissão de Obras Públicas e Colonização da Assembleia Legislativa.

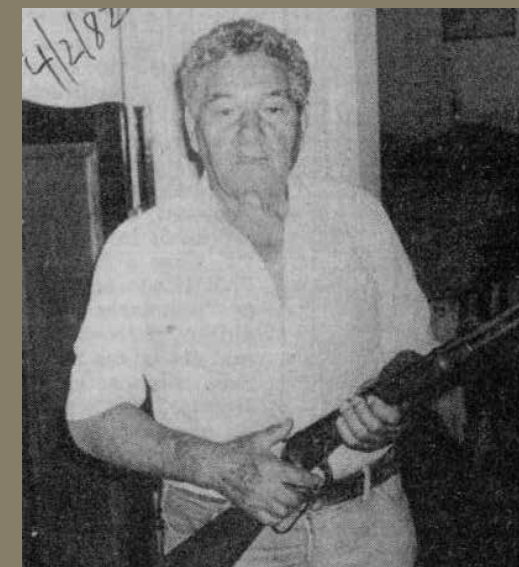
Gastão de Mesquita Filho expôs a Lovat que na margem esquerda do rio Tibagi estavam disponíveis milhares de alqueires de solo fertilíssimo, propícios à colonização rentável desde que incluísse uma ferrovia. Poderia ser a que o próprio Mesquita estava construindo entre Ourinhos e Cambará, por conta de um grupo de cafeicultores do Norte Pioneiro. E os acionistas pretendiam obter de Lovat financiamento para a sua continuidade.

Com tal finalidade, tinham dado a conhecer numa página inteira de *O Estado de S. Paulo* (15.1.1924) ambicioso projeto: a Estrada de Ferro Noroeste do Paraná, partindo da estação Sorocabana em Ourinhos (SP), terá o nome mudado para Estrada de Ferro São Paulo–Paraná. E atravessando os rios Paranapanema, Cinzas, Laranjinha e Tibagi, continuaria para transpor o rio Paraná abaixo de Sete Quedas e entrar no Paraguai. “Inteiramente o [projeto] visado pelo nosso eminente estadista doutor Cincinato Braga para a ligação ferroviária Santos–Assunção”.

ANTES DE 1924

“Ele demarcou o lugar de Londrina em 1922”, título na primeira página da *Folha de Londrina* de 4 de fevereiro de 1982. “Pelo que já foi escrito a respeito da colonização do norte do Paraná, as afirmações de Benedito Rodrigues dos Santos talvez possam parecer historicamente desconexas”, previne o texto. Mas, aos 79 anos, cidadão de alto conceito em Santo Antônio da Platina, ele havia relatado a sua aventura de rapaz, integrante da expedição precursora dos ingleses que atingiu a área da futura cidade. Afirmou que o interesse britânico vinha desde 1919, quando um grupo explorou entre os rios das Cinzas e Laranjinha (Norte Velho). Localização preterida, por causa da vegetação de cerrado a leste, indicando terras menos férteis, e a distribuição dos cursos d’água relativamente limitada, conforme Santos, que disse ter participado. Trabalhava, então com ingleses na produção de alfafa em Chavantes. Santos disse ter acompanhado, nas expedições, George Rosch e outros que vieram de Londres; e Mello Peixoto e Willie Davids entre os brasileiros. Mais tardio dos escoceses que chegaram a Londrina (1943), John Miller Hay soube por Arthur Thomas (gerente-geral da Companhia de Terras) que o Governo do Paraná tentara obter financiamento bancário em Londres para colonizar a região. “Naquele tempo, o Banco da Inglaterra era o mais importante do mundo. Por sua vez, o Banco entrou em contato com lorde Lovat”, segundo John, em entrevista ao *Jornal de Londrina* (2000).

(*) The International Federation of Master Cotton Spinners and Manufactures Associations – Manchester.



Benedito Rodrigues dos Santos, que “demarcou o lugar de Londrina em 1922”. A clavinote, arma importada. Foto: Widson Schwartz/Folha de Londrina 4.2.82)

CHAPTER 2
THE ENGLISH MISSIONS AND A LIBERAL
COLONIZATION
.....

In the 1920s, the British were facing the possibility of losing their long staple cotton production in Sudan, which was under Anglo-Egyptian rule at the time. Although the British occupation in Egypt as well as their control of the Suez Canal began in 1882, they only declared protectorate over Egypt in 1914, still the strong opposition against imperialism forced the UK to acknowledge Egyptian independence in 1922.

Nevertheless, the British occupation and the cotton production continued for a while and Egypt was only recognized as a sovereign independent state in 1936. Need arise however, Brazilian cotton could be the alternative. Between March and September 1921, the International Cotton Mission (Missão Internacional do Algodão) identified eight states in Brazil that were producing cotton (São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Pará and Rio Grande do Norte). The city of Birigui in the northwest of São Paulo however was not only interesting for its cotton cultivation but even more so for its 31,000 alqueires of small and medium-sized plots of family-run coffee plantations. Most families were immigrants; 40% Italian, 30% Japanese, 25% Spanish and the remaining 5% German, Polish, Austrian, American, Portuguese and Brazilian.

“When we visited Birigui, our main goal was to have a look at the work of Companhia de Terras, Madeiras e Colonização de São Paulo, whose technical manager at the time was Robert Clark, a Scot, who had been living in Brazil for years”, wrote Arno S. Pearse, secretary general of the International Federation of Master Cotton Spinners’ and Manufacturers’ Association. The federation was based in Manchester, England and it was paying for the Mission.

Clark became the sole owner of the company, which he initially founded in 1912 together with Manoel da Cruz, the English James Mellor and seven other Brazilians on 60,000 alqueires of land.

16th Lord Lovat (as well as 5th Baron Lovat), the Scottish Simon Joseph Fraser arrived in Brazil on 30 December 1923. He was the president of the Sudan Plantation Syndicate (a Sudanese cotton company) and advisor to Mission Montagu on agriculture and afforestation. In 1924, the Mission was tasked to assess the financial situation in Brazil, as the country was borrowing large sums from UK banks.

There are two versions of the story:

1. The Mission was requested by the president of the Republic, Arthur Bernardes and was authorized to suggest tax system and other reforms. Meanwhile, entrepreneurs would assess the country’s potential for investments. This version was widely spread by the newspapers at the time and also became part of the official narrative of the Companhia de Terras Norte do Paraná and its successor Companhia Melhoramentos. Lord Edwin Samuel Montagu led the Mission, who was also the secretary of state for India and financial secretary to the British Treasury.

2. José Joffily, however, believed that the Mission was backed by the bankers, who were alarmed by the Bernardes administration’s financial mismanagement and the extravagant spending habits of the Brazilian high society. Mr. Montagu was the president of Banco Samuel Montagu & Sons, which happened to be a “satellite” of the N. M. Rothschild & Sons group. We can safely assume, according to Joffily, that the sites that Lovat was visiting were going to be used to offset some of the debts the Brazilians accumulated with the British capitalists. Especially, that the 4.5 million sacks of coffee were no longer a realistic collateral against the 9.5 million pounds of outstanding balance. And yet, Brazil was “begging” for a

further 25 million British pounds, having not even repaid the interest on the previous loans.

Yet, Lovat saw an opportunity for his group of investors, which led to a liberal initiative that happened to also be in line with the interests of the government of Paraná, as the two consecutive state presidents Caetano Munhoz da Rocha and Affonso Alves de Camargo both wanted to improve the local economy by expanding coffee production.

Professor Jorge Cernev touched on the subject in his History Master’s thesis (1988): “Why do we consider the colonization of north Paraná liberal?” – because the way the region developed had no similarities at all to that of the rest of the country.

In addition to his involvement in Mission Montagu, Lovat also travelled to the northwest of São Paulo State. It is believed that although he was searching for suitable land for cotton production, he was already aware of the government plan to populate the left bank of the Tibagi River, where Birigui’s progress could be replicated on a much larger scale.

Based on a photograph in the book (of José Joffily) Londres, Londrina, Lovat met Colonel Juca Marcondes upon his arrival in Birigui. The Colonel was his first contact in negotiating the 350,000 alqueires land of Companhia Marcondes.

They were probably introduced to each other by Robert Clark. In the picture, the three men are in front a farm by the Paranapanema River with some other people. Clark explained that there were no large areas left in Birigui and “suggested that...Lovat should explore the north of Paraná instead, where he could find great lands ... across the unchartered territories,” remembered Fernando Clark Soares, Robert’s biographer and grandson.

In Paraná, Lovat visited Antônio Barbosa Ferraz Júnior’s magnificent ranch in Cambará, where he was accompanied by

engineer Gastão de Mesquita Filho as well as Willie Davids. Willie was born to an English father and Brazilian mother and became an engineer and coffee farmer in Jacarezinho. He was also mayor, served as state deputy and was also a member of the Comissão de Obras Públicas e Colonização da Assembleia Legislativa (The Public Construction Commission of the State Legislative Assembly).

Gastão de Mesquita Filho told Lovat about thousands of alqueires of available land on the left bank of the river Tibagi with exceptionally fertile soil and great prospects for development once the railways were built. It is quite possible that Mesquita himself was building the railway from Ourinhos to Cambará on behalf of a group of coffee growers from Norte Pioneiro and the farmers were trying to secure funding from Lovat in order to continue the project.

They even published a full-page article about the ambitious project in The Estado de S. Paulo (15 January 1924) to support their case: the rail line from Sorocabana station in Ourinhos (SP) Estrada de Ferro Noroeste do Paraná (the Northwest Paraná Railway) would change its name to Estrada de Ferro São Paulo-Paraná (the São Paulo-Paraná Railway). It would cross the river Paranapanema as well as the Cinzas, Laranjinha and the Tibagi, then the Paraná River just below Sete Quedas and eventually reach Paraguay. “The aim of the project, by our prominent politician and statesman Dr. Cincinato Braga, was to eventually connect Santos and Assunção by rail.”

BEFORE 1924

“He demarcated the site for Londrina in 1922”, were the cover headlines of the February 1982 edition of the Folha de Londrina newspaper. “Based on all that has already been written about the colonization of the north of Paraná,

the account of Benedito Rodrigues do Santos may seem historically incoherent, warns the text. Even so, at the age of 79, the well-respected citizen of Santo Antônio da Platina shared the story of his adventures as a boy as a member of the English expeditions that first reached the area where the city would be in the future. He claimed that the British first came in 1919, when they explored the area between the Cinzas and the Laranjinha River (Norte Velho). The location was rejected because of the relatively limited water distribution and because the savanna vegetation on the east suggested a less fertile soil, remembers Santos, who says, was part of the expedition. He was working with the English in Chavantes, cultivating alfalfa. Santos recalls that he accompanied both Brazilians (like Mello Peixoto and Willie Davids) and people who came all the way from London (like George Rosch) on the expeditions. John Miller Hay was among the Scots who arrived in Londrina in 1934. He learnt from Arthur Thomas (general manager of Companhia de Terras) that the government of Paraná was seeking loans from London banks for the colonization of the region. “Although at the time, the Bank of England was the most powerful bank in the world, they got in touch with Lord Lovat”, remembered John in an interview in the Jornal de Londrina newspaper (2000).



Werner Dehringer funcionário da CTNPR para assuntos de cidadania alemã, Lisa Petrushe e Oswald Nixdorf Diretor Técnico Colônia Roland, na estrada ligando as Colônias Roland (Rolândia) e Neu Dantzig (depois Cambé), presumivelmente em 1933. Autor Theodor Preising/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss – UEL



Simon Joseph Fraser, o Lord Lovat, líder dos investidores ingleses na colonização do Norte do Paraná. Acervo Companhia de Terras

HÁ **44 ANOS** INVESTIMOS E CRESCEMOS
COM A NOSSA **LONDRINA**
PORQUE **ACREDITAMOS** QUE
O NOSSO MELHOR RESULTADO É VOCÊ!

**LABORATÓRIO
OSWALDO
CRUZ**



ATENDIMENTO
AOS DOMINGOS
E FERIADOS

COLETA DOMICILIAR
24
HORAS

SOUZA NAVES: R. SEN. SOUZA NAVES, 1000
LONDRINA NORTE SHOPPING: AV. AMÉRICO DEOLINDO GARLA, 224
ULTRAMED: R. BORBA GATO, 1181
PALHANO: AV. AYRTON SENNA DA SILVA, 850 LOJA 01
MPI/HOSPITAL EVANGÉLICO: AV. BANDEIRANTES, 556
ZONA NORTE: PLANET SHOPPING AV. SAUL ELKIND, 2101

www.oswaldocruz-lab.com.br

 **43 3376-6100**

03 “Eldorado da pequena lavoura”, a matriz

Anúncio CNTP



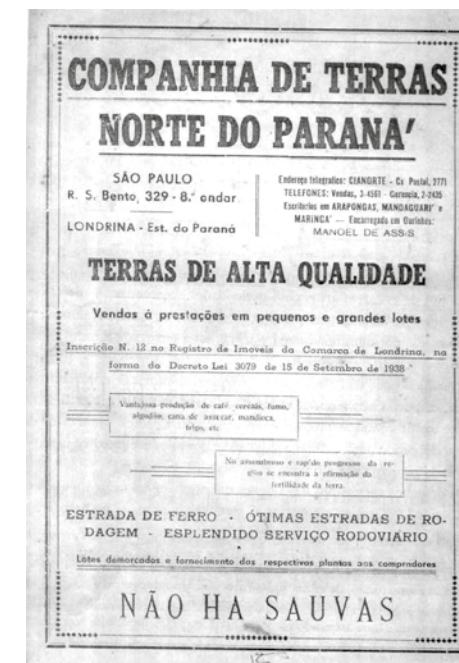
Planos de colonização já eram regidos por normas governamentais no Império e suas Províncias e assim passaram à União e aos Estados, na República. Com a finalidade de atrair estrangeiros e também assentar nacionais prevaleceria a distribuição de pequenos lotes. No Paraná, desde que o presidente Lamenha Lins promulgou a Lei 451, determinando estudos para fixação de imigrantes nos arredores de Curitiba; aos colonos ensinaria a emancipação pela posse da terra e à capital da Província, o suprimento regular de alimentos, que eles produziram. Em 1876, Lins já havia estabelecido 12 núcleos com quatro mil colonos distribuídos em 509 lotes de oito hectares. E 103 quilômetros de estradas interligando as colônias e uma de acesso a Curitiba.

No caso das ferrovias associadas à colonização em áreas concedidas pelo Estado, geralmente o traçado e o número de estações estavam condicionados a um plano de Governo, que já havia para o Norte do Paraná na década de 1920.

Em sua busca constante pela veracidade mais ampla da formação de Londrina, o atual pesquisador Humberto Yamaki chegou ao decreto estadual n.º 218 de 1907, o “molde” das colônias ou núcleos agrícolas, consistindo na “reunião de 50 lotes (...), pelo menos, medidos e demarcados, tendo uma área variando entre 20 e 50 hectares [cada lote], destinados ao estabelecimento de imigrantes e oferecendo todas as condições essenciais para o desenvolvimento regular da agricultura” (Art. 6.º). “Lotes contíguos ou disseminados em uma região cujo raio máximo não exceda de 12 quilômetros” (Art. 80). Já a Lei 1.642, de 1916, estabelece lotes entre 5 e 25 hectares. Outra definição no decreto 218:

as sedes dos núcleos coloniais [patrimônios), futuras povoações, serão “projetadas com o traçado de ruas e praças e a discriminação dos lotes urbanos respectivos não devendo exceder a 3.000 m² a área de cada um”. Uma perfeita configuração desta regra – aponta Yamaki – é o Patrimônio Heimtal, cuja planta precedeu a de Londrina, porque se cogitava um ramal ferroviário chegando por ali (ver no capítulo 4).

O Decreto 218 era a versão estadual do Decreto Nacional 6.455/1907, demonstra Yamaki. Daí presumir-se que a legislação federal possa ter orientado a iniciativa particular na origem de Birigui, que impressionou Lovat. Nas leis constavam até a “propaganda gratuita no exterior” e o “transporte gratuito de colonos e imigrantes” entre as obrigações de colonizadoras.

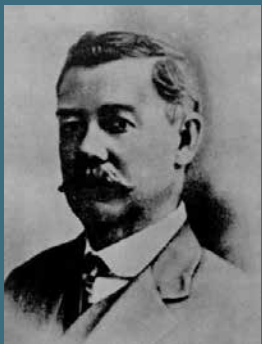


Uma iniciativa exclusivamente particular, já “um produto acabado” à semelhança do ideal paranaense, impressionou Simon Joseph Fraser (lorde Lovat), líder de um grupo de investidores ingleses. Londrina obedeceu a método “inspirado no êxito de um trabalho semelhante realizado entre 1910 e 1920 pelo inglês James Mellor e o escocês Robert Clark, numa área de 40 mil alqueires em Birigui, na região noroeste paulista”, definiram Gastão de Mesquita Filho e João Domingues Sampaio. Este, ao receber o título de cidadão honorário de Londrina, em 1967, expôs que administrara empreendimento quase igual: “Firmou-se no meu espírito a ideia de colonizar e desenvolver esta maravilhosa região [a que viria a ser o Norte Novo de Londrina] valendo-me da experiência realizada por mim na bacia desconhecida do Rio Tibiriçá, zona noroeste do Estado de São Paulo, onde promovi a divisão de 84 mil alqueires, fundei a Companhia Cafeeira do Rio Feio e cooperei na fundação de algumas cidades”.

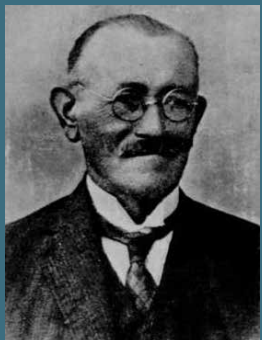
Com o advento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o coronel Manoel Bento da Cruz, político de Bauru, começou a vender partes de seu latifúndio de 30 mil alqueires, cuja primeira área desmembrada, 400 alqueires adquiridos por Nicolau da Silva Nunes em 1911, tem por referência a “chave” (de desvio) da ferrovia no lugar conhecido por birigui, nome popular da espécie de mosquito abundante. Nunes, o primeiro a se fixar por ali, é considerado o fundador de Birigui, a cidade, também por ter sido o primeiro corretor (vendedor) de lotes da imobiliária a seguir criada e participante na demarcação do patrimônio.

Manoel Bento destaca 6.500 alqueires, no valor 65 contos de réis, para completar sua

participação, de 173 contos de réis, correspondentes a 1.730 ações, na sociedade anônima *The San Paulo Land & Lumber Company* (Companhia de Terras e Madeiras São Paulo), constituída em 17 de outubro de 1912, capital de 800 contos de réis dividido em 8 mil ações de 100 mil réis. E mais nove sócios: James Mellor, 1.760 ações no valor de 176 contos de réis; Robert Clark – o idealizador da empresa – e Presciliano Pinto de Oliveira, 1.730 ações (176 contos de réis) cada um; Edward Hamer, 300 ações (30 contos de réis); Arlindo Lima, Francisco de Marchi, José Bento Sampaio, Franklin Keffer e Augusto Elisio C. Fonseca, 150 ações (15 contos de réis) cada. Sede social: Rua São Bento, 57 – São Paulo.



James Mellor



Robert Clark

Acrescenta-se “colonização” ao nome da empresa em junho de 1914: *The San Paulo Land, Lumber & Colonization Company* (Companhia de Terras, Madeiras e Colonização de São Paulo), que “comprará terras de diversos nas vizinhanças de Birigui, anexas às que a companhia possui ou venha a possuir, a fim de completar o seu plano de colonização”. A extensão atingiria 60 mil alqueires aproximadamente, vendidos em lotes de 10, 20, 30, 50, 100 e até 200 alqueires, reservados mil alqueires para uma fazenda experimental própria.

“Cada lote, independente do tamanho, tem uma divisa em um rio, garantindo o suprimento de água; e outra no espigão da gleba, terminando em uma estrada, garantindo livre acesso à propriedade.” Na região, já servida pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, recém-construída, a colonizadora abre 300 quilômetros de estradas de rodagem, funda o patrimônio (futura cidade) e faz propaganda: terra da melhor qualidade para o café a preços variando de 105 mil a 130 mil réis o alqueire, pagamento inicial de 30 mil réis e o restante em parcelas com prazos de seis a 36 meses. “Desconta-se 10% ao ano dos pagamentos que forem feitos antes dos prazos contratados.”

Público-alvo: imigrantes e brasileiros com economias do trabalho em fazendas. “Colocaram em prática um método de vendas muito interessante, imprimindo folhetos em vários idiomas para fazê-los correr mundo”, explicando até o itinerário dos trens, as baldeações etc. Aos italianos: *Terre di caffè, Biriguy, Ferrovia Noroeste. Le migliore dello Stato di San Paulo. Felice colui che presti attenzione a questo foglietto*. E noutro: Com pequeno capital

podereis comprar um lote e em poucos anos estar rico. A prova esta aqui (mostra um cafeeiro carregado e informa a produtividade de 35 arrobas por mil pés).

“Birigui que, em 1908, era uma chave de estrada de ferro onde não parava guarda que não fosse trucidado pelo caingangue, de tal modo progredira que já em 1917 era distrito de paz, uma cidade com escolas, luz elétrica e terrenos valorizados”, relata Fernando de Azevedo. “Que espetáculo”, exclama Artur Neiva, que a conhecera em 1908, ao constatar a realidade em 1917. “Um faquir não transformaria melhor”, sentenciou Neiva, médico e cientista, então secretário de Saúde do Estado de São Paulo.



OS PRIMEIROS COMPRADORES. Fotografia em Jataí, dezembro de 1929: entre os japoneses com George Craig Smith, funcionário da Cianorte, estão Massaiko Tomita, Mitsuji Ohara, Massahru Ohara e Toshio Tan, os primeiros compradores de lotes em Londrina, formalmente, assinando os contratos em março de 1930. Os demais na fotografia: o motorista, não identificado; Kagueki Inomoto, que não adquiriu lote e regressou ao Japão; o agrimensor Kinsaku Saito; o jornalista Shinshi Furuhata; o corretor de terras no Japão Haruyoshi Oda; e Hikoma Udiahara. Foto: autor não nominado, reprodução de Haruo Ohara/Acervo MHL Padre Carlos Weiss



O alemão Guilherme Kernkamp com a esposa, Anne, e os filhos, Herta e Erwin. A família ocupou, em 1929, os primeiros cinco alqueires da colonização em Londrina, o lote 58-A da gleba Jacutinga. À direita, um dos tropeiros da Cianorte. Autor Desconhecido/Acervo do MHL Padre Carlos Weiss)



Hikoma Udihara, agente da Cianorte exclusivo para trazer os japoneses a Londrina, que chamava “a grande colônia internacional”. Autor desconhecido/ Acervo Família Udihara

“Clima excelente”, atesta a missão inglesa em 1921, com a ressalva de que “não há chuva suficiente para o algodão”. O café, mesmo atingido pela geada destruidora em 1918, voltara a crescer “muito vigorosamente” em dois anos e oito meses. Mesmo na altitude de 400 metros, aquém dos ideais 600 metros para a cultura.

Consumava-se “O Eldorado da Pequena Lavoura”, antes promessa de anúncios publicitários em *O Estado de S. Paulo* e nos periódicos dirigidos às colônias: *La Fanfulla*, *Il Pasquino Coloniale* e *La Nuova Itália* (italianos), *Deutsche Zeitung für São Paulo* (alemães), *São Paulo Shimbun* e *Nippakusha* (japoneses). “Imobiliária administrada por um célebre colonizador inglês”, que iniciara a venda de “um loteamento perto da estação Birigui da Estrada de Ferro Noroeste”, resolveu criar em 1916 um departamento exclusivo de vendas a japoneses e contratou um jovem natural da província de Saga para chefiá-lo, Hachiro Miyazaki. Quem relata é o jornalista Osamu Toyama, um certificador da história.

Miyazaki passou a visitar os imigrantes japoneses na região cortada pela Estrada de Ferro Mogiana, convencendo-os a comprar lotes. “Trabalhou por 18 anos e Birigui se transformou em uma grande comunidade de japoneses.” Acrescenta-se que Hachiro Miyazaki era o redator de um jornal e dos anúncios em japonês. Falecido em dezembro de 1968, recebeu homenagem póstuma em 18 de junho de 1977, a praça com o seu nome e o busto de bronze em São Paulo, no 30.º Subdistrito do Ibirapuera, marcando a comemoração paulistana do 69.º aniversário da imigração japonesa no Brasil.

De cada alqueire vendido, a empresa reservava “dez tostões à construção da estação, posto policial, escolas e mais edifícios necessários ao progresso do núcleo e o bem-estar de sua população”.

Aonde já existia a “chave” da estrada de ferro, lugar conhecido por “birigui”, o mosquito abundante na região, começou a surgir a cidade, em 1912. Com seis mil habitantes em 1921, “onde só havia umas poucas casas dez anos atrás”, Birigui surpreende pela “multidão cosmopolita” (*cosmopolitan crowd*), expressão de Arno S. Pearse na publicação *Brazilian Cotton* – o relatório da missão inglesa do algodão. Já estavam em Birigui 1.700 famílias de dez nacionalidades, a maioria de italianos (40%), japoneses (30%) e espanhóis (25%). “A Companhia foi a executora de todo o loteamento das terras de Birigui, Bilac, Coroados e parte de Araçatuba, promovendo a venda (...) de 60 mil alqueires, aproximadamente, de matas virgens, na sua totalidade entre as vertentes do rio Tietê e do rio Feio, atravessadas pela Estrada de Ferro Noroeste”, conforme a documentação.

Primeira célula numa área de 515.017 alqueires, Londrina multiplicou a “multidão cosmopolita” que Arno S. Pearse encontrou em Birigui. Embora alemães tenham sido os primeiros a se fixar em Londrina — Guilherme Kernkamp e família na zona rural (1929) e Alberto Koch e esposa no futuro perímetro urbano (1930) —, japoneses se anteciparam na compra formal de lotes, entre 27 de março e 1.º de abril de 1930, após conhecerem in loco: Mitsuji Ohara, Toshio Tan, Massaharu Ohara, Massahiko Tomita, Moshin Yamazaki e Toshikazu

Yamate. Eram “porcenteiros” em Santo Anastácio (SP), trazidos pelo corretor Hikoma Udihara, que já havia “mourejado” pelo noroeste paulista. Nascido na província de Kochi, Udihara chegou ao Brasil em 1910, recém-casado aos 27 anos de idade. Depois de trabalhar numa fazenda de café, mudou-se para São Paulo, ali sendo carpinteiro, garçom, motorista, fotógrafo, copeiro e até mordomo, serviços modestos para quem era formado pela Escola de Comércio Meichim, de Osaka. Corretor a partir de 1920, participa da fundação de colônias japonesas ao longo da Estrada de Ferro Noroeste e seguindo o avanço de outras ferrovias chega a Cambará, na parte do norte paranaense entre a margem direita do Tibagi e o rio Paranapanema, indo trabalhar na Companhia Agrícola Barbosa. Recomendado por esta empresa, torna-se amigo de Arthur Thomas e Willie Davids, comandantes da Cianorte em Londrina, que o designam agente exclusivo entre os japoneses. “Papel” semelhante ao de Miyazaki em Birigui desempenha Udihara em maior âmbito, difundindo o que chamava de a “grande colônia internacional”. Em 1938, a Cianorte constata que 61,7% dos lotes vendidos (4.765) têm proprietários de 30 nacionalidades: 1.823 brasileiros; 611 italianos; 553 japoneses; 510 alemães; 303 espanhóis; 218 portugueses os demais entre 27 outras etnias. Mais tarde, seriam relacionadas 33 nacionalidades. Além de Udihara, outros imigrantes se tornaram vendedores da Cianorte, por exemplo Kernkamp identificado com os alemães e Eugênio Brugin, com os italianos. Udihara morreu aos 90 anos (20. 8. 1972), em São Paulo. Tinha ganhado muito dinheiro, mas não estava rico; havia gasto em apoio aos 31 núcleos

coloniais que resultaram de suas vendas, trabalho reconhecido pelos títulos de cidadão de Londrina e do Paraná, concedidos pela Câmara Municipal e a Assembleia Legislativa na década de 60. É nome de rua na cidade e seus restos estão no Cemitério São Pedro.

Aos 98 anos de município, Birigui tem 123.638 habitantes e umas das suas referências é o parque de indústrias, as de calçados em maior número. Infere-se que a população seja proporcional à menor área colonizada, aproximadamente 60 mil alqueires (e não 40 mil, mencionados por Gastão de Mesquita Filho). O município de Birigui tem 530 km2. Aos 86 anos, Londrina tem 575.377 habitantes e ocupa 1.652,5 km². Em 1934, ao ser criado, o município abrangia 18 mil km²; passou a ter 23.169 km² em 1938, com a nova divisão regional. Nos dois casos, áreas superiores à obtida pela Cianorte.

.....

RECORTES

FERROVIA, INGLESES E CAINGANGUES.

Robert William Clark, escocês de Airthterless, chega ao Brasil em 1880 e sete anos mais tarde, casa-se, com a inglesa Harriet Hall, em Santos. Engenheiro mecânico e eletricista, projeta máquinas de beneficiar café em Ribeirão Preto e, já dirigindo a colonização em Birigui, constrói a primeira hidrelétrica na região noroeste, em Salto Avandava. É dirigente do Partido Republicano Paulista (PRP) e morre em 1938. Menciona-se a presença do inglês James Mellor em Birigui desde 1913, após ter sido vereador e prefeito de Penápolis, detentor da cidadania brasileira. Inglês

de Manchester, engenheiro e no Brasil desde 1887, Mellor havia trabalhado para o Governo Federal, deslocando-se a Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso.

Deixou o emprego público e participou da construção da Estrada de Ferro Mogiana. Mencionado também pela “energia espiritual inesgotável e o caráter nobre”, morreu em 1920, doente, em São Paulo. Mas o português Nicolau da Silva Nunes precedeu a Companhia São Paulo, ao comprar 400 alqueires do coronel Manoel Bento da Cruz e se fixar em dezembro de 1911. Para não ser morto pelos índios caingangues, Nicolau consegue da ferrovia dois vagões, nos quais “mora” com os ajudantes por dois meses. E se torna corretor da colonizadora. Meses antes, na “chave de Birigui”, haviam sido mortos, pelos índios, uma turma e o engenheiro Sílvio San Martin.

O trem passava na “chave” três vezes por semana, os passageiros aconselhados a viajar armados. Os caingangues estendiam cipós e troncos nos trilhos; a locomotiva rompia os obstáculos e os viajantes, “que não eram de se matar com a unha, respondiam com cerrado tiroteio” (Ramos e Martin). “Rebelavam-se (os caingangues) contra os novos invasores, atacando-os na calada da noite ou em pleno dia, obrigando-os a tomar posição belicosa de defesa e ataque”, anotou Fernando de Azevedo. “Rondavam-lhes as roças, as estações e os barracões de madeira à espreita do momento em que pudessem colhê-los, como nos massacres de Água Branca, Birigui e Baguaçu, onde foram trucidados engenheiros, empreiteiros e trabalhadores da estrada em construção.”

ENEZA – BIRIGUI – LONDRINA

Nascido em Veneza, Ambrósio Ferro tinha 25 anos ao chegar ao Brasil, em 1911. Pioneiro em Birigui, casou-se em 1915. Retorna à Itália, em 1921, e de lá emigra para a França. De volta ao Brasil, chega a Londrina em 27 de junho de 1934, estabelecendo-se com marcenaria. E faz os móveis para o escritório da Companhia de Terras e a primeira igreja católica. Morreu em 6 de julho de 1970.



CHAPTER 3
“THE EL DORADO OF SMALL FARMS,”
THE PROTOTYPE
.....

The colonization process was regulated by the government during the imperial times and when Brazil became a Republic these rules survived. In order to attract foreigners and to encourage the locals to settle, the distribution of small plots of land continued. In Paraná, the president, Lamenha Lins introduced a new legislation (No. 451) to attempt to retain the immigrants in the surrounding areas of Curitiba. The settlers would become the independent owners of a piece of land and in turn they would provide the capital a regular supply of food, which they would be producing themselves. By 1876, Lins had established 12 communities with 4,000 settlers on 509 (8-hectare) plots and built 103 km of roads that connected them to each other and one that provided access to Curitiba.

In order to have a new railway network installed in an area colonized by the State, (via concessions), there needed to be a government plan in place first for the railway lines and the number of stations. Such a plan was already made for the north of Paraná in the 1920s. In his constant search for the truth about the early years of Londrina, Humberto Yamaki came across State Decree No. 218 from 1907. It was a “template” for building communities and agricultural hubs by making a “cluster of at least 50 measured and demarcated plots of 20 to 50 hectares (each) available for the purpose of populating the area with immigrants and at the same time providing all the fundamental conditions needed for developing agricultural processes” (Art.6). “The lots may be adjoining or scattered but the total area should not exceed 12 km radius” (Art.80). Yet, Law 1.642 from 1916 limited the size to 5 to 25 hectares. Another definition from Decree 218: the

centre areas of the future settlements (patrimônios) will be “designed: their roads, public squares as well as the layout of their urban plots, which shall not exceed 3,000m².” A perfect example, pointed out Yamaki, was the Heimtal Patrimônio. Its plan preceded that of Londrina because a railway line was expected to reach the area. (see chapter 4)

Yamaki recognized that Decree 218 was the state version of National Decree 6.455 of 1907. Presumably the federal legislation was inspired by the private initiative in Birigui, which impressed Lovat. The laws even included “free advertising abroad” and that the “transportation of the immigrants and settlers” had to be provided by the colonizers free of charge.

The unique initiative and “a practically completed project” (that of Birigui) was similar to what would be the ideal model for Paraná and it impressed Simon Joseph Fraser (Lord Lovat), who led of a group of investors. So, Londrina followed the example; “inspired by the success of a similar project carried out by the English James Mellor and Scottish Robert Clark on a 40,000 alqueires area in Birigui in the north of São Paulo between 1910 and 1920”, noted Gastão de Mesquita Filho and João Domingues Sampaio. The latter (Sampaio), upon receiving the Honorary Citizen of Londrina title in 1967, revealed that he had already run other projects that were almost the same: “the idea to populate and develop this wonderful region (which would later become Norte Novo de Londrina) had been on my mind. I could build on the experience I gained in the little-known Tibiriçá river basin, the northwest of São Paulo State, where I promoted the subdivision of 84,000 alqueires of land, founded Companhia Cafeeira do Rio Feio and helped establish a number of cities.”

The first area to be subdivided was the 30,000 alqueires estate that belonged to a politician from Bauru, Colonel Manoel Bento da Cruz. With the arrival of the railway

Estrada de Ferro Noroeste, he decided to sell parts of his estate. The 400 alqueires that Nicolau da Silva Nunes bought in 1911 was located right by the railroad “switch” (the railway junction). The place was known as birigui, which is a slang word for sand-flies. Nunes was the first to settle there and also the first property dealer (seller) who had a role in demarcating the area and therefore is considered the founder of Birigui.

Manoel Bento used 6,500 alqueires of his land (65 réis in value) to be able to acquire 1730 shares of the The San Paulo Land & Lumber Company worth 173,000 réis. The corporation was founded on 17 October 1912 with 800 million réis capital split into 8,000 shares of 100,000 réis each. There were 9 further partners: James Mellor bought 1760 shares for 176,000 réis, Robert Clark – the founder of the company – and Presciliano Pinto de Oliveira had 1730 shares each, Edward Hammer bought 300 shares for 30,000 réis and Arlindo Lima, Francisco de Marchi, José Bento Sampaio, Franklin Keffer and Augusto Elisio C. Fonseca 150 shares for 15,000 réis each. The headquarters were at Rua São Bento, 57 in São Paulo.

In June 1914, the company added the word “Colonization” to its name. The San Paulo Land, Lumber & Colonization Company “would then start purchasing various lands around Birigui in order to implement its plans for colonizing the region.” The area owned by the company would reach around 60,000 alqueires, and would be sold in lots of 10, 20, 30, 50, 100 and even 200 alqueires. The company kept 1,000 alqueires in order to build their own experimental farm.

“Each plot, regardless of its size, had water frontage. One boundary would always be along a river or stream ensuring access to water supply and another on higher ground with a road providing easy access to the property.” The recently built Estrada de Ferro Noroeste do Brasil was already operating in the region. The colonizer built an additional 300 km of highways, founded the colony and did the marketing: the best

quality soil for coffee for prices from 105,000 to 130,000 réis per alqueires, with a down payment of 30,000 réis and the rest in up to 36 monthly instalments. “Get 10% discount per year for payments that are made before the end of the agreed term.” The target audience were immigrants and Brazilians who had managed to save up some money while working on farms. “They adopted a very interesting sales technique, whereby they printed leaflets in various languages so that they could reach people in different parts of the world” and even included the train schedule, connections etc. For the Italians: Terre di caffè, Biriguy, Ferrovia Noroeste. Le migliore dello Stato di San Paulo. Felice colui che presti attenzione a questo foglietto. Another: With only a little investment you can buy a plot of land and be rich in a just a couple years. The proof is here (and the leaflet showed coffee trees loaded with coffee cherries promising a yield of 35 arrobas (1 arroba=14.7kg) per 1,000 coffee trees.

“Birigui, which in 1908 was nothing more than a railway junction without a guard, due to the high likelihood of them being slaughtered by the Kaingang Indians. Yet, with all the progress, by 1917 it was considered a peaceful town. There were schools, there was electricity and land prices increased significantly”, according to Fernando de Azevedo.

“What a spectacle” burst out Artur Naiva (doctor, scientist and secretary of the state of São Paulo) in 1917 upon seeing the place for the first time since his last visit in 1908. “Just like a caterpillar becoming a butterfly.”

“Excellent climate”, confirmed the English mission in 1921, but warned that “there was not enough rain for the cotton.” However, the coffee trees that got damaged by the 1918 frost recovered “rapidly” (in only 2 years and 8 months) at 400m altitude, even though the ideal for cultivation was 600m.

“The El Dorado of small farms” became a reality and

all the promises in the advertisements were fulfilled; the ones in O Estado de S. Paulo and in La Fanfulla, Il Pasquino Coloniale and La Nuova Itália, aimed at Italians, in the Deutsche Zeitung für São Paulo intended for the Germans, and in the São Paulo Shimbun and Nippakusha that were targeting the Japanese. “An estate agency managed by a famous English colonizer” began the sale of a subdivided plot close to Birigui station on the Estrada de Ferro Noroeste line by creating a department in 1916, which would sell solely to Japanese families and hired Hachiro Miyazaki, a young man from Saga, to manage it. The historian Osamu Toyama confirmed the story that Miyazaki would visit Japanese immigrants in the region of Estrada de Ferro Mogiana and try to convince them to buy a plot. “He did this for 18 years and eventually Birigui became a large Japanese colony.” Toyama added that Hachiro was also the editor of a magazine and its Japanese advertisements. He died in December 1968. As a tribute to his life and work and to celebrate the 69th anniversary of Japanese immigration in Brazil, a square was named after Miyazaki in Ibirapuera (30th subdistrict of São Paulo) and his bronze bust was installed in the square. For every alqueires sold, the company put aside “10 tostões (1,000 réis) for the construction of a train station, the police station, schools and other buildings that were essential for the development of the town and well-being of the population.”

The place by the railroad “switch” known as “birigui” for its large number of sand-flies, a city began to emerge in 1912. “Where there were only a few houses 10 years ago,” by 1921 Birigui’s population reached 6,000 with a surprisingly “cosmopolitan crowd,” an expression used by Arno S. Pearse in his book, Brazilian Cotton – an account of the English Cotton Mission. There were 1,700 families of 10 different nationalities, the largest part were Italians (40%), Japanese (30%), and Spanish (25%). “The company was in charge of all the lands

in Birigui, Bilac, Coroados and some parts of Araçatuba and sold in total around 60,000 alqueires of virgin forest between the the Tietê River and the Feio River, which both passed under the railway (Estrada de Ferro Noroeste),” according to the book. The first settlement on 515.017 alqueires, Londrina, took “Arno S. Pearse’s description of Birigui’s population as a “cosmopolitan crowd” one step further. Although the first to settle in Londrina were German, Guilherme Kernkamp and his family in the rural areas (1929) and Alberto Koch and his wife in the future urban areas (1930), the first official purchases of lots between 27 March and 1 April 1930 were made by the Japanese Mitsuji Ohara, Toshio Tan, Massaharu Ohara, Massahiko Tomita, Moshin Yamazaki and Toshikazu Yamate after they met at the site. They were tenant farmers in Santo Anastácio (SP). The land dealer Hikoma Udihara, who had been working in the northeast of São Paulo, brought them to the region. Udihara was born in Kochi and came to Brazil just after getting married in 1910 at the age of 27. He worked on a farm and then moved to São Paulo and worked as a carpenter, waiter, driver, photographer, butler and even footman; humble jobs for a graduate of the Escola de Comércio Meichim business school in Osaka. He started working as an estate agent in 1920 and was involved in founding the Japanese colonies along the Estrada de Ferro Noroeste. Following the newly emerging railroads, he eventually ended up in Cambará in the north of Paraná between the Tibagi River and the Paranapanema River, where he got a job at the Companhia Agrícola Barbosa. Upon the recommendation of the company, he befriended Arthur Thomas and Willie Davids, the leaders of Cianorte in Londrina, and they put him in charge of all the Japanese customers. It was a “role” similar to that of Miyazaki in Birigui, only on a larger scale, promoting the so-called “great international colony.” In 1938, Cianorte registered that 61.7% of the sold plots (4,765) were owned by people of 30 different nationalities:

1,823 Brazilian, 611 Italian, 553 Japanese, 510 German, 303 Spanish, 218 Portuguese and further 27 nationalities. Later, the tally reached 33. Others also became estate agents for Cianorte alongside Udihara. For instance, Kernkamp for the Germans and Eugênio Brugin for the Italians. Udihara died at the age of 90 (20 August 1972) in São Paulo. He made a lot of money but he wasn’t rich. He spent everything on supporting the 31 communities that emerged as a result of his deals. In recognition of his work, he was awarded the honorary citizen titles of Londrina as well as Paraná, acknowledged by the City Council and the State Legislative Assembly in the 60s. There is a street in the city named after him and his remains are in the São Pedro cemetery. 98 years on and Birigui has a population of 123,638 and is known for its industrial park and as the largest producer of footwear. Reasonably, the size of the population would be proportional to the area that was populated, that is 60,000 alqueires (not 40,000 as suggested by Gastão de Mesquita Filho). Biruigi is 530km². Londrina is 1,625.5km² and has a population of 575,377 (2020). In 1934 the total area was 23,169km² (besides what belonged to Cianorte), but some parts have split off and became independent cities.

THE RAILWAY, THE ENGLISH AND THE KAINGANG INDIANS: Robert William Clark from the Scottish town Auchterless, arrived in Brazil in 1880 and 7 years later married the English Harriet Hall in Santos. He was a mechanical engineer and electrician, who designed coffee hulling machines in Ribeirão Preto, had led the colonization in Birigui and built the first hydroelectric dam in the northwest region in Salto Avanhandava. He also became the leader of the Republican Party of São Paulo (PRP). He died in 1938. The English engineer James Mellor was born in Manchester and moved to Brazil in 1887. He became city councillor and mayor in Penápolis and also stayed in Birigui after 1913. He became a Brazilian citizen,

worked for the Federal Government in Goiás, Minas Gerais and Mato Grosso. He left the public service and worked on the construction of the Estrada de Ferro Mogiana. He was known for his “inexhaustible energy and noble character.” He fell ill and died in São Paulo in 1920. The Portuguese Nicolau da Silva Nunes took over Companhia São Paulo by buying 400 alqueires from Colonel Manoel Bento da Cruz in December 1911. For fear for his life from the Kaingang Indians, Nicolau managed to get two train cars, where he “lived” with the workers for 2 months. Later, he became a property dealer and colonizer. A few months prior, the Kaingang Indians had killed a group of people, among them, Silvio San Martin. The train would pass the junction three times a week and the passengers were advised to travel armed. The Kaingang Indians would lay branches and tree vines on the rail tracks; the train would crash into the obstacles and as the passengers were not the type to get into a fistfight, they would open fire” (Ramos and Martin). “The Kaingang were rebelling against the new invaders and kept attacking them, in the dead of the night and in broad daylight, in a constant war of attack and defence”, according to Fernando de Azevedo. “The Indians would sneak around the fields, the stations and the wooden barracks and wait for the right moment to catch their prey the same way as in the massacres of Água Branca, Birigui and Baguaçu, where engineers, contractors and road workers were slaughtered.”

VENICE – BIRIGUI – LONDRINA
Ambrósio Ferro was born in Venice and had just turned 25 years old when he arrived in Brazil in 1911. He was one of the pioneers of Birigui. He got married in 1915. He returned to Italy in 1921 and from there, he moved to France. When he returned to Londrina on 27 June in 1934, he started a carpentry business. He produced furniture for Companhia de Terras and for the first catholic church. He died on 6 July 1970.

04 E se começou a colonizar

Casa Sete e seus moradores: George Craig Smith, Bernardino Schneider, Eugênio Larionoff e Luiz Estrella. A casa era conhecida por ser a residência dos jovens solteiros, funcionários da Companhia de Terras, onde havia muitas festas. (Lugar hoje ocupado pelo Bourbon Hotel).
Autor Desconhecido/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



No meado de 1924, a vinda para o Brasil do escocês Arthur Thomas, executivo de lorde Lovat no Sudão, se prende à cotonicultura. Pelo decreto 16.632, de 8 de outubro de 1924, o presidente da República, Artur Bernardes, autoriza a *Brazil Plantations Syndicate Limited* a funcionar no país, com 200 mil libras esterlinas de capital. Integram o grupo de investidores: sir Frederick Eckstein, o general Arthur M. Asquith, Edward Green, sir Alexander McIntyre, Percy Horsfall e o Príncipe de Gales.

Lovat guiou-se pelo relatório sobre a “Viagem da Missão Internacional do Algodão pelos Estados produtores no Brasil”, em março e setembro de 1921 (ver capítulo 2). A *Brazil Plantation* compra uma fazenda em Birigui e outra em Salto Grande. “A máquina de beneficiamento do algodão ficava na cidade de Birigui, era chamada de Brascott, sigla de *Brazilian Cotton*”, rememorou o engenheiro Fernando Clark Soares aos 88 anos de idade, natural do município. “Penso que o prédio ainda está lá, talvez com outra finalidade.” Fernando, autor de dois livros e neto do escocês Robert Clark, este um dos primeiros contatos de Lovat no Brasil.

George Craig Smith, talvez o funcionário número 1 da *Brazil Plantations* in loco, relatou em correspondência a frustração da experiência algodoeira, no decorrer de dois anos, e que os ingleses, ao decidirem pelo encerramento, cogitaram doar as terras aos empregados. Conforme a Enciclopédia dos Municípios editada pelo IBGE, aonde era a fazenda da *Brazil Plantation* em Birigui está hoje Bilac, a cidade.

“O plano do algodão foi substituído em 1925 por uma proposta ao Governo do Estado (do Paraná)

pelo grupo de capitalistas chefiado por lorde Lovat, tendo como representante e procurador no Brasil o sr. Arthur H. Miller Thomas”, anotou o engenheiro Alexandre Beltrão, diretamente envolvido. “Comprometiam-se os ingleses a promover, mediante condições bem definidas, a colonização de terras devolutas [do governo] nos vales dos rios Ivaí e Pirapó.”

Sob orientação dos advogados João Domingues Sampaio e Antônio Moraes Barros, em julho de 1925, o grupo de Lovat encerra a *Brazil Plantations* e funda a *Paraná Plantations Company*, em Londres, tendo por subsidiária a Companhia de Terras Norte do Paraná – Cianorte, registrada em 24 de setembro de 1925, no 6.º Tabelionato de São Paulo. Capital social: 1.000 contos de réis. Por “respeito aos melindres nativistas”, trata-se de “pessoa jurídica brasileira, sob a direção de brasileiros em maioria, para ser adquirente e vendedora de terras”, relataria João Sampaio, único sócio “nativo”, com pequena participação, 750 ações de uma libra esterlina cada, mas designado presidente. Lovat mudou o pensamento de que o Brasil poderia “ser o maior produtor mundial de algodão”, que expressara no ano anterior, deixando transparecer a possibilidade de ele mesmo contribuir.

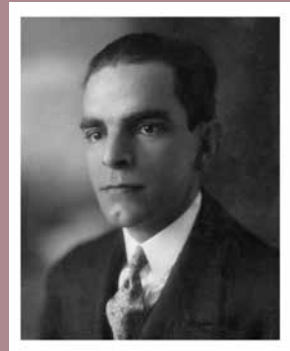
Antônio Moraes Barros preside a Cianorte até que Sampaio assumo o cargo, ao regressar de Londres, onde se reunira com Lovat e outros diretores. Sampaio e Arthur Thomas, gerente-geral, comunicam ao presidente do Estado, Caetano Munhoz da Rocha, a decisão de comprar as terras de concessionários e posseiros, uma parte em litígio, entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. E Caetano

se compromete a expedir os títulos definitivos.

O médico Lauro Beltrão contou que seu pai, o engenheiro Alexandre Gutierrez Beltrão, “localizou todas as glebas da Cianorte, por isso, quando falavam em história no Norte do Paraná, ele (Alexandre) dizia que era pré-histórico”. Pela narrativa de Alexandre, a sua incumbência se deveu à contratação, pela Cianorte, do escritório técnico do engenheiro Francisco Beltrão, seu irmão. E a área inicialmente a certificar era “estimada em 800 mil hectares, aproximadamente 330 mil alqueires paulistas (24.200 m²), que a Companhia Marcondes (concessionária) vendera à Cianorte, com a anuência do Estado.

Na publicação com o título “*Três Anos de Sertão/1925-1928*”, Alexandre apresenta o panorama fundiário à época e relata a própria aventura no inóspito. Provavelmente, a grande e veloz colonização não haveria se as terras permanecessem com os anteriores concessionários, deduz-se da narrativa: “a enumeração de processos demarcatórios” dava “a impressão ilusória de uma fase inicial de povoamento”; na realidade, “a mata virgem era compacta e contínua desde as proximidades da margem esquerda do rio Tibagi até o rio Paraná, numa extensão de mais de duzentos e cinquenta quilômetros no sentido leste-oeste”. Nesse território havia demarcações de lotes incultos e ranchos em pequenas clareiras de domínio particular e nas concessões. Só na margem esquerda do Tibagi, proximidades da ex-colônia Militar de Jataí, Alexandre encontrou desbravamento inicial e povoamento esparso. “Era do conhecimento geral (...) a antiga estrada carroçável de Conceição do

Monte Alegre (SP) a Jataí, de caminhos de ligação de vários pontos das margens do rio Paranapanema a localidades servidas pela Estrada de Ferro Sorocabana. E principalmente, de uma estrada de penetração, recém-construída pela Companhia Marcondes, partindo de Presidente Prudente até o rio Paranapanema e prolongada, em território paranaense, pelo divisor de águas entre o ribeirão do Diabo e o rio Pirapó.”



O engenheiro Alexandre Beltrão demarcou a área da Companhia de Terras na década de 1920. Acervo Família Beltrão



Interior do escritório da Companhia de Terras, na década 1930. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

A Cianorte estabelece as primeiras bases em 1926, o Escritório de Administração Regional, em Presidente Prudente, e o Hotel Pirapó em território paranaense, a 25 quilômetros da margem do Paranapanema. O hotel é, também, a sede do escritório técnico, base do engenheiro William Reid, empenhado nos “reconhecimentos para a a diretriz do ramal ferroviário de Regente Feijó ao Paranapanema”. Conforme Alexandre Beltrão, “o início da construção desse ramal, que se admitia como tema resolvido em definitivo, era o assunto dominante nos comentários em Presidente Prudente”. Ao mesmo tempo, técnicos contratado pela Cianorte percorrem a região contígua ao rio Tibagi e certificam a “uniformidade da composição das terras roxas”, supostamente recomendando a compra de outras áreas sob concessão. “Como consequência desta mudança de rumos”, aponta Alexandre, “suceder-se o abandono dos estudos para o ramal ferroviário de Regente Feijó ao Pirapó e o encerramento das atividades do Escritório Regional de Presidente Prudente, enquanto progrediam, em Curitiba, as negociações para transferência da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná (anteriormente Estrada de Ferro Noroeste do Paraná, com 29 km concluídos entre Ourinhos e Cambará) aos ingleses.”

Não se poderia incluir a Companhia Marcondes no rol daqueles “bendegosistas” prometedores de ferrovias com o fim de obter terras do Estado, denunciados na Assembleia Legislativa. Faltava-lhe, porém, capital para fazer a colonização em grande escala, assinalaria José Joffily (*Londres, Londrina - 1985*). Pelo depoimento de João Sampaio, o grupo de Lovat emprestou dois mil

contos de réis à Marcondes em 1925: “Thomas e eu resolvemos conceder o empréstimo, pela confiança que nos inspiravam os interessados. Mas pedimos e obtivemos a opção para a compra (das terras), observando-lhes que o dinheiro solicitado seria insuficiente para a grandeza do empreendimento. Eles pretendiam começar pelo acesso às terras, por um ramal da E. F. Sorocabana saindo de Regente Feijó e chegando à margem do rio Paranapanema, fronteira à embocadura do Pirapó”. O ramal, apenas em projeto, não era da Sorocabana, nem a concessão pertencia à Marcondes. Pela constatação de Humberto Yamaki, fora concedido em 7 de junho de 1922 ao engenheiro João Carlos Fairbanks pela Câmara Municipal de Conceição do Monte Alegre. E já em 1925 pretendia-se contruí-lo a partir de Presidente Prudente. O prefeito deste município, coronel Francisco de Paula Goulart, nos termos da lei n.º 9, de 19.10.1925, “reconhece em nome da Câmara Municipal” aquele contrato mediante as seguintes cláusulas: “a) a estrada de ferro sairá desta cidade ao em vez de Regente Feijó; b) o concessionário não poderá transferir os direitos dessa concessão a quem quer que seja sem prévio consentimento da Câmara Municipal; c) ter o prazo máximo de seis meses para o início dos trabalhos”. Art. 3.º - “Prorrogam-se (sic) as disposições em contrário”.

Supostamente, havia a pretensão de vender a concessão à Cianorte, mas na história “carimbada” pela empresa consta a intenção de ela “obter do Governo de São Paulo a concessão de um ramal da E. F. Sorocabana ligando a estação de Regente Feijó ao Paranapanema”, levando em conta duas opções: um traçado de 110 km e outro de 82. Qualquer que

fosse a opção, “no trecho paulista seria construído pela Companhia de Terras ou empresa que ela organizasse”. Na reunião seguinte, em 20 de novembro de 1926, Arthur Thomas sugere, também, a Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná (CFSPPR) e o prolongamento de sua linha, de Cambará a Jataí.

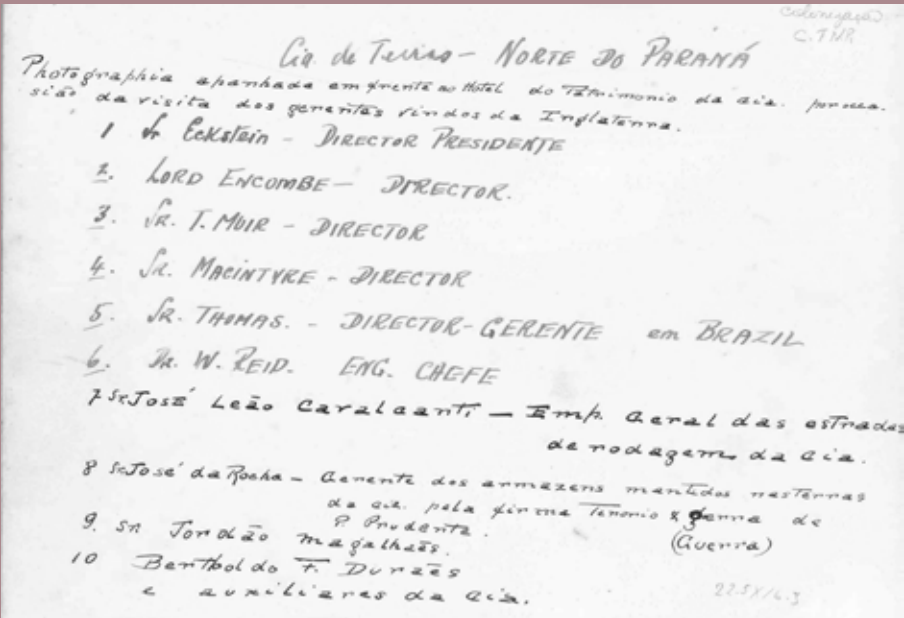
E Yamaki, por suas certificações dadas a conhecer mais recentemente (2017), acrescenta uma terceira possibilidade não mencionada, anterior à CFSPPR: o ramal 2 “ajustado” (traçado alterado) da Estrada de Ferro Central do Paraná (EFCP). Esta ferrovia, apenas projetada, compreendia a linha tronco e quatro ramais (ver capítulo 1). Pela escritura de compra e venda, firmada em 16 de outubro de 1925, a Cia. Marcondes transferiu à Cianorte, com a anuências do Governo do Estado, 350 mil alqueires e a EFCP. Por um termo, houve “a supressão de algumas cláusulas e modificação de outras”, resultando “alteração do traçado primitivo” de ferrovia, para atingir outras áreas que a Cianorte estava comprando, lê-se na mensagem governamental a respeito. O ramal 2 já alterado partiria do “ponto mais conveniente da linha tronco” e seguiria “entre os rios Pirapó e Tibagi até o ponto mais conveniente do Rio Paranapanema”.

Segundo Yamaki, “era considerado estratégico também para o Governo do Estado”, que pretendia iniciar uma povoação, “São Salvador”, em dois mil hectares entre o ribeirão Vermelho e o rio Paranapanema, onde o ramal teria uma ponta. E dali, no rumo do Heimtal e Londrina. A EFCP “ajustada” e a CFSPPP “conviveram durante algum tempo nos planos da Companhia e do Governo”; a projeção do Patrimônio Heimtal (1929), da Colônia Heimtal (1930) e a planta de Londrina (1932) “mostram que

havia persistência do Ramal 2”, “o eixo por onde foi iniciada a colonização”, conclui Yamaki. “Heimtal e Londrina foram implantadas nesse eixo.”

A Companhia de Terras efetuou as primeiras compras em outubro de 1925, “duas glebas”, uma de 350.000 alqueires juntamente com uma concessão ferroviária, vendida pela Cia. Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, que “a possuía por títulos particulares além da concessão estadual”, e outra de 100.000 alqueires “transmitida” pelo Dr. Custódio José Coelho. Está no histórico da empresa. “De 1926 a 1928, adquiriram-se: a) da Cia. Tibagi Ltda., os direitos concessionários sobre 15.017 alqueires; b) de Antônio Alves de Almeida, iguais direitos sobre 30.000 alqueires; e c) do engeneheiro Fancisco Beltrão, títulos definitivos de 20.000 alqueires. Portanto, da fundação a 1928, foram, compados 515.017 alqueires (1,246 milhão de hectares) pagando-se o preço algumas vezes ao Estado, aos concessionários e aos eventuais posseiros, dando ao domínio uma garantia cabal, jamais contestada.” Segundo Herman Moraes Barros, a Cianorte pagou “duas e até três vezes pelas terras”.

De 1 milhão e 246 mil hectares no total, 972 mil vinculados a título de remuneração ou subsídio do Estado à construção da Ferrovia São Paulo-Paraná: “direito de receber por quilômetro de linha construída e em tráfego, contado desde o ponto inicial no meio da ponte metálica sobre o rio Paranapanema, o valor de 28,8 contos de réis correspondente a 3.600 hectares de terras calculado na base do preço de 8 (oito) mil réis por hectare”. Assim, a Cianorte não precisou pagar ao Estado pela titulação.



Início do Patrimônio Três Bocas: Hotel da Companhia por ocasião da visita dos gerentes vindos da Inglaterra. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Imprevistos cerceiam a colonização nos primeiros anos, a começar pela quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, que determina a recessão mundial; internamente, as revoluções de 30 e 32 impedem o acesso de compradores e a ocupação de lotes já vendidos. Ao atingir Jataí, em 1932, a construção da ferrovia é interrompida. E lorde Lovat se torna o mais ativo agente na Europa, atraindo grupos que precisam emigrar por razões econômicas, políticas e étnicas. Por vezes, em cooperação com a Liga das Nações. Mas o governo brasileiro não permite a vinda de 20 mil assírios, que seriam deslocados do Iraque.

Embora sem a velocidade desejada, a colonização avança, recebendo estrangeiros em maioria: o polonês Stefan Kuzienko adquire o lote diretamente no escritório da CTNP em Varsóvia; já o alemão Miguel Köelsch, desde 1924 em Guaranésia (MG), muda-se para Londrina em 1933. (Duas décadas depois, quando ele morre, os herdeiros transformam o sítio de 10 alqueires num bairro urbano, atualmente o “Vale do Reno”).

Inicialmente, a Cianorte vende o alqueire a 450 mil réis, recebendo de sinal 30% do valor do lote e o restante em quatro prestações anuais – de 10% no primeiro ano e de 20% no segundo, terceiro e quarto; juros anuais de 8% sobre o saldo devedor. Os anúncios passam um atestado de fertilidade: “O café no Norte do Paraná tem produzido 300 arrobas por 1.000 pés, o que não se obtém em nenhuma outra zona do Brasil, e a média tem sido de 150 arrobas. A saúva, a praga mais terrível das zonas cafeeiras do Brasil, não existe no norte do Paraná e nas terras desta Companhia”. Com o título “Ótimo

negócio”, anúncio no Paraná-Norte de 19 de abril de 1936 descreve a evolução de uma propriedade ainda na primeira década: “Vende-se um sítio com 29 alqueires de terras de primeira, distante de Londrina 8 quilômetros, com 2.200 pés de café de 1 ano, 2 alqueires de pasto formado, 7 alqueires de roças de milho plantado, 40 litros de planta de arroz, meio alqueire de canaviais, uma quarta formada e outra plantada agora – com engenho de ferro –, 120 cabeças de porcos de diversas idades, 1 carroça com arreio e dois burros, 3 alqueires de fecho para porcos, todo de madeira partida de guaiçara, 5 ranchos cobertos de tabuinhas. O lote acima referido é o de n. 117 da gleba Cambé com os córregos S. Lourenço e Crystal, contendo 22 alqueires e mais 7 alqueires do lote 126 A, ligado com o primeiro. Informa-se nesta Redacção”.

O café “fugia da condição monocultora em grandes propriedades”, apontou Nadir Aparecida Cancian. “Ao contrário, desenvolvia a pequena e média propriedade, onde o lavrador e sua família eram parte da mão de obra (...), o que diminuía o custo de produção e deixava margem de lucro satisfatório para a nova categoria de proprietários emergentes, pela redução do emprego de assalariados. Para o caso de propriedades médias onde a família não conseguia absorver em si mesma o trabalho, grande parte das terras era mantida sem exploração à espera de melhores tempos, ou com pequeno número de colonos ou parceiros”, estende-se a análise. “O café não era produto exclusivo: as pastagens, o algodão, as lavouras temporárias compunham um quadro diversificado da agricultura paranaense.”

Assinalaram-se vendas de lotes acima de

100 alqueires e até de 200, que, proporcionalmente, seriam exceções no quadro geral. Pela averiguação de Maria Helena Jarreta, das 25.104 propriedades perfazendo 400 mil alqueires (1930-1979) nas terras da Cianorte, apenas 2,61% tinham mais de 50 alqueires. A recessão nos primeiros anos 30 teria motivado a ampliação, que a Cianorte informava: “As compras de áreas maiores de 500 alqueires serão negociadas mediante condições especiais, conforme o vulto do negócio. A Companhia aceita propostas de empresas e associações organizadas para colonização”.

Em 1941, o Departamento Nacional do Café (DNC) constata maioria de estrangeiros entre os proprietários cafeicultores: 885, com lavouras totalizando 11.818 hectares. Brasileiros: 764 com 9.177 hectares. De outras etnias: japoneses, 117; italianos, 236; espanhóis, 86; alemães, 67; portugueses, 59; ingleses, 2; outros europeus, 79; hispano-americano, 1; não especificados, 38.

Caracteriza-se o empreendimento pela subdivisão em pequenas propriedades, cuja média absoluta em julho de 1944 é de 12,1 alqueires, informa o diretor-técnico da Cianorte (ou CTNP), engenheiro Aristides de Souza Melo, em conferência no Rotary Club. Observa que os proprietários são de 33 nacionalidades e que os brasileiros já se tornaram a maioria, 52,8%. Convertera-se o “latifúndio de riqueza latente em uma admirável Canaã de riqueza potencial”, em pouco mais de uma década, tendo sido fundamental a estrada de ferro.

“De Cambará, onde um honesto esforço de brasileiros a levou, perfazendo uma extensão de 30 km, a Ferroviária [empresa], sob influxo da nova

organização, trouxe os trilhos até o km 270, ao atingir Apucarana”, relatou Melo. “Cerca de 100 milhões de cruzeiros foram gastos nessa benéfica iniciativa e o Estado, reconhecendo o alcance da obra e o do esforço, não lhe foi indiferentista. Contribuiu com o subsídio de CR\$ 28.800 por quilômetro. E assim se começou a colonizar!”

Termina em 1944 a fase inglesa, com a venda da Cianorte e da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná a brasileiros; a Inglaterra repatriava capitais para sustentar-se na Segunda Guerra Mundial. Até 1943, o número de propriedades atingira 10.061 e 110.473 alqueires, apenas 23,43% das terras, conforme a pesquisa de Ana Maria Jarreta (1982). Aos brasileiros sucessores caberia a fase mais valorizada do empreendimento, no pós-guerra. Em família, Arthur Thomas dizia “que o dinheiro da venda da Companhia de Terras fez com que a guerra continuasse por mais sete segundos”, relatou o filho, Hugh Muir Thomas. Já o megainsvestidor norte-americano Percival Farquhar, admirador de Lovat, comentou que a soma resultante da venda “tinha dado para financiar apenas um dia do monstruoso esforço de guerra feito pela Inglaterra”. Segundo Farquhar, “sonegadores de impostos brasileiros” adquiriram a Companhia de Terras “por uma fração do que iria valer”.

.....

RECORTES

TERRA ROXA, “COLOSSAL FERTILIDADE”.

Na bacia do rio Paraná situou-se a maior superfície do mundo com derrame de basalto (lava vulcânica

solidificada), 900 mil km². A decomposição das rochas basálticas originou as terras roxas, em algumas áreas apresentando excepcional fertilidade, pela composição mineral, a textura e a profundidade.

Entre os solos roxos, o argiloso é superior pela estabiidade, enquanto o arenito é muito suscetível à erosão, que implica a perda de nutrientes. Kepler Palhano relatou que “os ingleses” mandaram coletar amostras de solo nos vales do Tibagi e do Ivaí, em alguns trechos a cada quilômetro; enviadas a Londres, exames de laboratório atestaram semelhança com o “melhor adubo”. Kepler, contemporâneo do fato. Néelson Maculan, que chegou a Londrina em 1938 e conviveu com dirigentes da Cianorte, também contou a história. “Colossal fertilidade”, segundo Oswald Nixdorf (livro biográfico), constatação em 1933, ao receber uma comitiva de técnicos alemães em Rolândia, colônia em desenvolvimento.

Engenheiro agrônomo especialista em agricultura tropical, Nixdorf não havia encontrado em outros países terras sob florestas com igual característica: “Era só empurrar algumas folhas secas para o lado e já (...) deparava com aquela terra vermelha”. Coisa que surpreendeu, também, o visitante professor Vageler. “Nossa terra roxa está entre os poucos solos no mundo nos quais as bactérias aeróbicas vivem em até 75 centímetros de profundidade”, observaram. Diferença: geralmente, nos outros solos, as condições de vida estavam restritas aos 10 ou 15 centímetros superiores. “Estas bactérias transformam a massa orgânica morta em húmus, de extrema importância para a mobilização dos nutrientes presentes no solo” —

expõe. “Portanto, na terra roxa, o húmus não se situa na camada superior e superficial (...), distribui-se até uma profundidade de 75 centímetros. É um fato de extrema relevância, pois explica a colossal fertilidade deste solo e também a queima da floresta se demonstra inofensiva, pois apenas uma camada muito pequena do húmus se perde.” Sucessora da Companhia de Terras, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, num aparente contrassenso, vendeu a outras colonizadoras parcelas do melhor solo roxo no Vale do Ivaí e comprou 30 mil alqueires na zona do arenito caiuí, onde fundou oito cidades, nas décadas de 50 e 60, entre as quais Umuarama e Cianorte. Nos anos 70 e 80, a erosão despontou na zona rural e alcançou perímetros urbanos, exigindo ações governamentais de controle, inclusive para atenuar o assoreamento do rio Paraná, tendo em vista o projeto de Itaipu.

NÃO AOS ASSÍRIOS.

Proposta pela Liga das Nações e a *Paraná Plantations Company*, a vinda de 20 mil assírios para uma área a 66 quilômetros de Londrina se tornou inviável, em 1933. Associações e “pensadores” em Curitiba e no Rio de Janeiro reagiram, alegando que os assírios não constituem uma comunidade branca, trazê-los do Iraque atenderia exclusivamente o interesse econômico britânico, envolvendo o petróleo naquele país, e uma área do Brasil seria entregue a estrangeiros. “Sabeis que a Companhia de Terras Norte do Paraná tem como partes o Príncipe de Gales e o Lord Lovat, já célebres nestas incursões econômicas em nações fracas”, discursou o advogado curitibano Benjamin Lins. “Sabe-se

que a Companhia vendeu ao Estado inglês toda a maior parte daquelas terras pelo triplo do preço.” E Lovat impusera até mesmo um “estado econômico estrangeiro” com a empresa, segundo Lins. A Liga das Nações afirma tratar-se de questão humanitária, porque sendo católicos e minoria, os assírios poderiam ficar sujeitos ao arbítrio do governo de maioria muçulmana no Iraque, recém-emancipado.

“Uma raça ariana, sem qualquer característica semítica ou árabe, católicos, agricultores e pastores”, argumenta Arthur Thomas defendendo a proposta de emigração. No decorrer de 1932, a Liga das Nações e o *Nansen Internacional Office for Refugees* haviam reconhecido ser indispensável a saída deles. Em 3 de janeiro de 1934, o ministro do Trabalho, Osvaldo da Costa Miranda, instrui o embaixador em Londres para informar à Liga das Nações que o Brasil admitirá os assírios, observadas as seguintes condições:

- 1 – o Brasil não teria responsabilidade financeira;
- 2 – todos teriam de ser agricultores;
- 3 – chegariam em grupos de 500 famílias e cada grupo deveria estar instalado antes da chegada do próximo;
- 4 – a Liga e a *Paraná Plantations* assumiriam a responsabilidade pelo repatriamento caso não houvesse sucesso. Pretendendo facilitar a saída, o governo do Iraque oferece 32 libras por pessoa; a Inglaterra recusa e a Liga das Nações envia três funcionários para conhecer o lugar, a “cerca de 66 quilômetros de Londrina”, aonde chegaram conduzidos por Thomas. Havia nos arredores “colônias de austríacos, tchecos, alemães, italianos, japoneses e polacos que, entrevistados, expressaram a opinião geral de que oito meses após a instalação

o novo grupo poderia se tornar autossuficiente”. O relato limita-se à distância de 66 quilômetros, não menciona nome de gleba, nem outra referência. Quando parecia definido o assentamento, veio a reação: “Um grande perigo a remover, você só terá paz com um assírio após a morte dele”, alarmou um jornal do Rio de Janeiro, então a capital do país. “Uma imigração indesejável”, passaram a afirmar opiniões com grandes espaços nos jornais, acrescentando a presunção de que os assírios não eram agricultores, acabariam se tornando mascates pelas ruas. Na Sociedade Amigos de Alberto Torres, contrária à vinda, estavam o integralista Plínio Salgado e o revolucionário Juarez Távora, que se tornara ministro no governo Vargas. Preeminentes, os médicos Arthur Neiva e Miguel Couto levaram o movimento para Assembleia Nacional Constituinte, na condição de deputados. “A entrada de qualquer grupo não-branco, como os assírios, romperia o progresso social do Brasil”, proclamavam. O presidente da República, Getúlio Vargas, revoga a autorização. “Próximo a maio [1934], os assírios tinham sido transformados dos pacíficos agricultores católicos em um grupo guerreiro que traria perigos sociais e econômicos ao Brasil”, apontou na década de 90 Jeffrey Lesser, professor de Estudos Brasileiros na *Emory University*, Atlanta (EUA). Entre as obras mais recentes de Lesser estão *Iniciação, Etnicidade e Identidade Nacional no Brasil (2013)* e *A invenção da brasilidade (2015)*.



Publicidade dirigida aos Italianos. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

TRADUÇÃO

Nós três abaixo assinados, cidadãos italianos, colonos muito satisfeitos por estas terras do norte do Paraná, reconhecedores da obra de colonização que provê o pão a milhares de pessoas, na Companhia das Terras do Norte do Paraná, oferecemos a fotografia das nossas famílias.

1.Eugênio Brugin | 2.Luigi Brugin | 3.Antonio Battistella

Essa fotografia vos mostra três pais e três mães com seus 36 filhos felizes de fazerem parte desta colonização do Norte do Paraná. São Venezianos. Sem preocupações. A felicidade deles é completa. Vocês também querem ser felizes com a vossa família? Venham aqui!

Escrevam agora mesmo ao Senhor Diretor do departamento italiano, Companhia de Terras Norte do Paraná
Rua 3 de Dezembro, 48 – Caixa Postal, 2771 – São Paulo, Brasil – América do Sul

TEMPO DE GUERRA: THOMAS E OS ALEMÃES. Desde agosto de 1942, quando o Brasil declarou guerra aos países do Eixo — Alemanha, Itália e Japão —, imigrantes dessas nacionalidades são submetidos a restrições, impedidos até de conversar em seus idiomas. Em Londrina, o Hotel Luxemburgo tem novo letreiro: Hotel América. E o Germânia muda o nome para Grande Hotel. A polícia invade casas e apreende rádios, armas, documentos, fotografias; presos até colaboradores diretos da Companhia de Terras. Orientador da colônia alemã em Rolândia, o engenheiro agrônomo Oswald Nixdorf relatou sua prisão em condições degradantes, de agosto a dezembro de 1942: seis pessoas numa cela de seis metros quadrados. Não liberadas em tempo para ir à privada, tinham de suportar a poluição dos dejetos. O prefeito, major Miguel Blasi, nomeado pelo governo estadual, é amigo de Nixdorf, mas não tem força para cessar a arbitrariedade. Há uma parceria entre a Granja Nixdorf e o Governo para a melhoria genética de animais e por conta disso, Blasi consegue que conduzam o detento a seu gabinete. E fica estarecido. Nixdorf está com a barba acima do peito, sujo e exalando terrível mau cheiro. Desde que fora preso não havia tomado banho nem trocado de roupa. Depois do encontro, é permitido aos presos receberem roupas limpas uma vez por semana, levadas pelas famílias. Mas ainda não podem tomar banho. Segundo Nixdorf, a prisão de determinados imigrantes se deveu a Arthur Thomas, gerente-geral da Cianorte, que os acusou de propagar o nazismo e a supremacia alemã. Chegou a Londrina um exemplar do *The Saturday Evening Post*, o semanário de maior circulação nos Estados Unidos,

com uma entrevista de Thomas declarando-se autor da iniciativa. Mas Nixdorf deduziu que o seu caso, especificamente, tinha conotação econômica; Thomas vinha se negando a pagar-lhe comissão sobre o valor de um negócio triangular que permitiu a alemães receberem terras em Rolândia na década anterior. A Alemanha em crise não permitia a saída de capitais; as famílias transferiram suas economias ao governo, que o investiu na indústria e pagou à Colonizadora com material ferroviário. O presidente da matriz inglesa, Arthur Asquith, determinara o pagamento de comisão a Nixdorf.

Difundia-se que as colônias alemãs no sul do país Brasil serviriam a um plano de invasão e daí que Julius Streicher, um dos mais influentes assessores de Hitler, estava preso em Londrina, onde vinha articulando a “quinta coluna” com os imigrantes. Segundo Nixdorf, até jornais publicaram; tratava-se, porém, de uma farsa engendrada por Thomas. Entre os alemães presos, Hans Flatau tinha semelhança com Julius Streicher e o fizeram vítima da encenação, com fotografias. Afirmavam que Flatau era Streicher. Judeu que viera da Alemanha para Cambé, Flatau declarava-se naturalmente incompatível com o nazismo, mas trouxera impressos e fotografias de congressos e personalidades nazistas, entre as quais Streicher e Hitler juntos. Material apreendido pela polícia. Flatau dizia que a sua intenção era “fazer um bom negócio”, vender a documentação, pois sabia que existiam núcleos de nacional-socialistas no Brasil. Oswald Nixdorf morreu em 15 de outubro de 1981 e sua memória está no livro “*Um Pioneiro na Selva Brasileira, a história de aventuras da colônia alemã de Rolândia*”, tradução de Werner Paulo Oesterle,

publicado em 2016 pela Editora UEL. O original, em alemão, estava guardado por Klaus Nixdorf, um dos quatro filhos de Hildegard e Oswald. Nascido em 15 de maio de 1934 no Patrimônio Londrina, portanto oito meses antes de ser criado o município, Klaus (agrônomo e empresário) foi subsecretário estadual de Agricultura para a região (1966-1970) e atualmente se dedica à Associação Pró-Memória, por ele criada para fortalecer os laços entre as gerações das 13 nacionalidades remanescentes em Londrina.



Arthur Thomas. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



CHAPTER 4
AND THE COLONIZATION BEGAN
.....

Halfway through 1924, the arrival of the Scottish Arthur Thomas, an executive of Lord Lovat in Sudan, marked the beginning of cotton cultivation. On 8 October 1924, President of the Republic Arthur Bernardes issued a decree (No 16.632) authorizing Brazil Plantations Syndicate Limited to operate in the country. The group with 200,000 pound sterling to invest, included Sir Frederick Eckstein, General Arthur M. Asquith, Edward Green, Sir Alexander McIntyre, Percy Horsfall and the Prince of Wales. Lovat used the, Journey of the International Cotton Mission through the cotton producing states of Brazil, report as a guide in March and September 1921 (see chapter 2). Brazil Plantations purchased a farm in Birigui and another in Salto Grande. “The cotton processing machine was kept in Birigui and we used to call it Brascott, an acronym for Brazilian Cotton,” remembered the 88-year-old local engineer Fernando Clark Soares. “I believe the building still stands. Perhaps it is used for something else now.” Fernando, the author of two books and grandson of the Scottish Robert Clark, was one of Lovat’s first contacts in Brazil.

George Craig Smith, who was probably the number one employee of Brazil Plantations on site, wrote about his experiences and frustrations with the cotton business in his correspondences of a period of over two years. He also reported that once the English decided to close down the company, they considered donating the land to the employees. According to the Enciclopédia dos Municípios (edited by IBGE), the piece of land in Birigui that belonged to Brazil Plantation, at the time, is the city of Bilac today.

“In 1925, the cotton plan was replaced by a new initiative that was put forward to the government of the state (of Paraná) by a group of capitalists led by Lord Lovat and

represented locally by Prosecutor Sr. Arthur H. Miller Thomas,” remembered engineer Alexandre Beltrão, who was also directly involved. “The English agreed to promote, under well-defined conditions, the vacant land in the Ivaí and Pirapó river valleys.”

Following the guidance of lawyers João Domingues Sampaio and Antônio Moraes Barros, Lovat closed Brazil Plantations and founded the Paraná Plantations Company in London and its local affiliate Companhia de Terras Norte do Paraná – Cianorte. The company was registered on 24 September 1925 at the 6th notary office in São Paulo. Its registered capital was 1 billion réis. Out of “respect for the sensitive nationalists,” it was considered a “Brazilian legal entity, led mostly by Brazilians for the sale and purchase of land”, said João Sampaio. Therefore, as the only “local” partner he was appointed president, despite only owning 750 shares of 1 pound sterling each. Lovat gave up on his idea of Brazil becoming the “largest cotton producer in the world” even though the previous year he hinted at the possibility of investing in it himself.

Antônio Moraes Barros managed the company until Sampaio took over the position upon returning from London, where he had met Lovat and the other directors. Sampaio and the general manager Arthur Thomas agreed with the president of the state, Caetano Munhoz da Rocha, that they would purchase the lands between the Paranapanema, Tibagi and the Ivaí River from the current concessionaires and tenant farmers, and in doing so, also solve any ownership disputes. In return, Cateano promised to issue them the Certificates of Title.

Dr Lauro Beltrão explained that it was his father, the engineer Alexandre Gutierrez Beltrão, who “identified all of the company’s plots, so when people use the term the history of the north of Paraná, it makes him feel very old.”Alexandre

was in charge of hiring people for Cianorte from a specialist agency that his own brother, the engineer Francisco Beltrão was running. The area to be certified was initially estimated to be 800,000 hectares, approximately 330,000 alqueires paulistas (24,000m²). The company purchased this land from the concessionaire Co mpanhia Marcondes with the State’s consent.

In his published work “Três Anos de Sertão / 1925–1928” (Three Years in the backwoods), Alexandre described the forbidding landscape of the time and shared his own adventures. The rapid colonisation would have been unlikely had the previous concessionaires kept the lands, based on his account: “although the number of demarcation processes” gave the “impression of the beginning of a new settlement,” in reality, there was only continuous, dense, virgin forest extending over 250km, from east to west, from the left bank of the Tibagi River all the way to the Paraná River.”

This vast area consisted mainly of demarcated plots of uncultivated land and some private farms on small clearings. Only right by the left bank of the Tibagi, close to the old military colony of Jataí, did Alexandre find the first signs of agriculture and a few scattered settlements.

“Everyone knew...the old dirt road from Conceição do Monte Alegre (SP) to Jataí and the trails leading from various points of the banks of the Paranapanema River to the different stops on the Sorocabana Railroad. There was also a paved road, newly built by the Marcondes Company, from Presidente Prudente to the Paranapanema River, which extended into Paraná State, along the watershed between the Ribeirão do Diabo and the Pirapó River.”

Cianorte established its first two local bases in 1926; a regional administration office (Escritório de Administração Regional) in Presidente Prudente; and in Paraná, the Hotel Pirapó, 25 km from Paranapanema. The hotel also served as

the head office for the technical team, and it is where engineer Willian Reid was based, who worked relentlessly to “bring the Regente Feijó –Paranapanema railway line project to fruition.”

According to Alexandre Beltrão, the beginning of the construction of this line (which was admittedly set in stone), was the talk of the town in Presidente Prudente. At the same time, experts employed by Cianorte explored the region along the Tibagi River to assess the “composition of its red soil,” and apparently suggested that the company should invest in concession areas around there instead.

“As a consequence of this change of direction,” pointed out Alexandre, “the company dropped the Regente Feijó – Pirapó railway line project and closed the regional office Escritorio Regional de Presidente Prudente. Meanwhile in Curitiba, the negotiations were ongoing as regards to transferring the Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná to the English. (The 29km railway between Ourinhos and Cambará, which was previously the Estrada de Ferro Noroeste do Paraná).

Companhia Marcondes was not like those “bendegosistas” (opportunists), under investigation by the State Legislative Assembly, who had promised to build railways only to acquire land from the state. Nevertheless, they didn’t have enough capital for a large-scale colonization, pointed out José Joffily (in his book Londres, Londrina – 1985). As João Sampaio vouched for Marcondes, Lovat’s group agreed to lend them 2 billion réis in 1925. “Thomas and I felt confident about the company so we approved the loan. However, once we realized that the amount that they requested was not sufficient for the size of the project, we agreed that we would be buying the lands instead. The plan was to begin the colonization project along the planned Sorocaba railway line, starting in Regente Feijó and reaching the bank of Paranapanema where it meets the Pirapó River.”

Yet, based on the submitted project, this railway line wouldn’t actually leave from Sorocabana and the concession wouldn’t really belong to Marcondes. According to Humberto Yamaki, engineer João Carlos Fairbanks’ railway project was approved by the municipal chamber of Conceição do Monte Alegre on 7 June 1922. By 1925, the plan changed and the line would start in Presidente Prudente. The mayor of Presidente Prudente Colonel Francisco de Paula Goulart, under the terms of Law No 9 of 19 October 1925, “recognizes on behalf of the municipal chamber” that the contract is subject to the following clauses: “the railway line would start in this city, Presidente Prudente, instead of Regente Feijó; the concessionaire is not permitted to transfer the rights of this concession without prior consent from the city council; the construction must begin within 6 months.” Art 3: “Any previous stipulations to the contrary are deemed invalid.”

Although presumably Cianorte purchased an existing concession, according to the company’s official story, they needed to “obtain the concession from the government of São Paulo for an extension of the Sorocabana Railway line, from Regente Feijo to Paranapanema,” and were considering two options: one of 110km and the other 82km. In either case, “the section through São Paulo would be built by Companhia de Terras or a company they would subcontract.” At the next meeting, on 20 November 1926, Arthur Thomas recommended CFSPPR (The São Paulo-Paraná Railway Company) and suggested that they build an extension to their existing line instead, from Cambará to Jataí. Yamaki recently (2017) verified that another option was also considered beside the CFSPPR: the “modified” Line 2 of the EFCP (The Central Paraná Railway), which only existed on paper at the time and would, in principle, consist of a main line and 4 extension lines (see chapter 1). According to the deed of sale signed on 16 October 1925, Cia. Marcondes transferred, with the consent of the

government, 350,000 alqueires of land as well as the EFCP to Cianorte.

For some reason, “some terms were omitted and others modified,” resulting in “alterations to the original route” in order to allow access to the areas Cianorte had been purchasing, as indicated by the relevant government notice. The modified Line 2 would start at “the most convenient stop on the main line” and continue “between the Pirapó and the Tibagi River to the most convenient stop on the Paranapanema River.”

According to Yamaki, “it was strategically convenient for the State Government as well,” as it was planning a new settlement, São Salvador, between the River Vermelho and the Paranapanema, on an area of 2,000 hectares, where the new route would have a stop on the way to Heimtal and Londrina. For a period of time, both the “modified” EFCP and the CFSPP, “were included in the company’s and the government’s plans.” The projected maps for Patrimônio Heimtal (1929), Colônia Heimtal (1930) and Londrina (1932) “attest to the persistence for Line 2,” and this explains why “the colonization began along the planned train path,” concluded Yamaki. “Heimtal and Londrina are both located on this route.”

Companhia de Terras made the first purchases in October 1925: “two lands”. One of them was 350,000 alqueires from Cia. Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, and it came with a railway concession. Apart from the state concession, the company also owned the private titles. The other land was 100,000 alqueires and was “transferred” from Dr Custódio José Coelho. The company history states that “between 1926 and 1928, they bought concessionary rights from Cia. Tibagi Ltda. of 15,017 alqueires, from Antônio Alves de Almeida of 30,000 alqueires and definitive titles of 20,000 alqueires, from the engineer Fancisco Beltrão.

By 1928, the company had bought 515,017 alqueires in total (1,246 million hectares), paying in some cases the state, in

others the concessionaires and sometimes the tenant farmers to ensure that their ownership of the land could never be disputed thereafter. According to Herman Moraes Barros, Cianorte paid “two or even three times over the price for the plots.”

Of the 1 million and 246 hectares in total, 972,000 were state compensation or subsidy for the construction of the São Paulo-Paraná Railway with “the right to receive, per km of constructed line in operation, from the starting point in the middle of the metal bridge over the Paranapanema River, the value of 28,8 million réis corresponding to 3,600 hectares of land calculated on the basis of 8,000 réis per hectare.” This way, Cianorte did not have to pay the state for the titles.

The colonization process slowed down in the first few years due to several unexpected events. The Wall Street crash of 1929 caused recession across the globe, and in Brazil, the revolution of 1930 and 1932 made it difficult for the buyers to occupy the lands they had purchased and also for potential customers to access the area.

Upon reaching Jataí in 1932, the construction of the railroad was suspended and Lord Lovat began to proactively recruit potential settlers from Europe, reaching out to groups who needed to emigrate for economic, political or ethnic reasons. He worked together with the League of Nations on several occasions. Yet, the Brazilian government would not grant 20,000 Assyrians, who needed to be moved from Iraq, entry into the country.

Although not at the desired rate, but the colonization progressed with the arrival of mainly foreigners. The Polish Stefan Kuzienko bought the plot directly from the CTNP’s Warsaw branch and the German Miguel Köelsch, who had been living in Guaranésia (MG) from 1924, decided to move to Londrina in 1933. (2 decades later, when he died, his heirs transformed the 10-alqueires farm into an urban district that is

“Vale do Reno” today.)

At first, Cianorte was selling 1 alqueire for 450,000 réis, taking 30% of the total amount as down payment and the rest in 4 yearly instalments of 10% the first year and 20% the second, third and fourth year, with an annual interest of 8%. The advertisements focussed on the soil’s fertility: “the coffee in north Paraná has been producing 300 arrobas (4,410 kg) per 1,000 coffee trees, which was unheard of in other parts of Brazil, where the average had been 150 arrobas. Saúvas (atta ants) that are the most dreadful pests in any coffee plantation, cannot be found in Paraná and on the lands of this company.” An ad posted in the Paraná-Norte (19 April 1936 edition), titled “great deal,” was showing how much progress was achievable within only 10 years. “Farm for sale with 29 alqueires of first-class soil 8km from Londrina with 2,000 one-year-old coffee trees, 2 alqueires of fenced pasture, 7 alqueires of planted corn, 40 litros (1 alqueire) of rice plants, half an alqueire of sugarcane, one quarter already planted, the other being planted, an iron mill, 120 pigs of various ages, 1 horse drawn carriage and 2 donkeys, 3 alqueires of closed space for pigs, all made of guaiçara wood and 5 ranches covered with wooden roof tiles. The description above refers to 2 connected lots in Cambé; nº117 with 22 alqueires, including the S. Lourenço Stream and the Crystal Stream, plus the 7 alqueires of no 126A.”

Coffee “was no longer produced solely by large monoculture farms,” pointed out Nadir Aparecida Cancian. “Instead, on small and medium size estates, where the farmer and his family were part of the workforce. The lower number of paid workers meant lower cost of production which allowed for a reasonable profit margin for this new, emerging class of farmers. In case of medium-sized farms, where the family couldn’t have handled all the work themselves, they either left parts of the land untouched or with a small number of settlers or partners, and waited for better times to come. Coffee wasn’t

the only produce: pastures, cotton and temporary crops made the agricultural landscape of Paraná diverse.”

There were the occasional sale deals of lands over 100 and even 200 alqueires, but these were generally the exception. According to Maria Helena Jarreta’s survey, of the 25,104 estates making up 400,000 alqueires (1930–1979), only 2.61% were over 50 alqueires. Due to the recession in the early 1930s, Cianorte introduced offers on larger plots: “Purchases of areas larger than 500 alqueires would be negotiated under special conditions according to the size of the deal. The company accepts offers from colonizing companies and associations.”

In 1941 the DNC (National Department for Coffee) found that most coffee farmers were foreigners. 885 foreign farmers owned 11,818 hectares, and 764 Brazilian farmers owned 9,177 hectares. There were 117 Japanese farmers, 236 Italian, 86 Spanish, 67 German, 59 Portuguese, 2 English, 79 from other European countries, 1 Latin-American and a further 38 from other not specified countries.

Lands were subdivided further into smaller plots and in July 1944 the average size of these plots was 12.1 acquires, reported Cianorte’s (or CTNP) technical director, the engineer Aristides de Souza Melo at a conference at the Rotary Club. He highlighted that although 33 nationalities were represented among the owners, the majority were now Brazilians with 52.8%. With the fundamental influence of the railways, “those large farms with unexplored wealth had been transformed into a promised land of great potential” within a little over a decade.

The company, Ferroviária, with its new management together with great effort from Brazilian workers, completed a 30km extension, which took the railway line to km 270 and connected Cambará with Apucarana, reported Melo. “Around 100,000 cruzeiros were spent on this valuable venture, and

the state recognized the scope of the work and the effort and did not remain indifferent. It subsidized the work with 28,800 cruzeiros per km. And just like that, the colonization began!”

1944 was the end of an era for the English, when they decided to sell Cianorte and the São Paulo–Paraná Railway to the Brazilians. England was repatriating capital in order to support itself in the Second World War. Up to 1943, the company had only sold 23,43% of the lands, 110,473 alqueires in total, which corresponded to 10,061 properties, according to Ana Maria Jarreta’s 1982 study. The new Brazilian owners would be responsible for the company’s most valued phase, the post-war period.

In private, Arthur Thomas would tell his family: “the money from the sale of Companhia de Terras was enough to keep the war going for another 7 seconds,” remembered his son Hugh Muir Thomas. The North-American mega-investor and a big fan of Lovat, Percival Farquhar, used to say that the amount received from the sale “was only enough to fund one day of the enormous war efforts made by England.” According to Farquhar, “Brazilian tax evaders” acquired Companhia de Terras “for a fraction of what it was worth.”

THE “EXCEPTIONALLY FERTILE” RED SOIL.

The largest basalt (solidified volcanic lava) flow in the world, over an area of 900,000km², just happened to be in the Paraná river basin. The red soil was the result of the decomposition of the basaltic rocks which, in some areas, were exceptionally rich in terms of their mineral composition, texture and depth. Among the red soils, clay is superior for its stability, while sandstone is very susceptible to erosion, which results in nutrient loss. According to Kepler Palhano, “the English” ordered the collection of soil samples from the valley of the Tibagi River and the Ivaí River. In some sections they took samples from each km. The samples were sent to London,

where the lab tests confirmed that they were as rich as the “best compost.” Nelson Maculan, who arrived in Londrina in 1938, and was on familiar terms with the directors of Cianorte, also gave an account of the events. “Exceptionally Fertile,” said Oswald Nixdorf (as per his biography) to a group of German specialists who arrived in Rolândia (a new settlement in development) in 1933. Nixdorf was an agronomist specialised in tropical agriculture and admittedly had never seen any forest land with similar characteristics in other countries. “You would just push some dry leaves to the side and voila! There it was! That red soil!” It was something that surprised professor Vageler as well during his visit. “Our red soil is among the few in the world in which aerobic bacteria live up to 75cm deep.” The difference: generally, in other soils, living conditions are restricted to the top 10 to 15cm layer. “These bacteria turn dead organic mass into humus, which is extremely important for the mobilization of the nutrients that are present in the soil,” he explained. “Therefore, in the red soil, the humus is not only located in the upper and superficial layer...it is spread to a depth of 75cm. It is particularly important, as it explains the exceptional fertility and the reason forest burning proves harmless, as only a very small layer of humus is lost in the process.”

The successor of Companhia de Terras, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, seemingly counterintuitively, sold plots with the best red soil in Vale do Ivaí to other colonizers and bought 30,000 alqueires in the sandstone zone where it founded 8 cities in the 50s and 60s, including Umuarama and the city of Cianorte. In the 70s and 80s erosion first began in the countryside but later reached the urban areas. The government was required to take some action, including mitigating the silting of the Paraná River in preparation for the Itaipu (dam) project.

NOT THE ASSYRIANS.

The proposal of the League of Nations and the Paraná Plantations Company, to bring 20,000 Assyrians to an area 66km from Londrina, became unviable in 1933. Intellectuals and “ideologist” in Curitiba and Rio de Janeiro claimed that the Assyrians were not a white community, and bringing them from Iraq solely served the interest of the British economy: Iraqi oil in exchange for an area in Brazil, which would be handed over to the foreigners. “We all know that Companhia de Terras Norte do Paraná is partly owned by the Prince of Wales and Lord Lovat, who are known for these economic invasions of the weaker countries,” argued Benjamin Lins, a lawyer from Curitiba. “We all know that the company sold most of those lands to the English for three times the price.” And Lovat created “a foreign economic state” with his company, according to Lins. The League of Nations considered it a humanitarian issue, as they were Assyrian Christians, a minority in their own country (which became independent recently), where they could fall victim of the majority Muslim Iraqi government. They are “an Aryan race without any Semitic or Arabic characteristics. They are Catholics, farmers and pastors,” argued Arthur Thomas, defending the proposed immigration. By 1932, the situation of the Assyrians became critical and the League of Nations and the Nansen International Office for Refugees recognized that their leaving Iraq was indispensable. On 3 January 1934, Minister of Labour Oswaldo da costa Miranda instructed the ambassador in London to inform the League of Nations that Brazil was going to accept the Assyrians under the following conditions: Brazil won’t have financial responsibility; all refugees must be farmers; they would be shipped in groups of 500 families at a time and all must be settled before the arrival of the following group; the League and Paraná Plantations would take responsibility for moving the refugees back to Iraq, in the event that the settlement wasn’t a success. To support

the cause, the government of Iraq offered 32 pounds per person, but England rejected the offer. The League of Nations sent 3 employees to assess the site, which was “around 66km from Londrina.” They were taken there by Thomas and visited the neighbouring “Austrian, Czech, German, Italian, Japanese and Polish settlements and interviewed residents. In their opinion, the new group could be self-sufficient within eight months.” The report didn’t mention the name of the area or give any reference to the location, apart from that it was 66km from Londrina. Once everything seemed set, the hostility began: “What a risk, you can only live in peace with an Assyrian, once he is dead,” cautioned a newspaper from Rio de Janeiro, which was the capital at the time. “Unwanted immigrants,” read the newspaper headlines and full-page articles were spreading the rumour that the Assyrians were not farmers and were going to end up as street vendors. Members of the Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, the integralist Plínio Salgado and the revolutionist Juarez Távora were heavily against the immigration. Távora later became one of the ministers in Vargas’ government. The distinguished doctors Arthur Neiva and Miguel Couto took the arguments against the immigration to the National Constitutional Assembly as delegates of their respective states. “Allowing entry to any non-white group, such as the Assyrians, would disrupt Brazil’s social progress,” they claimed. The president of the republic, Getúlio Vargas revoked the authorization.” “By May (1934), the Assyrians had been transformed from peaceful, catholic farmers into a group of warriors who posed extreme social and economic risk to Brazil,” pointed out Jeffrey Lesser in the 90s. He was a professor of Brazilian Studies at the Emory University in Atlanta (USA). One of Lesser’s most recent works was Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil (2013). It was also issued in Brazil in 2015 under the title A invenção da brasilidade.

THE WAR: THOMAS AND THE GERMANS.

In August 1942, Brazil declared war against the Axis Powers: Germany, Italy and Japan. From then on, immigrants of these countries became subject to restrictions and they were even banned from speaking in their native languages. In Londrina, Hotel Luxemburgo was renamed to Hotel América, and Germânia changed its name to Grande Hotel. The police raided homes and seized radios, weapons, documents and photographs and arrested even some employees of Companhia de Terras. The agronomist and coordinator of the German settlement in Rolândia, Oswald Nixdorf gave an account of his time in prison between August and December 1942. There were 6 people in a 6m² cell. We were not let out from the cell in time to use the toilets and were having to suffer the unbearable consequences and live in our own filth. Nixdorf was a friend of the mayor (who was assigned by the state government), Miguel Blasi, but even his influence wasn’t sufficient to warrant a release. Nixdorf had been working with the government on the genetic improvement of animals, and Blasi managed to justify the necessity of seeing him in his office. It was terrifying! Nixdorf’s beard had grown all the way down to his chest. He was dirty and had a foul smell. He hadn’t been allowed a shower or to change his clothes, since the day of his arrest. After the meeting, the prisoners were given permission to receive clean clothes once a week that had to be washed by their families. However, they were still not allowed to take a shower. According to Nixdorf, Arthur Thomas the general manager of Cianorte was behind some of the arrests. He accused certain immigrants of promoting Nazism and German supremacy. A copy of Post, the US weekly with the largest circulation at the time, showed up in Londrina. In it, an interview with Thomas declaring himself the mastermind of the initiative. However, Nixdorf believed that his arrest had financial motives, as Thomas had been refusing to pay his

commission on a three-way business deal, whereby German families received lands in Rolândia in the previous decade. During the crises, Germany didn’t allow any capital outflow so a number of families transferred their savings to the government. The government invested the money in manufacturing and paid the colonizing company in raw material for the railway construction. The president of the English headquarters Arthur Asquith allocated the payments. Then, the rumours started that the German colonies in southern Brazil were part of an invasion plan, and as Julius Streicher, one of Hitler’s most influential advisers, was imprisoned in Londrina, he must have been gathering his “fifth column” among the immigrants.

Nixdorf recalled that even the newspapers published the story. However, it was a complete hoax engineered by Thomas. One of the imprisoned Germans, Hans Flatau bore a resemblance to Julius Streicher and he fell victim to the deception. They had photographs to prove that Flatau was indeed Streicher. Flatou, who was a Jew and came from Germany to Cambé, said that he was naturally incompatible with Nazism, but he had prints and photographs of Nazi congresses and personalities, including Streicher and Hitler together, which were seized by the police. Flatau said that he brought the material to “make some money,” to sell the documentation, because he knew that there were groups of National Socialists in Brazil.

Oswald Nixdorf died on 15 October 1981. His memoir titled “Um Pioneiro na Selva Brasileira, a história de aventuras da colônia alemã de Rolândia,” (A pioneer in the Brazilian Wilderness, the adventures of the German colony of Rolândia) was translated by Werner Paulo Oesterle and published in 2016 by Editora UEL. The original German version was kept by Klaus Nixdorf, one of the four children of Hildegard and Oswald. He was born on May 15, 1934 in Patrimônio Londrina, eight months before the municipality was founded. Klaus

(agronomist and entrepreneur) was the state undersecretary of agriculture for the region (1966-1970) and is currently dedicated to Associação Pró-Memória, which he founded with the aim to strengthen ties between the 13 remaining nationalities in Londrina.





Parabéns Londrina

Vamos seguir, juntos, fazendo a diferença ano após ano.

86 anos



Impulsionar o presente
e preparar para o

futuro

Preparar para o futuro através do melhor ensino de inglês é a missão do Cultural. **Há 65 anos em Londrina**, fizemos parte de inúmeras conquistas e do desenvolvimento da nossa cidade. Mas, este é apenas o começo: há muito mais por vir. **Seguimos juntos, impulsionando o presente de Londrina e preparando para o futuro.**



CULTURAL
Inglês e Espanhol

CULTURAL
65
anos

05 Londres, Londrina

Londrina em 1938. Avenida Paraná, à esquerda Casa Pernambucanas, um dos indicadores de progresso, à direita praça da Igreja Matriz, atual Floriano Peixoto. Autor Hans Kopp/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Desde 1926, quando Alexandre Beltrão iniciou o reconhecimento das áreas que seriam transferidas pela Cia. Marcondes à Cianorte, se passaram três anos até o Departamento de Terras e Colonização emitir os pareceres técnico e jurídico indispensáveis à aprovação pelo Estado. O governador, Affonso Alves de Camargo, oficializa o negócio em 24 de abril de 1929, sinal para o início da colonização. “Partimos (de Ourinhos-SP) na madrugada do dia 20 de agosto de 1929 e, à tardinha do mesmo dia, chegamos à cidade maleitosa de Jataí, onde dormimos no rancho de palmitos construído por Ian Fraser, escocês, funcionário da Companhia Maxwell”, relatou George Craig Smith, integrante da expedição precursora ao marco inicial da colonização.

No dia seguinte, ao amanhecer, transpõem o majestoso Tibagi. “Como não havia ponte nem balsa, todos os animais atravessaram a nado, um por um. Enquanto um de nós ia remando numa canoa feita de tronco de árvore, outro segurava o burro pelo cabresto e guiava-o até a outra margem”, prossegue a narrativa de George. “Várias travessias perigosas.” Na margem esquerda, guiam-se “por um picadão escuro, barrento e cheio de tocos e buracos, jornada de “muitas peripécias, tais como a fuga dos burros assustados, que derrubavam as cargas e procuravam ganhar as picadas laterais”. E chegam à tarde ao “local denominado Patrimônio Três Bocas”, domínio da Companhia de Terras Norte do Paraná. “O engenheiro Alexandre Razgulaeff, orgulhosamente, fincou o primeiro marco e disse: chegamos.”

Imediatamente, “camaradas” de Alberto Loureiro, empunhando foices e machados, abriram pequena clareira e construíram os dois primeiros

ranchos. “Isso foi na tarde de 21 de agosto de 1929.” A data está oficializada pelo Museu Histórico, mas Erwin Fröhlich anotou a chegada em 22. “Como íamos contando, no dia 21 de agosto pousamos no quilômetro 16, na picada Jataí-Sertão, onde havia uma pequena derrubada. No dia 22 erguemo-nos bem cedo e pusemo-nos a caminho”. Jornada concluída antes do meio-dia, apesar dos “burros, tão velhacos, que derrubavam a carga de tempos em tempos” e da variedade de insetos atraídos pelo suor humano. “Finalmente, às dez horas da manhã, atingimos uma nascente de água, Flor D’Água como era conhecida dos caboclos (hoje Córrego das Pedras), onde começava a vasta área de terra a ser colonizada.”

Alberto Loureiro, Alexandre Razgulaeff, Erwin Fröhlich, Geraldo Pereira Maia, George Craig Smith, Joaquim Benedito Barbosa, Kurt Jakowatz, Spartaco Bambi (também agrimensor) e outros não-nominados na história fundaram o Patrimônio Três Bocas.

O hotel e o almoxarifado da Cianorte (indicada também pela sigla CTNP) são as primeiras construções no marco inicial. Ainda em 1929 o alemão Guilherme (Wilhelm) Kernkamp ocupa os primeiros cinco alqueires da colonização, o lote 58-A da Gleba Jacutinga, na futura Colônia Heimtal. Viera para o Brasil em 1924 e não se adaptando em Santa Catarina, já estava em Santo Amaro (SP) ao ver no jornal *Deutsch Zeitung* o anúncio da CTNP. Preço: 450 mil réis por alqueire, total de 2 contos e 250 mil réis, contrato assinado em 24 de junho de 1930. Kernkamp traz a esposa, Anne, e os filhos, Herta (14 anos) e Erwin (10 anos); quem os recebe é o

também alemão Carlos Strass, o abridor de picadas da colonizadora, que providenciou a construção do rancho no lote. Kernkamp introduz o primeiro gado leiteiro na região e se torna corretor da CTNP.

Expandem-se a clareira para 10 alqueires e a 1,5 quilômetro a oeste, Razgulaeff inicia a demarcação do perímetro urbano, no qual o alemão Alberto Koch e esposa, Josefina, serão os primeiros moradores, em outubro de 1930. Numa das esquinas da Rua Heimtal e Avenida Paraná, Koch ergueu “o primeiro rancho no mato virgem” da futura cidade (expressão dele em correspondência tempos depois). Pela fotografia, uma construção de troncos de palmito, com portas e janelas, coberta de tabuinhas, moradia e o primeiro comércio no lugar. Rodolfo Koch, irmão de Alberto, é o motorista da “jardineira” da CTNP.

Numa de suas idas a São Paulo em 1931, Alberto Koch sugere ao compatriota Friedrich Schultheiss: “Vá para o mato, que é melhor do que passar fome na cidade!” O economista Schultheiss, 33 anos, gerente da Siemens, está garantido no emprego. Deprimia-o, porém, ser obrigado a dispensar funcionários em meio à crise, sabendo que não teriam outro emprego. E consultou a esposa, Helena, 22 anos. “Eu quero arriscar”, respondeu ela. Para terem uma margem de segurança, adiantar-se-ia com a filha, Freya, de dois anos, e o marido não deixaria o emprego imediatamente. Os Schultheiss compram quatro datas na Avenida Paraná, até a esquina vizinha a Koch; Helena e Freya chegam em 27 de setembro de 1931. Em abril de 1932, Friedrich deixa a Siemens e a família consolida o segundo estabelecimento comercial no patrimônio, incluindo a primeira padaria, aos cuidados do primo Otto Gärtner.



Casa Central, de David Dequêch, aberto em 1932 na Av. Paraná esquina com a Rua Heimtal. Autor: Theodor Preising/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



A primeira construção de madeira serrada no Patrimônio Três Bocas: comércio e residência de Alberto Koch, 1931. Av. Paraná com Rua Heimtal. Autor: Theodor Preising II/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Construída em 1931, a casa de madeira serrada do libanês David Dequêch é ocupada só em 1932, quando ele inaugura a “Casa Central”, em outra esquina da Avenida Paraná e Rua Heimtal (hoje Duque de Caxias). “Eu não vim para Londrina; Londrina é que veio depois que eu estava aqui. Quando cheguei era o Patrimônio Três Bocas”, resumiria mais tarde.

A estação ferroviária de Jataí, inaugurada em 5 de maio de 1932, permite a instalação de uma linha telefônica no hotel da Cianorte; em junho, o patrimônio já tem mais de 150 casas e recebeu o nome definitivo: Londrina.

“O caminho mais prático e mais conveniente é pela Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, indo por ela de Ourinhos (estação de ligação com a E. F. Sorocabana) até a Vila de Jatahy, de onde continuará a viagem em jardineira até Londrina, num percurso de 24 quilômetros por ótima estrada de rodagem”, anuncia a colonizadora. “A Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, com o fito tão-somente de cooperar para o mais rápido progresso da Zona, construiu uma balsa metálica com a capacidade de 10 toneladas para serviço no Rio Tibagi. E manterá, enquanto não atingir Londrina com suas linhas férreas, um serviço rodoviário regular de Jatahy a Londrina, para transporte diário de passageiros e mercadorias. Além disso, suas redes telefônicas e telegráficas já estão ligadas até Londrina.” Os interessados poderão obter, no escritório em São Paulo, passagens de ida e volta pela ferrovia gratuitamente.

Havia tendência para identificar novas cidades com a cafeicultura, então o “cerne” da

economia nacional; apesar dos preços aviltados no exterior pela superprodução, sem o café seria impossível o desbravamento de uma nova fronteira. Mas o decreto federal 19.688, de 11 de fevereiro de 1931, proíbe o plantio nos próximos cinco anos e impõe o confisco de 20% das safras, a compra e a queima de estoques pelo governo.

Para evitar a subordinação do Paraná, reúnem-se Lovat, Arthur Thomas, João Sampaio e o interventor federal no Estado, general Mário Tourinho. A seguir, Tourinho e o advogado João de Oliveira Franco, representante da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, cooptam os interventores no Rio de Janeiro e Espírito Santo para a causa. E recorrem ao jurista Alfredo Bernardes da Silva, cujo parecer convence o ministro da Fazenda, José Maria Whitaker, a determinar a inserção, no Convênio Cafeeiro firmado em 24 de abril de 1931, da cláusula excluindo da proibição os Estados que ainda não têm 50 milhões de cafeeiros, enquadrando-se o PR, RJ e ES.

“Pelo Decreto Federal n.º 20.003 foi permitido o livre plantio de café no Norte do Paraná”, passa a constar na propaganda da Cianorte.

Falta certificar quando, se naquele ano do convênio talvez, mudou-se o nome do patrimônio para Cafezal – segundo relato de Erwin Frölich. Mas pela dimensão e a origem dos investidores, passou a correr o comentário de que era o “Patrimônio dos Ingleses”. Por sua vez, Hikoma Udihara difundia a “Colônia Internacional”, exibindo um mapa com as informações no idioma japonês.

Em maio de 1932, o general Arthur Asquith, diretor da matriz, conhece a futura cidade,

acompanhado de Thomas e Sampaio. De volta a Ourinhos, há o consenso quanto a um nome. “Fui o último a falar”, recordaria João Sampaio. “Propus e foi aceito, com aplausos de todos os presentes ao nosso jantar, que a cidade recebesse o nome de *Londrina, como as filhas de Londres*, em reconhecimento e homenagem ao valoroso grupo dos ingleses que, através da *Paraná Plantations Company*, financiavam, corajosamente, as realizações da Companhia de Terras.”

.....

RECORTES

LOVAT, CIDADÃO DE LONDRINA

Credita-se a Pierre Frezelier, enviado do rei da França à Grã-Bretanha em 1300, a origem dos Fraser do ramo Lovat, um dos clãs mais poderosos, por vezes ombreando-se à monarquia em riqueza. As origens do sobrenome Fraser, porém, não podem ser determinadas com certeza. Primitivamente teria



Empório Alemão em 1936, de Friedrich Schultheiss. E sua evolução, da casa de madeira (à esquerda) para a alvenaria. Av. Paraná esquina com a Rua Cambé. Autor: Carlos Kraemer/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

sido “De Fresel”, “De Friselle” e “De Fresilière”, francês de Anjou (a província), onde ainda existem esses nomes, que correspondem à versão escocesa da grafia. E Frasers admitiram sua crença na origem angevina. Menciona-se, também, que o primeiro registro na Escócia ocorreu em meados do século 12. Consta no *Dicionário de la Noblesse* (século 18) que Simon Frezel nasceu na família dos Cavaleiros de Anjou, após o ano 1030 estabeleceu-se na Escócia e seus descendentes passaram a ser os Frasers. Católicos, os Fraser de Lovat sobreviveram a guerras, rebeliões, intrigas e transformações políticas ao longo de 600 anos, sempre mais ricos e poderosos. Não faltaram casamentos por interesse e episódios sangrentos. Apoiando o pretendente católico ao trono, Charles Stuart, o exército de Lovat é dizimado pelas tropas do rei (protestante) na batalha de Culloden, em 16 de abril de 1746. O então chefe do clã, 11.º lorde Lovat, foi preso, julgado traidor da Inglaterra e decapitado. Nos dois séculos seguintes, fiéis aos soberanos, os Fraser refazem o poderio. Sem participar, porém, das “limpezas étnicas”, a expulsão de milhares de escoceses, obrigados a imigrar, causa dos latifúndios improdutivos relegados ao lazer da aristocracia inglesa. Pela tradição Lovat, o primogênito sempre se chama Simon – o *MacShimei*, que significa “filho de Simon” em gaélico; todos os Fraser teriam no cavaleiro Simon Frezel um ancestral comum. O que está na história de Londrina, Simon Joseph Fraser, 16.º lorde Lovat, nasceu no condado de Inverness, em 25 de novembro de 1871. Estudou no Mosteiro dos Beneditinos, na *Oratory School* e na Universidade de Oxford; sua atividade militar, a partir do alistamento em 1894, passa pela Guerra dos Bôers,

conflito colonial na África do Sul (1899), e termina na Primeira Guerra Mundial, condecorado por bravura e num dos postos mais altos de oficial. Na primeira década de 1900, já integrava a Câmara dos Lords e fundara a *Sudan Plantations Syndicate*, para iniciar a produção de algodão de fibras longas no Sudão; a seguir chefiou a Comissão de Florestamento do Reino Unido e integrou missões no exterior. Aos 51 anos ele chega ao Brasil pela primeira vez, a bordo do *Araguaya*, da Mala Real Inglesa, que atraca no Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1923. Mas não presenciaria o desenvolvimento de Londrina. Morreu em 18 de fevereiro de 1933, aos 62 anos, de ataque cardíaco quando assistia a uma corrida de cavalos; ficaram a esposa, Laura Lister (filha de Charlotte e Thomas Lister, 4.º barão de Ribblesdale), e cinco filhos. Lovat, o patrimônio fundado pela Cianorte em 1937, tem o nome substituído por Mandaguari, em 1942. Com o alinhamento do Brasil na Segunda Guerra, o governo determinou a retirada de nomes alemães e incluíram Lovat por engano. Atualmente, Lovat e um distrito no município de Umuarama. Cidadão honorário de Londrina desde 1967, *Lord Lovat* é também nome de rua no Jardim Londrilar e de um edifício no centro da cidade. Na chefia do clã foi sucedido por Simon Christopher, seu primogênito, “dotado das melhores qualidade de um chefe Lovat”, eficiente na condução dos negócios e na administração do patrimônio familiar, confidente de Winston Churchill e herói na Segunda Guerra Mundial, em que comandou a *Brigada Lovat*, formada por empregados nas empresas e agregados às propriedades. Na superprodução de Hollywood “O Mais Longo dos Dias” (*The Longest Day* / 1962),

Simon Christopher é interpretado por Peter Lawford, identificando-se a brigada pelo traje escocês e os executantes de gaitas de fole. Em 1960, a família tinha a maior unidade agropecuária produtiva da Grã-Bretanha: 14 mil hectares. E 90 mil hectares na Escócia, entre Inverness e as ilhas ocidentais, o que seria a maior propriedade privada da Europa. Após Simon Christopher, a sucessão familiar não manteve a eficiência e vendeu grande parte do patrimônio, incluindo o magnífico castelo Beaufort, a fim de pagar dívidas. Então, colocou-se à frente do clã o 18.º Lord Lovat. (*Ver a bibliografia.*)

ARTHUR THOMAS, DINÂMICO E SENSATO

“Jornalista, administrador, financista, esportista, filantropo e brilhante economista” era o escocês Arthur Hugh Miller Thomas pela definição de seu contemporâneo Humberto Puiggari Coutinho, o primeiro jornalista em Londrina, onde passaram a conviver em 1934. “A principal qualidade de meu pai era ser um líder extremamente dinâmico e sensato, que enfrentou todos os desafios da colonização”, ficou na memória de Hugh Muir Thomas, único filho de Elizabeth Muir (paulistana filha de escocês) e Arthur. “Sua equipe era composta de profissionais de muitas nacionalidades. Ele dizia: *Beaten paths are for beaten man (caminhos batidos são para homens batidos)*.” Hugh legou um depoimento, escrito em 2003. Arthur Thomas nasceu em Edimburgo, a 13 de dezembro de 1889, “a família mudou-se logo para Dundee, cidade pesqueira na costa leste da Escócia; seu pai faleceu cedo, deixando a viúva e cinco filhos”. Thomas, o primeiro a sair de casa à procura de trabalho na Inglaterra.

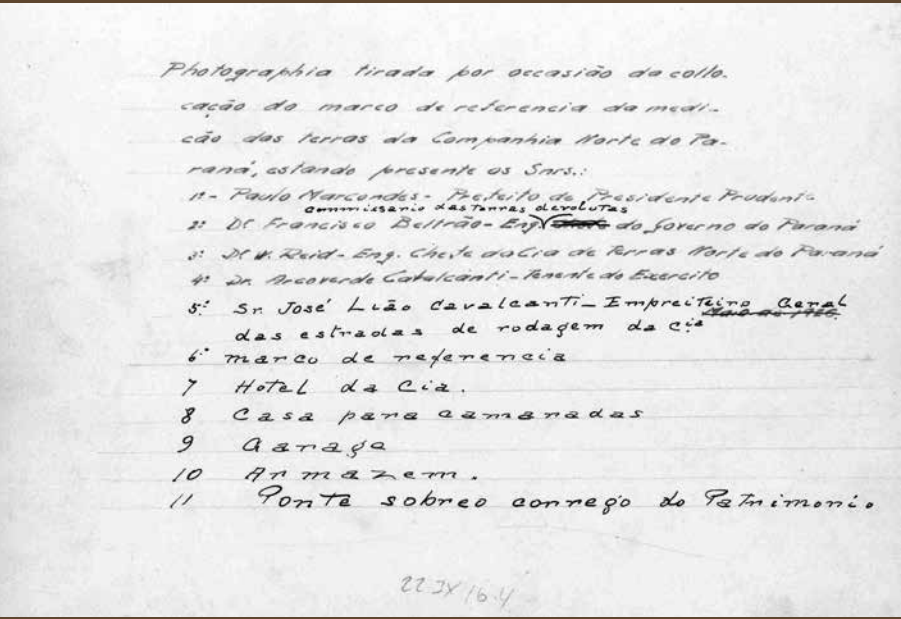
Repórter de jornal em Leeds (ao norte) e a seguir do *Straits Times* em Cingapura, “Estado da Federação Malaia” (Malásia), de onde saiu em 1914, indo alistar-se voluntariamente no Exército inglês, na 1ª Guerra Mundial. Transferido ao *The Seaforth Highlanders* (regimento escocês), entrou em combate na França, em 1915, no posto de sargento. Ferido duas vezes gravemente, recebeu duas vezes a Cruz Militar e foi promovido a capitão. Já em Londrina, “por ser um homem sábio”, Arthur Thomas “nunca pressionou devedores inadimplentes entre aqueles que compraram lotes da Companhia de Terras”, lembrou Hugh. “Muitas instituições, na época, receberam terrenos em doação da colonizadora, para que se instalassem. Era meu pai quem tomava essas decisões e por atitudes assim, deu possibilidade a que muitos não fossem embora.” Londrina, o único município em que o governo do Estado não era absoluto nas decisões, ante a presença ostensiva de Thomas. Um indicativo da divisão de poder eram as fotografias emolduradas de Thomas e de Manoel Ribas, o governador (interventor federal), afixadas lado a lado em repartições públicas. Ribas hospedava-se na confortável residência de Thomas, de alvenaria, onde se tomava o melhor uísque, “naturalmente escocês”. Oswald Nixdorf percebeu uma subserviência de Ribas a Thomas, cuja influência abria porta de banco na Inglaterra. “Thomas é homem de confiança no Paraná para a casa bancária britânica Lazard Brothers, do qual o Estado (...) recebeu volumoso empréstimo. Em razão desse posicionamento, Thomas tem muitos ponteiros a acertar com o Governador”, escreveu Nixdorf. Cidadão honorário de Londrina em 1956,

Thomas morreu em 10 de maio de 1960. “A memória de meu pai está sempre viva”, observou Hugh. “No parque florestal que leva o seu nome, há um busto dele com a inscrição: Arthur Thomas construiu Londrina, semeou cidades, deu-lhes a vida, legou-lhes o exemplo, vive na história desta terra.” Hugh morreu aos 79 anos, em 4 de setembro de 2015, sua filha Janet então secretária municipal de Educação. Os outros filhos: Alan e Susan. Oito netos e um bisneto.

WILLIE DAVIDS, O ADMIRÁVEL ORGANIZADOR “Willie Brabazon da Fonseca Davids, o construtor e o admirável organizador de Londrina, que era a sua preocupação constante, a sua paixão e o seu orgulho”, proclamou o graduado serventuário da Justiça Antônio de Paula Filho em artigo no *Paraná-Norte* (24.8.41).



Desembarque na Villa Jatahy em 1932. Próxima etapa: de jardineira até Londrina. Autor: Theodor Preising/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Primeiro marco no Patrimônio Três Bocas: se ainda existisse, o Hotel da Companhia estaria na Rua Santa Teresinha entre a Cambuí e a Damasco e a casa de Razgulaeff, ao lado do Hotel na esquina com a Damasco - Fotografia tirada por ocasião da colocação do marco de referência da medição das terras da Companhia. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Engenheiro formado na Inglaterra, antes de assumir a administração do Patrimônio Londrina, em maio de 1932, Willie havia acionado bondes elétricos e instalado redes de iluminação pública, trabalhando na Companhia City de Santos, na qual seu pai fora engenheiro-chefe. Além da Vila Inglesa em Capivari (SP) e outros créditos da profissão, Willie acumulava a experiência de haver sido, no período 1915-1925, prefeito de Jacareinho e deputado estadual, membro da Comissão de Obras Públicas e Colonização. Primeiro prefeito eleito de Londrina, em 12 de setembro de 1935, permanece no cargo por nomeação quando Getúlio Vargas impõe o Estado Novo (a ditadura), em 1937. Mas é afastado em novembro de 1938. Motivo: uma denúncia “naturalizando-o inglês”. Willie nasceu em Campinas (29. 11. 1883), filho do galês Richard Gore Brabazon Davids e Angelina da Fonseca, paulista de Itu. O pai era “o inglês há mais tempo no Brasil”, desde 1876, engenheiro responsável pela iluminação de estações ferroviárias e cidades paulistas. Credita-se a ele, numa biografia, a montagem do primeiro telefone no Brasil, em Campinas, ali anfitrião de D. Pedro II em visita à Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Reconduzido ao cargo em dezembro de 1938, no ano seguinte Willie vai a Londres e há o simbólico encontro com o prefeito, sir Frank Bowater. Em 30 de maio de 1940, deixa o cargo definitivamente, por causa de um inquérito sobre furto de dinheiro por um funcionário viciado em jogo de cartas. Willie é exonerado, embora não houvesse indícios contra si. Grande festa, em 21 de março de 1942, marca a despedida do casal Carlota-Willie, que vai morar em São Paulo. “A saúde do Dr. Willie exige a mudança

de domicílio.” Morreu em 10 de junho de 1944, aos 61 anos, na Fazenda União, em Jacarezinho. “Willie gostava de ter um copo de uísque sempre à mão. Sofria do coração e era a alma da cidade, mais do que mister Thomas”, contou o padre Carlos Probst (2002), que conviveu com ele a partir de 1933, precedendo a criação da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em 9 de março de 1934.

BRITÂNICOS

Quem assiste ao filme *Coração Valente*, de Mel Gibson, impressiona-se com a matança entre escoceses e ingleses, enredo misturando história real e lenda. Tempos depois daquele entrevero, Inglaterra e Escócia formaram a Grã-Bretanha ou Reino Unido, em 1707, juntamente com a Irlanda e o País de Gales. Na década de 1930, os escoceses na florescente Londrina não desabonam a Inglaterra, mas preferem que não os chamem de ingleses. E sim de britânicos. “British... British...” respondiam, ficou na memória de pioneiros. Talvez uma restrição hereditária. Ainda na década de 1920, lorde Lovat havia incentivado o conterrâneo Ian Fraser a vir para o Norte do Paraná. Ambos naturais de Inverness e com o mesmo sobrenome, não eram parentes, o clã Fraser tem ramos distintos. Ian chegou ao Brasil em 1926 e comprou sítio de café em Palmital, Estado de S. Paulo. Passados dois anos, vendeu o sítio e mudou-se para Jataí, empregando-se na Cia. Territorial Maxwell, de escoceses e proprietária de terras na margem direita do Tibagi. Supostamente, a Maxwell tinha participação do grupo de Lovat, pois em 1937 os impostos de seu patrimônio em Jataí (casas e terrenos) são pagos pela Cia. de Terras

Norte do Paraná e as duas empresas usam o mesmo endereço em São Paulo. Ian Fraser instalou em Jataí, para a Maxwell, “a conhecida olaria perto da balsa e morou sobre a barranca do rio Tibagi durante alguns anos”. A seguir participou da construção da Ferrovia São Paulo-Paraná, foi empreiteiro da Cianorte na abertura de estradas e, em 1932, começou a formar a sua fazenda próxima a Londrina, área que comprou de Francisco Beltrão. Denominou-a *Fazenda Invernairn*, associando Inverness, sua terra natal, e Nairn, cidade escocesa onde nasceu sua esposa, Janet. Morreu em abril de 1946, deixando a esposa e três filhas. Sepultado no Cemitério São Pedro, seus familiares não permaneceram em Londrina.



Temos orgulho de participar do desenvolvimento de Londrina!

FOCSI®
Você, melhor posicionado.

» TRABALHO TEMPORÁRIO
» RECRUTAMENTO & SELEÇÃO

ENTRE EM CONTATO:

(43) 3372 0400
Rua Belo Horizonte, 317
Centro - Londrina - PR | 8602060

(43) 3152 0440
Rua Condor, 802
Centro - Arapongas - PR | 86701-472

Aproxime o celular e acesse o site:
focsi.com.br

CHAPTER 5
LONDON, LONDRINA
.....

Alexandre Beltrão began to identify the lands that were to be transferred from Cia Marcondes to Cianorte in 1926. From then, it took the Departamento de Terras e Colonização (Department of Land and Colonisation) 3 years to issue the legal and technical documents required for the approval of the state. Governor Affonso Alves de Camargo formalized the deal on 24 April 1929 and in doing so marked the beginning of the colonization. “We left (Ourinhos, SP) on 20 August 1929 at dawn and the same afternoon arrived in the hostile city of Jataí, where we slept on a palm tree farm built by the Scottish Ian Fraser, who was an employee of Companhia Maxwell,” remembered George Craig Smith, a member of the pioneer expedition, which placed the very first boundary stone of the colonization in the region.

The next day, at daybreak, they crossed the majestic Tibagi River. “As there was no bridge nor any ferries, the animals would swim across the river one by one. Meanwhile, some of us would paddle across in a canoe, made from the trunk of a tree, while others would hold on to a donkey’s halter to get to the other side,” continued George’s account. There were “a good deal of risky crossings.”

On the left bank they had to navigate through a dark, muddy swamp full of stumps and holes. It was a journey full of adventure, like when the donkeys got spooked, escaped, knocked over the bags and cargo and tried to run off to the side trails.” In the afternoon, they arrived at the “destination, Patrimônio Três Bocas,” which belonged to Companhia de Terras Norte do Paraná. The engineer Alexandre Razgulaeff set the first boundary stone and said: we have arrived.”

At once, Alberto Loureiro’s “companions” grabbed the scythes and axes to clear a small area and built the first

2 farmhouses there and then, in the afternoon of 21 August 1929.”

Although that is the official date, according to the History Museum, Erwin Fröhlich noted the 22 August as the day of the arrival. “As we were saying, on 21 August, we stopped at km 16 on the Jataí–Sertão trail, where we had a bit of a rest. On the 22 August, we got up early and continued on our way.” We arrived before midday, despite the “donkeys being so agitated that they kept knocking over the luggage,” and the number of insects attracted by the human sweat. Finally, at 10am we reached a spring, which the caboclo (Mestizo) called Flor D’Água (Córrego das Pedras today), and where the vast area of land, that was to be colonized, began.”

Alberto Loureiro, Alexandre Razgulaeff, Erwin Fröhlich, Geraldo Pereira Maia, George Craig Smith, Joaquim Benedito Barbosa, Kurt Jakowatz, Spartaco Bambi (also a surveyor), and others who are not mentioned in the history books, founded Patrimônio Três Bocas.

Cianorte’s (CTNP) hotel and warehouse were the first to be built, right by the boundary marker. Still in 1929, the first to settle was the German Guilherme (Wilhelm) Kernkamp on the 5–alqueire plot of 58A Gleba Jacutinga, the future Colônia Heimtal.

He came to Brazil in 1924, to Santa Catarina, but it didn’t suit him so he was already in Santo Amaro (SP) when he saw CNTP’s advertisement in the Deutsch Zeitung newspaper. Price: 450,000 réis per alqueire, in total 2,250,000 réis. He signed the contract on 24 June 1930. Kernkamp brought his wife Anna and their children Herta (14) and Erwin (10). Who welcomed them, was the also German Carlos Strass, whose job was to cut trails in the forest. He was also the one who built the ranch on the plot of land. Kernkamp brought the first dairy cattle to the region and worked for CTNP as a property agent.

The clearing was soon 10 alqueires, and 1,5km to the west Razgulaeff began demarcating the parameters of the urban areas, where Alberto Lock and his wife Josefina would be the first residents from October 1930. On one of the corners of Heimtal Street and Paraná Avenue, Koch built the “first farm,” of the future city, “in the middle of the jungle” (an expression he used in a future correspondence). Based on the photograph, the building had doors and windows, and it was made of palm stems and was covered with wood planks. It served as a house and as a store at the same time. Alberto’s brother Rodolfo Koch worked as the driver of the company (CTNP) bus, the “jardineira.”

During one of his trips to São Paulo in 1931, Alberto Koch was nudging his fellow countryman Friedrich Schultheiss: “Why don’t you move to the jungle, it’s better than living in the city in misery!” Schultheiss was a 33-year-old economist and had a stable job, as a manager, at Siemens. Yet, the situation during the crisis upset him. He was having to lay off employees, knowing well that they wouldn’t be able to find another job. So, he asked his wife, the 22-year-old Helena, what she thought about the idea. “I would like to try,” she responded. Just to be on the safe side, Friedrich kept his job, and first only Helena moved with the 2-year-old Freya. The family bought 4 plots on Paraná Avenue and become Koch’s neighbours. Helena and Freya arrived on 27 September 1931. Friedrich left Siemens in April 1932, and the family established the second business unit of the Patrimônio, which included the first bakery, managed by their cousin Otto Gärtner.

The Lebanese David Dequêch’s lumber house was built in 1931, but he only moved in during 1932, when he opened “Casa Central” on one of the other corners of Paraná Avenue and Heimtal Street (today Duque de Caxias). “I didn’t come to Londrina. Londrina came, when I was already here. When I arrived, it was Patrimônio Três Bocas,” he claimed later

on. With the new Railway station in Jataí, which opened on 5 May 1932, a telephone line could be installed in the hotel of Cianorte. By June, the “patrimônio” counted with 150 houses and it was given its name: Londrina.

“The most convenient and practical route is by the Estrada de Ferro São Paulo–Paraná from Ourinhos (connecting from the Estrada de Ferro Sorocabana) to Vila de Jatahy, then by bus (“jardineira”) to Londrina. 24 km on great quality road,” advertised the colonizer.

“The Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, with the sole purpose of ensuring the most rapid progress possible in the region, built a 10-ton capacity metal ferry for the Tibagi River. The company will be keeping a regular, daily bus service from Jatahy to Londrina for the transport of passengers and goods, until the railway service reaches Londrina. The telephone and telegraph lines have also been installed in Londrina.” Those interested, were offered free return tickets, which they could pick up at the São Paulo office.

The “kernel” of the national economy at the time was coffee. It was the driving force behind the emerging cities. Although the prices abroad had dropped due to overproduction, without the coffee, progress would be impossible. Nevertheless, Federal Decree No 19.688 of 11 February 1931 banned planting for the next 5 years and imposed to confiscate 20% of the crops, which the government would pay for and then burn.

Lovat, Arthur Thomas, João Sampaio and the appointed governor of the state, general Mário Tourino, decided to meet, to come up with a way to exempt Paraná from the new legislation. Next, Tourinho and attorney João de Oliveira Franco, representative of the Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, convinced the appointed governors of Rio de Janeiro and Espírito Santo to join them. Together, they

appealed to judge Alfredo Bernardes da Silva, who was able to convince the Minister of Finance, José Maria Whitaker, to add a clause to the Convênio Cafeeiro (Coffee Agreement), signed on 24 April 1931, whereby states with less than 50 million coffee plants were exempt from the ban. These states happened to be Paraná, Rio de Janeiro and Espírito Santo. “According to Federal Decree No 20.003, coffee plantation is permitted in the north of Paraná,” read the Cianorte advertisement.

It isn’t clear when exactly, perhaps during the year of the agreement, the name of the “patrimônio” changed to Cafezal, according to Erwin Frölich’s report. However, referring to the size and the nationality of the investors, people started calling it the “Patrimônio dos Ingleses” (Patrimony of the English). Hikoma Udihara called it “Colônia Internacional” (International Colony), on a map he was distributing, which had information on it in Japanese.

In May 1932, general Arthur Asquith, the director of the company’s head office visited the future city, accompanied by Thomas and Sampaio. Once they returned to Ourinhos, they reached consensus regarding the name. “I was the last one to speak,” remembered João Sampaio. “I made a suggestion, and it was accepted with a big round of applause by everyone who was present at our dinner. I suggested that the city should be named Londrina, “the daughters of London,” referring to and in honour of the group of brave English men, who through the Paraná Plantations Company, financed the projects of Companhia de Terras with such determination.

LOVAT, CITIZEN OF LONDRINA

The exact origins of the surname “Fraser” cannot be determined with any great certainty. It is thought to have originated in Anjou province in France, where the names “De Fresel”, “De Friselle” e “De Fresilière” still exist today and

correspond to the Scottish version in their spelling. Belief in the name’s Angevin origin has also been firmly held by the Frasers themselves. The first definite record of the name in Scotland occurred in the mid-12th century. An 18th century document La Dictionnaire de la Noblesse states that a Simon Frezel was born to the knightly Frezel family from Anjou and, sometime after the year 1030, established himself in Scotland. It also states that Simon Frezel’s descendants multiplied and eventually became known as Frasers. This would also explain the prevalence of the name Simon throughout clan history, as all Frasers (by descent) would have the knight Simon Frezel as a distant but common ancestor. The catholic clan Fraser of Lovat survived wars, rebellion, collusion, political shift and turmoil over 600 years, only to become ever more powerful and rich. There was no shortage of marriages of convenience and bloody encounters. The clan supported the Stuart claim on the crown of the United Kingdom, and Lovat’s army was among the Highlanders defeated at the Battle of Culloden by the King’s protestant troops, on 16 April 1746. The clan chief, 11th Lord Lovat was arrested, convicted of treason against the Crown and then he was beheaded. Along the next couple of centuries, the Frasers remained faithful to their sovereigns and regained their power. They did not however, take part in the “Highland Clearances,” where thousands of Gael tenants were evicted and were forced to emigrate at the leisure of the aristocracy who needed the land for sheep grazing, which was much more profitable. According to Lovat tradition, the first born is always called Simon, from MacShime, which means “son of Simon” in Gaelic. The one mentioned in Londrina’s history is Simon Joseph Fraser, 16th Lord Lovat, who was born in Inverness, on 25 November 1871.

He studied at a Benedictine Monastery, in the Oratory School and at Oxford University. His military career began by enlisting in 1894. He served in the Boer War, in a

colonial conflict in South Africa in 1899 as well as in the First World War. He was awarded for his bravery and achieved one of the highest ranks within the army. In the first decades of the 1900s, he was already a member of the House of Lords and founded the Sudan Plantations Syndicate in order to begin the production of long staple cotton in Sudan. He then became army director of forestry in the United Kingdom and set up missions abroad. He first came to Brazil at the age of 51 on board of the Araguaya, which was operated by the Royal Mail Steam Packet Company and docked in Rio de Janeiro on 30 December 1923. He didn’t witness Londrina’s progress, as he died of a heart attack, while watching a horse race aged 62, on 18 February 1933. He left behind 5 children and his wife Laura Lister (daughter of Charlotte and Thomas Lister 4th baron of Ribblesdale). Cianorte founded a “patrimônio” called Lovat in 1937. The name, however, was changed to Mandaguari in 1942. With Brazil’s alignment in World War II, the government ordered all German names to be replaced and included Lovat by mistake.

Lovat is currently a district in the city of Umuarama. Lord Lovat was awarded honorary citizenship in 1967, and there is a street in the Jardim Londrilar neighbourhood as well as a building in the city centre named Lord Lovat. His first-born, Simon Christopher Joseph Fraser, became the next chief of the clan. He was blessed with all the finest qualities of a Lovat chief. He was “efficient in conducting business and managing wealth, Winston Churchill’s confidant and a hero of World War II, commander of the 1st Special Service Brigade on D-Day.

In the 1962 Hollywood movie “The Longest Day,” Simon Christopher is played by Peter Lawford, and the brigade are portrayed wearing kilts and playing the bagpipe. In 1960, the family owned the largest productive farm in Great Britain: 14,000 hectares. In Scotland they had another 90,000

hectares between Inverness and the Outer Hebrides, which would make their farm the largest private property in Europe. After Simon Christopher, however, the family was not able to maintain productivity and sold much of the estate to repay their debts, including the magnificent Beaufort Castle. The current clan chief is 18th Lord Lovat (See references)

ARTHUR THOMAS, DYNAMIC AND SENSIBLE

“Journalist, administrator, financier, sportsman, philanthropist and brilliant economist” was how Humberto Puiggari Coutinho, the first journalist in Londrina described the Scottish Arthur Hugh Miller Thomas. They both moved to Londrina in 1934. “My father was an extremely dynamic and sensible leader, which allowed him to face all the challenges of the colonization,” remembered Hugh Muir Thomas, his only son with Elizabeth Muir (daughter of a Scott from São Paulo). “His teams were made up of various nationalities. He used to say: Beaten paths are for beaten man.”

Hugh provided a written testimony in 2003. Arthur Thomas was born in Edinburgh on 13 December 1889. The family soon moved to a fishing town on the east coast of Scotland, called Dundee, where his father died leaving his wife and 5 children behind.” Thomas was the first child to leave home and go to England in search of work. He worked as a magazine journalist in Leeds (North), then worked for The Straits Times in Singapore until 1914, when he joined the British Army in World War I. He was transferred to The Seaforth Highlanders (Scottish Regiment), he served combat in France in 1915 as sergeant. He got badly injured twice, received the Military Cross also twice and was promoted to captain. In Londrina, “very wisely,” he never pressured those debtors in arrears who bought their land from Companhia de Terras, remembered Hugh. “My father also decided that the company was to donate land to

various institutions in order to encourage them to settle, and it was this kind of attitude that kept a lot of them from leaving.” Londrina was the only municipality in which the governor of the state was not the sole decision maker as Thomas’s involvement was evident.

An indication of the shared power was the framed photographs of Thomas and the appointed governor Manoel Ribas hanging side by side in public offices. Ribas used to stay in Thomas’s comfortable masonry residence, where he would enjoy the best “naturally Scottish” whiskey.

Oswald Nixdorf noticed a certain obedient behaviour in Ribas when it came to Thomas, whose status opened doors, in particular, that of a certain English bank. “Thomas was trusted by the British banking house Lazard Brothers, which granted the state... substantial loans. And that is why the governor remained, forever in Thomas’ debt,” wrote Nixdorf.

Thomas was awarded honorary citizen of Londrina in 1956 and died 10 May 1960. “My father’s memory lives on forever,” said Hugh. “In the park, which was named after him, is his bust displayed, with the inscription: Arthur Thomas built Londrina, sowed cities, gave them life and showed them the way and he lives on in the history of this land.” Hugh died on 4 September 2015, aged 79. His daughter Janet was the Municipal Secretary of Education at the time. He had another two children, Alan and Suzan, eight grandchildren and one great grandchild.

WILLIE DAVIDS, THE MARVELLOUS ORGANIZER

“Willie Brabazon da Fonseca Davids was Londrina’s constructor and marvellous organizer. The city was his constant concern, his passion and his pride,” said public servant Antonio de Paula Filho in an article in, Paraná-Norte (24 August 1941). Willie was an engineer, graduated in England before taking over the administration of Patrimônio Londrina, in May 1932. He used to operate electric trams and install

streetlights, working for Companhia City de Santos, where his father was the chief engineer. In his profession, he is known for his work on Vila Inglesa in Capivari (SP), among others. He also had a political career as the mayor of Jacarezinho, from 1915 to 1925, state deputy and as member of the Comissão de Obras Públicas e Colonização.

He was the first elected mayor in Londrina (from 12 September 1935). Although he stayed in office when Getúlio Vargas imposed the New State regime (the dictatorship) on the country in 1937, he was removed from office in November 1938. The reason: a complaint about him being “an English citizen.” Willie was born in Campinas (29 November 1883), son of the Welsh Richard Gore Brabazon Davids and Angelina da Fonseca, from São Paulo. His father “had been in Brazil the longest among all the Englishmen residing in the country since 1876. He was an engineer responsible for providing public lighting at railway stations and across cities in São Paulo State. According to some sources, he was the one who installed the very first telephone in Brazil, in the home of D. Pedro II, while visiting Companhia Paulista de Estrada de Ferro.

He returned to office in December 1938 and the following year he went to London, where that symbolic meeting with the mayor Sir Frank Bowater took place. In May 1940, he left office for good, because of an inquiry related to an incident where an employee, addicted to card games, stole some money. Willie was cleared of the charges, and there was never any evidence against him. A big party on 21 March 1942 marked the farewell of the couple, Carlota and Willie, who were moving to São Paulo in consideration of Dr Willie’s health.” He died on 10 June 1944, at the age of 61, at Fazenda União in Jacarezinho. Willie liked having a glass of whiskey always at hand. He had heart problems and was the real soul of the city, even more so than Mr. Thomas,” said Father Carlos Probst (2002), who lived with him from 1933 until Paróquia do

Sagrado Coração de Jesus opened on 9 March 1934.

THE BRITISH

Anyone who watches Braveheart with Mel Gibson is struck by the slaughter between the Scots and the English as the plot blends legend and real history. A while after those desperate times, England and Scotland formed Great Britain, or the United Kingdom, in 1707, together with Ireland and Wales. In the 1930s, the Scots in flourishing Londrina did not dishonour England, but preferred not to be called English, but British.

As early as the 1920s, Lord Lovat encouraged his fellow countryman Ian Fraser to come to northern Paraná. They were both originally from Inverness and although shared the same surname, they were not related. The Fraser clan has distinct lineage. Ian came to Brazil in 1926 and bought a coffee farm in Palmital, São Paulo. Two years later, he sold the farm and moved to Jataí where he worked at the English Cia. Territorial Maxwell, which owned lands on the right bank of the Tibagi River. He was more than likely part of Lovat’s group, because in 1937, the taxes of his estate in Jataí (land and houses) were paid by Cia. de Terras Norte do Paraná, and both companies were registered under the same address in São Paulo.

Ian Fraser set up the “well-known pottery business for Maxwell near the Tibagi ferry and lived by the river for a number of years.” He then worked on the construction of the Ferrovia São Paulo-Paraná and was a contractor at Cianorte for the construction of the highways. In 1932, he began working on his own farm near Londrina, an area he bought from Francisco Beltrão. He named it Fazenda Invernairn, in reference to Inverness, his hometown, and Nairn, the Scottish town where his wife Janet was born. He died in April 1946, leaving his wife and three daughters and was buried in São



A marca de um pioneiro. O endereço comercial de David Dequêch em um raro documento, que assinou em 1939. Acervo Widson Schwartz

06 Sem ter sido vila, logo saltou para Município

Escritório da Companhia de Terras Norte do Paraná, na Rua Maranhão esquina com a Rua Minas Gerais, onde está hoje o Edifício Autolon e o Cine Teatro Ouro Verde. Autor: José Juliani/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Sinais de que haveria grande convergência humana precedem a criação do município: a Igreja Presbiteriana Independente realiza a primeira escola dominical, em 15 de dezembro de 1932, conduzida por Floriza Borges Araújo, Herculano Sampaio e Maria Thereza Vieira. O pastor H. I. Lehman reúne os primeiros adeptos da Igreja Metodista em 4 de dezembro de 1933 e a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus é fundada em 9 de março de 1934, quando o bispo D. Fernando Taddei (Diocese de Jacarezinho) apresenta à comunidade o padre Carlos Dietz, alemão.

Situa-se na Colônia Heimtal – a oito quilômetros da sede – o primeiro estabelecimento de ensino, a Escola Alemã, desde julho de 1931 com o professor Richard Blumberg. No Patrimônio Londrina, os japoneses têm a primazia, em julho de 1933, com a professora Toshiko Zakoji, enquanto Edmund Stack leciona, provisoriamente, na residência de Heinrich Heritt para filhos de alemães. Só em fevereiro de 1934 o Patrimônio recebe a primeira escola pública, a cargo dos professores estaduais Remy Duszack e Luiz Vergés Dutra.

Ainda em 1934: abertura da agência do Correio, em 5 de junho, sob a responsabilidade de Leonilda Marquezini. O estafeta Joaquim Diogo da Silva traz a mala postal de Ourinhos, de trem até Jataí, onde embarca na jardineira. Em 16 de julho, Antônio Caminhoto inaugura o *Cine Londrina*, no galpão em que está sua máquina de beneficiar arroz. Circula o número 1 do semanário *Paraná-Norte*, impresso na Tipografia Oliveira em 9 de outubro.

Pertencem à Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) o único e pequeno hospital; a geração

de energia elétrica (um motor Deutz a óleo cru de 12 HP e gerador), que ilumina algumas edificações e uma quadra da Avenida Paraná; e a rede distribuidora de água com 425 ligações em dezembro de 1934. O número de construções no patrimônio vai de 554 a 600, considerando-se diferentes informações.

Contudo, “em 1934 a mata virgem *[ainda]* fechava as margens da estrada *[dos pioneiros]* até mais ou menos a Rua Rio Grande do Sul, ali o viajante entrava na clareira onde começou a cidade”, recordaria Arthur Thomas. “A Avenida Paraná ainda continha mais datas vazias do que ocupadas (...) Dequêch, Schultheiss, logo adiante o modesto hotel de dona Frieda, o bem montado Hotel Luxemburgo, de Gregório Rosemberger, construído com auxílio da Companhia”. Na avenida “começou o zumzum do desenvolvimento”, já com o escritório da CTNP, “uma casa desprestigiada horivelmente quente no verão”, segundo Thomas, mas que lhe havia deixado saudade.

“...propalou-se na povoação que Londrina, de inspetoria de quarteirão saltaria logo para município, e que sem ter as prerrogativas de vila, erguer-se-ia em cidade aquela incipiente capitalzinha do setentrião paranaense”, testemunhou Humberto Puiggari Coutinho, proprietário e editor do *Paraná-Norte*, personagem e repórter da história ao mesmo tempo. Havia no patrimônio, que se converteria em sede municipal, “apenas 1.346 habitantes, segundo pesquisas rigorosamente exatas e conscienciosas, firmadas em dados positivos”, reafirmou Puiggari 25 anos depois. Há menções, porém, a três mil habitantes na cidade e a 7.500 no município naquele ano. Registros nos dois próximos anos indicam que

a informação de Puiggari estava correta.

Pelo decreto 2.519, de 3 de dezembro de 1934, do interventor federal no Paraná, Manoel Ribas, artigo 1º – “fica criado o município de Londrina, com sede na povoação do mesmo nome, desmembrado do de Jataí, com as seguintes divisas” (descritas a seguir). Justificativa no preâmbulo: “o progresso e o elevado grau de desenvolvimento econômico a que atingiu o distrito de Londrina e atendendo, sobretudo, a conveniência do serviço público”.

Instala-se o município em 10 de dezembro, às 17 horas, com a posse do prefeito, engenheiro Joaquim Vicente de Castro, natural de Ponta Grossa, empreiteiro de obras do Estado residente em Curitiba. Sua nomeação frustra a recente comunidade, sem nenhum vínculo com o “Paraná velho” e que esperava a indicação do paulista Carlos de Almeida, sugerida ao Ribas até por diretores da CTNP. Almeida “era o conselheiro da gente rude que começava a se estabelecer”, que a ele recorria “para encaminhar um requerimento, uma carta ou algum



Ano da emancipação, 1934. Em primeiro plano a quadra de tênis e o “hospitalzinho” da Companhia, na futura Alameda Manoel Ribas. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

entendimento com a Companhia ou um enfermo ao pequeno hospital”, segundo Puiggari. A todos atendia pacientemente sem jamais aceitar remuneração, revelando-se correto também no cargo de “inspetor de quarteirão” (autoridade policial).

“Essa a razão pela qual o ato de instalação do município ocorreu tão friamente e com nula assistência. Guardados foram os foguetes, embolsados os discursos...” — relatou Puiggari. Há, porém, 53 assinaturas na ata, supostamente de pessoas que presenciaram o ato. “Nosso município foi inaugurado quase sem cerimônia e sem manifestação de grande entusiasmo por parte do povo, porque a população da própria cidade e nas colônias vizinhas era, em grande parte, de estrangeiros. E não tinha chegado, para os brasileiros, o dia em que dessem voz às suas autoridades”, disse Arthur Thomas. Referia-se à eleição livre no ano seguinte, “voto quase unânime para o eminentemente indicado pelo toque de probidade e espírito público, o saudoso amigo da cidade doutor Willie Davids”.



Engenheiro Joaquim Vicente de Castro – Primeiro Prefeito.

.....

RECORTES

NÃO SOU PARANAENSE.” Em 9 de dezembro de 1934, no único restaurante de Jataí, todas as mesas ocupadas e sob intenso calor, às 11 horas entra o graduado funcionário do fisco estadual Anchises Paquete. Batendo palmas, pede atenção e proclama: “Amanhã às 14 horas será instalado o município de Londrina, tomando posse o respectivo prefeito, dr. Joaquim Vicente de Castro, nomeado pelo nosso grande Interventor, sr. Manoel Ribas. Para o ato que se realizará lá mesmo em Londrina, convido os *paranaenses* aqui presentes a comparecerem. Espero que ninguém falte”. O convite-exortação é recebido com grande frieza. Afinal, não havia nenhum filho do Paraná no recinto. Até o juiz da comarca, Antônio Baltar Júnior, e o prefeito de Jataí, engenheiro Odilon Borges de Carvalho, o recusaram peremptoriamente, alegando que *não eram paranaenses e a paranaenses*, exclusivamente, era dirigido. Outros passaram a se eximir, alegando o motivo. “Não é possível, dr. Odilon, que no momento em que Londrina é destacada do município de Jataí, numa solenidade que passará à história, nenhuma autoridade judicial ou administrativa compareça” — ponderou Humberto Puiggari Coutinho, secretário-tesoureiro da Prefeitura de Jataí. “Em absoluto, não comparecerei”, retrucou o prefeito. E sugeriu: “Se o senhor faz questão disso, porque não vai?” Logo que Joaquim Vicente de Castro declarou instalado o município, entrou em cena, novamente, o sr. Anchises Paquete. “Alguém deveria fazer um discurso de congratulação com o povo desta terra,

neste momento, ante a solenidade que acabamos de presenciar. Não quer o sr. usar a palavra?” — perguntou a um dos presentes. “Não posso” — respondeu o interpelado. “Falta-me a condição imposta no convite. Não sou paranaense.” (Fonte: Humberto Puiggari Coutinho, “representante da Prefeitura de Jataí e o respectivo prefeito” na instalação do município de Londrina.)



Desfile de Escolas, 17 de julho de 1937. Autor: Foto Mello/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Rennê Duckzack e Luiz Verges, os primeiros professores do ensino público em Londrina, e os alunos. Autor Desconhecido/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

CARLOS DE ALMEIDA

Funcionário (“apontador”) da empresa Adutora de Santos, empreiteira da terraplanagem para o leito ferroviário que se estenderia de Cambará ao Norte Novo, transpondo o Tibagi, o paulista Carlos de Almeida entrou no sertão de Londrina em 1928, pela trilha dos irmãos Palhano. Caçava onças e vendia os couros das “bichas” em São Paulo, para complementar a renda, segundo a crônica familiar. Estivera em Mato Grosso, onde a Adutora de Santos fornecia caixas d’água de ferro a quartéis do Exército. Conselheiro e apaziguador de ânimos, nem por isso deixava de coibir exageros quando era delegado. Em março de 1936, prendeu a dona de prostíbulo Cidica, por “ultraje público ao pudor, escândalo nunca visto na cidade”. E para que “a cidade dormisse”, mandou levá-la a Jataí, sede da comarca. Depois de ser funcionário da Siam-Brasserva – a maior indústria de madeiras em Londrina –, Almeida se tornou independente no ramo, instalando três serrarias próprias. O casal Marta-Carlos de Almeida (em memória) teve cinco filhos, entre os quais o pianista Marco Antônio Almeida, diretor do Festival de Música de Londrina em período mais recente.

HABITANTES E ETNIAS

Até 1935 chegaram 4.734 pessoas de 31 nacionalidades a Londrina, registro da Companhia de Terras. Eram 1.823 brasileiros (principalmente paulistas, mineiros e nordestinos), 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos, 138 húngaros, 41 tchecoslovacos, 44 russos, 34 suíços, 29 austríacos, 21 lituanos, 15 iugoslavos, 12 romenos,

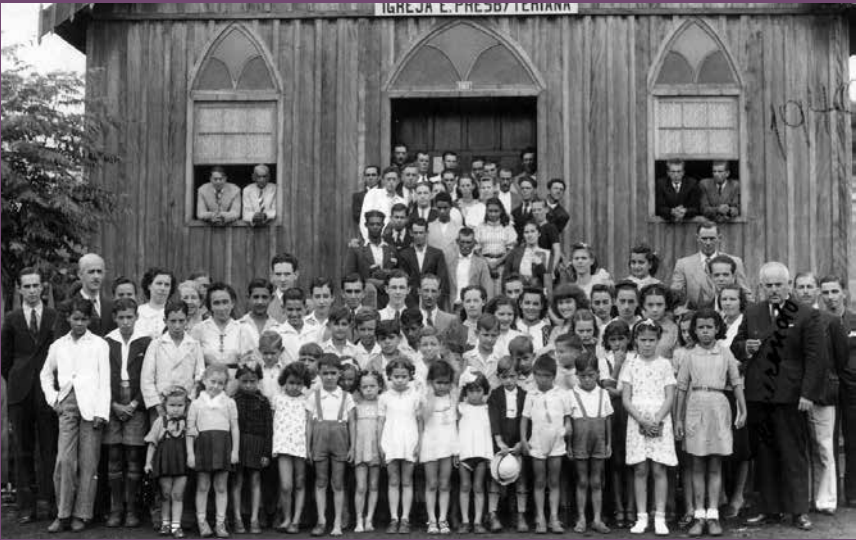
7 britânicos, 5 sírios, 5 argentinos, 3 dinamarqueses, 2 suecos, 2 belgas, 2 liechnsteinianos, 2 búlgaros, 2 letões, 2 franceses, 2 norte-americanos, 1 norueguês, 1 estoniano e 1 indiano. Já em 1936, em sua edição de 19 de abril, o *Paraná-Norte* informa: “A cidade de Londrina tem, neste momento, 3.305 habitantes distribuídos entre 690 famílias, sendo brasileiros 2.655, italianos 129, alemães 126, espanhóis 100, portugueses 85, japoneses 84, russos 27, poloneses 23, sírios 22, tcheco-eslovacos 22, húngaros 11, austríacos 10, suíços 5, ingleses 3, norte-americanos 3. Maiores de 18 anos 1.849, de 15 a 18 anos 163, de 6 a 14 anos 720. Menores de 6 anos: 573. E na edição de 26 de abril: “Número de habitantes segundo o recenseamento ultimado em 30 de março de 1936. Cidade – 3.305; município – 10.000. Renda global do município em 1935 – 143:579\$200 [143 contos, 579 mil e 200 mil réis]. Contribuintes do Imposto de Indústrias e Profissões (até 15 de abril) – 335 (não computados leiteiros, vendedores ambulantes de frutas e hortaliças e outros).”



Escola dos alemães no Heimtal, em 1931, a primeira do futuro município. Autor: Theodor Preising/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Inauguração da Igreja Matriz.
Autor: José Juliani/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Igreja Presbiteriana de Londrina.
Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

CHAPTER 6
NEVER A VILLAGE OR A TOWN; FROM SETTLEMENT
STRAIGHT TO CITY STATUS
.....

Even before Londrina became a city, there were clear signs that its population would be increasing rapidly. The Independent Presbyterian Church opened the first Sunday school on 15 December 1932, led by Floriza Borges Araújo, Herculano Sampaio and Maria Thereza Vieira. Pastor H. I. Lehman gathered the first members of the Methodist Church on 4 December 1933 and the Parish of the Sacred Heart of Jesus was founded on 9 March 1934, when Bishop D. Fernando Taddei (Diocese of Jacarezinho) introduced the German pastor Carlos Dietz to the community.

The first educational establishment, the German School, opened in Colônia Heimtal, 8 km from the city, in July 1931, led by Professor Richard Blumberg. In Patrimônio Londrina, the first to begin education were the Japanese with Toshiko Zakoji as their teacher, in July 1933, while Edmund Stack started teaching German children at the residence of Heinrich Heritt provisionally. The first public school in the Patrimônio only opened in February 1934 with state teachers Remy Duszczack and Luiz Vergés Dutra in charge.

Still in 1934, the post office opened on 5 June, managed by Leonilda Marquezini. Joaquim Diogo da Silva, the telegram boy, would take the mailbag from Ourinhos to Jataí by train, where he would get on the “jardineira” bus. On 16 July, Antônio Caminhoto opened Cine Londrina in the shed where he also used to keep his rice mill. The first issue of the weekly newspaper Paraná-Norte was printed by Tipografia Oliveira on 9 October.

The only small hospital belonged to Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). Electric power was provided by a 12 HP Deutz crude oil engine and a generator

which illuminated some buildings and one block on Paraná Avenue. Water distribution began in December 1934 with 425 connections. The number of buildings in the Patrimônio was somewhere between 554 and 600 depending on the information source.

Yet in 1934, “the highway (dos pioneiros) was still surrounded by virgin forest from both sides all the way to about Rio Grande do Sul Street where the traveller would come into a clearing and the city began,” remembered Arthur Thomas. “Paraná Avenue still had more vacant plots than occupied ones...Dequech, Schultheiss, a bit further ahead Dona Frieda’s modest hotel and Gregorio Rosemberger’s well-constructed Luxemburgo hotel, which CTNP helped build.” “The development buzz began” on the avenue with the new CTNP office, “a modest house, horribly hot in the summer,” recalled Thomas, but the kind, one misses a lot.

“... the news spread in the village that Londrina qualified to soon become a city, thus surpassing the prerogatives of a town and the first capital city of northern Paraná would rise,” said Humberto Puiggari Coutinho owner and editor of the Paraná-Norte, who didn’t only report the story, but also witnessed the events. Puiggari confirmed 25 years later, that “there were only 1,346 inhabitants in the Patrimônio, which was to become a capital city, according to verified data based on rigorously accurate and conscientious research.” Although some mention 3,000 inhabitants in the city and 7,500 in the municipality that year, records from the next two years indicate that Puiggari’s information was correct.

As per Article 1 of Decree No 2.519 of 3 December 1934 by the federal governor of Paraná Manoel Ribas, “the city of Londrina is established, located in the settlement of the same name, separated from Jataí, with the following boundaries” (described below). On the grounds of “the progress and high degree of economic development that Londrina has achieved

and, above all, the attention to public convenience and provision of public services.”

The city was founded on 10 December at 17:00, with Joaquim Vicente de Castro as mayor. He was an engineer from Ponta Grossa, worked as a building contractor of the state and was a resident of Curitiba. The appointment upset the community, as their new mayor had no ties to “Paraná Velho” whatsoever. They were expecting Carlos de Almeida, from São Paulo, to be appointed, as even the directors of CTNP recommended him to Ribas.

Almeida “was the advisor of the rough folk, who began settling in the city,” who all came to him “for help, submitting a request, a letter or an agreement with the Companhia or to refer someone sick to the small hospital,” according to Piuggari. He attended to everyone patiently and never accepted any form of payment in return. He also proved to be an honest “inspetor de quarteirão” (police official).

“This is why the city’s inauguration ceremony was so uneventful and had no audience. The fireworks were put away and the speeches remained in the pockets...,” reported Puiggari. Yet, apparently there were 53 signatures in the minutes, supposedly of people who were present. “Our city started off without a ceremony and the enthusiastic support of its people, because the population of the city and the surrounding colonies were largely foreigners and the Brazilians had yet to have a voice in politics,” said Arthur Thomas. He was referring to the free election the following year and the “almost unanimous vote for the city’s sentimental friend Dr Willie Davids, who was highly regarded for his integrity and public spirit.”

.....
R E C O R T E S

“I AM NOT PARANAENSE.” On 9 December 1934 at eleven o’clock, in Jataí’s only restaurant all tables were occupied and the heat was intense, when senior state tax official Anchises Paquete walked through the door. He clapped his hands to get everyone’s attention and announced: “Tomorrow at 14:00 we inaugurate the city of Londrina and Dr Joaquim Vicente de Castro is to take office as mayor, upon being appointed by our great governor Mr Maonel Ribas. I hereby invite all “paranaenses” (people from Paraná), who are present, to attend the event that shall take place here in Londrina. I expect everyone there!” The appeal was met with apathy. After all, no one in the room was originally from Paraná. Even the district judge Antonio Baltar Junior and the mayor of Jataí, engineer Odilon Borges de Carvalho declined the invitation outright, claiming that they were not “paranaenses” and that the invitation was solely directed at paranaenses. Others began excusing themselves for the same reason.

“Dr Odilon, we can’t celebrate a historical moment, such as Londrina’s separation from Jataí without the presence of any judicial or public authority, said Humberto Puiggari Coutinho, the secretary treasurer of Jataí. “I will definitely not attend,” said the mayor, adding “if you care so much, why don’t you go?” Mr Anchises Paquete also tried to insist. “Shouldn’t someone give a speech to congratulate the people of this land after Joaquim Vicente de Castro declares the city status, just before the celebrations? Wouldn’t you like to say a few words sir,” he asked one of them. “I can’t,” said the man. “I’m afraid I don’t fit the criteria. I am not “paranaense.” (Source: Humberto Puiggari Coutinho, “who attended the inauguration ceremony of the city of Londrina on behalf of Jataí Council and its respective mayor.”

CARLOS DE ALMEIDA was the employee (surveyor) of Adutora de Santos, the company that was contracted for the earthworks of the Cambará-Norte Novo section of the railroad. He arrived to Londrina from São Paulo, crossing the Tibagi and then following the trail of the Palhano brothers through the backwoods. In São Paulo, he used to hunt leopards and sell their leather to supplement his income, according to the family chronicle. He also lived in Mato Grosso, where Adutora de Santos was supplying iron water tanks for the army barracks. He was a mentor and peacemaker but did not tolerate or leave any extreme behaviour unresolved when he was a police officer. In March 1936, he arrested the brothel owner Cidica for “publicly insulting modesty, a scandal the city had never seen before.” And so that the “city could sleep at night,” he ordered her to be taken to Jataí, the district capital. After working for Siam-Brasserva, the largest wood manufacturer in Londrina, Almeida decided to start his own business and set up three sawmills. The couple, Marta and Carlos Almeida, had five children, including pianist Marco Antônio Almeida, who recently became the director of the Londrina Music Festival.

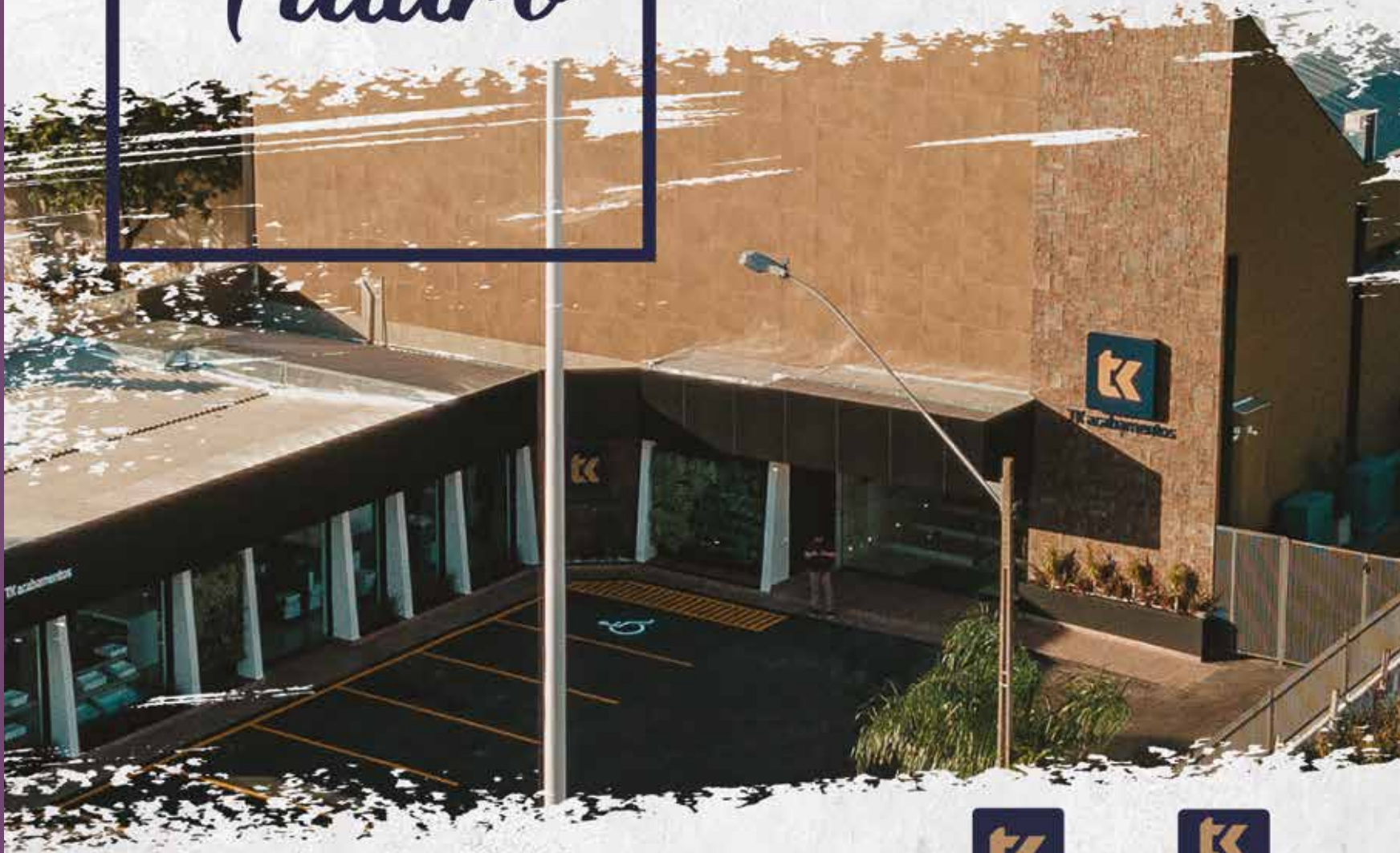
INHABITANTS AND NATIONALITIES

By 1935, 4,734 people of 31 nationalities came to the municipality of Londrina, based on the records of Companhia de Terras. 1,823 were Brazilians (mainly from São Paulo, Minas and from the north-eastern states), 611 Italians, 533 Japanese, 510 Germans, 303 Spanish, 218 Portuguese, 193 Polish, 172 Ukrainians, 138 Hungarians, 41 Czechoslovakians, 44 Russians, 34 Swiss, 29 Austrians, 21 Lithuanians, 15 Yugoslavs, 12 Romanians, 7 British, 5 Syrians, 5 Argentinians, 3 Danish, 2 Swedish, 2 Belgians, 2 Liechtensteiners, 2 Bulgarians, 2 Latvians, 2 French, 2 Americans, 1 Norwegian, 1 Estonian and 1 Indian. Yet, in 1936, the Paraná-Norte reported in its 19 April issue: “At the moment there are 3,305 citizens in Londrina

(690 families): 2,655 Brazilians, 129 Italians, 126 Germans, 100 Spanish, 85 Portuguese, 84 Japanese, 27 Russians, 23 Polish, 22 Syrians, 22 Czechoslovakians, 11 Hungarians, 10 Austrians, 5 Swiss, 3 English and 3 North Americans. 1,849 are over 18, 163 are aged 15 to 18 and 720 are in the 6-14 age range. There are 573 children under the age of 6. And in the 26 April issue, “the number of inhabitants according to the census of 30 March 1936, City: 3,305; municipality: 10,000. Municipality income in 1935 was 143,579,200 réis. There were 335 Industry and Occupational Tax payers (until 15 April), not including dairy, fruit, vegetable and other hawkers.”



A TK Acabamentos se orgulha de fazer parte da história de Londrina. É por isso que estamos cada vez mais presentes no seu desenvolvimento, progresso e na vida dos Londrinenses. **Parabéns pelos 86 anos de história.**



TK ACABAMENTOS
Av. Tiradentes, 1670
(43) 3372 1500



TK STUDIO
Av. Tiradentes, 600
(43) 3024 1500



07 Ferrovia, madeira e quase uma crise

Inauguração da Estação Ferroviária em 28 de julho de 1935.
Autor: Carlos Stenders/Acervo Câmara Clara

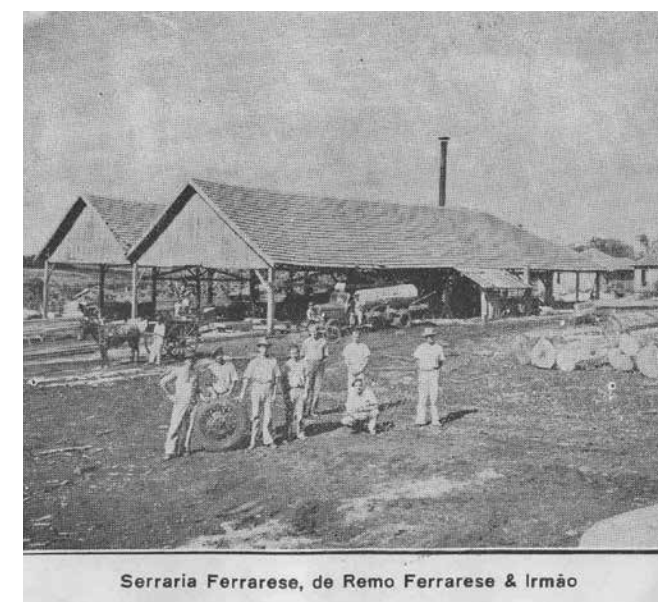


“Não há exagero em dizer-se que a E. F. São Paulo-Paraná está destinada a ser (...) a mais importante do Brasil”, proclama o anúncio da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP – sob o título “A Caminho do Paraguai”. Convictamente, afirma que os trilhos vão “atravessar a zona mais fértil, mais pujante e mais apropriada para toda espécie de cultura” e prosseguir até o rio Paraná. E com ela, o “hinterland argentino e paraguaio terá a sua ligação ferroviária com os portos de Santos e Paranaguá”, enquanto o norte paranaense poderá enviar “os seus produtos diretamente a Buenos Aires e Assunção” pelo rio.

Os trilhos chegam a Jataí em maio de 1932. E “estacionam”. No “rastros” da crise originada pela quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, com a agravante das revoluções de 30 e 32 no Brasil, não há dinheiro suficiente para a continuidade. Entre os meios de se obter capital, o Governo do Estado libera à Cianorte 1.647 contos e 400 mil réis correspondentes ao “principal” do valor de duas mil apólices de obras no Porto de Paranaguá adquiridas pela empresa em 1927. Desde então, o crédito da Companhia de Terras “contra o Estado, inclusive juros vencidos”, era de 2.566 contos e 132,80 mil réis. O Estado “reembolsa a Companhia, pelo menos, do principal, sob a condição de o referido valor ser aplicado exclusivamente na construção de mais um trecho da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, o qual se estenderá do Rio Tibagi em direção a Londrina”. Infere-se que outros valores somaram-se; só a ponte no Tibagi, com 294 metros, estava orçada em 1.000 contos de réis. Uma operação triangular permite a alemães receber terras em Rolândia

após a transferência de seus bens ao Governo no país de origem, que paga à Cianorte com materiais ferroviários.

A ponte fica pronta em junho de 1934 e o tráfego em Londrina é inaugurado em 28 de julho de 1935, pela manhã, a “maria-fumaça” (locomotiva a vapor) ostentando as bandeiras paulista e paranaense, a do Brasil e a do Reino Unido. Fato surpreendente na solenidade: o presidente da Cianorte, João Domingues Sampaio, revela que “áulicos” da ditadura Vargas” (o governo federal) pretendiam mudar o nome da cidade. Presente o interventor Manoel Ribas, na plataforma da estação, Sampaio terminou seu discurso “fazendo exortação ao Governo para que assegurasse a perenidade desse nome” – Londrina.



Serraria Ferrarese. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

“A população aglomerada aplaudiu-me, com entusiasmo; Manoel Ribas solidarizou-se à sua elevada e expressiva significação e prometeu consolidá-la”, rememorou Sampaio em 1967, ao receber o título de cidadão honorário da cidade, nominada por ele. “Como as filhas de Londres”, o significado, em homenagem aos ingleses da Companhia de Terras.

Avançando até Rolândia, ainda em 1935, a ferrovia se revelou providencial aos pioneiros em dificuldades para obter renda enquanto abriam gradativamente os lotes; a incipiente produção de alimentos não era toda absorvida no Patrimônio, nem havia condições de acesso a outros mercados. Assentar dormentes e trilhos lhes permitiu ganhar dinheiro, em alguns casos, até para completar parcelas em pagamento da terra.

“A ferrovia deu renda antes do tráfego”, recordaria Guilherme Guy, que juntamente com o pai, Júlio, se integrou à construção. Tinham desbravado só uma parte de seus 20 alqueires no Heimtal, sem um acesso que permitisse vender as madeiras nobres, cedro e peroba. Depois, as serrarias abriram caminhos em busca de um volume maior.

Em setembro de 1937, o déficit de vagões retarda o embarque de madeiras indefinidamente, denuncia Carlos de Almeida à Associação Comercial (ACL). “Londrina está, mais do que nunca, sob ameaça de crise econômica, pois todos os ramos da praça dependem do ramo madeireiro”, segundo Almeida, funcionário da Seleção Industrial de Artefatos de Madeira (Siam).

“Tudo era madeira, serrarias exportando. O pátio da estação topetado, chegavam as gôndolas (tipo de



Serraria Mortari, com seus veículos e trabalhadores. Autor: José Juliani/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

vagão) para o embarque”, recordaria Clarismundo Galvão, administrador do depósito de lenha da São Paulo-Paraná em 1939. Combustível para as locomotivas (“maria-fumaça”), vinha dos sítios. “Proprietários próximos ao leito eram favorecidos, preferencialmente, a lenha devia ser empilhada nas margens, para facilitar o carregamento”, sabia Clarismundo. “Era para abrir mesmo (desbravar) e não existia o Ibama” (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais).” Segundo Clarismundo, já era oficial que se mantivesse mata em 10% dos lotes, “mas quem tinha 10 alqueires ficaria só com oito, se fosse preservar. Então, derrubava tudo”.

Historiador do ciclo da madeira no município e sua originalidade na arquitetura à época, Antônio Carlos Zani relaciona 13 serrarias, pelo menos, no período entre os últimos anos 30 e a década de 50: Fabrini, Larsen, Ferrarezi, Conde, Pita, Baggio, Verdasca, Lolata, Curotto (que sucedeu a Lolata), Morothi, Sul- América, Siam e Mortari. Produção média estimada por ano, soma de todas: 40 mil a 50 mil metros cúbicos de toras. O cedro, a peroba, o pinho, a cabreúva, o óleo pardo, a caviúna e o pau-marfim eram as madeiras “de primeira qualidade e com alto valor comercial, desde que tivessem diâmetro superior a 40 centímetros”, conforme a pesquisa de Zani. A canela e o canelão, canjarana, timburi, canafistula, gurucaia, coração-de-negro, amoreira e sapuva as de segunda ordem, valor comercial médio. Pau-d’alho e figueira, as menos valiosas.

Verificou-se em 1937 o primeiro déficit de vagões no escoamento da madeira e nos 40, com

a prioridade à produção agrícola (alimentos), o impasse, embora a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC) houvesse assumido a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná. A escassez de combustíveis no período da guerra impede que o transporte por caminhões seja alternativa; no pós-guerra, intervenções governamentais melhoram estradas.

Contudo, a floresta continuou a se distanciar, cedendo espaços a novos cafezais, com o preço da commodity elevando-se no mercado internacional. Assombro que o geógrafo Pierre Monbeig traduziu porcentualmente: “de 1939 a 1951 o preço médio FOB da saca exportada de café via Santos teve acréscimo de 772%”, com 80% em um ano (de 1949 a 1950). A pressa em “limpar” áreas para o plantio superou a capacidade da serrarias em retirar a madeira; havia os proprietários que se antecipavam com o fogo, por vezes queimando até espécies mais valiosas.

A expansão cafeeira do norte para o oeste paranaenses em trinta anos (1930-1960) se revelou o “principal fator do desaparecimento” da mata tropical-subtropical em 79,8 mil km², expôs Reinhard Maack, o *papa* da geografia física paranaense. Ponto de partida, Londrina recebeu o impacto antes que se completassem duas décadas; interrompida a absorção regular das chuvas pelo solo, o fornecimento das “fontes” diminuiu de um milhão de litros diários para a metade em 1948. Já não existiam as copas protetoras que atenuavam o impacto das chuvas distribuindo-as, nem as raízes que retinham e acumulavam a água, que passou ser escoada rápida e superficialmente. “A escassez de água tornou-se catastrófica em Londrina e letreiros manchavam paredes de casas e muros expressando

o clamor desesperado da população: queremos água”. Narrativa de Maack, entre os geólogos chamados pela Cianorte visando a alternativa. Localizados, então, seis pontos de captação de água no subsolo de rochas eruptivas básicas, com poços semiartesianos, solução temporária.

Não há notícia de que alguma autoridade tenha acionado o Código Florestal em vigor desde 1934. Embora dúbio em alguns de seus 110 artigos, impunha, entre as obrigações, a manutenção de matas em um quarto da propriedade e punições aos infratores. Faltou o “aparato de fiscalização”, não estabelecido pela União, nem pelo governo do Paraná, que se comprometeu, ainda em 1934 (Decreto n.º 2 569), a acionar o Código, designando o Departamento de Terras e Colonização (DTC). Só em 1938 passou a constar nos contratos da Cianorte que o comprador obrigava-se “a deixar de pé uma parte da mata no lote, não inferior a 10% da área”, cláusula raramente respeitada porque “o presidente da República, Getúlio Vargas, que sancionou a lei de preservação, não nomeou fiscal para Londrina ou para o norte do Paraná”, disse o engenheiro Aristides de Souza Melo, diretor-técnico da empresa a partir de 1944. Os japoneses devastavam “praticamente tudo para dar lugar à agricultura”, os acusou Mello. Na pressa de plantar café, geralmente o proprietário ignorava até o valor da madeira nobre, equivalente ao preço da terra, e punha fogo, testemunhou Oscar Curotto. Seu pai viera em 1937 se estabelecer com a serraria. “Não foi o madeireiro que estragou a mata. Ele aproveitou o que pôde, chegou a implorar para que lhe vendessem e ouviu proprietários se recusarem”, disse Curotto. Após a derrubada, se

o comprador não conseguisse tirar até agosto ou setembro, o dono queimava, mesmo que fosse cedro, marfim e peroba.

A partir de Londrina, houve a ocupação de toda a macrorregião norte-noroeste em apenas 40 anos, inigualável frente pioneira na América do Sul. Seis vezes aumentou a população do Paraná entre 1930 e 1970, de 890 mil habitantes para 6,9 milhões e destes, mais de 51% (3,5 milhões) ao norte-noroeste, a maior zona produtora de café no mundo.

Em 1938 a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná registrou o primeiro lucro: 3.700 contos de réis (receita de 8.000 e despesa de 4.300). Convertia-se no melhor negócio da colonização, confirmado em 1941: “recorde mundial de renda quilométrica” – 10,4 mil contos de réis em 251 km –, que João Sampaio credita a si e a Arthur Thomas, ambos dirigentes da empresa.

Os trilhos haviam chegado a Apucarana depois de cinco anos (1936-1940) “parados” em Rolândia, por interferência federal.

“Urge que a ferrovia não pare, nem estacione em Rolândia”, advertira seu diretor Carlos Assumpção em 1938. Argumenta, em artigo no *Diário de S. Paulo*, que o prosseguimento até Guaíra, aprovado “sob o duplo aspecto econômico e militar” pelo estado-maior do Exército, está no Conselho Superior de Defesa Nacional para ser apreciado. “Concitamos, pois, tanto o Governo da União como o Congresso a que venham em auxílio de tão útil, proveitoso e patriótico empreendimento.”

Um ano depois, a *Folha da Manhã* (29.6.1939) noticia uma decisão conjunta: “O Governo do Brasil iniciará a construção da Ferrovia Rolândia-Guaíra,



Manoel Catarino e uma peroba gigante, outra espécie muito valorizada nos primórdios. Muitas, porém, não escaparam das queimadas. Autor Desconhecido/Acervo Widson Schwartz



Londrina em 1936: troncos de cedro derrubados e transportados pelo português Manoel Henrique Catarino e seus ajudantes. Manoel (de chapéu) está à direita; o menino é seu filho Antônio e atrás, João Braga. Não identificada a quarta pessoa. Autor Desconhecido/Acervo Widson Schwartz

até o Rio Paraná, e o do Paraguai construirá a Ferrovia Assunção–Guaíra”, conforme o acordo assinado pelos ministros das Relações Exteriores dos dois países, Osvaldo Aranha e Luiz Riart. O acordo ficaria no papel, os trilhos nunca chegariam a Guaíra.

Em Apucarana “o governo ditatorial começou a deter-nos”, relatou João Sampaio. “Queria obrigar-nos a defletir para o sul. Recusamo-nos, mas tudo ficou paralisado, embora o nosso traçado até Maringá estivesse aprovado pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro.”

Em 1944, a Companhia de Terras e a ferrovia são vendidas a brasileiros; o governo britânico determinara a repatriação de capitais em face das despesas de guerra. Transferida ao governo e incorporada à Rede de Viação Paraná–Santa Catarina, só em 1972 a ferrovia chegou a Cianorte, ponto final. Caprichosamente, o nome da cidade fora a sigla e o endereço telegráfico da Companhia de Terras Norte do Paraná – Cianorte.

.....

RECORTES

A FERROVIA PELA VISÃO DE CINCINATO BRAGA

Opção definitiva da Cianorte para iniciar a colonização, a Companhia Ferroviária Noroeste do Paraná (depois São Paulo–Paraná) se deveu a fazendeiros de Jacarezinho, que receberam do governo paulista, em 25 de novembro de 1922, “licença para construção, uso e gozo” de um trecho de nove quilômetros entre a estação de Ourinhos (Sorocabana) e um ponto na margem esquerda do rio Paranapanema; os restantes 20 quilômetros,

até Cambará, liberados pelo Estado do Paraná. Os Barbosa Ferraz, Antônio e Gabriel Ribeiro dos Santos, Manoel da Silveira Corrêa e Willie Davids davam o primeiro passo no que seria o trecho intermediário da ligação com o Paraguai, pelo norte do Paraná, daí rumando para oeste, até onde transpusesse o grande rio abaixo das Sete Quedas. “...será inteiramente o visado pelo nosso eminente estadista dr. Cincinato Braga, para a ligação ferroviária Santos–Assunção”, deram a conhecer os concessionários por anúncio de página inteira em *O Estado de S. Paulo* de 15 de janeiro de 1924, oportunamente para chamar a atenção de lorde Lovat, que havia chegado ao país. Autor de “A Intensificação Econômica do Brasil” (1917) e “Brasil Novo” (três volumes, 1930–1931), Cincinato César da Silva Braga (1864–1953), natural de Piracicaba (SP), advogado, foi abolicionista e republicano, eleito para a assembleia constituinte de São Paulo (1891–1892) e a seguir deputado federal; suas reeleições o levaram a ser constituinte em 1934, também. Delegado do Brasil na Liga das Nações (1919) e na Conferência Internacional do Trabalho (1921, assumiu a presidência do Banco do Brasil em 1923. Tido por defensor da “elite agrária”, tinha sugestões também para a educação e o trabalho. A ligação Santos–Assunção por ele sugerida, não tinha um projeto propriamente. “Nada mais era do que o traçado Cincinato Braga de ligação com o Paraguai (...) proposto no Congresso Nacional e que não chegou a ser aprovado, embora fosse muito mais conveniente procurar atingir esse país via Cambará e Guaíra”, resumiu Gastão de Mesquita Filho, construtor do trecho Ourinhos Cambará. Com 29 quilômetros, construídos pela empreiteira Mesquita

& Irmãos Ltda., o “caminho de ferro” é adquirido pela Cianorte, em 30 de junho de 1928. McDonald, Gibbs & Co. (Engineers) Limited, de Londres, irá melhorar o trecho pronto e construir adiante. Consuma-se, em 1944, a venda da Companhia de Terras e da ferrovia aos grupos de Gastão Vidigal, Gastão de Mesquita Filho, Arthur Bernardes Filho e Irmãos Soares Sampaio, por 1 milhão e 520 mil libras esterlinas. Do total, 128 mil contos de réis pela ferrovia, a seguir entregue ao governo federal por 88 mil contos de réis, condição imposta pelo presidente da República, por se tratar de uma concessão. Embora já estivesse em vigor o cruzeiro, o valor é mencionado em contos de réis.

TOCANDO A BOIADA, CHEDID SEGUIU O TREM

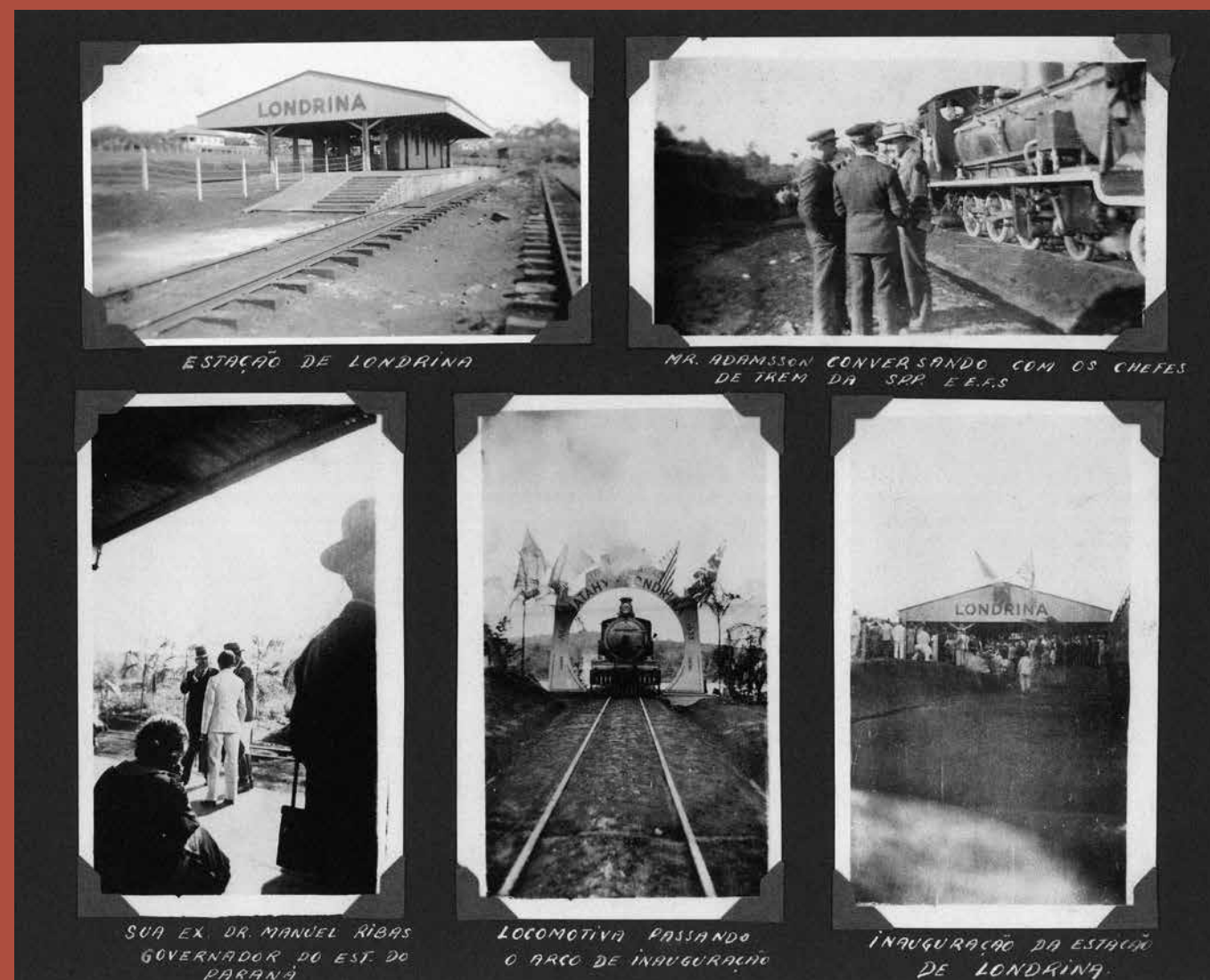
Desde 1916 em Cambará, bem-sucedido proprietário de açougue e delegado de polícia “durão” ao mesmo tempo, o libanês José Jorge Chedid foi também balseiro no Paranapanema, a serviços dos Barbosa Ferraz e por conta própria. “De dia, eu tinha de entregar todo o dinheiro aos Barbosa Ferraz; de noite, eles deixavam a arrecadação para mim. Só que eu retardava as travessias, a fim de conseguir bom movimento à noite. Ganhei dinheiro com as balsas”, recordou. E em 1930, o negócio que o fez chegar a Londrina: acertou com o engenheiro McDonald o fornecimento de carne bovina para compor as refeições de cinco mil trabalhadores na construção da Ferrovia São Paulo–Paraná. Por isso, cavaleiro e boiadeiro. No primeiro ano, abateu 1.800 bois. Buscava-os em Palmital e outros municípios paulistas, até a Revolução de 32 dificultar a passagem. Mudou de rumo, pela picada saindo de

Cornélio Procópio, passando por Congonhinhas e até São Jerônimo, onde conseguia os animais. “Nessa vida”, até 1932, quando a ferrovia “parou” em Jataí. Retomada a construção na margem esquerda do Tibagi, “em dez meses o lastro (base para os trilhos) chegou a Londrina”, etapa com poucos operários em comparação aos trechos anteriores. E Chedid estabeleceu-se com açougue em Londrina, anexo ao armazém de David Dequêch. Mudou-se para outros endereços e, em 1946, levou a família para a Warta. Motivo: “Londrina era uma Marselha, tantas as prostitutas, e eu tinha filhas para criar”. Ajudou o “compadre Celso” (Garcia Cid) abrir fazenda, mudou-se para Bela Vista do Paraíso e Jaguapitã, nesta cidade permanecendo de 1960 até morrer, na década de 80.

SEDE EM OURINHOS, 24 TURMAS E 1.600 DORMENTES POR KM

A Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná tinha a sede em Ourinhos, onde permaneceram esquecidos aproximadamente 150 documentos, até serem encontrados em 2004. Permitem que se saiba até o volume de chuvas na região no período 1931– 1942 e quantos milhares de dormentes assentados de 1928 a 1935, por 24 turmas de operários. Geralmente, 1.400 dormentes por quilômetro em linha reta e entre 1.600 e 1.800 em linhas curvas com raio de 200 metros. O que parece corresponder à força de trabalho mencionada por Chedid. Estação, escritórios, residências, oficina, marcenaria e fundição de ferro e bronze compunham a sede, assumida em 1945 pela Rede Viação Paraná–Santa Catarina (RVPRSC), depois patrimônio da Rede Ferroviária Federal. Os

documentos estavam dentro de um móvel, cujo comprador os descobriu e chamou Jairo Teixeira Diniz, notável em Ourinhos por sua relação com a ferrovia, admitido em 1936 pela São Paulo-Paraná e aposentado em 1977 na RVPRSC. Tema de reportagens na *Folha de Londrina* em 2006, Jairo doou a documentação ao Museu Histórico. Lá estão os projetos das pontes entre Ourinhos e Londrina, levantamentos topográficos, sistemas de drenagem, normas de construção e a projeção dos segmentos Cambará-Jatahy e de Jatahy à Serra da Apucarana (outubro de 1928 a janeiro de 1932). Jairo relatou o convívio com o engenheiro-chefe, James Lister Adamsom; e o superintendente, Wallace Hepburn Morton, ambos escoceses. Entre os dirigentes, havia os que não eram ingleses, apesar dos nomes: Herrington Smyth (secretário do superintendente), uruguaio; e Alastair Tarrel Munro (chefe de locomoção e traçado), paraguaio. “Aquele povo engravatado do trem”, até os maquinistas, traduziu Clarismundo Galvão a influência dos ingleses na ferrovia. “Mister Munro” dirigia-se cordialmente ao maquinista descuidado com a elegância: “Você esqueceu da gravata...” Rápido, o advertido saca o acessório de um bolso e complementa a indumentária. “Mas como você fica bonito de gravata...” – alegra-se Munro. Paulista de Piraju, Clarismundo ingressou em 1938 na São Paulo-Paraná, admitido em Ourinhos e transferido para Londrina (ver capítulo 5).



Inauguração Estrada de Ferro em Londrina e Ponte Ferroviária Rio Tibagi.
Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

CHAPTER 7
WOOD, THE RAILWAY AND THE CITY ON THE
VERGE OF CRISIS

“It is not an exaggeration that E.F. São Paulo–Paraná is destined to be...the most important railway in Brazil,” claimed the Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP advertisement, with the headline, “en route to Paraguay”. It stated, with utmost conviction, that the rail lines were going to “cross the most fertile, most thriving and most arable land for any species” and continue all the way to the Paraná River, connecting the “Argentinean and Paraguayan backwoods to the ports of Santos and Paranaguá,” while “products from north Paraná could be transported directly to Buenos Aires and Asunción” by riverboats.

In May 1932, the rail tracks reached Jataí and the construction “stopped.” In the aftermath of the crisis, that resulted from the 1929 Wall Street Crash and was intensified by the 1930 and 1932 revolutions in Brazil, funding sources ran out and there was just not enough money to continue the work. As a way of providing the funds, the state government arranged the early release of 1,647,400,000 réis to Cianorte, corresponding to the face value of 2,000 bonds, which the company had acquired in 1927, that had been issued by the government in order to raise money for the construction of the port of Paranaguá. The total amount Cianorte was owed by the government, including interest, came to 2,566,132,800 réis in total. The state agreed to release “the amount, without interest, under the condition that it would be used exclusively for the construction of another section of the Estrada de Ferro São Paulo–Paraná from the Tibagi River towards Londrina.” However, the cost would be much higher. The 294m bridge over the Tibagi alone was estimated at 1 billion réis. In a three-way scheme, German families “donated” their assets to the

German Government; the government then paid Cianorte in railway construction material; and closing the triangle, the German families were given plots of land in Rolândia in exchange for their “donated” assets.

The bridge was built by June 1934 and operations to Londrina began in the morning of 28 July 1935 with “maria-fumaça,” the “Smokey Mary” (the steam locomotive), bearing the flags of São Paulo, Paraná, Brazil and the United Kingdom. During the celebration held on the railway platform, Cianorte’s president João Domingues Sampaio hinted at a curious fact, namely, that the “courtiers” of the Vargas dictatorship” (the federal government) were planning to change the name of the city. Sampaio aimed the last few words of his speech at Manoel Ribas, who was also present, “putting pressure on the government to ensure the continuity of the name:” Londrina. “The crowd applauded me with great enthusiasm. Manoel Ribas understood at once how much the name meant for everyone and promised to consolidate the matter,” remembered Sampaio in 1967, when he received the honorary citizen title of the city that he named himself, in honour of the British leaders of Companhia de Terras, Londrina, “like the daughters of London.”

The railway reached Rolândia by 1935 and proved fortunate for the pioneers, who had been struggling to make ends meet. At the beginning, there wasn’t enough demand for the produced food in the Patrimônio and other markets were still inaccessible. So, laying rails and sleepers was a good way of earning money, and some could even make enough to pay off the last instalments of their plot.

“The railway was advantageous even before it was in operation,” remembered Guilherme Guy, who joined the construction, together with his father Júlio. They had only managed to clear a small part of their 20 alqueires in Heimtal and were not able to sell the fine peroba and cedro (cedar)

wood for lack of access. Loggers opened more trails later, in search of larger volumes.

In September 1937, Carlos de Almeida reported to ACL (Association of Businesses) that the shortage of wagons was delaying wood shipment indefinitely. “Londrina is on the verge of an economic crisis, as all other industries depend heavily on wood production,” said Almeida, an employee of the lumber company Siam.

“Everything was wood and lumber mills were exporting. The forecourt of the station was crammed with gondolas (open-topped wagons) ready for departure,” recalled Clarismundo Galvão, the manager of the São Paulo–Paraná firewood depository in 1939. The trains (“Smokey-Marys”) used firewood, which came from the farms, as fuel. Clarismundo knew that “the landowners by the railway lines were stacking the firewood along the tracks, in order to facilitate loading. They were getting rid of all of it, and there was no Ibama” (the Brazilian for the Environment and Natural Resources Institute) in those days.” According to Clarismundo, they were officially required to preserve 10% of the virgin forest, “but if someone had 10 alqueires, they would end up with only 8. So instead, they cleared the whole lot.”

Antônio Carlos Zani was a historian, who researched the city’s timber era and its unique architecture. He listed at least 13 lumber companies from between the 30s and the 50s: Fabrini, Larsen, Ferrarezi, Conde, Pita, Baggio, Verdasca, Lolata, Curotto (which succeeded Lolata), Morothi, Sul-América, Siam and Mortari. The estimated annual production between them was around 40 to 50 thousand cubic meters.

According to Zani’s research, cedar, peroba, pine, cabreúva, óleo pardo, caviúna and pau-marfim were all “top quality and had high commercial value, as long as they were greater than 40cm in diameter.” Cinnamon, canelão, canjarana, timburi, canafistula, gुरुcaia, black heart, mulberry

and sapuva were second grade and their commercial value was average. Pau-d’alho and fig were the least valuable.

The first wagon shortage which disrupted wood transport was recorded in 1937. In the 40s, RVPSC (Paraná–Santa Catarina Road Network) took over Estrada de Ferro São Paulo–Paraná and as the transport of agricultural products (food) became a priority, wood transport came to a standstill. Road transportation (by trucks) was not an option either, due to the fuel shortages brought on by the war, and the government only made improvements in road quality after the war. Meanwhile, new coffee plantations were gaining space forcing the forest further and further away, as the price of coffee kept increasing to match the international rate. Geographer Pierre Monbeig calculated the percentage increase and the figures were astonishing: “from 1939 to 1951 the average FOB (Freight on Board) price per sack exported via the port of Santos grew by 772%. From 1949 to 1950 there was an 80% rise. The demand for cutting the trees to “clear” space for the plantations was so high that the loggers could hardly keep up. Some landowners set fire to the forest to speed up the process which often resulted in killing other, sometimes even more valuable species.

According to Reinhard Maack, the ‘father’ of physical geography in Paraná, “the main reason for the disappearance” of 79.800 km² of tropical and subtropical forests was the expansion of coffee plantations from the north to the west of Paraná across 30 years (1930–1960). Londrina began to suffer the consequences within less than two decades, as the soil was no longer able to absorb rainfall and by 1948, the water supply reduced by half, from 1 million litres per day. There was no protective tree foliage to intercept falling rain, nor tree roots to capture and retain water. As a result, most rainwater would flow off rapidly on top of the ground (as surface runoff). “Water scarcity in Londrina became so severe that people

would display signs on their houses in order to demonstrate their desperate cry for help “we need water,” according to Maack, who was one of the geologists that Cianorte consulted for suggestions. As a temporary solution, 6 water sources (non-flowing artesian wells) were identified under the volcanic rocks.

There was no sign of an authority that would enforce the Forest Code issued in 1934. Although rather vague in some of its 110 articles, it required landowners to maintain virgin forests on a quarter of their land and defined the sanctions for those violating the conditions of the code. Yet, neither the federal nor the state government established the “means of control,” despite committing to setting up a unit designated solely to enforce the Code (Departamento de Terras e Colonização - DTC) in 1934 (in Decree No 2569). Cianorte only introduced a clause in its contracts which required the buyers to “keep no less than 10% of their land untouched as forest,” in 1938. The clause was rarely respected, as the president of the republic Getúlio Vargas, who issued the legislation in the name of preservation, did not designate an inspector for Londrina or the north of Paraná,” said engineer Aristides de Souza Melo, who was the technical director of the company from 1944.

Mello blamed the Japanese. They would demolish “just about anything to clear the way for agriculture.” They were so eager to plant coffee that they generally disregarded the fact that the noble trees were worth just as much as the land itself and set fire to them all, remembered Oscar Curotto, whose father came to Londrina in 1937 to set up as a logger. “It wasn’t the loggers who destroyed the forest. They only took what they could. The loggers even bagged the owners to let them buy the wood, but they would refuse,” he said. Once the trees were cut, if the buyer couldn’t arrange to remove the logs by August or September, the owners would set fire to them no matter if they were perobas, cedros or marfims.

The entire macro-region north-northwest of Londrina was populated within only 40 years, a mass migration unprecedented in South America. The population of Paraná State increased sixfold from 1930 to 1970, from 890,000 to 6.9 million. Over 51% (3.5 million) settled in the north-northwest region, which had become the largest coffee growing area in the world. In 1938, the Estrada de Ferro São Paulo-Paraná made a profit for the first time, 3.7 billion réis (revenue of 8 billion and 4.3 billion expenses). By 1941, it had become the most profitable business of the colonization with a “world record income per square kilometre,” 10,4 billion réis on 251km, according to João Sampaio, who attributed the success to himself and the company’s other director Arthur Thomas.

The railway tracks finally reached Apucarana after a five year “pause” (1936-1940) in Rolândia due to federal interference. In an article in the Diário de S. Paulo newspaper in 1938, Carlos Assumpção emphasised that “it was crucial that the railroad did not end or was put on hold in Rolândia.” He argued that the extension to Guaíra, had already been approved “both in financial and military terms” by Estado-Maior do Exército (the highest command in the army forces) and was being evaluated by Conselho Superior de Defesa Nacional (the Superior Council for National Defense). He continued: “we therefore urge both the Federal Government and the Congress to come to the aid of such a useful, profitable and patriotic venture.”

A year later (29 June 1939) the Folha da Manhã announced a joint decision that “the government of Brazil shall begin the construction of the Rolândia-Guaíra Railway up to the Paraná River, and the Paraguayan Government shall build the Asunción-Guaíra Railway,” according to the agreement signed by the foreign ministers of both countries, Osvaldo Aranha and Luiz Riart. The agreement remained only

on paper and the railway never reached Guaíra.

In Apucarana “the dictatorial government began to interfere” with the project, reported João Sampaio. “They demanded that we divert the line towards the south. We refused and everything came to a standstill, even though the section to Maringá had already been approved by the Departamento Nacional de Estradas de Ferro (National Railway Department).”

The high costs of war forced the British Government to consider repatriating some of its capital in 1944 and they decided to sell Companhia de Terras and the railroad to Brazil. The railway was transferred to the government and incorporated into RVPSC. It only reached its final stop, the city of Cianorte, in 1972. As it happens, the name of the city was the same as the acronym and telegraphic address of Companhia de Terras Norte do Paraná: Cianorte.

.....

R E C O R T E S

THE RAILWAY AS ENVISIONED BY CINCINATO BRAGA
Cianorte’s final decision to start colonization and fund Companhia Ferroviária Noroeste do Paraná (later São Paulo-Paraná) was made possible by the farmers of Jacarezinho. On 25 November 1922, the farmers received from the São Paulo government the “license for construction, use and enjoyment” of a 9km section, between Ourinhos station (Sorocabana) and a stop on the left bank of the Paranapanema River. The other 20 km, to Cambará, were authorized by the state of Paraná. Barbosa Ferraz, Antonio and Gabriel Ribeiro dos Santos, Manoel da Silveira Corrêa and Willie Davids began to advocate a route that would reach Paraguay by crossing northern Paraná, then heading west it would cross the great river below Sete Quedas. “... the vision of our eminent statesman

Dr Cincinato Braga for the Santos-Asunción rail link,” said the full-page advertisement in the 15 January 1924 issue of the O Estado de S. Paulo, which the concessionaires released right when Lord Lovat arrived in the country in an attempt to spark his interest.

Cincinato César da Silva Braga (1864-1953) was born in Piracicaba (SP). He was a lawyer, a republican and an abolitionist. He was an elected member of the constituent assembly of São Paulo (1891-1892) and then became a federal deputy. In 1934, he was elected a constituent member once again. He wrote A Intensificação Econômica do Brasil (1917) and Brasil Novo (three volumes, 1930-1931).

He represented Brazil at the League of Nations (in 1919) and at the International Labour Conference (in 1921). He became the president of Banco do Brasil in 1923. He was also an advocate for the “agrarian elite” and had suggestions related to education and labour. He proposed the Santos-Asunción railway route but didn’t have a project developed.

“The proposal of the Cincinato Braga route to Paraguay...was submitted to the National Congress but it didn’t get approved, because getting to Paraguay via Cambará and Guaíra was much more convenient,” according to Mesquita Filho, who was responsible for the construction of the tracks between Ourinhos and Cambará.

On 30 June 1928, Cianorte acquired the 29km “rail path” built by Mesquita & Irmãos Ltda. McDonald, Gibbs & Co. (Engineers) Limited from London was going to make some improvements on the existing section and move ahead with the construction. In 1944, the groups of Gastão Vidigal, Gastão de Mesquita Filho, Arthur Bernardes Filho and Irmãos Soares Sampaio bought both the railroad and Companhia de Terras for £1.52 million. Except, even though they paid just 128 billion réis for the railway, they were ordered by the president of the republic to sell it to the federal government for 88 billion as part of

a railway nationalization project in Brazil. Although the new currency, the cruzeiro had already been introduced, the values mentioned are in réis.

HERDING THE CATTLE, CHEDID FOLLOWED THE TRAIN
The Lebanese José Jorge Chedid moved to Cambará in 1916. He owned a successful butcher’s shop and was a “tough” police chief at the same time. He was also a ferryman on the Paranapanema, working for Barbosa Ferraz as well as for himself. “I had to hand over all the money from the daytime traffic to Barbosa Ferraz, but at night, everything I earnt was mine, so I tried to slow down daytime traffic in order to get good movement at night. I made good money from the ferries,” he recalled.

The business deal that brought him to Londrina in 1930 was an agreement with engineer McDonald that he would supply the beef for the meals, of the 5,000 construction workers, of the São Paulo–Paraná Railroad. The cowboy and horseman had 1,800 oxes slaughtered in the first year. He was bringing the animals from Palmital and other São Paulo cities until the 1932 revolution made the journey difficult. He changed the route by going from Cornelio Procopio through Congoninhas and then São Jeronimo where he was able to collect the animals. In 1932, when the railroad reached Jataí, the construction continued on the left bank of Tibagi and “in ten months, the ballast (track bed) was laid all the way to Londrina,” but this stage required much fewer workers than the previous sections. Chedid opened a butcher’s shop beside David Dequêch’s warehouse and settled down in Londrina. He lived in various places in Londrina but he decided to move to Warta with his family in 1946. The reason being: “Londrina was a Marseille with so many prostitutes, and I had daughters to raise.” He helped “Compadre Celso” (Garcia Cid) set up a farm and he moved to Bela Vista do Paraíso and eventually to Jaguapitã,

where he stayed from 1960 until his death in the 80s.
HEADQUARTERS IN OURINHOS, 24 TEAMS AND 1,600 RAILWAY SLEEPERS PER KM
The São Paulo–Paraná Railway Company’s headquarters were in Ourinhos where approximately 150 forgotten documents were found in 2004. They contained information on the amount of rainfall in the region from 1931 to 1942 and the number of railway sleepers laid from 1928 to 1935, by 24 teams of workers. Generally, they used 1,400 sleepers per km for straight tracks and 1,600 to 1,800 for 200m radius curved tracks.

In 1945, Rede Viação Paraná–Santa Catarina (RVPRSC, later Rede Ferroviária Federal) took over the management and their headquarters consisted of the station, offices, homes, a repair shop, a carpentry shop and an iron and bronze foundry, according to Chedid. The documents were found in a piece of furniture, whose owner sent for Jairo Teixeira Diniz who was well-known in Ourinhos for his affinity for the railway. He was employed by São Paulo–Paraná in 1936 and retired from RVPRSC in 1977.

In 2006, the Folha de Londrina was all about Jairo donating the documents to the History Museum (Museu Histórico), which included the plans for the bridges between Ourinhos and Londrina, topography surveys, drainage systems, construction standards, and the (financial) forecasts for the Cambará–Jatahy and Jatahy à Serra da Apucarana sections of the railway (for the period of Oct 1928 – Jan 1932). Jairo also talked about his friendship with the two Scots, chief engineer James Lister Adamsom and Superintendent Wallace Hepburn Morton. Despite what their name might suggest, some of the leaders were not English: Herrington Smyth (secretary of the director) was from Uruguay and Alastair Tarrel Munro (head of locomotion and tracks) from Paraguay.

“All those train people in suits,” even the train drivers! The

influence of the English within the rail industry is well portrayed by Clarismundo Galvão’s dialogue with a dishevelled driver: “Mr Munro,” he addressed the driver warmly and with courtesy, “You forgot the tie...” and he swiftly pulled one out of his own pocket, “Here! Look how handsome you are, wearing a tie.” Clarismundo was from Piraju (São Paulo) and joined São Paulo–Paraná in 1938. He was hired in Ourinhos and was transferred to Londrina (see chapter 5)



Grupo
MIDIOGRAF

**EDITORIAL, PROMOCIONAL E EMBALAGENS.
TRAGA SEM IMPRESSO PARA A MIDIOGRAF,
ESTAMOS PRONTOS PARA TE SUPREENDER.**

RUA DAS INDÚSTRIAS 327 - LONDRINA, PARANÁ
(43) 2105-4393 | MIDIOGRAF.COM.BR

08 Prefeitos nomeados. E os males do sertão

Posse do primeiro Prefeito eleito, Willie da Fonseca Brabazon Davids, e vereadores em frente a Câmara Municipal.
Autor: José Juliani/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Na emancipação, em 1934, o município abrange além dos 515.017 mil alqueires da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP/Cianorte), tem o primeiro orçamento estimado em 91 contos de réis e paga ao prefeito, Joaquim Vicente de Castro, o salário de 700 mil réis. Apenas três funcionários: o secretário – 300 mil réis – e dois fiscais, 220 mil réis cada. Valores na memória do próprio Joaquim em 1978, quando relatou o seu breve período de prefeito, menos de seis meses, sem ter sido possível superar imposições de Arthur Thomas, gerente-geral da empresa: “A Companhia de Terras não pagava impostos e Thomas ainda pleiteava outras vantagens, daí os nossos atritos. Os ingleses são imperialistas, veja o que eles fizeram na China”.

Segundo Joaquim, a animosidade o colocou na “mira” do delegado de polícia e sua reação foi “espalhar” o comentário de que havia passado pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (C.P.O.R.), unidade do Exército em Curitiba, figurando entre os melhores atiradores. Cinco meses e 20 dias depois Joaquim deixou o cargo, a pedido do interventor, Manoel Ribas, para que assumisse a Prefeitura de Jacarezinho, até para sanar “uma divergência política lá, eu não era político”, conforme relatou. Por outra versão, o domínio da Companhia reforçado pelo diretório municipal do Partido Social Democrático (PSD) determinaram a exoneração de Joaquim, acusado de não ser bom administrador, substituído provisoriamente por Crispim de Souza Tavares até a vinda do titular, Rosalino Fernandes, funcionário estadual.

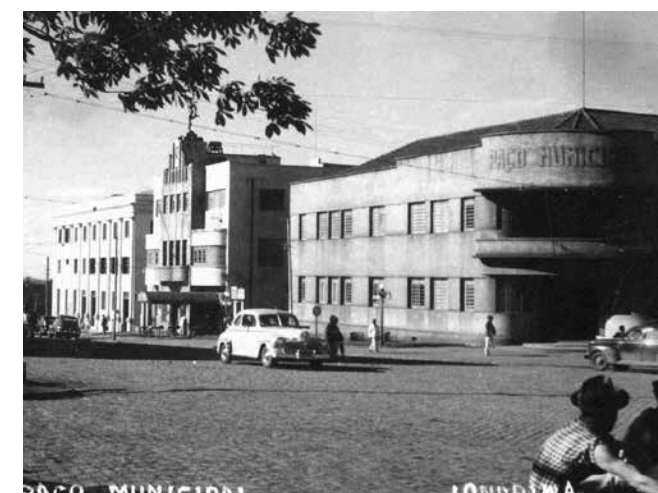
“A Companhia de Terras detinha o controle territorial e político da cidade e nada podia escapar

de sua ordem e orientação”, constataria o médico Adolfo Barbosa Góis ao “aportar” na cidade em 1936.

Tido por rigoroso no trato da coisa pública, apelidado Mané Facão, mas autoritário pela representatividade da ditadura getulista, Manoel Ribas logo percebeu a exceção que era Londrina entre os municípios, onde não teria poder absoluto.

Por força da nova constituição, promulgada em 1934, a comunidade vota pela primeira vez, em 12 de setembro 1935, elegendo o prefeito, Willie Davids, e seis vereadores: Honório Martins Ribeiro, Jacintho Antenor Cardoso, João Figueiredo, João Wanderley, Luiz Estrella e Seraphim de Almeida. Todos pelo Partido Social Democrático (PSD), que recebeu 178 votos, derrotando o Partido Integralista, liderado por Héber Palhano, que obteve 23 votos.

Willie Davids antecipa-se, assumindo na condição de prefeito nomeado, em 2 de dezembro, e só a partir de 20 de janeiro de 1936, quando os vereadores tomam posse, exerce o mandato constitucional, de eleito.



Paço Municipal, Acil e Edifício da Companhia de Terra, década. 1950. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Com o golpe em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas impõe o Estado Novo, que fecha os legislativos e destitui os prefeitos. Willie volta a ser prefeito nomeado, assim conciliando os interesses da colonizadora e do Estado. É neste contexto aquela observação de Dr. Góis, que pôde “facilmente constatar” o pleno controle da cidade pela CTNP/ Cianorte, “todos os vereadores estavam claramente ligados aos interesses” dela.

Em relação à Companhia, dona também do único hospital: o presidente da Câmara, João Wanderley, “era fornecedor oficial de instrumentos agrícolas”; João Figueiredo, diretor clínico do hospital e Jacinto Cardoso, “um impostor que se dizia farmacêutico e médico, dirigia a farmácia do hospital e como tal exercia ilegalmente a medicina receitando entorpecentes”. Luiz Estrella, “chefe do escritório central de vendas” e Honório Martins Ribeiro “pai de um dos diretores locais”. Fora da Cianorte não havia a quem recorrer, segundo Dr. Góis. “Inclusive a própria medicina era bastante cerceada pela política monopolista dos diretores da Companhia, visto que em seu hospital a atividade era de exclusividade dos dois médicos por ela assalariados.”

Havia oposição, porém. No primeiro semestre de 1936, Adolfo Barbosa Góis mora no Hotel Fonseca, “foco de grande atividade hostil às normas da Companhia”, notou imediatamente. “Pessoa de poucas letras, mas inteligente e afeito a ações sub-reptícias”, o português Jacinto Fonseca, o dono, “mantinha em sua hospedaria um pequeno grupo de falsos corretores, cuja função era desnortear os potenciais compradores de lotes urbanos ou rurais da grande Companhia de Terras”.

Góis tinha a pretensão de ser apenas médico em Londrina, mas viu seu inato senso político ressurgir, “trabalhado por elementos ativistas, nacionalistas xenófobos, direitistas e fascistas dirigidos”, isso “concomitantemente com as reuniões do Hotel Fonseca”. Entre tais personalidades Héber Palhano, proprietário de “bem frequentado bar, na Avenida Rio de Janeiro, anexo à loja das Casas Pernambucanas”; e César Traballi, alfaiate e dono de “um bar modesto, em casa rústica de madeira”, na esquina da rua Minas Gerais com a Sergipe. “Estava ali o quartel-general dos integralistas juramentados e atuantes; era também valhacouto de diversas alas de direita.” No início de 1936 o médico Osvaldo Dias, delegado de Higiene, havia notificado um surto de febre amarela silvestre; a Diretoria de Saúde Pública do Estado, solicitada pelo prefeito e o gerente da Cianorte, respondeu que “só depois do Carnaval” poderia destacar pessoal. Thomas e Davids recorrem à Fundação Rockefeller, que desloca pessoal do Estado de São Paulo e instala um laboratório, relatou o contemporâneo Humberto Puiggari Coutinho.

Debelado no fim de março de 1936, o surto matou 32 pessoas. Mas a notificação custou a demissão do delegado de Higiene, que desobedecera ordem para que não o divulgasse e foi removido pelo governo a pedido da empresa. “Essa denúncia (da epidemia) provocou grande retração nas vendas de lotes urbanos e rurais, o que trouxe considerável prejuízos para os interesses da Companhia”, segundo Dr. Góis.

Detectada no verão de 1937, a febre tifóide persiste até os primeiros meses de 1938, “mortes

às dezenas, causadas por peritonite, devido à perfuração intestinal”, recordaria doutor Góis. “Não havia especialistas, tínhamos de atender a todos os casos”, contou o médico Caio de Moura Rangel, referindo-se aos males do sertão em geral. Eram crianças com desidratação por diarréia ou disenteria, pacientes com doenças respiratórias, cardíacas ou circulatórias, casos de ginecologia e obstetrícia, de malária, febre tifóide, leishmaniose cutânea ou nasal, feridos em derrubadas de mata. “Enfim, todos os males que se podem encontrar numa comunidade de lavradores tentando estabelecer seus sítios dentro da floresta virgem.”

O único e pequeno hospital no município pertence à CTNP, insuficiente e seletivo, aberto somente aos que podem pagar. Mas a população em crescimento já inclui pobres. O Município “vem tendo muita despesa com a hospitalização e tratamento médico de pessoas comprovadamente sem recursos”, informa o prefeito, Willie Davids, enfatizando ser urgente a construção de um hospital beneficente, a Santa Casa, motivo de uma campanha já iniciada pela comunidade. Por decreto de Willie, a partir de 1.º de julho de 1938 serão destinados à obra a taxa de 5% sobre os impostos recebidos pelo Município. Mas, antes que a Santa Casa fique pronta, é preciso subsidiar o “Hospitalzinho dos Indigentes”, estabelecido por iniciativa do médico Gabriel Martins, delegado de higiene, apoiado pela comunidade. E o prefeito amplia a contribuição, em fevereiro de 1940, para 10% sobre todos os impostos e taxas. (Constatou-se mais tarde que o interventor, Manoel Ribas, impedira, o tempo todo, que a Prefeitura transferisse integralmente os 5% para a

construção da Santa Casa, pronta em 1944.)

Em 30 de outubro de 1940, Willie é exonerado, por decreto do interventor no Estado. Motivo: dois funcionários viciados no jogo de carteados tinham surrupiado 20 contos de réis da Prefeitura. O inquérito não responsabilizava Willie, mas ele foi substituído pelo capitão Custódio Raposo Neto

Agrônomo e primeiro oficial da Força Pública do Paraná (Polícia Militar) a formar-se piloto de avião, o capitão Miguel Balbino Blasi, filho de alemã e italiano, assume o cargo de prefeito em 19 de julho de 1941. Entre seus principais objetivos: aplicar macadame sobre 32.000 m² de ruas para diminuir “99% a lama viscosa e 95% o pó cujo dióxido de ferro é um tormento”. E a seguir, a construção de galerias pluviais antecedendo a pavimentação com paralelepípedos. Blasi informa, em visita à Associação Comercial, que o prefeito e auxiliares diretos (designados pelo Estado) não receberão salários na Prefeitura, “num gesto de altruísmo em benefício do município”.

Com 600 m² e dois pavimentos além do porão, destinado também a repartições estaduais, o Paço Municipal “pode ser qualificado como o mais luxuoso do Norte do Estado”, informa o *Paraná-Norte*. O prefeito convida para “o baile de gala que dará no referido Paço”, em 29 de julho de 1942, quando será inaugurado. Observação: “Traje a rigor, tolerado o linho branco”. Presente o interventor Manoel Ribas, o baile entra pela madrugada. Blasi permanece até outubro de 1943.

De 1934 a 1947 são 19 os prefeitos nomeados: Joaquim Vicente de Castro (10/12/34 - 31/5/35); Crispim de Souza Tavares (maio/1935), Rosalino

Fernandes (31/5/35 – 2/12/35; Willie Davids (2/1/35 – 30/5/40); João Wanderley (eventualmente,1935 e 36): Adriano Marino Gomes (interino por vezes, em 39 e 40); Custódio Raposo Neto (30/5/40 – 28/8/40); João Ferrário Lopes (29/8/40 – 29/6/41); Clotário Carvalho Cruz (julho/41); Miguel Balbino Blasi (29/7/41 – 23/10/43); João de Jesus Neto (9/10/43 – 23/10/43); Aquiles Pimpão Ferreira (23/10/43 – 14/5/45); João de Jesus Neto (interino, 1944); José Munhoz de Melo (14/5/45 – 8/11/45); Guilherme Ribeiro Soares (dois dias, em 45); Arã Pizzatto Ferreira (13/11/45 – 8/4/46); Odilon Borges de Carvalho (8/4/46 – 4/11/46); Ulysses Xavier da Silva (4/11/46 – 7/4/47); Edwy Taques de Araújo (7/4/47 – 22/4/47); José Moraes Neves (22/2/47 – 25/4/47); Edwy Taques de Araújo (25/5/47 – 8/5/47); Ary Pizzatto Ferreira (8/5/47 – 12/12/47).

.....
RECORTES

O TAMANHO DO MUNICÍPIO:
Na emancipação, em 1934, limita-se com os Estados de Mato Grosso (oeste) e São Paulo (norte) e os municípios de Sertanópolis (norte), São Jerônimo, Tibagi, Reserva e Guarapuava (de sudeste ao centro-sul), área superior a 18 mil km². Pela nova divisão em 1938, que vigora em 1.º de janeiro de 1939, Londrina tem 923.117 alqueires (aproximadamente 23.100 km²). Incluindo Marilândia, Faxinal de São Sebastião e São Roque, distritos que pertenciam a Tibagi. Criados os municípios de Rolândia e Apucarana (o segundo inclui Marilândia e São Sebastião), em 1943, restam a Londrina 2.470 km². Em 1952, o município se restringe a 2.358 km². Desmembra-se Tamarana (antigo São Roque) em 1995 e a área de Londrina decresce para 1.653 km².



Delegado de Higiene Dr. Gabriel Martins com a criança e a cavalo, e amigos. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Início solene das obras de pavimentação, com o prefeito Miguel Balbino Blasi, na Avenida Paraná. Autor Carlos Stenders/Acervo Câmara Clara

PRIMEIRO DIA DA CÂMARA: ESCOLAS
Instalada a Câmara Municipal, em 4 de fevereiro de 1936 às 12 horas, são eleitos por unanimidade os senhores João Wanderley (presidente) e Honório Martins (secretário). “Um dos problemas que mais de perto diz com o bem-estar dos habitantes de Londrina é a instrução. É certo que muitas crianças em idade escolar estão em completo desamparo quanto à sua instrução primária, com grande pesar de seus pais que, para aqui vindos auxiliar o progresso desta terra, lastimam, e com razão, a falta de escolas”, discursa Wanderley. “Para esse problema, seguramente, meus senhores, voltaremos imediatamente as nossas vistas, certos de interpretar os sentimentos de toda a população do município”, prossegue. “Nesse sentido, já contamos com a formal promessa de sua excelência o sr. governador, Manoel Ribas, que, em sua última e recente visita a este município, afirmou que Londrina, Nova Dantzig e Rolândia terão, muito em breve, os seus edifícios escolares.” (*Paraná-Norte* 9.2.36.)

DR. GÓIS, CRÔNICA DE UMA CHEGADA
“Médico recém-formado pela vetusta Faculdade de Medicina da Bahia, moço, pobre, de origem humilde, filho de pequeno pecuarista do Oeste Sergipano, que, sem medir sacrifícios, conseguira ver um dos seus numerosos filhos sobraçar um canudo de doutor, que merecidamente recebera, após seis anos de grande luta, de trabalho e de estudo, de até “25 horas” por dia, por ambição de, algum dia, elevar o “status” de sua família, desembarcando em Santos (SP) do bojo de um “Ita”, cheguei a Londrina no desconfortável trenzinho da Paraná- =São Paulo,

às 17 horas de 11 de abril de 1936. Decepcionado e desorientado, encaramujei-me muito mais do que o habitual de meu temperamento introvertido. Evitei identificar-me, no primeiro momento. No jantar coletivo da pensão, naquela primeira noite, promiscuamente com caixeiros-viajantes loquazes, ruidosos e desbocados, me sentindo totalmente deslocado. Fora criado e educado em lar de hábitos austeros, no qual imperavam rígidos costumes, não consentâneos com o uso do palavrão e de qualquer licenciosidade verbal. Ainda hoje, nesta minha propecta idade, me ofendem os ouvidos os palavrões e a linguagem de gíria. Rica como é não necessita a nobre língua portuguesa de amparo dessas muletas, atestado de pobreza vocabular.” (Os três primeiros parágrafos de “Minha Chegada a Londrina,” Adolfo Barbosa Góis (ver bibliografia).

LOUVOR AO DR. JOHN KERR
“Em gozo de férias, seguiu terça-feira com destino aos Estados Unidos, o dr. John Kerr, que vinha chefiando os serviços da Fundação Rockfeller, esta admirável instituição que tão relevantes serviços prestou a Londrina na debelação do surto epidêmico que invadiu a zona rural do município. Ao dr. Kerr e aos seus abnegados companheiros, devemos a tranquilidade que hoje gozamos. Aos médicos da Fundação deve Londrina a extinção do mal e a volta dos lavradores aos seus trabalhos rurais.” (*Paraná-Norte* 29.3.36.)

EM SEIS ANOS, 70 MIL HABITANTES
Constrangendo até o delegado, Carlos de Almeida, com “as obscenidades tão imundas ditas em gritos

pela rua, na cara das famílias”, a proprietária de prostíbulo Cidica é presa em 21 de março de 1936 e “expulsa” para a sede da comarca, Jataí, onde a cadeia oferece segurança. Pressentindo progresso sem precedentes, Cidica construía um prédio de alvenaria, que lhe serviu de argumento para obter o habeas corpus preventivo. Ao chegar, em 1938, o jovem advogado Milton Menezes nota que já existe a Associação Comercial entre “as marcas de ousadia da cidade que, não tendo passado a lembrar, empenhava-se em preparar o futuro”. Dos 41,5 milhões de habitantes no país em 1940 (“quinto recenseamento do Brasil”), 70 mil estão no município de Londrina, dos quais 10 mil na sede. Nasceram 3.883 pessoas e morreram 853 em 1940, registrando-se 743 casamentos. Há 3.389 estudantes e 85 professores. De 13.900 habitações 2.100 estão na sede, incluindo 12 hotéis e 51 pensões. Arrecadação municipal – 1.249,2 contos de réis; Coletoria Federal – 1.098,5 contos de réis; Coletoria Estadual – 5.228,3 contos de réis. Totalizam 46,6 mil contos de réis os depósitos nas agência do Banco do Brasil, Banco América do Sul, Caixa Econômica Federal e Casa Bancária Imigração (o Banco Noroeste não informou). De 12,5 milhões de cafeeiros, quatro milhões já estão produzindo e a colheita atingiu 60.955 sacos.



Rua Sergipe em 1943. Lama, uma das preocupações do prefeito Miguel Blasi, que anuncia a pavimentação de vias. Autor Carlos Stenders/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

a força

do empreendedor em Londrina.

Empreender é acreditar. É sonhar e acordar todos os dias com a determinação para realizar. E é essa força que vem de cada pequeno negócio que gera mais desenvolvimento e oportunidades para toda a cidade. Com a presença do Sebrae na cidade, Londrina pode contar, cada vez mais, com o apoio para fortalecer o ambiente de negócios das suas micro e pequenas empresas.

www.sebraepr.com.br
0800 570 0800



CHAPTER 8
NOMINATED MAYORS AND THE DISEASES OF THE
BACKWOODS

When Londrina became independent in 1934, it extended further than the 515,017 alqueires of Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP/Cianorte). The city had an estimated budget of 91 million réis and paid the mayor Joaquim Vicente de Castro a salary of 700,000 réis. There were only three employees. The secretary received 300,000 réis and two officers had a salary of 220,000 réis each. When in 1978, Joaquim thought back at his brief period (less than 6 months) as mayor, he remembered not being able to tolerate the impositions of Arthur Thomas, the general manager of the company. “Companhia de Terras was not paying any taxes and they still demanded other benefits, which was the cause of our friction. The English are imperialists, just look at what they did in China!”

According to Joaquim, his hostile attitude put him in the “crosshairs” of the chief of police, so he “got the word out” that during his military training at Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (C.P.O.R.), which was an army unit in Curitiba, he was one of the best shooters. Joaquim left office after 5 months and 20 days, upon the request of the governor Manoel Ribas, to take over as mayor in Jacarezinho, in an attempt to smooth over a “political disagreement in the city, as he wasn’t a politician.” Others claimed that it was Companhia together with the municipal directorate of the Social Democratic Party (PSD) that commanded Joaquim’s dismissal for not being a good administrator. Crispim de Souza Tavares was appointed provisionally, until state official Rosalino Fernandes was able to take office.

“Companhia de Terras had territorial and political control over the city and nothing got past its command and

guidance,” noted Adolfo Barbosa Góis, when he “docked” in the city in 1936. Manoel Ribas was nicknamed Mané Facão (Mané Machete) for being strict in dealing with public affairs but he was just an authoritarian, representing the Getúlio Vargas dictatorship. Ribas soon realized that Londrina was an exception among the municipalities, in the sense that he will not have absolute power over the city.

In 1934, the new constitution made voting a duty for people over 18 in Brazil, and the community voted for the first time on 12 September 1935, electing Willie Davids for mayor and 6 council members: Honório Martins Ribeiro, Jacintho Antenor Cardoso, João Figueiredo, João Wanderley, Luiz Estrella and Seraphim de Almeida. They were all from the Social Democratic Party (PSD), and received 178 votes in total, defeating the Integralist Party led by Heber Palhano, who only got 23 votes.

Willie Davids took office ahead of time on 2 December, even though his constitutional mandate only commenced on 20 January 1936 when the city councilmen were sworn in. With the coup on 10 November 1937, Getúlio Vargas imposed the Estado Novo (New State), dissolved the legislatures and dismissed the mayors. Willie was nominated for mayor once again, in order to reconcile the interests of the colonizer and the State. Dr Góis said that it was “very easy to see” that the city was under the full control of CTNP/Cianorte, “as each councilman had clear ties to the company.” Companhia also owned the only hospital in the city. The chairman of the municipal chamber João Wanderley “was the official supplier of agricultural equipment.” João Figueiredo was the clinical director of the hospital, and Jacinto Cardoso was “an impostor who claimed to be a pharmacist and a physician, ran the hospital pharmacy and as such illegally practiced medicine prescribing medication.” Luiz Estrella was “the head of the main sales office” and Honório Martins Ribeiro was the “father of one of the local directors.” According to Dr Góis, there was

no one to turn to outside Cianorte. “Even health itself was very much enveloped by the monopolistic policies of the company directors, as the two doctors who carried out all the work in their hospital received their salaries from the company.”

There was some resistance however. In the first half of 1936, Adolfo Barbosa Góis moved in to Hotel Fonseca and immediately noticed “a great hostility towards the company’s norms.” The owner, the Portuguese Jacinto Fonseca was “a man of few words, but was very smart, crafty and not afraid of using tactics.” He “kept a small group of fake property agents in his hotel whose role was to avert all potential buyers who were interested in urban or rural Companhia de Terras lands.” Góis only wanted to be a doctor in Londrina, but his natural political sense began to resurface, being surrounded by “activists, xenophobic nationalists, rightists and fascists,” at the “meetings of Hotel Fonseca.” Among the participants were Héber Palhano, the owner of the “well-frequented bar on Rio de Janeiro Avenue right by Casas Pernambucanas store,” and César Traballi, a tailor who owned “a modest bar in a rustic wooden house” on the corner of Minas Gerais and Sergipe Street. “The bar also served as a base for the sworn integralists as well as refuge for the various right wingers.”

In early 1936, public health delegate Dr Osvaldo Dias reported an outbreak of yellow fever. The mayor and Cianorte’s director notified the Diretoria de Saúde Pública do Estado (State Public Health Directorate) and were told that “only after Carnival” could they send help. Thomas and Davids turned to the Rockefeller Foundation who re-allocated personnel from the state of São Paulo to set up a laboratory in Londrina, remembered Humberto Puiggari Coutinho. The outbreak was contained by late March 1936 having killed 32 people. The public health delegate lost his job for refusing the order to not make the events public. The government removed him from office upon the company’s request. “Exposing the

epidemic resulted in a great drop in sales of both urban and rural plots, which also meant significant losses for the company,” according to Dr Góis.

Typhoid fever was first detected in the summer of 1937 and persisted until the first few months of 1938. “The fever often led to peritonitis and dozens of deaths were caused by intestinal perforation,” recalled Dr Góis. “We had no experts, so we had to treat all the patients,” said Dr Caio de Moura Rangel, referring to the diseases of the countryside in general. There were children dehydrated from diarrhoea and dysentery, patients with respiratory, cardiac and circulatory diseases, cases of gynaecology and obstetrics, malaria, typhoid fever, mucosal and cutaneous leishmaniasis as well as injuries from accidents in the forest. “Basically, we treated any illness that may affect a group of farmers setting up their base in a virgin forest.” The only small hospital in the city belonged to CTNP. It was inadequate and discriminative in a sense that it would only treat those who could afford it. But the poor were already part of the growing population. The municipality “has been spending a lot on the hospitalization and medical treatment of people with no financial means,” said the mayor Willie Davids. He was highlighting the need for a charitable hospital, Santa Casa, in support of the campaign that the community had started. Willie issued a decree, whereby from 1 July 1938, 5% of all taxes received by the city shall be allocated for the building works. But first, before Santa Casa could be finished, the “Hospital for the Homeless” had to be subsidized. It was the initiative of the physician and public health delegate Gabriel Martins and was also endorsed by the community. Therefore, in February 1940, the mayor increased the contribution from all taxes and fees to 10%. (As it turns out, the governor Manoel Ribas kept interfering so that the council would not able to transfer the whole amount corresponding to the 5% for the construction of Santa Casa, which was completed in 1944.)

On 30 October 1940, Willie was exonerated by decree of the governor of the state. The reason: two officials, who were addicted to gambling, stole 20,000 réis from City Hall. The inquiry did not hold Willie responsible. Nevertheless, he was replaced by captain Custodio Raposo Neto.

Captain Miguel Balbino Blasi took over as mayor on 19 July 1941. He was half German, half Italian, an agronomist and the first officer of the Força Pública do Paraná (State Military Police) who qualified as a plane pilot. One of his main objectives was to cover 32,000m² of the streets with tarmac to reduce “the sticky mud by 99% and the iron oxide dust from the soil, which was unbearable, by 95%. Then he began the construction of storm drains and paving the roads with cobblestones. During a visit to Associação Comercial, Blasi reported that the mayor and his assistants at the City Hall (who were assigned by the state) would not be taking any salaries, “as a gesture of altruism for the benefit of the municipality.” The 600m² City Hall building, which spread across two floors (besides the basement), “could qualify for the most luxurious building in the north of the state,” according to the Paraná-Norte. The mayor’s invitation for the building’s inaugural “gala that will take place in the aforementioned Palace,” on 29 July 1942, specified “suits only, white linen accepted.” The governor of the state Manoel Ribas was present and the ball went on until dawn. Blasi remained in office until October 1943.

Between 1934 and 1947, 19 mayors were appointed: Joaquim Vicente de Castro (10/12/1934–31/05/1935); Crispim de Souza Tavares (May 1935), Rosalino Fernandes (31/5/1935 –2/12/1935); Willie Davids (2/1/1935–30/5/1940); João Wanderley (eventually 1935 and 1936); Adriano Marino Gomes (interim at times in 1939 and 1940), Custódio Raposo Neto (30/5/1940 –28/8/1940), João Ferrário Lopes (8/29/1940 –29/6/1941), Clotário Carvalho Cruz (July 1941); Miguel Balbino Blasi (29/07/1941 –23/10/1943); João de Jesus Neto (9/10/1943

–23/10/1943); Achilles Pimpão Ferreira (23/10/43 –14/5/45); João de Jesus Neto (interim in 1944); José Munhoz de Melo (14/5/1945 –8/11/1945); Guilherme Ribeiro Soares (2 days in 1945); Arã Pizzatto Ferreira (13/11/1945 –8/4/1946); Odilon Borges de Carvalho (8/4/1946 –4/11/1946); Ulysses Xavier da Silva (4/11/1946 –7/4/1947); Edwy Taques de Araújo (7/4/1947 –22/4/1947); José Morais Neves (22/2/1947 –25/4/1947); Edwy Taques de Araújo (25/5/1947 –8/5/1947); Ary Pizzatto Ferreira (8/5/1947 –12/12/1947).

THE SIZE OF THE MUNICIPALITY

In 1934 it was bordered by the state of Mato Grosso (west), São Paulo (north) and the city of Sertanópolis (north), São Jerônimo, Tibagi, Reserva and Guarapuava (from southeast to south-central). According to the new division in 1938, which came into effect on 1 January 1939, Londrina covered 923,117 alqueires (23,100km²) and included districts that belonged to Tibagi, such as Marilândia, Faxinal de São Sebastião and São Roque. In 1943 the city of Rolândia and Apucarana were formed (the latter included Marilândia and São Sebastião): thus, Londrina was reduced to 2,470km². In 1952, the municipality shrank to 2,358 km² and then in 1995 to 1,653km² when Tamarana (former São Roque) became independent.

FIRST DAY OF THE COUNCIL: THE SCHOOLS

The municipal chamber was installed on 4 February 1936 at noon and Mr. João Wanderley (president) and Mr. Honório Martins (secretary) were elected unanimously. “The biggest issue currently impacting the well-being of Londrina’s citizens, is education. Indeed, a lot of school-age children are completely neglected in regards to their primary education, much to their parents’ great distress. The parents came to this region to help it develop and now feel, rightly so, upset about the lack of schools,” said Wanderley.

“Gentlemen, we must turn our attention to this problem right away, in response to how the entire population of the municipality feels,” he continued. “In this sense, we are counting on the formal promise of his excellence Governor Manoel Ribas, who, during his most recent visit, stated that Londrina, Nova Dantzig and Rolândia will very soon have their school buildings (Paraná-Norte, 9 February 1936).

DR GÓIS, THE STORY OF MY ARRIVAL

“A doctor, recently graduated at Faculdade de Medicina da Bahia (Bahia University of Medicine). A poor young man from a simple family, the son of a cattle farmer from Oeste Sergipano, who, no matter the sacrifices, would see one of his many children hold the well-deserved doctor of medicine certificate in their hands. Graduated after 6 long years of effort, work and study, for up to “25 hours” a day, aspiring to one day raise the status of his family. I got off from the belly of the “Ita” (steamboat) in Santos (SP) and took the uncomfortable little train (Paraná-São Paulo) to Londrina, where I arrived at 17:00 on 11 April 1936.

Disappointed and disoriented, I was even more reserved than usual for my introvert temperament. I tried to remain unnoticed at the beginning. That first night, at the chaotic boarding house dinner party with the loud, mouthy and vulgar traveling salesmen, I felt completely out of place. I was raised in a strict home and taught to obey firm rules that did not allow the use of profanity or any form of vulgarity. Even today, at this old age, slang language and swear words hurt my ears. The Portuguese language is so noble and rich. It does not need these crutches: the testimonies of vocabulary poverty. “(The first three paragraphs of Minha Chegada a Londrina; My Arrival in Londrina, Adolfo Barbosa Góis (see bibliography).

IN HONOUR OF DR JOHN KERR

On his way home to the United States on holiday, the American Dr John Kerr was called to run the services of the Rockefeller Foundation, the fine institution that provided such relevant services to Londrina in order to contain the epidemic outbreak, which had spread across the city’s rural areas. To Dr Kerr and his self-sacrificing companions, we owe the peacefulness we enjoy today and to the Foundation’s doctors that the sick healed and the farmers were able to return to their rural work.” (the Paraná-Norte 29 March 1936.)

70,000 INHABITANTS IN 6 YEARS

Even the police officer Carlos de Almeida felt uncomfortable about “the filthy obscenities people were yelling on the street in front of families,” when brothel owner Cidica was arrested on 21 March 1936 and “deported” to the district capital, Jataí, where the prison was safer. Cidica could sense the direction things were heading so she got a brick house built for herself, hoping it will help her argue habeas corpus (unlawful detention) at court.

Arriving in 1938, the young lawyer Milton Menezes noticed that there was a business association in Londrina already, which is one of “the signs of the kind of boldness that does not worry about the past, rather aspires to prepare the future.” Of the 41.5 million inhabitants in the country in 1940 (based on “Brazil’s fifth census”), 70,000 people lived in the municipality of Londrina and 10,000 of them were living in the centre. 3,883 people were born and 853 died in 1940, and there were 743 registered marriages. There were 3,389 students and 85 teachers. Of the 13,900 residences, 2,100 were in the centre, including 12 hotels and 51 B&Bs. Taxes collected at municipal level were 1,249,200,000 réis. Federal taxes totalled 1,098,500,000 réis. The State received 5,228,300,000 réis in taxes. There were 46,6 billion réis deposited in the branches

of various banks, such as Banco do Brasil, Banco América do Sul, Caixa Econômica Federal and Casa Bancária Imigração (Banco Noroeste did not share the information). Of the 12.5 million coffee trees, 4 million were already producing and 60,955 sacks had been harvested.



Praça Willie Davids. Ao fundo Edifício Londrina, Associação Comercial e Paço Municipal. Década de 40. Autor desconhecido. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

LONDRINA, 86 ANOS!



PARA NÓS, VOCÊ SEMPRE SERÁ GRANDE!

Temos **transportado** gerações de **londrinenses**, atuando de forma direta **na integração e progresso da cidade.**

O **tempo passou** e as tecnologias avançaram, **mas continuamos** firmes no nosso propósito: **oferecer sempre o melhor serviço.**



Compromisso com você!
Compromisso com a história de Londrina!

SUA EXPERIÊNCIA DE **BEM-ESTAR** EM LONDRINA

Faça sua reserva!

43 3371 8000

Cortesias



WI-FI



CAFÉ DA MANHÃ



ESTACIONAMENTO

Golden Blue
HOTEL

Rua Borba Gato, 1190 | Londrina/PR

goldenblue.com.br

[/goldenbluehotel](https://www.facebook.com/goldenbluehotel)

LONDRINA. 86 ANOS NO CORAÇÃO DE SUA GENTE.

O Sistema Fecomércio Sesc Senac PR, presente em Londrina com seus sindicatos empresariais do comércio, com o Sesc Cadeião, Sesc Centro e Sesc Londrina Norte, com o Senac Centro e Senac Londrina Norte, e com a Câmara da Mulher Empreendedora e Gestora de Negócios – CMEG, não poderia estar ausente deste registro aos 86 anos de Londrina.

O poema Londrix, de autoria do londrinense honorário Nilson Monteiro, poeta, escritor e membro da Academia Paranaense de Letras, demonstra o amor que Londrina desperta em sua gente. E representa a nossa homenagem a esta bela cidade.

Londrix

*nos cabelos carrego
a eletricidade do teu pó
e no calcanhar rachado
a limpidez do teu céu*

*os sinos doam escarlates
no horizonte, enquanto junto
pétalas de ipê e azaléias
no chão viscoso d'alma*

*assovio junho qualquer
nos besouros do boteco,
com um palito de peroba
entre os dentes
estridentes sonhos de viola*

*cicatrices escorridas verdes
ver-te madrugada londrina
os tocos da história
queimados, um caco espinha
no corpo adolescente*

*contra o sol
ponteiros de teu relógio
ensopado de saudades.
tempo, a catedral,
imponente
nem sente.*

Nilson Monteiro

Fecomércio PR
Sesc | Senac | IFPD

Sindicatos
Empresariais
do Comércio

**CÂMARA DA
MULHER**
EMPREENDEDORA

09 A exuberante capital do café

"ARRANHA-CÉUS" – 1957.

No centro firmava-se a impressão de uma cidade de alvenaria, despontando os prédios altos com elevadores.
Autor: Yutaka Yasunaka/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



O norte do Paraná “não é apenas a meca da cafeicultura nacional” em 1950/51, mas “a zona de maior expansão, a mais dinâmica de todas as que se desenvolvem no país”, também pelos cereais e outros produtos, expõe o chefe de Estatística e Publicidade da Superintendência do Café, J. Testa. “Supera, mesmo, todos os outros grandes centros de potencialidade econômica e demográfica que já tivemos.” Há, entre os fatores, “uma corrente migratória constante que introduz suas economias e suas experiências”.

Segundo Testa, em pouco mais de vinte anos “Londrina se tornou uma espécie de Capital e seu movimento agrícola, financeiro e demográfico excedeu a tudo quanto se poderia esperar – 50 mil habitantes (*), 14 bancos, 900 casas comerciais, 500 pequenas indústrias, 400 milhões de cruzeiros de produção agrícola, 60 milhões de cruzeiros de rendas públicas (11 milhões municipais, 15 milhões federais e 34 milhões estaduais)”. Onde está a quarta agência do Banco do Brasil em movimento no país, “qualquer indivíduo às vezes com aparência de mendigo tem alguns milhões de cruzeiros e as moedas de 10 centavos e de 20 não têm curso no município, a unidade monetária inicial é a de 50 centavos” – relatou Testa.

“Humilde e operoso repórter agrícola” quando esteve na cidade em 1934, o cronista Rubem Braga volta em 1951 e vê “Londrina cheia de prédios novos no lugar das casas de madeira” que conheceu, “os edifícios de cimento armado, de linhas modernas, crescem em vários pontos. A cidade tem todo o conforto, tem vida noturna com damas cariocas, argentinas e uruguaias, tem

boate, pode chamar cantores internacionais que não vão a Curitiba e tem, também, uma das maiores criminalidades do mundo” – anotou. Pelo que ouviu do delegado de polícia, até a criminalidade aumenta proporcionalmente às safras de café, cada vez maiores, oferecendo a perspectiva de o Paraná se tornar o maior produtor brasileiro em três anos.

“E Londrina, capital desse mundo novo, cresce com imponência, fica importantemente urbana, gasta seus montes de dinheiro com uísque, cimento e luxos.”

Com a madeira ainda predominando no quadro geral, firmava-se a impressão de uma “cidade de alvenaria” no centro, despontando os primeiros prédios com elevadores, os arranha-céus, assim chamados mesmo que o mais alto por um período, o Santo Antônio, tenha só 10 andares, aproximando-se do Sampaio Moreira (50 metros de altura e 13 pavimentos), que fora o primeiro de São Paulo (1924).



O urbanista Prestes Maia (à esquerda) estabeleceu diretrizes para uma “cidade regional de primeira classe (...) com possibilidades longe de serem esgotadas”. À sua direita Rubens Cascaldi então secretário municipal de obras. Reprodução do livro Artigas e Cascaldi – Arquitetura em Londrina.

“Em Londrina hoje são plantados arranha-céus”, metáfora na revista *Panorama* (1952). “E é estupefaciente e espantoso o ritmo com que surgem uns após outros. Diz-se que nos Estados Unidos planta-se milho e colhem-se.... porcos. Aqui planta-se café e nascem arranha-céus.”

Rubem Braga menciona “cerca de dois mil habitantes” na sua primeira estada (1934) e a multiplicação em menos de duas décadas. “Voltei em fins de 1940, para fazer, com amigos, uma caçada às margens do Tibagi, onde por sinal cacei, antes de tudo, uma bela maleita; e Londrina tinha 12.000 habitantes. Volto agora para encontrá-la com cerca de 35 mil.” Surpreendeu-o, também, a valorização dos espaços, tivesse (ele, Rubem) comprado no centro da cidade, em 1934, um lote de 15 por 40 metros, cujo preço era 400 mil réis, poderia vendê-lo em 1951 por 1 milhão de cruzeiros, informou-se no mercado. “Meu amigo Rocha comprou, em fins de 1939, em um bairro da cidade, uma casa de material (...) por 15 contos, com um terreno de 1.200 metros quadrados; vendeu isso em 1950 por 400 contos”, anotou. (O amigo mencionado seria o titular do Tabelionato Rocha.)

“Uma cidade regional de primeira classe, em plena prosperidade e em rápido crescimento, com possibilidades longe de serem esgotadas”, afirma o urbanista Francisco Prestes Maia justificando as suas diretrizes para Londrina em 1952. Antes de completar 20 anos, o Município emite, em 1953, apólices até o montante de 60 milhões de cruzeiros para custeio de obras, prioridade às de água e esgoto.

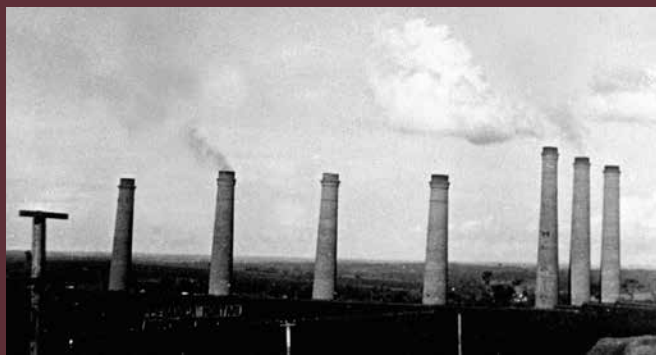
“Para o número de habitantes que possui Londrina, o sistema de fossas negras atualmente (...)



Armazéns já próximos ao centro, outro indicativo da supremacia cafeeira na economia. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Amadeu Mortari montou a serraria em 1936, início do que viria a ser o primeiro parque industrial na região.



As chaminés identificam a Cerâmica Mortari, que começou a produzir em 1942. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

constitui ameaça à saúde da população e um flagrante atentado aos foros de cidade progressista”, expõe a publicidade das apólices, “garantidas pelo município que maiores recordes de arrecadação oferece ao Brasil”. Com o prazo máximo de 20 anos para resgate, pagará juros anuais de 10% em prestações semestrais.

São relacionadas cifras impressionantes: 1,3 bilhão de cruzeiros o valor das exportações de café pela cidade em 1952, enquanto a colheita regional no ano seguinte, estimada em cinco milhões de sacas, deve proporcionar ao Estado 5,850 bilhões de cruzeiros, equivalentes a 325 milhões de dólares. Londrina está em 15.^o lugar – incluídas sete capitais – em arrecadação de impostos em geral; diariamente “100 aviões e 260 ônibus transportam 10 mil pessoas em trânsito, enquanto os moradores no município já são 90 mil, dos quais 48 mil urbanos.

The Saturday Evening Post, semanário de maior circulação nos Estados Unidos, havia publicado (22.11.52) a reportagem de Harold H. Martin sob o título *Land that Smells like Money*, – “Terra que cheira a dinheiro” –, tradução usada na publicidade das apólices. “Quase 500 mil colonos de muitas nacionalidades (...) transformaram, em poucos anos, uma região de 71 mil quilômetros quadrados numa das mais ricas zonas cafeeicultoras do mundo”, enfatizou Martin. Condensada em Seleções do Reader’s Digest (abril/1953), ressalta a afluência de “aventureiros de toda espécie e mulheres de grande beleza procedentes de Paris, de Buenos Aires e do Paraguai”, ressaltando: “há também, evidentemente, muitos homens honestos, gente que só pensa em plantar café – o ouro do Brasil”.

Assombro traduzido porcentualmente pelo geógrafo francês Pierre Monbeig: “de 1939 a 1951 o preço médio FOB da saca exportada de café via Santos teve acréscimo de 772% e [em apenas um ano] de 1949 a 1950, de 80%”. Monbeig conhecera a cidade em 1935. “Londrina, a Cidade do Café”, título do complemento exibido na sessão inaugural do Cine Ouro Verde, em 24 de dezembro de 1952. O cinema ostenta a arquitetura de Vilanova Artigas e caberia perfeitamente em Nova York, disse um representante da Paramount. Antes havia sido inaugurada (19 de julho) a matriz do Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S. A. (Nossobanco), cujos primeiros 500 clientes depositaram cinco milhões de cruzeiros, um quarto do capital social subscrito por 390 acionistas. Em seis anos, o Nossobanco – sede em Londrina – terá 52 agências no país.

“Londrina era, exatamente, como no cinema. Só que, em vez do estouro do ouro ou do petróleo, era a corrida do café!” – disse o saxofonista norte-americano Booker Pittman, expoente do jazz que atuara em Chicago, Nova York, Paris, Buenos Aires, Rio e São Paulo. Em 1950, permaneceu algum tempo em Londrina, apresentando-se na Boate Colonial “ganhando o mesmo dinheiro que ganharia em São Paulo”, de onde eram, também, “as mocinhas do cabaré em sua maioria”.

A arquitetura moderna e a verticalização nas décadas de 50 e 60 refletem a curva ascendente do mercado internacional do café; o Edifício América (projeto de João Serpa Albuquerque para o Banco da América) é inteiramente ocupado por corretores, exportadoras e o Centro de Comércio de Café do Norte do Paraná.

Depois de haver sido o governador no auge da valorização do café, Bento Munhoz da Rocha Netto é alvo de caçadas quando se candidata novamente ao cargo; adversários apregoam que ele não fora governador, mas Prefeito de Curitiba, investindo na capital todo o dinheiro do imposto do café, esbanjando-o no Centro Cívico, Teatro Guaraí etc. O cronista Valfrido Piloto apontou que até Curitiba, “a caprichosa crioula dos pinheirais”, ficou “milionária e bem na moda graças ao Dom Café”.

Na noite de 6 para 7 de julho de 1953 a geada “queima” 100% das lavouras de 1 a 2 anos e 72% das mais velhas no parque de 9,950 milhões de cafeeiros em Londrina. Repique em 31 de julho de 1955, quando já havia o dobro de cafeeiros, atingidos 93% na faixa de 1 a 2 anos e 70% acima de 4 anos.

O valor da saca exportada, porém, tinha evoluído de US\$ 7,94 em 1940 para US\$ 82,00 em 1955, impulsionando o plantio e o desbravamento de novas áreas, cenário para os táxis aéreos – pelo menos 70 baseados em Londrina – e o Jeep Willys, importado dos Estados Unidos pela Transparaná, veículo mais vendido na região desde 1948. Na cidade, também, o maior revendedor Morris do país em 1953, Francisco de Arruda Leite.

Fatos relevantes em 1956: a instalação da Diocese, com o bispo D. Geraldo Fernandes, e o início da produção na Maltaria e Cervejaria Londrina, projetada por Fausto Tavares e construída com dinheiro de acionistas. Os primeiros cursos superiores começam em 1958, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada por iniciativa do educador e deputado estadual Zaqueu de Melo.

Nélson Maculan, o primeiro candidato de

Londrina a governador do Estado, em 1960, tem dois adversários de Curitiba (Ney Braga e Plínio Costa). Derrota-os em Londrina e perde na contagem geral do Estado, por 27.963 votos, tendo sido eleito Ney Braga.

.....
(*) 71.412 habitantes, dos quais 37.182 na zona rural (52,07%) e 34.230 na zona urbana (47,93%) – IBGE.



Estação Rodoviária, inauguração em outubro de 1952 – Projetada por Artigas e Castaldi. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

.....
RECORTES

EM 20 ANOS, O MAIS DENSO CELEIRO ALIMENTAR DO PAÍS

“Pela ação fulminante no norte [novo] do Paraná, os pioneiros mudaram em 20 anos a geografia do café no Brasil e instalaram aqui as bases do mais denso celeiro alimentar do país”, traduziria Omar Mazzei Guimarães, presidente da Sociedade Rural do Norte do Paraná em 1965. A colonização de Londrina, embora sob o signo do café, não era monocultura, porque havia o predomínio das pequenas e médias propriedades diversificadas, segundo Mazzei. “O café, por natureza, foi o agente da agricultura”, resumiu. Na síntese de Claus Germer (1983), os pioneiros se basearam “em uma só cultura comercial” (o café), mas que dava vez a “uma policultura alimentar”.

O PRIMEIRO PARQUE INDUSTRIAL...

Síntese em painel no Museu Histórico de Londrina informa que as empresas Mortari constituíram “o primeiro parque industrial do Norte do Paraná”, empregando mais de 500 pessoas. E há informações complementares da família e contemporâneos. Transportada por trem a Londrina e reativada em 1936, a serraria de Amadeu Mortari & Cia. Ltda. veio a ser a mais avançada em tecnologia, com máquinas importadas da Itália e da Alemanha, operadas pelo pessoal especializado que já empregava em Matão (SP). Anexas à serraria, a marcenaria e a carpintaria produzindo esquadrias e armações e componentes para móveis. Inaugura-se, em 1942, a Cerâmica Mortari, dotada de esteiras rolantes e

prensa hidráulica de alta precisão, equipamentos exclusivos. E outros seriam introduzidos, atingindo à máxima automatização possível. “Com a atividade bem centrada no desenvolvimento da cidade, ao interiorizar a modernização na área de cerâmica, Amadeu Mortari se fixou dentro da elite industrial do país”, observou João Baptista Bortolotti, contemporâneo da iniciativa e mais tarde um dos planejadores de Londrina por mais tempo. A serraria e a cerâmica formaram o primeiro parque industrial do norte do Paraná, razão para uma terceira empresa, a Predial Construtora de Londrina Ltda., em 1948. Ganhos industriais dão competitividade à Predial, que absorve partes da produção da serraria, da cerâmica e da carpintaria. São as indústrias Mortari uma “organização sem similar no gênero em toda a região”, lê-se na divulgação empresarial (*Folha de Londrina* 30. 8. 1953), abordando quatro empresas: a serraria, a cerâmica, a construtora e a seção agrícola (Fazendas Piratininga e União), fornecedora de madeira.

....E A INSPIRAÇÃO VERMELHA DE ARTIGAS

“O espírito dos pioneiros sugeria uma liberdade de criação que talvez não encontrasse em outros lugares do país”, escreveu Artigas sobre a sua arquitetura em Londrina, da qual uma das referências mais difundidas, até no exterior, é a estação rodoviária inaugurada em 1952 (atualmente Museu de Arte). João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), nascido na terra branca do sul — Curitiba — e fascinado pelo vermelho ao norte, que associou à sua ideologia: “Tínhamos em Londrina uma fronteira agreste mais vermelha de terra que o vermelho da Revolução

[comunista], mas também o vermelho da esperança que nascia para aqueles que abandonavam seus locais de origem (...) em busca de uma nova vida”. Artigas conheceu a cidade em 1948.

ATALHO PARA O NOSSOBANCO

“Cabral, você entende tudo de finanças e eu conheço café e política. Vamos abrir um banco?” – desafio que Hannibal Siqueira Cabral ouviu do amigo Horácio Sabino Coimbra em 1947. Um encontro inesperado os reuniu no Bar Líder e Anníbal explicou a sua missão em Londrina: instalar a agência do Banco Brasileiro de Descontos (Bradesco). Mas instruiu Horácio no sentido de obter a carta patente – com sua habilidade política –, para que voltassem a conversar. “Eu e o Cabral vamos abrir o nosso banco”, passou a comentar Horácio. Um ou dois anos e nada, começaram a indagar a Horácio: “E o nosso banco, quando vai abrir?” Horácio desiste da intermediação política e pega um atalho: Aderbal Ramos da Silva, que fora governador de Santa Catarina, dirige a Casa Bancária Hoepke, cuja carta patente permite a transformação em banco. E constituem, em 17 de agosto de 1951, o Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S. A., matriz em Londrina. Oficializado em 19 de julho de 1952, o endereço telegráfico não poderia ser outro: “Nossobanco”.

UMA FÁBRICA, COGITOU A MORRIS

Compacto, mas com quatro portas, logo conhecido por *biriba* (sinônimo de “égua pequena apta para o trabalho”), o Morris substitui as charretes em Londrina, nos primeiros anos 50, e causa um conflito, por ser táxi mais barato do que os carros americanos

grandes, cujos proprietários protestam. A polícia intervém para evitar que *biribas* e a revendedora sejam depredados. Francisco de Arruda Leite (“Chiquito”), então o agente, recordaria que vendeu 200 biribas em três anos, colocando Londrina “no topo” com a marca no país. “Senhor Arruda, isso não é boi”, vibrou o inglês representante da fábrica. A agência tinha oficina e instrutor para ensinar ex-charreteiros a guiar. Havia aqueles que, por força do hábito com o cavalo, ao acelerar bradavam: Eia! Arruda Leite contou que a Morris, na Inglaterra, cogitou uma fábrica no Brasil, mas esbarrou em exigências do gabinete do ministro da Fazenda, Osvaldo Aranha, e até as importações cessaram.



Vila Nova Artigas na Rodoviária, em 1983: projeto reconhecido internacionalmente. Autor Dorico da Silva/Acervo Folha de Londrina



Transição – em primeiro plano Fórum da década de 1950 (Hoje Biblioteca Pública ao fundo Centro Comercial e Edifício Bosque primeiros anos 60. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

CHAPTER 9
THE EXTRAVAGANT COFFEE CAPITAL

.....

According to the director of Estatística e Publicidade da Superintendência do Café J Testa, Northern Paraná is “not only the Mecca of national coffee growing” in 1950–51, but also “the most vibrant and fastest growing among all the new, developing regions in the country,” which is also due to the production of grains and other products. It is “overshadowing every major centre of great economic and demographic potential we have ever had.” Another factor contributing to the success is the constant migration of people, who have both capital and experience to invest.”

According to Testa, in just over twenty years, “Londrina has become somewhat of a capital and its agricultural, financial and demographic progress has exceeded anything one might expect. 50,000 inhabitants (*), 14 banks, 900 businesses, 500 small manufacturers, 400 million cruzeiros in agricultural production, 60 million cruzeiros of public revenue (11 million municipal, 15 million federal and 34 million from the state).” The fact that Banco do Brasil’s fourth busiest branch in the country is in Londrina suggests that “everyone in the city, even the ones who look homeless, have a few million cruzieros in their pockets. In Londrina we don’t even use coins of 10 and 20 centavos; the smallest denomination is the 50,” said Tesla.

“The humble and hardworking agricultural reporter” Rubem Braga visited Londrina in 1934 and when he returned in 1951, he noticed the changes right away. “The Londrina” he knew “with its wooden houses, was now full of new buildings, erected in various parts of the city, built with reinforced concrete and in line with the latest designs. The city had all the entertainment. The nightlife was filled with ladies from Rio de Janeiro, Argentina and Uruguay. There was a nightclub which

was able to attract the international singers who wouldn’t even go to Curitiba and it also had one of the highest crime rates in the world,” he said.

From what he had heard from the police chief, crime also increases in proportion to the ever-growing coffee production, which in Paraná had the potential to become the largest in Brazil within three years. “And Londrina, the capital of this new world, was growing imposingly, becoming fundamentally urban and spending its piles of money on whiskey, cement and luxuries.” Even though the predominant material for construction was still wood, Londrina’s centre looked more like a “brick city,” as the first buildings with elevators were being built. People were calling them skyscrapers, even though for a long period, the tallest, Santo Antônio, only had 10 floors, similar to the first in São Paulo, the Sampaio Moreira, which was built in 1924, was 50 meters high and had 13 floors.

“Skyscrapers in Londrina are springing up like mushrooms nowadays,” was the expression used in the Panorama magazine (1952). “The staggering pace at which they are popping up one after the other is astonishing. They say that in the Unites States, when you sow corn, pigs grow. Here, when we plant coffee, skyscrapers arise. Rubem Braga talked about how there were “roughly 2,000 inhabitants” during his first stay (1934) and how the population multiplied in less than two decades. “I came back at the end of 1940 to go hunting with friends along the banks of the Tibagi River, where, coming to think of it, I actually caught a malaria infection, before anything. By then, Londrina already had 12,000 inhabitants and now, as I return, I find a city of about 35,000.” He was also astounded by how much lands have increased in value. Had he bought a 15m by 40m plot in the city centre in 1934, it would have cost him 400,000 réis. At the market value in 1951, he could have sold it for 1 million cruzeiros.

“My friend Rocha bought a 1,200m² land with a wooden house, in one of the districts of the city, for 15 million réis in late 1939 and sold it for 400 million réis in 1950.” (The friend he mentioned later became the public notary of Tabelionato Rocha.)

“A prosperous and rapidly growing, first-class city in the region with opportunities yet to be exploited,” said urban planner Francisco Prestes Maia, in support of his guidelines for Londrina in 1952. Less than 20 years after it was founded, in 1953, the municipality issued bonds worth 60 million cruzeiros, to fund public constructions, especially water and sewage systems.

“For the number of inhabitants in Londrina today, the current system of cesspits...is not only a threat to people’s health but also a flagrant offence against the progressive nature of the city,” read the announcement of the bond offering. “The bonds are backed by the municipality which has the highest revenues in Brazil.” The bonds would accrue 10% interest on a semi-annual basis and mature in 20 years.

The numbers were impressive. The city was exporting 1.3 billion cruzeiros worth of coffee in 1952. The following year’s regional harvest was estimated at 5 million sacks, which would have provided the state with 5.85 billion cruzeiros, the equivalent of 325 million US dollars. Londrina’s revenue from taxes was the 15th highest in the country, even with 7 of the cities on the list being state capitals. “100 planes and 260 buses were carrying 10,000 passengers every day. The number of residents in the municipality reached 90,000, and 48,000 were living in the urban areas. Post, the most widely circulated weekly magazine in the United States, published (22 November 1952) a report, written by Harold H. Martin, titled Land that Smells Like Money. “Terra que cheira a dinheiro” was translation used in the bond issue announcements. “Nearly 500,000 settlers of many nationalities... have, within a few years, transformed

a 71,000 km² region into one of the richest coffee-growing zones in the world,” wrote Martin. The April 1953 Portuguese edition of the Reader’s Digest (Seleções do Reader’s Digest) highlighted the influx of “adventurers of all kinds and the beautiful women from Paris, Buenos Aires and Paraguay,” also adding that “there were, of course, many honourable men too, who were only thinking about growing coffee, the Brazilian gold.”

The percentages shown by French geographer Pierre Monbeig, who first came to Londrina in 1935, were astonishing: “The FOB price of one sack of coffee exported via Santos increased by 772% between 1939 and 1951 and by 80% in only a year from 1949 to 1950.” “Londrina, the Coffee City” was the title of the documentary screened at the inauguration ceremony of Cine Ouro Verde, on 24 December 1952. The cinema was the work of architect Vilanova Artigas and according to one of the representatives of Paramount, the building would have blended perfectly into the New York landscape. The headquarters of Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S.A (Nossobanco) opened even before, on 19 July. Its first 500 clients deposited 5 million cruzeiros, a quarter of the equity capital raised by the 390 initial equity holders. And Nossobanco with its headquarters in Londrina would expand, opening 52 branches across the country within six years. “Londrina was exactly like the movies, but instead of gold or oil, the race was for coffee,” said American saxophonist Booker Pittman, a jazz musician, who performed in Chicago, New York, Paris, Buenos Aires, Rio and São Paulo. In 1950, he decided to stay in Londrina for some time, performing at the Boate Colonial nightclub. He was “earning the same amount of money as he would in São Paulo” and even “the cabaret girls were mostly” from the same place. The modern architecture and multi-storey buildings.

in the 1950s and 1960s were a reflection of the soaring

international coffee market. Edifício América, which João Serpa Albuquerque designed for Banco da América was fully occupied by brokers, exporters and the Centro de Comércio de Café do Norte do Paraná (the North Paraná Coffee Trade Center). Having been the governor when coffee prices were the highest, Bento Munhoz da Rocha Netto was ridiculed when he decided to run for office again. His opponents were implying that he was not a governor, rather the mayor of Curitiba. They claimed that he spent all the revenues from coffee in the state capital (Curitiba), on Centro Cívico, Teatro Guaraí and the like.

Historian Valfrido Piloto pointed out that it was thanks to this “Coffee Lord” that Curitiba, “the sweet, little, black girl from the pine forests,” became both “popular and wealthy.”

The frost, on the night of 6 July 1953, caused major damage to the 9.95 million coffee trees in Londrina. It “burnt” 100% of the 1 to 2-year-old trees and 72% of the older ones. By 31 July 1955, the coffee production doubled. And then it happened again. This time, the frost damaged 93% of the 1 to 2-year-old trees and 70% of the trees older than 4.

The value per exported sack, however, had risen from 7.94 to 82.00 US dollars from 1940 to 1955, which led to larger and larger areas being cleared and a mounting number of coffee trees being planted and also gave rise to air taxi traffic. There were at least 70 jets parked in Londrina. And from 1948 onwards, Jeep Willys was the bestselling vehicle in the region, even though they had to be imported and brought in from the US via the Transparaná Motorway. Not to mention, that the largest Morris Motors dealership in the country in 1953 was also in Londrina, owned by Francisco de Arruda Leite. Relevant events from 1956: Bishop D. Geraldo Fernandes established the Diocese. The brewery Maltaria e Cervejaria Londrina, which was designed by Fausto Tavares and built using money from investors, began production. On the

initiative of educator and state congressman Zaqueu de Melo, the first college courses began in 1958 at Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (The College of Philosophy, Science and Languages). Nelson Maculan, Londrina’s first candidate to run for governor of the state in 1960, had two opponents from Curitiba (Ney Braga and Plínio Costa). He defeated them in Londrina but lost in the overall State count by 27,963 votes and Ney Braga was elected.

.....
(*) 71,412 inhabitants, of which 37,182 lived in the rural areas (52,07%) and 34,230 in the urban areas (47,93%) – IBGE census.

BECOMING THE BIGGEST FOOD SUPPLIER IN THE COUNTRY WITHIN 20 YEARS

“In the space of only 20 years, the settlers of [new] northern Paraná swiftly changed the geography of coffee in Brazil and set the foundations, so that the area could become the largest food supplier in the country, according to Omar Mazzei Guimarães, president of Sociedade Rural do Norte do Paraná in 1965.

Although it was coffee that initially attracted the settlers to Londrina, it was not a monoculture. There were plenty of small and medium-sized farms that grew a variety of other crops, according to Mazzei. “Coffee was the ambassador for agriculture,” he said. In Claus Germer’s (1983) notes, it was “the crop (coffee)” that provided the foundations for the settlers but eventually “a polyculture” emerged.

THE FIRST INDUSTRIAL PARK...

A plaque at the Museum dedicated to the history of Londrina Museu Histórico de Londrina shows that “the first industrial park in northern Paraná” comprised solely of Mortari companies, which were employing over 500 people. The

family and other contemporaries were able to provide more detail. Amadeu Mortari & Cia. Ltda. was an established lumber mill in Matão (São Paulo state). The company moved its operations to Londrina and brought everything over by train, including its experienced staff. It opened in Londrina in 1936, using the most advanced technologies and machinery imported from Italy and Germany. Complementing the sawmill, a joinery and carpentry section produced structures, frames and other wood components for furniture. In 1942, they also began manufacturing ceramic bricks and tiles and opened Cerâmica Mortari with custom made equipment, conveyors belts and a high precision hydraulic press. And they would keep introducing new technologies in order to achieve as much automation as possible.

“With everything he has done for the city’s progress, by installing and reforming the ceramics industry, Amadeu Mortari earned a seat at the table with the country’s industrial elite,” according to a contemporary, João Baptista Bortolotti, who later became one of Londrina’s architects in every sense of the word. In 1948, a third company, Predial Construtora de Londrina Ltda, joined the lumber mill and the brickworks in the first industrial park in northern Paraná. Integrating the lumber mill, ceramics and carpentry, gave Predial a competitive edge. Mortari Industries was “one of a kind in the region,” read company advertising (Folha de Londrina 30 August 1953), comprising four companies: the sawmill, the brick and tile plant, the construction company and the agricultural section (Fazendas Piratininga e União), which supplied the wood.

.... AND ARTIGAS INSPIRED BY THE COLOUR RED

Artigas first visited the city in 1948. “The spirit of the pioneers inspired a freedom of creation that could not be found elsewhere in the country,” wrote Artigas referring to Londrina’s architecture. The most widely (even internationally) recognized

example was the bus station, which opened in 1952 (and currently houses the Museum of arts: Museu de Arte). João Batista Vilanova Artigas (1915–1985) was born in the southern city of Curitiba, where the soil was white. He was fascinated by the deep red soil of the north: “The soil we had in Londrina was such a wild deep red, it was brighter than the red of the revolution (communism), but it was also the red of hope, which rose from those who left their roots in search of a new life.”

SHORTCUT TO NOSSO BANCO...

“Cabral, you know all there is to know about the financial market, and I understand coffee and politics. Why don’t we open a bank,” suggested Horácio Sabino Coimbra to his friend Hanníbal Siqueira Cabral in 1947. An unexpected meeting brought them together at Bar Líder and Hanníbal explained what his mission was in Londrina. He wanted to open a Bradesco bank branch. He urged Horácio to use his political skills to obtain the bank charter before their next talk. “Cabral and I are going to open our bank,” Horácio used to tell everyone. Yet, a couple of years passed, and nothing. People began asking Horácio, “when is our bank opening?” Horacio decided to give up on the political route and took a shortcut instead. Aderbal Ramos da Silva, the governor of Santa Catarina State ran Casa Bancária Hoepke and the company’s Letters Patent allowed the foundation of a bank. On 17 August 1951 Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S. was formed with its headquarters in Londrina. Officially opened on 19 July 1952 with the ever so fitting telegraphic address “Nossobanco” which means our bank.

A FACTORY! THOUGHT MORRIS

Morris Motor’s compact four-door car, soon known as biriba (which stands for a “young mare” that is “fit for work”), replaced the horse drawn carriages in Londrina, in the early 1950s.

This resulted in a conflict with the owners of the taxi drivers who, were driving big American cars that were much more expensive. The police actually had to intervene to prevent the biribas and the dealership being vandalized. The dealer at the time, Francisco de Arruda Leite (“Chiquito”) remembered selling 200 biribas within only three years, making Londrina the top seller of the brand in the country.

“Mr Arruda, this is not a bull,” teased the English factory representative. The dealership had a service garage and also an instructor to teach the former coachmen how to drive. Some, being so used to the horses, whenever they accelerated, they would shout “Whoa!” out of habit. Arruda Leite recalled that Morris considered building a factory in Brazil but due to

the requirements, established by the office of Finance Minister Osvaldo Aranha, decided to not only not build, but also cease all imports.




exactus
CONTABILIDADE E ASSESSORIA

(43) 3373-2550

exactus
CONTABILIDADE E ASSESSORIA

A Assessoria Contábil
que o seu negócio precisa.

Rua Fátima, 40 - Jd. Canadá - CEP 86020-470 - Londrina - PR
+55 (43) 3373-2550
+55 (43) 99693-7644
www.exactuscontabilidade.com.br
contato@exactuscontabilidade.com.br

**AULAS PARTICULARES
INGLÊS E ESPANHOL**



 **43 98405 8303**



**Tudo que
você precisa
está aqui.**

Grandes redes regionais e nacionais:

Verona Gourmet | Renner | Riachuelo
Pernambucanas | Centauro | Kalunga
Cinemark | **mais 200 lojas**

BOULEVARD
LONDRINA SHOPPING

10 Em 40 anos, a terceira cidade no sul do país

Verticalização incessante marca a passagem da terceira para a quarta década de urbanização. A imagem é de 26 de janeiro de 1962. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Terminada a ditadura, em 1945, Londrina volta a eleger prefeito, em 16 de novembro de 1947, Hugo Cabral (Partido Libertador), que assume em 12 de dezembro. Pela sua visão, ordenar o crescimento urbano – havia 43 loteamentos autorizados –, regularizar o suprimento de água e construir a rede de esgoto exigiria a continuidade pelos sucessores, aos quais legou os “instrumentos”, as Leis 133/51 (zoneamento) e 128/51 (apólices da dívida pública), sancionadas por Aníbal Veloso de Almeida, presidente da Câmara, efetivado prefeito em 13 de outubro de 1951 (o titular deixara o cargo para ser secretário de Estado).

Cabral suspendeu autorizações para novos loteamentos e já com o levantamento geodésico e aerofotogramétrico abrangendo 16,2 km², solicitou ao urbanista Francisco Prestes Maia (ex-prefeito de São Paulo) um plano diretor. Quanto às apólices, de 1 mil cruzeiros até o montante de 60 milhões para financiar principalmente obras de água e esgoto, a Assembleia Legislativa autoriza o Município em 16 de julho de 1952. Ao portador se pagará o seu valor nominal acrescido de juros [10% ao ano], com resgate em sorteios semestrais e no prazo máximo de 20 anos.

O prefeito Milton Ribeiro Menezes (UDN), em 1953, aciona as leis e inicia o saneamento, que recebe dotação de 10 milhões de cruzeiros do Estado (governador Bento Munhoz da Rocha Neto) e contribuição do governo seguinte, Moysés Lupion, correligionário do prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, eleito pelo PSD (Partido Social Democrático). Crescendo o orçamento municipal, gradativamente as dotações superam o valor total

das apólices. Os primeiros bairros em obediência à Lei 133: o Jardim Shangri-lá e o Jardim Santos-Dumont, em 1953.

No período de Antônio Fernandes Sobrinho (1956–59) se inicia a captação no Ribeirão Cafezal e a estação de tratamento é concluída; estende-se aos bairros a pavimentação com paralelepípedos e a zona rural tem calendário escolar diferenciado. “Ícones” legados por Fernandes: o Lago Igapó, a Praça Primeiro de Maio com a concha acústica e a Praça Rocha Pombo. Não cessa a continuidade em saneamento. Em segundo mandato (1959–1962), Milton Menezes constrói o reservatório na Avenida Higienópolis e o sucessor, José Hosken de Novaes, conclui em 1965 a estação de tratamento de esgoto, a primeira no Paraná. Consumou-se o segundo melhor serviço da América do Sul – disse Milton –, com tratamento aeroquímico-bacteriológico do esgoto, patente do consórcio franco-alemão Degret-Hein, para eliminar o cheiro e reciclar o líquido; maior só aquele em Rosário, na Argentina.



Praça Rocha Pombo e Estação Ferroviária. Autor: Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

O Governo do Estado “chegava sempre atrasado” a Londrina, onde os prefeitos, reconhecidamente competentes, adiantavam soluções e conseguiam a adesão da comunidade. “Londrina não precisa de governo”, disse Hugo Cabral.

Em 1964, a Companhia Telefônica Nacional não cumpre a obrigação contratual de expandir a rede; a cidade tem apenas 2.500 linhas e os usuários ainda dependem da interferência de telefonistas. “Londrina terá telefones automáticos no estilo mais moderno e mais perfeito”, afirma o prefeito, José Hosken de Novaes (UDN), ao criar o Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina (Sercomtel) naquele ano. Fiscalizada por uma comissão representando os setores da comunidade, a venda antecipada de linhas financia a implantação, que “será praticamente do povo, porque a Lei 934 permite que o título de uso seja um bem negociável”, explica Hosken, advogado de alto conceito. A Lei 1.058 transforma o Sercomtel em autarquia (1966) e os primeiros 7.280 telefones automáticos funcionam em 6 de julho de 1968.

Parceria entre o Município e o Clube de Engenharia e Arquitetura, no período de Hosken, cria o Instituto Politécnico de Londrina (Ipolon), que recebe dotações do Ministério da Educação e Cultura e se efetiva na administração seguinte. O médico Dalton Paranaguá (MDB) inova ao criar as secretarias e muito se destaca o programa habitacional, incluindo saneamento básico e o desfavelamento, que o Banco Nacional de Habitação (BNH) financia e adota para seu modelo em âmbito nacional; a Companhia de Habitação (Cohab) é credenciada

agente financeiro do BNH. A Secretaria de Bem-Estar Social abrange Medicina Preventiva, Saneamento e Limpeza Pública e com o Serviço de Pronto-Socorro há o primeiro atendimento básico da Prefeitura, que estabelece parceria com a Faculdade de Medicina do Norte do Paraná, origem dos primeiros postos de saúde, um na Vila da Fraternidade e outro no Jardim do Sol. Duplicado o primeiro trecho da Rua Antonina visando a futura perimetral (Avenida JK) e executadas as primeiras obras para tirar a ferrovia do centro. O Parque de Indústrias Leves, com incentivos municipais, atrai 430 unidades que empregam 9.964 pessoas. A administração Dalton constrói o ginásio de esportes Moringão e deixa o projeto de captação no rio Tibagi.

Em janeiro de 1972 o IBGE dá a conhecer os números definitivos do censo de 1970, colocando Londrina em terceiro lugar no sul do país: 228,1 mil habitantes, depois de Porto Alegre e Curitiba.

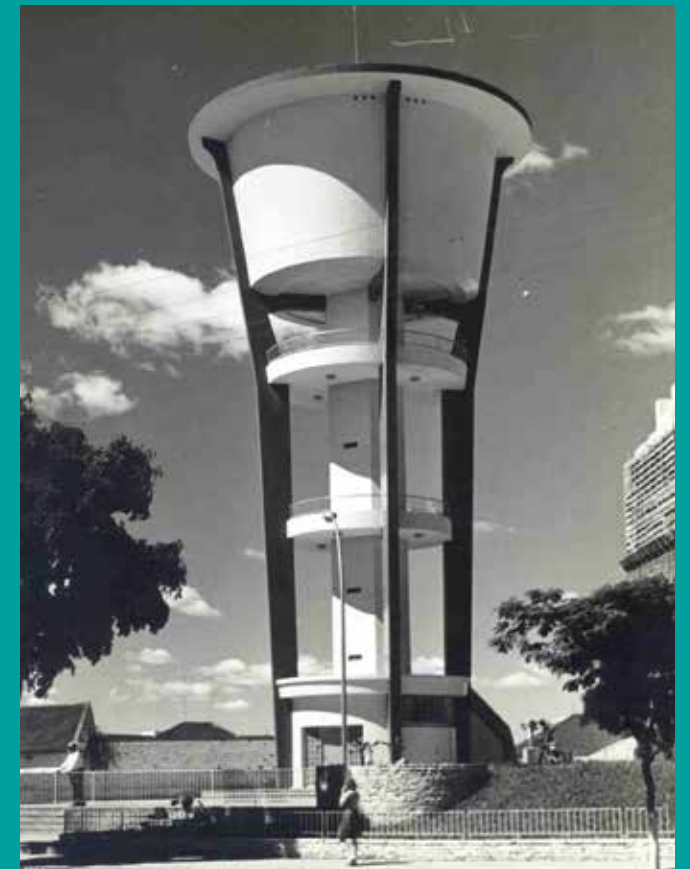


Visita à central do Sercomtel em construção. À direita, o prefeito, Hosken de Novaes, e o governador, Paulo Pimentel. À esquerda, o médico e futuro prefeito Dalton Paranaguá e o presidente do Sercomtel, Theobaldo Ciocki Navolar, em 30 de janeiro de 1967. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

A população havia crescido, em uma década, 5,40% ao ano, evoluindo de 134,8 mil moradores para 228,1 mil. Do total, 156.500 residentes na cidade. Só 15 Estados e o Distrito Federal têm municípios – incluindo as capitais – com populações superiores à de Londrina.

Começa em 1973 a administração do prefeito José Richa (MDB), que interliga regiões com a Avenida Juscelino Kubitschek e a Via Expressa (norte-sul); um programa do BNH, (Projeto Cura), é executado pela primeira vez no país, urbanizando o Parque Guanabara e áreas adjacentes, integrando-os pela transposição do Igapó na Avenida Higienópolis. A pedido de Richa, o Clube de Engenharia e Arquitetura racionaliza o projeto da variante ferroviária, que libera espaço para o Estádio do Café e evita a desapropriação de outras áreas. Em um momento, Londrina atrai mais indústrias do que Curitiba, conforme os números apresentados por Richa em fevereiro de 1975, completos dois anos de sua administração. “Dez mil novos empregos em apenas dois anos de esforços. Isto quer dizer que dobramos o número de empregos, que era de 10 mil, sem contar o ICM e outros benefícios gerados pelas indústrias”, informa. “A Cidade Industrial de Curitiba, muito badalada, está com 27 indústrias enquanto em Londrina o distrito já tem 60 implantadas em dois anos. E a área é a mesma que a de Curitiba.” No período Richa há reformulações na parceria Município-UEL, com avanços no atendimento básico à saúde.

Justificando-se com a imposição do Governo Federal via Plano Nacional de Saneamento (Planasa), mas também para corresponder aos empréstimos



Reservatório na Av. Higienópolis, construído na administração do prefeito Milton Menezes. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Obras de saneamento na Rua Tupi – abertura de valetas para rede de esgoto, década de 1950. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

que o BNH vinha concedendo para fazer infraestrutura, Richa obtém anuência da Câmara e entrega o Serviço Autárquico de Saneamento (SAS) à Sanepar. Desprovido de dinheiro para “universalizar” o saneamento, o governo federal impunha a centralização, permitindo absorver o lucro dos sistemas rentáveis. E os londrinenses passaram a custear obras em outras cidades. “Um presentão à Sanepar”, resumiu mais tarde o engenheiro João Bepalhok, presidente do SAS na administração Richa e que discordava da transferência.

A administração de Antônio Belinati (MDB), no período 1977-1982, conclui a Via Expressa (Avenida Dez de Dezembro), finalizando o trecho mais difícil, e a inaugura com a presença de Richa, seu convidado. Em decorrência da geada de 1975, agravara-se o êxodo rural e Londrina vinha “acumulando” favelas. Ao assumir Belinati, já eram 12 com 8.931 habitantes, quatro surgidas havia menos de um ano. No período, o BNH financia, através da Cohab, 13.500 casas populares, uma evolução a partir dos primeiros Cinco Conjuntos ao norte da cidade. Há continuidade no atendimento básico à saúde, com reformulações e o acréscimo de oito novos postos; convertido um trecho da Avenida Paraná em espaço de pedestres (calçadão); a Prefeitura desapropria a Vila Matos (zona do meretrício) para construir no lugar a estação rodoviária projetada por Oscar Niemeyer, prevista a participação da União e do Estado por convênios. Falta o dinheiro e a construção é abandonada, “um esqueleto”. A expansão do Sercomtel havia cessado ao atingir 1.040 linhas, por intervenção do Ministério das Comunicações, condicionando a liberação à substituição da autarquia por uma

sociedade anônima, no que seria o jeito de entregar a telefonia à Telepar, em “manobra” parecida com a transferência da água e esgoto à Sanepar.

Em fevereiro de 1980, Belinati comunica aos secretários que se desfilia do MDB e ingressará no PDS, o partido governista, em consideração às boas relações com o presidente da República e o governador do Estado, João Figueiredo e Ney Braga, respectivamente; os que desejarem permanecer nos cargos deverão acompanhá-lo. No relatório à Câmara Municipal em 23 de junho de 1981 o prefeito menciona “dificuldades financeiras face à conjuntura nacional, inflação e limitados recursos locais”.



À esquerda do Estádio Vitorino Gonçalves Dias, a Vila Matos (zona do meretrício), área desapropriada na administração Antônio Belinati (1977-82) para dar lugar à estação rodoviária projetada por Oscar Niemeyer. Autor: Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

O Município concede a coleta de lixo à Vega Sopave S.A., implicando custo três vezes maior, alertou à época o diretor da Associação Comercial Kentaro Takahara. Conforme seu parecer, divulgado na imprensa, o serviço concedido “iria melhorar, o custo porém aumentaria sensivelmente”, embora a Vega usará cinco caminhões com cinco homens cada, a mesma estrutura do município. Assumiu em setembro de 1981 e no ano seguinte já acumulava 168,3 milhões de cruzeiros a receber, valores acima de projeção feita por Kentaro, devido à inflação muito alta. Faltando nove meses e 18 dias para terminar o mandato, em 1982, Belinati renuncia ao cargo, pretendendo concorrer a uma próxima eleição. O vice, José Antônio Del Ciel, assume em 13 de abril, a dívida está acima de 4 bilhões de cruzeiros e o déficit orçamentário é de 1,1 bilhão, registrou o Almanaque Abril 1983 conforme informação do prefeito.

Segundo Del Ciel, para sair do “caos administrativo implantado pelo sr. Belinati”, permitiu somente as despesas absolutamente inadiáveis e buscou o apoio do Estado e da comunidade, conclamada a pagar impostos atrasados, de que resultou pequeno superavit. Tinha de pagar, também, parcelas (amortizações) da dívida com o BNH acumuladas desde 1974 e dar continuidade à construção da variante ferroviária. Neste caso, a Cia. Brasileira de Projetos e Obras (CBPO) e a Cia. de Desenvolvimento de Londrina (Codel) assinam, em 15 de outubro de 1982, “instrumento particular de consolidação, novação e confissão de dívida e outras avenças” no valor de 2,1 bilhões de cruzeiros a serem pagos em 30 parcelas sucessivas entre janeiro de 1984 e junho de 1986, sendo avalista o Banestado.

Imediatamente, a CBPO retoma a construção da variante, que havia sido inaugurada em 1980 com o assentamento dos trilhos. E renuncia à procuração para receber diretamente na fonte cotas do ICM do município. Até então, a empreiteira “não havia conseguido receber nenhum centavo”. O município ainda fica devendo o equivalente a 5,3 milhões de dólares aos Bancos Brascan e Noroeste, empréstimos à Codel avalizados pelo Badep (Banco de Desenvolvimento do Paraná). A administração é socorrida por um empréstimo de 90 milhões de cruzeiros do Sercomtel. Del Ciel conclui o novo prédio da Prefeitura, ocupado em 8 de outubro de 1982; reforma o ginásio de esportes Moringão; recompõe a pavimentação em ruas e avenidas; faz a manutenção da rede escolar e da infraestrutura em outros setores.

Entretanto, a “batalha” não havia terminado. No último mês do seu breve mandato, a coleta de lixo não é interrompida porque o juiz da 7ª Vara Cível, Celso Araújo Guimarães, nega liminar a uma ação cautelar da Vega-Sopave, que quer receber 168 milhões de cruzeiros em atraso. O Banco Safra de Investimentos tenta receber na Justiça 146,8 milhões de cruzeiros, incluídos juros e outros encargos sobre 100 milhões tomados pela administração Belinati em 5 de fevereiro de 1982 destinados ao pagamento do funcionalismo. O banco deveria receber em 10 parcelas por conta do ICM, entre 25 de abril de 82 e 25 de janeiro de 83, mas a Prefeitura sustou a liberação do dinheiro no Banestado e, vencido o prazo, nenhuma parcela havia sido paga.

Necessitando de 350 milhões de cruzeiros, pelo menos, para solver os compromissos mais

urgentes, incluindo os salários do funcionalismo, Del Ciel pede autorização à Câmara para ceder o controle do Sercomtel via sociedade anônima, para isso modificando o projeto de lei enviado por Belinati. “Achamos mais sensato, em vez de entregarmos gratuitamente, vender parte das ações ordinárias a que teríamos direito”, explicou Del Ciel. O município – segundo a proposta da Telepar – teria 30% das ações ordinárias, cuja venda lhe renderia 1 bilhão de cruzeiros [apenas a quarta parte do orçamento municipal realizado em 82].

O prefeito eleito, Wilson Moreira, convence a maioria dos vereadores a não votar; Del Ciel retira o projeto e se irrita com uma observação de Belinati, defendendo o original que enviara à Câmara. Segundo Del Ciel, a “minuta” de Belinati criando a S. A. era lesiva, pois dava apenas 30% ao município e por coerência, o mínimo admissível seriam 33,33%, que pretendia resgatar.

“A ignorância do sr. Belinati parece ser total a respeito de administração pública, pois mesmo que se viesse a praticar o entreguismo que ele pretende, o Sercomtel levaria pelo menos dois anos para implantar a expansão”, atacou Del Ciel. “Não vou acompanhar o entreguismo que se promoveu tempos atrás em Londrina, dilapidando o patrimônio público e lesando o povo. Não passei o SAS à Sanepar; não fiz permissão virar concessão do dia para a noite, como no caso do transporte coletivo na administração José Richa. E não promoverei a entrega pura e simples do Sercomtel, como queria o sr. Antônio Belinati.”

Ao assumir, em 1.º de fevereiro de 1983, o engenheiro Wilson Moreira recebe a Prefeitura

com 49 centavos em caixa, 70 milhões de cruzeiros em bancos e dívida de 29,2 bilhões de cruzeiros, equivalentes a 10 bilhões de OTNs (Obrigações do Tesouro Nacional), 75% vencíveis em seis anos, representando 3,3 vezes o orçamento de 1983. Todo o dinheiro do Fundo de Participação dos Municípios e do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) direto para credores.

Passados dois anos “mal podendo manter a prestação de serviços que qualquer Prefeitura executa no dia a dia” – palavras do prefeito –, tem início a execução de um programa de obras e investimentos na melhoria de serviços em todos os setores, somando o dinheiro próprio e dotações estaduais e federais. Apesar dos planos econômicos fracassados e a espiral inflacionária caracterizando a “década perdida” – assim os economistas iam rotular os anos 80 –, Londrina cresce extraordinariamente, revelando-se a exceção ou uma das exceções no país, distinguindo-se a seriedade, visão e competência do prefeito, cercado de engenheiros, economistas, médicos e professores nas secretarias.

A administração acrescenta 23 postos de saúde, aumentando a rede para 37; transforma o leito que era da estrada de ferro na Via Leste-Oeste, duas pistas de 11 quilômetros, canteiro central reservado a futuros projetos de transporte; duplica-se a Avenida Brasília (trecho urbano de 3,96 km da BR-369), com a participação do Governo Federal; a pavimentação de vias tem “o mais alto índice do país”, 99%; todos os distritos interligados por rodovia, graças ao convencimento dos governadores do Estado (no período) pelo prefeito. Com o projeto racionalizado, a construção do terminal rodoviário é retomada a

partir do “esqueleto” abandonado havia cinco anos. O prefeito formalizou um condomínio pelo qual os adquirentes de cotas terão participação nos lucros do empreendimento e assim, financiam 23% da obra.

Além da expansão interrompida, o Sercomtel vinha sendo prejudicado na participação única sobre o tráfego mútuo (ligações interurbanas), apenas 10%, enquanto as concessionárias estaduais recebiam 90%. Após consultar juristas, Wilson Moreira anuncia que retomará a expansão à revelia do Ministério das Comunicações, em fevereiro de 1984. Dada à firmeza, em janeiro de 85 o Ministério admite a expansão e aumenta, a partir de 86, a participação no tráfego mútuo gradativamente até 75%. A nova expansão é de 47.164 novas linhas, quase o dobro das 23.920 anteriores em 20 anos.

A isenção do Imposto sobre Serviços (ISS) para autônomos e atividades comerciais, industriais e de serviços em áreas residenciais (“indústrias de fundo de quintal”) é uma das atenuantes do desemprego, a par das frentes de trabalho.

Conforme dados da Codel, até 1988 os setores cresceram (unidades de produção) 205% no comércio; 136% na indústria; 203% em serviços e 221% os profissionais autônomos. Todos os setores juntos: 300%. Entretanto, a administração não teve programa de atração de indústrias (ver capítulo 12).



Conclusão do último trecho da Via Expressa (norte-sul), imagem de 29 de junho de 1977. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Desfile e solenidades marcam a inauguração da Via Expressa, em 7 de setembro de 1977. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

RECORTES

“A VIAGEM DE SALVAÇÃO DO SERCOMTEL.” Suspensa a expansão do Sercomtel pelo Ministério das Comunicações, o prefeito Antônio Belinati fica sabendo, em 1979, que está marcado o dia “D” para a tomada do serviço: 13 de março. Já estava na mesa do presidente da República, Ernesto Geisel, o decreto declarando extintas as concessões do Sercomtel e da TV Coroados; a televisão disputada judicialmente pelos empresários José Carlos Martinez e Paulo Pimentel. “No meu tempo havia ameaça, a ditadura queria desapropriar. Mas usamos jogo de cintura”, recordou Belinati. Decidido a desarmar o “bote”, o Prefeito aproveitou a presença de Geisel em Ourinhos (11 de março) e conversou com o ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira. “Ministro, isso vai acabar com a minha carreira; vai ser uma tragédia política”, choramingou. “Vou pedir ao presidente para que não assine”, sensibilizou-se o Ministro. “Foi a viagem de salvação do Sercomtel”, segundo Belinati. Mas, quando aderiu ao PDS, o novo partido da ditadura, ele mesmo propôs a S. A. que o Ministério exigia para liberar a expansão.

CRESCIMENTO ACIMA DO PAÍS

Depois de ter deixado a Prefeitura, Antônio Belinati atribuiu o desequilíbrio financeiro em sua administração à recessão que se iniciou no país. “Levei um azar tremendo, porque não houve expansão do parque industrial no Brasil inteiro, não foi só em Londrina”, resumiu. E estava pagando dívidas no BNH legadas pelos antecessores. Sucede

a “virada” local com o sucessor. “O crescimento da economia de Londrina tem sido superior ao do Paraná, este ano em torno de 12%, e bem superior ao nacional”, anotou Wilson Moreira em julho de 1988, considerando o período na Prefeitura. Então, renda familiar próxima de 4,9 salários mínimos e taxa de desemprego inferior às do Estado e do País, assinalou. Conforme o relatório, o valor aproximado das obras realizadas pela Prefeitura entre 84 a 88 chegou a 16 bilhões de cruzados e houve a participação acentuada do Estado nos investimentos locais em saneamento, educação, saúde, energia e transportes. O volume de obras do município “tem estimulado o setor privado a investir, dando uma grande contribuição na geração de empregos”. Diretamente, o Município contribui com a oferta principalmente nos setores de saúde, habitação, educação e comunicação telefônica. Comparando os investimentos em telefonia no triênio 85/86/87, o de Londrina correspondeu a 18% do que a Telepar investiu em todo o Paraná; e em moradias no biênio 87/88, o município investiu o equivalente a 30% do programa habitacional do Estado.

O PREFEITO VENDEDOR

Virou tema de comentários. Governador, ministro, secretários de Estado e outros visitantes em caráter oficial, que desembarcassem no aeroporto, recebidos pelo prefeito segurando uma maleta 007. Wilson Moreira via nos ilustres visitantes cotistas em potencial do Terminal Rodoviário de Londrina (TRL). Oportunamente, abria a maleta e vendia o produto. O Terminal “foi possível dentro de uma nova filosofia”, de que resultou a participação da

comunidade e de pessoas de fora com 23% do valor da obra, “a primeira parceria público-privada no país”, diria mais tarde Wilson. “Lançada a ideia, vimos quase 2.000 investidores de Londrina e de outros 56 municípios e seis Estados virem comprar, no balcão, as suas cotas. Realmente uma demonstração de confiança, uma vontade de investir em coisa séria e um desejo de contribuir na solução dos problemas públicos”, a percepção de Wilson. Do custo total, aproximadamente 1,3 bilhão de cruzeiros, 823 milhões a partir de 1986, quando houve a retomada da construção.



Lago Igapó, transposição na Avenida Higienópolis, na administração do prefeito José Richa (1973-77). Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



CHAPTER 10
BECOMING THE THIRD LARGEST CITY IN THE
SOUTH OF THE COUNTRY WITHIN 40 YEARS
.....

The dictatorship in Brazil ended in 1945 and on 16 November 1947 Hugo Cabral from the Liberator Party was elected as mayor in Londrina. He took office on 12 December. He believed that in order to ensure urban development (there were 43 authorized subdivision lands), regulate the water supply and build the sewage system, the key was continuity. For this reason, he set up the “instruments” that would allow his successors to provide just that, such as Law 133/51 (on zoning) and Law 128/51 (on municipal bonds). The Laws were sanctioned by Aníbal Veloso de Almeida, chairman of the municipal chamber. Aníbal was elected as mayor on 13 October 1951 when Hugo Cabral left office to become secretary of state.

Cabral suspended the authorization of any further subdivision permits. He provided the geodetic survey and aerial photographs of the 16.2km² area and asked urban planner Francisco Prestes Maia (former mayor of São Paulo) to come up with the design for the layout. As for the debt securities, on 16 July 1952, the legislative assembly authorized the issue of municipal bonds ranging from 1,000 cruzeiros to 60,000 cruzeiros to raise funds for water and sewage work. The bondholders would receive 10% annual interest on the face value and bonds would be redeemed within 20 years based on semi-annual draws.

In 1953, Mayor Milton Menezes (National Democratic Union) sanctioned the laws and launched de sanitation program, which received a grant of 10 million cruzeiros from the state (Governor Bento Munhoz da Rocha Neto) and further contribution from the next governor Moyses Lupion, who represented the same party (PSD – Social Democratic

Party) as mayor Antônio Fernandes Sobrinho. As the municipal budget grew, the income gradually exceeded the total value of the bonds. The first neighbourhoods to follow the zoning legislation (Law 133/51) were Jardim Shangri-lá and Jardim Santos-Dumont in 1953.

Between 1956 and 1959, when Antônio Fernandes Sobrinho was the mayor, the water treatment plant was completed and water collection began from the Cafezal River. Cobblestone paving of the suburban streets also began and a specific school calendar was introduced for the urban areas. Some of the iconic places in Londrina were among the legacies of Fernandes, such as Igapó Lake, Primeiro de Maio square with Concha Acústica open air theatre and Rocha Pombo square. The sanitation project continued after Fernandes. The next mayor, the re-elected Milton Menezes (1959-1962) had the overhead water tank built on Higienópolis Avenue and his successor, José Hosken de Novaes, completed the first wastewater treatment plant in Paraná in 1965. Within South America, the service was second only to the Rosário plant in Argentina, said Milton. The plant used an aerobic wastewater treatment that was patented by the Franco-German consortium Degret-Hein and was able to eliminate odours and recycle the water.

The state government “was always late to the party” when it came to Londrina where the admittedly competent mayors foresaw solutions and always earned the community’s support. “Londrina doesn’t need the government,” said Hugo Cabral. In 1964, Companhia Telefônica Nacional didn’t fulfil its contractual obligation to expand the telephone network. There were only 2,500 lines in the city and users still had to rely on manual switchboard operators. “Londrina is going to have automated phones in the most superb and state of the art fashion,” said Mayor José Hosken de Novaes (UDN), when he created Sercomtel (the Londrina Telephone Communications

Service) that year. A commission representing different community sectors oversaw the advanced sale of telephone lines, which practically financed the implementation. It “will essentially belong to the people, as according to Law 934, usage rights were considered negotiable assets,” explained Hosken, who was also a high-profile lawyer. As per Law 1.058, Sercomtel became a public utility company (1966) and began operating the first 7,280 automatic telephones on 6 July 1968. While Hosken was mayor, Instituto Politécnico de Londrina (Ipolon) was created, as a result of the partnership between the city and the Clube de Engenharia e Arquitetura. The project received support from the Ministry of Education and Culture and opened during the following administration. The mayor, Dr Dalton Paranaguá (MDB) set up separate departments within the council. His housing program, which included basic sanitation and slum regeneration was outstanding. These developments were funded by Banco Nacional de Habitação (BNH), and they decided to roll out the model nationwide. Local authority housing was created and the Cohabs (Housing Cooperatives) became BNH’s official local agents. The social welfare department consisted of preventive medicine, social services, sanitation and public cleaning. The first primary health care service, the accident and emergency services, was established in the city, which in partnership with the university of medicine (Faculdade de Medicina do Norte do Paraná) opened the first two GP clinics, one in Vila da Fraternidade and one in Jardim do Sol. A second lane was added to the first stretch of Antonia Street with the intention that it would become one of the perimeters of the city (JK Avenue). Works also began to remove the railroads from the city centre. City incentives attracted 430 companies, that employed 9,964 people, to the industrial zone (Parque das Indústrias Leves.) Dalton’s administration built the Moringão sports centre but dismissed the water collection project for

the Tibagi River. In January of 1972, the IBGE announced the definitive numbers of the 1970 census, ranking Londrina third in the south of the country (behind Porto Alegre and Curitiba) with a population of 228,100. The population had grown 5.4% per year over the previous decade, increasing from 134,800 to 228.,000 of which 156,500 resided in the city. There were only 15 states that had cities larger than Londrina apart from the capital (Distrito Federal).

José Richa (MDB) became mayor in 1973, and during his term, 2 main avenues (Avenida Juscelino Kubitschek and Leste-Oeste) were built to connect different parts of the city. The Projeto Cura plan, the first of its kind in the country, aimed to urbanize the Parque Guanabara district and its adjacent regions which were cut off from the city by Igapó Lake. The plan included extending Higienópolis Avenue to cross over the lake and thus integrating these areas. Richa commissioned Clube de Engenharia e Arquitetura to implement the Railway Deviation Project, which freed up enough space that the football stadium, Estádio do Café, could be built without the expropriation of other areas. At one point, Londrina had more factories than Curitiba, according to figures presented by Richa in February 1975 during the second year of his term. “10,000 new jobs were generated within only two years. This means that we have doubled the number of jobs, not to mention the VAT (ICM) and other benefits generated by these new industries. “The trendy Cidade Industrial de Curitiba only had 27 manufacturers, while in Londrina 60 companies set up base in a similar size area within only 2 years.” Also, during his term, the partnership between the city and UEL (the State University of Londrina and by extension its health facilities such as the university hospital) was reinforced, which allowed further progress in primary health care.

The government didn’t have sufficient funds to standardize the sanitation services across the country, so they

decided to consolidate the existing services through the new federal sanitation plan (Planasa). The plan redirected financial support from sanitation companies that were run by the municipalities, to those run by the states. In Londrina, it meant that the local service, Serviço Autárquico de Saneamento (SAS), would no longer receive financing from BNH. The debate was heated, and Sanepar (the state-run service) argued that SAS would not be able to finance the Tibagi water collection project without support. In the end, Richa received the go ahead from the council and SAS was transferred to Sanepar. Planasa allowed for the profits that Londrina generated to be absorbed by Sanepar. As a result, ultimately, it was Londrina that funded the work in other cities of the state. We gave “Sanepar a great gift,” summed up the situation engineer João Besspalhok, who was the president of SAS at the time and strongly disagreed with the transfer.

The next mayor was Antonio Belinati (MDB – Brazilian Democratic Movement), who was in office from 1977 to 1982. He managed to complete the expressway (Dez de Dezembro Avenue) by finishing the most difficult stretch of the avenue and invited Richa to attend the inauguration ceremony as his guest. As a result of the 1975 frost, many fled the rural areas and moved to the city, which led to a rapidly growing number of slums. By the time Belinati took office, the city had 12 slums with a population of 8,931. Four of these slums began forming within the last year. Meanwhile, BNH provided financing for 13,500 social housing units through Cohab, expanding the city towards North. The region became known as Cinco Conjuntos (Five Sets) referring to the first five sets of social housing units built in the area. Primary health care was reshaped and eight new health care units opened. One section of Paraná Avenue was pedestrianized (Calçadão). The council, expecting both federal and state contributions, expropriated Vila Matos (the red-light district) to build the coach station designed by, no

other than, Oscar Niemeyer. Yet, the coach station was left unfinished for lack of funds. Ministério das Comunicações (The Ministry of Communications) gave Sercomtel an ultimatum once it reached 1,040 active telephone lines. Unless Sercomtel became a public limited company, it would not be allowed to issue any new lines. Sercomtel would have to be handed over to Telepar similar to how the water and sewage services were passed on to Sanepar.

In February 1980, Belinati informed the council departments that he was leaving MDB to join the governing party PDS in view of his good relationship with the president as well as the state governor, João Figueiredo and Ney Braga respectively, and those who wished to keep their jobs would have to do the same. On 23 June 1981. the mayor talked about “financial difficulties due to the Brazilian economic climate, inflation and limited local resources” in a council report. The city gave waste collection services to Vega Sopave S.A. which, according to ACIL director Kentaro Takahara, would triple the costs. The service “would improve, but the prices would significantly increase as well,” said Kentaro in a press report, bearing in mind that Vega would be using the same framework as the Council, five garbage trucks with five men each. Vega Sopave S.A. took over the service in September 1981 and by the following year the cost reached 168.3 million cruzeiros, even higher than Kentaro’s projection, due to very high inflation. Belinati resigned 9 months and 18 days before his term would end and was planning to run in the next election. On 13 April, the deputy mayor, José Antônio Del Ciel, took over the post, along with a debt of over 4 billion cruzeiros and a budget deficit of 1.1 billion cruzeiros, as reported by the Almanaque magazine’s April issue in 1983.

According to Del Ciel, to climb out of the “administrative chaos implanted by Mr Belinati,” he would only authorize expenses that were absolutely essential,

would seek support from the State and would also turn to the community asking the residents to pay their outstanding taxes, which resulted in small surplus. The City was still paying back amortized loans that had been building up since 1974, such as the one from BNH and the Railway Deviation Project. On 15 October 1982, CPBO (Brazilian Planning and Construcion Company) and Codel (Londrina Development Company) signed a “private deed for the consolidation, novation and settlement of debts” worth 2.1 billion cruzeiros to be paid in 30 successive monthly instalments between January 1984 and June 1986. The guarantor of the loan was Banestado bank. CBPO immediately resumed the construction of the railway that had been inaugurated in 1980. As the contractor “hasn’t received a penny” so far, they requested to be paid directly from the municipality’s ICM funds that were held by the state. The City still owed Brascan and Noroeste (banks) the equivalent of 5.3 million US dollars for loans taken by Codel guaranteed by Badep (Banco de Desenvolvimento do Paraná). Rescue came in the form of a 90 million cruzeiros loan provided by Sercomtel. Del Ciel finished the new City Hall and operations in the new building began on 8 October 1982. He remodelled the Moringão sports centre, resurfaced some streets and avenues and did some maintenance work on the infrastructure of schools and other sectors.

However, the “battle” was not over yet. In the last month of Del Ciel’s brief tenure, waste collection was only not interrupted because Celso Araújo Guimarães, 7th Civil Court judge, denied the preliminary injunction requested by Vega-Sopave in an attempt to receive payment for the 168 million cruzeiros worth of outstanding bills. Banco Safra de Investimentos was asking for 146.8 million cruzeiros, which included the 100 million cruzeiros Belinati had borrowed on 5 February 1982 to pay operational expenses, plus interest and fees. The bank was supposed to receive 10 instalments

because of the ICM between 25 April 1982 and 25 January 1983, but city blocked the transfers to Banestado and each deadline passed without a payment.

Del Ciel needed at least 350 million cruzeiros to cover the most essential costs, like public employee salaries, so he proposed a revision of the bill put forward by Belinati as regards to Sercomtel becoming a publicly listed company. “We figured that it would make more sense to sell the equity shares we were entitled to instead of giving them away for free,” explained Del Ciel. Telepar was offering the city 30% of the equity shares, worth 1 billion cruzeiros (which was only about a quarter of the ’82 council budget).

The elected mayor, Wilson Moreira, convinced most city councillors not to vote and Del Ciel, annoyed by an observation made by Belinati defending his original bill, withdrew the proposal. According to Del Ciel, Belinati’s “plan” for the PLC was detrimental, as it left the city with only 30% of the shares, and they should not accept less than 33.33% which he had intended to redeem.

“Mr Belinati seems to be totally oblivious to public administration, because even if he managed to give Sercomtel away, it would take at least two years to implement the telephone expansion,” implied Del Ciel. “I refuse to follow this trend in Londrina of giving things away, decimating public wealth and compromising the people. It wasn’t me who gave SAS to Sanepar or turned a permit into a concession overnight (like José Richa did with public transport) and I will not be backing Mr Belinati’s wish to simply give Sercomtel away.

When engineer Wilson Moreira took office on 1 February 1983, the Council had 49 cents in cash, 70 million cruzeiros in the bank and a 29,9 billion cruzeiros debt which was the equivalent of 10 billion OTNs (National Treasury Bonds). 75% of the bonds were to mature within 6 years totalling 3.3 times the 1983 budget. All revenue from value

added and income taxes was going straight to the creditors. We have “barely been able to maintain the regular day to day provisions of the council,” were the mayor’s own words two years later. Nevertheless, he launched a project of constructions and capital investments in order to improve services in all sectors using a combination council funds as well as state and federal contributions. Londrina beat the odds, and during the 80s, in what economists call the “lost decade” amidst failed national economic plans and spiralling inflation, Londrina was the exception. The city’s growth was extraordinary, all thanks to the mayor, who was professional, competent, filled the council departments with engineers, economists, doctors and teachers and had a vision. 23 new primary health care units opened bringing the total number to 37. The old railway track bed was turned into an 11-kilometer double lane avenue (Avenida Leste-Oeste) and the central island was reserved for future transport projects. An extra lane was added to Brasília Avenue (along the 3.96km urban stretch of BR-369) using federal government funds. 99% of the roads were paved, “the highest rate in the country.” All districts were connected by highways, because the mayor was able to convince the state governors. The bus terminal project, which was abandoned five years before, was revised and construction resumed. The mayor formalized a shared ownership scheme whereby equity owners would receive their share of the venture’s profits and was able to fund 23% of the construction costs by selling the shares.

Sercomtel was already crippled by being banned from expanding, it was also short-changed on trunk calls. Sercomtel was only receiving 10% of the fees compared to the customary 90%. Wilson Moreira having consulted with lawyers decided to disregard the orders of the Ministry of Communications and announced that Sercomtel would resume the expansion in February 1984. The mayor’s tenacity

resulted in the ministry not only allowing the expansion, in January 1985, but also to gradually increase the percentage of trunk call fees to 75% as of 1986. The new expansion meant 47,164 new lines, almost double the 23,920 lines that were installed over the previous 20 years. In order to reduce unemployment, the city introduced tax (ISS) relief for the self-employed, for those offering retail, manufacturing or services in residential areas (cottage industries).

According to Codel, by 1988 the retail sector grew by 205%, manufacturing by 136%, services by 203% and the number of self-employed professionals by 221%. All the sectors combined the growth was 300%, even though there were no incentives in place to attract new business. (see chapter 12).

“THE TRIP THAT SAVED SERCOMTEL.”

In 1979, Mayor Antonio Belinati found out that Sercomtel’s days were numbered. The Ministry of Communications froze the expansion and set the “D-day” (13 March) for the suspension of services. Meanwhile, there was a dispute for the concession of TV Coroados between two businessmen, José Carlos Martinez and Paulo Pimentel. The decree to withdraw the concession deals of both Sercomtel and TV Coroados was already on President Ernesto Geisel’s desk. Belinati recalled; “in my time, during the dictatorship, the government wanted to take ownership of everything, but we decided to roll with the punches.” Belinati decided to save the day by taking a trip to Ourinhos. He took the opportunity that Geisel visited the city (11 March) and he approached Quandt de Oliveira, the Minister of Communications. “Sir, this will end my career! It’s going to be a political disaster,” he whined. All right, “I’ll ask the president not to sign,” said Quandt. According to Belinati, “it was this trip that saved Sercomtel.” Yet, once he joined PDS, the governing party, he himself suggested that Sercomtel

should take the form of a publicly-traded company, the condition the Ministry had attached to further expansion.

LOCAL GROWTH EXCEDING THAT OF THE COUNTRY

Belinati held the start of the national recession responsible for the fiscal imbalance, which transpired while he was in office. “I was terribly unfortunate, as the industrial sector stood still across the whole country, not only in Londrina,” not to mention the BNH debt left behind by the preceding mayors. The next mayor, Wilson Moreira turned things around. “Londrina’s economy grew by 12%, exceeding that of Paraná and even more so the national average,” said Wilson Moreira in July 1988, referring to the time period when he was the mayor. Unemployment rate was below the state and national average and household income almost reached 4.9 times the minimum wage. According to the report, the city spent approximately 16 billion cruzados on constructions between 1984 and 1988 and invested heavily in education, health, transport, energy and sanitation. The rising public sector spending “encouraged private sector businesses to follow suit, creating a great number of new jobs.”

The City contributed directly to health, housing, education and telephone communication mainly. Public investment in the telephone communication sector between 1985 and 1987 was equal to 18% of what Telepar spent in Paraná state. As regards to housing, during 1987 and 1988, the city spent the equivalent of 30% of the state housing program.

THE MAYOR, THE SALESMAN

The talk of the town was that every governor, minister, secretary of state or other visitor in an official capacity was greeted at the airport by no other than the mayor himself with his salesman’s case. What Wilson Moreira saw in the distinguished visitors, was potential. The potential to become

shareholders of the Londrina Coach Station (TRL – Terminal Rodoviário de Londrina).

When the time was right, he opened his briefcase and sold the product. The station “was achievable through a new concept” whereby 23% of the construction was funded by the community and outside investors.” It was “the first of its kind in the country, a public-private partnership,” remembered Wilson. “Once we put forward the idea, nearly 2,000 investors lined up to purchase their shares. They came not only from Londrina but from another 56 cities across 6 states. It was a real demonstration of trust, an appetite to invest in something significant and a desire to contribute to solving public matters,” in Wilson’s view. The total cost was around 1.3 billion cruzeiros initially, of which 823 million was only invested after 1986, when construction resumed.



Prefeito José Hosken de Novaes, em 1966, primeira ligação da Sercomtel. Acervo Sercomtel

11

Sai o café, entra a soja. Uma cidade em ciclos

Soja e Café, periferia do Conjunto Habitacional Luis de Sá, agosto de 1970.
Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss



Ao recorde da cafeicultura sucede o declínio, em 1963, com a geada e os incêndios que atingiram dois milhões de hectares no Estado, motivo da campanha internacional “Socorro ao Paraná em flagelo”. Nos primeiros anos 70, já em curso a transição para a agricultura mecanizada, 71,69% dos habitantes de Londrina estão na cidade, contribuindo a erradicação do café para aumentar o número de boias-frias morando precariamente, por vezes dando origem a favelas.

Com 1,281 bilhão de pés e produção de 21,4 milhões de sacas em 1961/62, o Paraná colheu 54% do café brasileiro. No período 1962-1967, o Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (Gerca) estimula a erradicação de 250 milhões de pés no Estado, liberando 307 mil hectares para a diversificação agrícola.

Geada em 1969 e a disseminação da ferrugem a seguir justificam o Plano Nacional de Renovação e Revigoramento de Cafezais, a partir de 1970, com suporte da Organização Internacional do Café (OIC). Ao ser atingido pela geada arrasadora em 1975, o parque paranaense já estava reduzido a 876 milhões de pés, equivalentes a 32% das lavouras no país.

Meta do governo militar, que se impôs em 1964, a modernização da agricultura havia sido impulsionada pelo crédito altamente subsidiado durante o “milagre brasileiro” (1968-1974), período de crescimento acelerado pelo boom das exportações e investimentos em transportes, energia e comunicações. A participação do café nas exportações do país cai de 53% para 21% entre 1964 e 1973.

O estímulo creditício governamental elevou,

em uma década, o número de tratores no Paraná de 18 mil para 90 mil aproximadamente, sendo impressionantes os valores referentes a fertilizantes e pesticidas por hectare, conforme dados oficiais. Enquanto se estruturava o lapar, os primeiros experimentos de plantio direto no Brasil eram conduzidos na Fazenda Maravilha, em Londrina, e na Fazenda Renânia, em Rolândia, de Herbert Bartz. Em 175 hectares, Bartz fez o primeiro plantio direto de soja visando a uma safra comercial, em novembro de 1972.

Já com as pesquisas do lapar, indústrias no Brasil passam a ter informações para fabricar máquinas e implementos adequadamente às características de solos. “A soja se tornou a grande salvação da agricultura nacional”, recordaria o ex-cafeicultor Nagib Abudi Filho, atribuindo a viabilidade da cultura aos programas governamentais de crédito, à pesquisa e à decisão dos próprios agricultores de mudar. Criado em 1972, o Instituto Agrônomo do



A Cacique de Café Solúvel começou a produzir em 1966; em 1973, a Prefeitura reservou áreas adjacentes à ampliação do parque industrial. Autor Oswaldo Leite/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Paraná estrutura-se em dois anos e o Centro Nacional de Pesquisa de Soja (Embrapa-Soja) é instalado em 1975. Os cafeicultores adeptos da modernização também aproveitaram os estímulos e em abril de 1977, o pico no mercado elevou a US\$ 140 a saca exportada.

A Cohab (Companhia de Habitação) havia sido estruturada no período do prefeito Dalton Paranaçu, que a incluiu no Sistema Financeiro de Habitação (SFH), integrado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e Caixa Econômica Federal entre outros órgãos federais. Daí o financiamento de milhares de casas populares, ampliado após a geada de 1975 e que na administração de Antônio Belinati, a partir de 1977, determina a ocupação da zona norte, que passa a ser a dos “Cinco Conjuntos”, os primeiros por lá, com infraestrutura precária e isolados em época de chuvas.

Além das habitações populares, em 1984 há o impulso generalizado do setor imobiliário na cidade, creditado à “síndrome de segurança” – gente sentindo-se melhor em apartamento no alto – e à mudança episódica na renda dos agricultores principalmente. O secretário de Planejamento da Prefeitura, economista José Pio Martins, constatou que o preço da saca de soja evoluiu de 3.500 cruzeiros para 23.000 cruzeiros de uma safra para outra. Mas também o algodão surpreendeu, passando de 2.149 cruzeiros a arroba para 14 mil cruzeiros. Daí os investimentos em imóveis.

As construtoras “largam” com 120 prédios em 1984 e chegam com 204 em 1987, surgindo “espigões” na Avenida Higienópolis. A média mensal de autorizações atinge a 70 mil m² em 86 e a 75

mil em 87, conforme a Secretaria de Urbanismo e Obras municipal. No Rio de Janeiro, por exemplo, a metragem vinha situando-se em 200 mil m²/ano, verificou o Sinduscon (Sindicato da Indústria da Construção Civil no Norte do Paraná). Cortes do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Plano Cruzado interrompem a escalada.

Apesar de perder área continuamente, o café se mantém referência: de 4,5 milhões de sacas colhidas no Estado, 80% passam por Londrina, a segunda praça comercializadora do país, recebendo também partes da produção de Rondônia e Minas Gerais. Raro é o dia em que os negócios não atingem 100 mil sacas. A Companhia Cacique convertera-se na maior indústria de solúvel do mundo, em 1982, concentrando as instalações numa planta de 36,5 mil m².

“Londrina é a última cidade onde a crise chega e a primeira de onde a crise sai”, afirma em 1984 o prefeito, Wilson Moreira. O município está completando 50 anos, com 12 mil alunos em 49 cursos superiores dos quais 41 na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e oito no Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon). O governador do Estado, José Richa, é do município, que elegeu três senadores, 17 deputados federais e 16 estaduais no período mais recente de 10 anos.

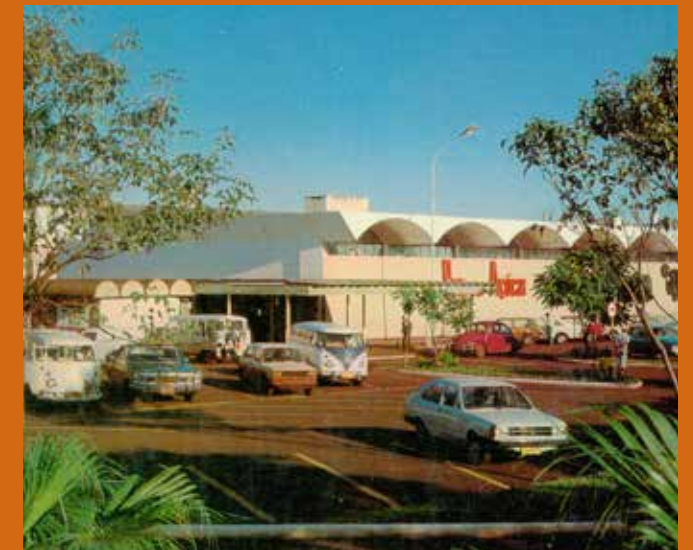
“Há um parque industrial nascente, em especial na agroindústria. Mas a grande característica de Londrina, como força econômica, é o seu complexo prestador de serviços (profissões liberais, comércio, construção civil, informática, hospitais, centros cirúrgicos e unidades de saúde, hotéis, bancos, atividades culturais etc)”, ressalta a

publicidade oficial.

O primeiro shopping center na cidade e terceiro no país, o Com-Tour, fora inaugurado em 1973, por Jorge Trincas e Raul Lessa, sócios na Construtora Alvorada. Inspirado em shoppings na Flórida (Estados Unidos), coube ao engenheiro Ézaro Medina conduzir a construção. No Com-Tour recém-aberto, o Hipermercado Peg-Pag (inaugurado em 28 de setembro de 1973) é o maior da rede no país. “E não é apenas um supermercado tradicional, há departamentos de confecções, eletrodomésticos, artigos importados, móveis etc., que dão ao Peg-Pag caráter de magazine, a exemplo do Macy’s em Nova York”, observou a *Folha de Londrina*.

Menos de 20 anos depois, o Catuaí Shopping Center, inaugurado em 22 de novembro de 1990, é o maior do sul do país, com área bruta locável de 65 mil m². Demorou quatro anos para ficar pronto, ao custo de US\$ 60 milhões, informa Alfredo Khouri, dirigente da Construtora Khouri, que financiou 70% e obteve participações da Caixa Econômica Federal e dos fundos de pensão da Light (Braslight), da White Martins e da União Carbide (Prev-União) para cobrir o restante.

Localizado na margem da PR-445 ao sul da cidade – Gleba Palhano –, parecia muito distante do centro quando a obra começou, mas o governador do Estado, Álvaro Dias, convencido pelo argumento de Khouri, determinou a construção de um viaduto na rodovia, que permitiria o acesso pela Avenida Madre Leônia Mílito, que a Prefeitura prolongou. E o Catuaí, pela infraestrutura pública e a própria consolidação nos anos 90, induziu o desenvolvimento imobiliário e a construção civil na região, na década seguinte.



Shopping Com-Tour, primeiro de Londrina e o Terceiro do país. Cartão Postal/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Lago Igapó, Gleba Palhano, década de 1990. Autor: Roberto Brasiliano/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

Despontaram os condomínios residenciais (verticais e horizontais) e a seguir os empresariais.

Em 2010, enquanto o mercado imobiliário no país cresce 10% ao ano, o de Londrina avança entre 20 e 30%, disse Marcos Holzman à *Folha de Londrina* naquele ano. Diretor da Teixeira Holzman, que havia posto à venda o seu primeiro condomínio horizontal na cidade em 1996, Marcos observou que “o londrinense tem um dos maiores índices de poupança do País e quando (...) encontra um produto que julga atraente, não tem dúvidas em investir”.

Pelo entendimento de Alexandre Fabian (exposto à *Folha*), a origem de Londrina em um grande projeto de colonização determinou “a configuração urbana totalmente diferente”, pelo desenvolvimento muito rápido ou “precoce, que levou a cidade a se tornar um centro de produção imobiliária” com padrão de excelência das empresas no setor. Um “cluster”, em seu uso a expressão norte-americana para o caso, mencionou Alexandre, diretor da Plaenge, já com obras em 17 Estados brasileiros e na Venezuela e no Chile. Embora no interior, a cidade tem um dos melhores escritórios de cálculo do Brasil e os cursos de Engenharia da Universidade Estadual (UEL) e de Edificações do Instituto Politécnico de Londrina (Ipolon) contribuem para a solidificação das empresas, segundo Alexandre Fabian.

Para o arquiteto Eduardo Suzuki, professor da UEL, a cidade “se caracteriza pelos ciclos evidenciando o dinamismo e mudando com muita rapidez as paisagens urbanas”, sobressaindo mais recentemente a Gleba Palhano. Nesse quadro, a “contrapartida” do poder público fica “aquém do tamanho da cidade”, que vai acumulando pontos de



Década de 80: Campus da UEL (em primeiro plano) ainda contíguo à então Fazenda Palhano compreendendo a futura gleba urbanizada. Autor Desconhecido/ Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Década de 90, um centro de produção imobiliária. Autor: Roberto Brasiliano

congestionamento, observou Suzuki, que já havia atuado no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (Ippul). “Estamos atrasados em termos de recursos para desafogar os grandes eixos rodoviários”, concluiu (depoimento à *Folha*).

.....

RECORTES

BOIAS-FRIAS E AGROTÓXICOS

Deve-se a origem do boia-fria ao Estatuto do Trabalhador Rural, sancionado em 1963, que estendeu ao campo os direitos dos empregados urbanos. Com a vigência, antes de terminar a década, os fazendeiros passaram a romper os diversos contratos (parceiros, meeiros, porcenteiros etc.), que mantinham os trabalhadores agregados nas propriedades, para aceitá-los somente na condição de diaristas ou “volantes”. Transportados entre cidades e a zona rural geralmente em caminhões inseguros e levando suas marmitas (*a boia fria*), por vezes morriam em acidentes. Outros vocábulos que se tornaram correntes a partir da década de 70: *agrotóxico* e *defensivo agrícola*, sinônimos para os venenos aplicados em alta escala contra pragas e doenças nas lavouras de soja e trigo, de algodão e até mesmo no café, mas que matavam, também, boias-frias por intoxicação. Entre 1972 e 1980, o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) financiava os “defensivos químicos” isentos de juros e correção monetária e sem encargos bancários.

DISCURSO DE OMAR SURPREENDE CASTELO

Presidente da República nomeado pelo golpe militar em 1964, o general Humberto de Alencar Castelo Branco visita Londrina, em 5 de abril de 1965. Enquanto o Presidente caminha em um trecho da Avenida Paraná, acenando para a multidão, que o aplaude, o locutor Jovino Campos é preso na Rádio Clube, por causa de um comentário desagradável ao governo. Na abertura da Exposição Agropecuária e Industrial, Castelo é surpreendido pelo presidente da Sociedade Rural do Norte do Paraná, Omar Mazzei Guimarães, que reprova o Ministério da Agricultura, “o grande ausente da história deste recinto”. E prossegue: “Temos esperança, porém, de que, mudadas como se acham as coisas na esfera federal, ainda possamos obter alguma coisa que justifique a existência daquele órgão no conceito dos lavradores e criadores desta região”. Perplexidade em todos os rostos enquanto Omar estende-se nas críticas ao governo em diversos setores, chegando aos preços mínimos: “a mais desumana escorcha do humilde plantador de alimentos”. Castelo parece querer abandonar a cerimônia. Mas, superando a irritação, responde: “O presidente da Associação Rural foi franco e preferiu a franqueza à descortesia e aos elogios. E faz bem. Não vim aqui buscar elogios à ação do governo”. Ali estava “atendendo ao fidalgo chamamento de Londrina (...) para inaugurar esta exposição”, lembrou Castelo. Entretanto, não poderia concordar inteiramente com o discurso do orador: “Apreciei seus conceitos e assinalo suas imperfeições”. E passou às respostas, ressaltando que o governo militar instalara-se fazia um ano apenas.

CINEMAS AVANÇADOS E A PRIMEIRA TV

Inaugurado em 19 de setembro de 1963, o Cine Augustus, o primeiro no Brasil e na América Latina com projeção em 70 milímetros, segundo o registro de Julieta Caminhoto Rotondo. Edifício próprio, com arquitetura de Luís César da Silva, ousadia do pioneiro Antônio Augusto Caminhoto, que se iniciara no ramo em 1933, com o Cine Londrina. Primeiro filme no Augustus: “El Cid”, com Charlton Heston e Sofia Loren. Dois dias depois, em 21 de setembro, sob o comando de José Arrabal, é inaugurada a TV Coroados, que vinha transmitindo experimentalmente. Primeira em Londrina e segunda no interior do país, pertence aos Diários e Emissoras Associados. Nova atualização em 18 de janeiro de 1968, o Cine Vila Rica, por iniciativa da família Veronesi. Coloca-se entre os melhores do país, com projeção de 70 mm/6 faixas de som estereofônico e ambiente de excelente acústica. Ainda em 68, em 7 de fevereiro, no remodelado Cine Londrina tem início as projeções do *Supercinerama*, com a tela de 23 m por 9,50 m e curvatura de 146 graus, o quarto do país e primeiro no interior.

UNIVERSIDADE ESTADUAL

Decreto do governador Paulo Pimentel, em 28 de janeiro de 1970, cria a Fundação Universidade Estadual de Londrina, congregando as quatro Faculdades até então: de Filosofia Ciências e Letras; de Direito; de Odontologia; de Medicina e a de Ciências Econômicas e Contábeis. Funcionam em diferentes lugares, aguardando a construção do campus. O primeiro reitor é o médico Ascêncio Garcia Lopes e o vice-reitor, professor Iran Martins Sanches.

Mas a iniciativa do governador causou uma certa frustração, porque havia o movimento pela criação da Universidade Federal do Norte do Paraná, já com a perspectiva de sucesso.

GEADA E TRATORES, UM RECORDE

Com a matriz em Londrina, a Transparaná revende 2.500 tratores Massey Ferguson em 1975, recorde nacional. Contribuiu a geada, que dizimou os cafezais, apressando a mudança para as culturas mecanizáveis. Na década seguinte, ao completar 40 anos (1987), a Transparaná ostenta a posição de maior revendedora de tratores agrícolas da América Latina, atingindo também Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e parte de Mato Grosso. Máquinas rodoviárias, caminhões e automóveis são outros produtos que revende.



Entrada do Cine Augustus, inaugurado em 1963, um dos mais modernos do país antecipando a projeção em 70 mm. Autor Desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Londri Obras

Reformas - Manutenção - Facilities

contato@londriobras.com.br

(43) 3304.8110

**ACOMPANHE SUA
OBRA PELO APP!!**



AV. HIGIENÓPOLIS 2357 . JD. GUANABARA
DELIVERY 3326.3974 . LONDRINA | PR

CHAPTER 11
WHEN THE COFFEE WAS GONE, CAME THE SOY. A
CITY IN CYCLES

According to the records, coffee production began to decline in 1963, when frost and fires affected an area of 2 million hectares in the state, which even led to an international campaign “Relief to Paraná in its misfortune.” In the early 1970s, as the transition to automated agriculture was already underway, 71.69% of Londrina’s inhabitants were living in the city. This contributed to the eradication of coffee, left rural workers with unstable living conditions and gave birth to the first slums in the city.

In 1961–1962, 54% of all the coffee in Brazil was harvested in Paraná with 1.281 billion coffee trees producing 21.4 million sacks. In the 5–year period of 1962–1967, following the advice of Gerca (Executive Group for Coffee Regulation) 250 million trees were cut down in the state in order to free up 307,000 hectares of land to allow for agricultural diversification.

The frost of 1969 and the spread of coffee rust called for the Plano Nacional de Renovação e Revigoreamento de Cafezais (National Coffee Revival and Revitalization Plan), which was backed by the International Coffee Organization (ICO) from 1970. By the time the devastating frost struck in 1975, Paraná only had 876 million trees left, the equivalent of 32% of the crops in the country.

The military government, which took command in 1964, aimed to modernize agriculture and for that provided highly subsidized credits during the “Brazilian Miracle” (1968–1974), a period of growth driven by the export boom and investments in transportation, energy and communications. In 1964, coffee took up 53% of the country’s exports, which dropped to only 21% by 1973.

As a result of the government’s monetary stimulus, the number of tractors in Paraná increased from 18,000 to about 90,000 within a decade. The figures were similarly impressive for fertilizers and pesticides per hectare, according to official data. Meanwhile, Iapar was founded and the first no–till farming experiments in Brazil were being carried out by Herbert Bartz at Fazenda Maravilha in Londrina and at Fazenda Renânia, in Rolândia. Bartz planted the first commercial no–till soybean farm on 175 hectares in November 1972.

The information from the research carried out by Iapar allowed industries to manufacture specific machinery based on the characteristics of the different types of soil. “Soybean became the great salvation of national agriculture,” remembered former coffee grower Nagib Abudi Filho. In his view, what made the crop viable was the government credit programs, research and that the farmers themselves decided to change. Instituto Agronômico do Paraná (the Paraná Agronomy Institute) was founded in 1972 and became well–established within two years. The Embrapa–Soy Centro Nacional de Pesquisa de Soja (The National Soybean Research Center) was founded in 1975. The more progressive coffee farmers also took advantage of the incentives, and in April 1977, the price reached an all–time high, at 140 US dollars per sack exported.

Cohab, Companhia de Habitação (Housing Company) was founded when Dalton Paranaguá was mayor, and he included it within the Sistema Financeiro de Habitação, SFH (Housing Finance System), integrated within the banks Banco Nacional de Habitação and Caixa Econômica Federal along with other federal agencies. And with that, loans were provided for the construction of thousands of simple houses, especially after the 1975 frost. In 1977, Mayor Antonio Belinati decided to populate the northern region of the city, which later became the “Cinco Conjuntos” neighbourhood. The first inhabitants

of the area had to make do with poor infrastructure and no access to the city in the rainy season.

In 1984, in addition to low–income housing, a new trend emerged in the city’s real estate sector, which was attributed mainly to the “safety syndrome” (whereby people felt that they were safer in high–rise apartments) and the gradual change in income among farmers.

The department of Planejamento da Prefeitura (City Planning) and economist José Pio Martins noted that the price of 1 sack of soy increased from 3,500 cruzeiros to 23,000 cruzeiros between 2 harvests. Cotton also showed an astonishing increase from 2,149 cruzeiros per arroba to 14,000 cruzeiros. Then there were the investments in real estate.

In 1984, there were 120 buildings and by 1987 the count reached 204, with “high–rises” popping up on Higienópolis Avenue. In 1986, building permits were issued for an average 70,000m² per month and in 1987 it was already 75,000m², according to Secretaria de Urbanismo e Obras municipal (Municipal Department of City Planning and Construction). In comparison, in Rio de Janeiro for example, the total in a whole year was 200,000m², according to Sinduscon (Construction Industry Union in Northern Paraná). When the SFH and the Cruzado Plan were cut, the increase also came to a halt.

Londrina was still a benchmark for coffee production despite the crop gradually losing space. Of the 4.5 million sacks harvested in the state, 80% was through the city, which was the second largest trading market in the country, also handling some of the production from Rondônia and Minas Gerais. The daily production was rarely below 100,000 sacks. Companhia Cacique became the largest soluble coffee producer in the world in 1982 with its 36,500m² plant.

“Londrina is the city that crisis hits last and leaves first,” said Mayor Wilson Moreira in 1984, when the municipality was celebrating its 50th anniversary and there were 12,000

students in 49 higher education courses, 41 of which were provided by UEL, Universidade Estadual de Londrina (State University of Londrina) and 8 by Cesulon, (Londrina Higher Education Center). The governor of the state José Richa, was also from the municipality, which over the previous 10 years, provided 3 senators, 17 congressman and 16 state council members.

“An industrial park was taking shape, especially in agribusiness. However, Londrina’s economic strength was coming from its array of services (liberal professions, trade, construction, IT, hospitals, surgical centres and healthcare facilities, hotels, banks, cultural activities, etc.),” highlighted the official announcements.

Jorge Trincas and Raul Lessa, partners at Construtora Alvorada, inaugurated Com–Tour, the first shopping centre in the city and third in the country in 1973. Engineer Ézaro Medina, who led the construction, was inspired by the malls in Florida (US). The largest supermarket chain in the country Hipermercado Peg–Pag opened a store inside Com–Tour on 28 September the same year. “And it’s not just a traditional supermarket. There are separate sections for clothing, home appliances, imported goods, furniture, etc., that make Peg–Pag feel like a department store, like Macy’s in New York,” reported the Folha de Londrina.

Within less than 20 years, Catuaí Shopping Center opened on 22 November 1990, the largest in the south of the country with a gross rentable area of 65,000m². The construction took four years and it cost 60 million US dollars, said Alfredo Khouri, the director of Construtora Khouri, who funded 70% himself, and for the rest, he got Light (Braslight), White Martins, União Carbide (Prev–União) to invest some of their pension funds through Caixa Econômica Federal.

It was built in the south of the city right by the PR–445 highway in an area called Gleba Palhano. It seemed very far

from the centre when the work began, but Khouri convinced the Governor of the State Álvaro Dias to order the construction of a flyover, which provided access via the extended Madre Leônia Mílito Avenue. Catuai’s position grew strong in the 1990s and together with the improved public infrastructure, it incited a significant development in the construction and the real estate sector in the region over the next decade. Gated communities and apartment buildings sprang up and entrepreneurs followed. In 2010, while the real estate market in the country was growing 10% per year, in Londrina the increase was between 20 and 30%, Marcos Holzman told the Folha de Londrina that year. He was the director of the Teixeira Holzman construction company, which launched its first gated community in the city in 1996. Marcos realized that “Londrina had one of the highest interest rates on savings in the country and when...people from Londrina found a product attractive, they didn’t hesitate to invest.”

According to Alexandre Fabian (in a Folha article), given that Londrina sprung up from a large colonization project, it naturally ended up with “a totally unusual urban setting.” The progress was very rapid and “rushed, which resulted in the city becoming the heart of property construction, with the highest standard companies in the sector. Alexandre, the director of Plaenge construction company, commented that the “cluster” had active projects in 17 Brazilian states as well as in Venezuela and Chile. Despite its localization, away from the coast, the city has one of the best civil engineering firms in Brazil and the engineering courses at UEL and Ipolon (Edificações do Instituto Politécnico de Londrina) are also contributing to the consolidation of companies, said Alexandre Fabian.

Through the eyes of the architect Eduardo Suzuki, a professor at UEL, the city “can be characterized by cycles and the dynamism by which it is able to change the urban landscape with such agility,” highlighting the most recent

example of Gleba Palhano. Within this context, the local government’s efforts were not on par with the city’s growth and this was going to result in a growing number of points with congested traffic, according to Suzuki, who had previously worked at Ippul. “We lack the resources to relieve the main roads,” he concluded (in a statement to Folha).

.....

R E C O R T E S

BOIAS FRIAS AND PESTICIDES

“Boia fria” (or packed lunch) was a nickname given to rural workers after the Estatuto do Trabalhador Rural (Rural Worker Statute), sanctioned in 1963, extended the rights of urban employees to those working on farms. With the statute coming into force before the end of the decade, the farm owners ended all the different types of contracts that involved the workers staying on the property (partnerships, tenancies, sharecroppers, etc.) and would take them on only as day laborers or “volantes.” The workers were transported from the cities to the farms usually in unsafe trucks and were carrying their “boia fria,” which stands for packed lunch, hence the nickname. Accidents with fatalities were not uncommon. Other expressions became commonplace after the 1970s: “agrotóxico” (pesticide) and “defensivo agrícola” (plant protector) were used as synonyms for the varieties of poisons applied on a large scale against pests and diseases of soybean, wheat, cotton and even coffee. Pesticide poisoning also often cost the lives of the “boias frias.” Between 1972 and 1980, the SNCR, Sistema Nacional de Crédito Rural (National Rural Credit System) provided interest-free loans exempt from adjustments, bank fees and charges for “protective chemicals.”

OMAR'S SPEECH SURPRISES CASTLE

The first President of the Brazilian Military Dictatorship after the 1964 military coup, General Humberto de Alencar Castelo Branco visited Londrina on 5 April 1965. While the President was walking along Paraná Avenue waving to the cheering crowd, the commentator of Rádio Club Jovino Campos was arrested for saying something offensive about the government on air. At the opening of the Exposição Agropecuária e Industrial, Omar Mazzei Guimarães’s speech took Castelo by surprise. Omar was the president of Sociedade Rural do Norte do Paraná and he disapproved of the Ministry of Agriculture. He said that it had been “incredibly absent from this place,” and he went on to say: “We hope, however, that things may change at a federal level and the farmers and breeders of this region will eventually gain something that would justify the existence of this governmental body.” Everyone was perplexed as Omar extended the criticism to the various other sectors of the government, and, last but not least, to the minimum price policy, which he called: “the most inhumane exploitation of the humble food grower.” It looked as if Castelo was about to leave the ceremony, but instead, he composed himself and responded. “The president of Associação Rural was honest and he was right to choose honesty over rudeness or praise. I didn’t come here to fish for compliments for the government.” I am here to “answer the noble call from Londrina...to open this exhibition,” remembered Castelo. However, he did not entirely agree with the speech: “I appreciate your ideas and I point out your imperfections.” He went on to reply claiming that the military government had only been in power for a year.

HI-TECH CINEMAS AND THE FIRST TV

Cine Augustus opened on 19 September 1963, the first cinema in Brazil and Latin America that used 70mm film, according to Julieta Caminhoto Rotondo. The bold business venture was

of the ambitious Antônio Augusto Caminhoto, who had been in this field since 1933 when he had opened Cine Londrina. The cinema’s own building was designed by Luís César da Silva and the first movie shown,“El Cid” starred Charlton Heston and Sophia Loren. Two days later, on 21 of September, TV Coroados began broadcasting on a pilot basis with José Arrabal in charge. First in Londrina and second in the region, the station belonged to Diários e Emissoras Associados. On 18 January 1968, the Veronesi family opened Cine Vila Rica, one of the best in the country, using 70mm film and 6 track stereo sound to provide excellent acoustics. On 7 February 1968, the refurbished Cine Londrina started screening, using the newly-installed Supercinerama system, which featured a 23m by 9.5m wide screen curved at 146°. It was the 4th in the country and the 1st outside the capital.

STATE UNIVERSITY

By Decree of Governor Paulo Pimentel, on 28 January 1970, four faculties merged to form the Fundação Universidade Estadual de Londrina (State University of Londrina) Philosophy Science and Languages, Law, Dentistry and Medicine and Economy and Accounting. The courses were held at different locations, awaiting the construction of the campus. The first Dean was a doctor, Ascencio Garcia Lopes and the Deputy Dean was professor Iran Martins Sanches. However, the governor’s initiative caused some tension, because there were plans to establish Universidade Federal do Norte do Paraná (Federal University of Northern Paraná), which was expected to be a great success.

FROST, TRACTORS AND A RECORD

Transparaná, the car dealer based in Londrina, beat the national record by selling 2,500 Massey Ferguson tractors in 1975. One of the factors that contributed to their success

was the frost. The damage it caused to the coffee plantations prompted many farmers to transition to more mechanizable crops. By 1987, after 40 years in operation, Transparaná became the largest agricultural tractor dealer in Latin America with offices in Mato Grosso do Sul, Santa Catarina and some parts of Mato Grosso, selling buses, trucks and cars among other products.



Universidade Estadual de Londrina, janeiro de 1979. Autor desconhecido/
Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL

**FAÇA
CULTURA
INGLESA**
faça de verdade



**cultura
inglesa**

**AGORA TAMBÉM
ONLINE E EM
REAL TIME**



COMECE AGORA MESMO
culturainglesalondrina.com.br



RÁDIO
Ayoba
97,7 FM
LONDRINA

**A TRILHA SONORA
DE LONDRINA**

97.7

 @ayobafm

 /AyobaFM

12

Ainda é preciso mais da indústria no PIB



Paralelamente à mudança na agricultura não se impôs a desejável contrapartida urbana: um parque de indústrias complementando a economia, “item” que faltou, principalmente, no amplo “portfólio” do prefeito Wilson Moreira (1983-1988), no entender de analistas. Pela competência, credibilidade e até a influência pessoal sobre os governadores em seu período, poderia cooptar o Estado. Wilson Moreira, aquele que não quis, declaradamente. Mas, de outro ponto de vista também expresso, sua opção se relacionou a circunstâncias. Recebeu a Prefeitura “quebrada”, sem crédito, descalabro sem precedentes na história dos prefeitos de Londrina. E sucederam-se, a partir de 1986, os planos econômicos (Governo Sarney), que não detiveram a espiral inflacionária, inibindo os investimentos. No que seria “a década perdida” – segundo economistas –, Londrina registrou crescimento acima das médias do Estado e do país, consumou grandes obras e retomou a expansão do Sercomtel (ver capítulo 11).

A *Folha de Londrina* informa em 4 de outubro de 1989 que o prefeito Antônio Belinati levará à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) documento mostrando as condições da cidade para receber “novas empresas excedentes daquele Estado”. No segundo município do Paraná em arrecadação, 96% das vias públicas são asfaltadas (recorde nacional), o Sercomtel já ligou 77.700 telefones e tem uma expansão de 10.912 em andamento; mais de 90% da sede tem abastecimento de água e 60% estão servidos por rede de esgoto. Dos 110 mil estudantes 23% estão no segundo grau e em cursos superiores, superando o índice do país, que é de 13%.

Belinati só não podia oferecer acesso condizente. Ainda não causara nenhum efeito a denúncia do deputado federal Oswaldo Macedo, oito anos antes, de que a “duplicação da BR-369 entre Ourinhos (SP) e Paranavaí (PR) pela interligação com a BR-376, há muitos anos incluída em todos os planos rodoviários do Brasil, não tem sequer o projeto”, apesar do tráfego entre os mais intensos no país. “Passa por todas as cidades da região e por dentro de Londrina, expondo os transeuntes a perigos diários e causando vítimas fatais”. E continuaria a faltar a parceria do Estado. Um ano após assumir, Belinati instituiu o Fundo de Desenvolvimento Municipal (FDM), com a finalidade de credenciar Londrina a ter participação nos royalties das hidrelétricas no Estado e estabelecer um distrito industrial, em 2 mil hectares entre os Ribeirões Jacutinga e Lindóia. O presidente da Acil, João Jabur, acha interessante, mas com ressalvas quanto à capitalização pelos royalties, algo incerto.



Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Autor : Wilson Vieira

Dois anos depois, Jabur constata: “O local escolhido para as futuras indústrias é excelente, só que a área não pertence à Prefeitura e está ocupada com uma vasta plantação. Quem vai querer se instalar num município que apresenta um local nessas condições como distrito industrial?”

Eleito pelo Partido dos Trabalhadores, sucedendo a Belinati, em 1993, Luiz Eduardo Cheida põe Abílio Medeiros Júnior na presidência da Companhia de Desenvolvimento de Londrina (Codel). Instrumento: a Lei Municipal de Incentivos e Benefícios (5.699/93), permitindo infraestrutura a pequenas e médias indústrias, 63 nos primeiros dois anos. “A Prefeitura e a iniciativa privada se unem para pensar Londrina de uma forma até hoje nunca ousada”, afirma o empresário Flávio Meneguetti, sobre a contratação da Andersen Consulting para orientar o Plano de Desenvolvimento Industrial (PDI). Consumado ao final do mandato de Cheida, o PDI possibilita a vinda de três grandes indústrias – Dixie Toga, Atlas Elevadores (depois *Atlas-Schindler*) e Milênia pela integração da Herbitécnica – no período do sucessor, Antônio Belinati, agregando os incentivos do Estado, governo Jayme Lerner. Pela primeira vez, um plano “transcendeu administrações municipais”, apesar das divergências políticas de Cheida e Belinati, lembraria Medeiros Júnior.

Com poucas indústrias proporcionalmente, a tendência é para o aumento da carga tributária municipal, demonstrada na “maior evolução orçamentária na história do município”, no mandato de Cheida, de equivalentes US\$ 46,1 milhões, em 1993, para US\$ 109 milhões em 1996; as projeções em dólar se deviam às sucessivas mudanças da moeda

brasileira com os planos de combate à inflação. O IPTU e as taxas agregadas passaram a ter maior peso: 31,7%, superando o ICMS (25,3%). O secretário de Fazenda, economista João Rezende, cortou as isenções eleitoreiras, corrigiu valores e aprimorou a fiscalização, coincidindo com o início do Plano Real, que iria baixar a inflação. “Sem terrorismo fiscal, ninguém protestou”, disse Rezende.

Entremeado pelo segundo mandato de Belinati, o PT volta em 2001 e permanece até 2008, com Nedson Micheleti, o primeiro prefeito reeleito (2005). Nedson concede incentivos a empresas que querem se expandir e para atrair novas, com ênfase à tecnologia da informação, visando consolidar um polo, aproveitando a contribuição da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade Tecnológica Federal, recém-instaladas.

Não cessa, porém, a evasão de indústrias, por estímulos de fora e outras razões; a Eliane S. A. Revestimentos Cerâmicos, implantada fazia 25 anos, encerrou atividade, alegando “os custos da matriz energética” (gás liquefeito de petróleo e óleo combustível) muito elevados, por não haver a disponibilidade de gás natural na região, desempregando 110 pessoas. Simultaneamente, o prefeito cerceia a expansão comercial, ao impedir a entrada da maior varejista, a rede de supermercados Walmart, sob o pretexto de que iria gerar tráfego excessivo em área no centro e fazer concorrência desleal. A decisão tem respaldo na Lei 9.689: no centro e áreas adjacentes não será permitida a instalação de supermercados com espaço de venda acima de 1 500 m², nem de lojas de materiais de construção acima de 500 metros quadrados. Passa

a ser conhecida por “Lei da Muralha”.

Conforme análise do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) em 2008, Londrina é a 15.^a cidade do país em capacitação tecnológica e um dos 15 polos que concentram e atraem investimentos em tecnologia industrial. Pelo registro da Prefeitura, houve a geração de 33.081 empregos de 2001 a 2007. Por ser um fato previsto, muita gente aguardava o “relógio demográfico” do IBGE assinalar que Londrina perdera a posição de terceira maior população do Sul para Joinville (SC), que já havia obtido uma outra posição, mais invejável: terceiro polo industrial da região, depois de Porto Alegre e Curitiba. Entretanto, ocupando o 20.^o lugar entre os 100 melhores municípios brasileiros em infraestrutura, Londrina permanecia uma posição à frente de Joinville, apontou a consultoria Simonsen Associados (*Anuário Exame 2006-2007*). “Londrina cresce menos do que pode, só precisa de políticas públicas para crescer mais”, disse o então presidente do Clube de Engenharia e Arquitetura, Nélson Brandão.

“Londrina está empobrecida”, afirma em 2008 o economista e deputado federal Luiz Carlos Haully, ex-secretário de Fazenda do Paraná, mostrando que o município em 20 anos caiu do segundo lugar em arrecadação do ICMS do Estado – tinha 5,5% – para o quinto lugar. Perdeu 48,5% na arrecadação e tem o PIB per capita 57% inferior ao de Joinville. “Esse empobrecimento se deveu à má gestão dos últimos cinco prefeitos”, referiu-se a Belinati (duas vezes), Cheida e Nedson (duas vezes). Haully, então candidato a prefeito, fez a exposição na Acil, sem mencionar a concentração de investimentos

do Estado na Região Metropolitana de Curitiba.

Nedson legou ambicioso projeto concebido pelo engenheiro Luiz Figueira de Mello, o Arco Norte, com aeroporto de cargas em área contígua (520 hectares) a São Luiz e outra reservada a indústrias. Prevê a integração, por rodovias (89 km), de cinco municípios (Londrina, Arapongas, Cambé, Ibiporã e Rolândia) e o acréscimo de dois futuramente (Assaí e São Jerônimo da Serra). Todos os municípios poderiam ter iniciativas próprias. Para começar, teria de constar no Plano Plurianual da União (2007) a dotação de R\$ 71,7 milhões para a construção das rodovias, que, somada às contrapartidas do Estado e dos municípios, completaria R\$ 100 milhões. Condiciona-se o aeroporto ao interesse da iniciativa privada, com o prazo de realização de todo o projeto estimado em 20 anos, pelo menos. Nedson também cogitou um distrito industrial na região dos “Cinco Conjuntos”, em área que poderia ser adquirida da Companhia de Habitação (Cohab). Na administração Barbosa Neto cogita-se a retomada do Arco Norte, em que o aeroporto de cargas seria o meio de romper o isolamento causado pelas deficientes rodovias e pedágios caríssimos.

Produto interno Bruto (PIB) em 2017, o mais recente consolidado: R\$ 19,2 bilhões. Participação dos setores: agropecuária, 1,7%; indústria, 17,3%; serviços, 81% (66% privados e 15% públicos). Impostos, 12,4% (= R\$ 2,12 bilhões). Excluindo a administração pública, os serviços abrangem comércio, alojamento e alimentação, transporte e finanças, principalmente. O comércio responde por 22,5% dos serviços privados e a 14,8% de todo o PIB. (Fonte: IBGE, em análise de Marcos Rambalducci, *Economia Nossa*

de Cada Dia, FL 4.5.2020.) Analistas afirmam que ainda não se firmou a “cultura industrial”, com o setor oscilando ao longo das décadas, raramente acima de 20%.

“Londrina tem uma base de TI (*tecnologia da informação*) muito boa, é um bom centro no Paraná”, avaliou, em 2017, o ex-presidente da Acil Kentaro Takahara, indicando perspectiva animadora, pois as indústrias 4.0 se baseiam na TI. “Foge da história de construir barracão, terreno, esse tempo já foi”, ressaltou. “Se eu fosse o prefeito, ia falar: esquece esse tempo de arrumar terreno.” Mas há lugar para diferentes ramos, indicava o *Fórum Desenvolve Londrina*, favorável a um plano incluindo parques ou zonas industriais. “Não temos parque. Se chega uma indústria hoje, não sabemos onde instalar”, observou o empresário Ary Sudan, do *Fórum*.

Assessor jurídico da Associação Comercial (ACL) em 1962, Alfredo Fauro recomendou iniciativas públicas e privadas para o município ter mais indústrias, prevenir-se no sentido de compensar o “vazio do café” que certamente viria. Em 2019, o economista assessor da Associação Comercial e Industrial (Acil), Marcos Rambalducci, reconhece que há “uma política premeditada de incentivo a industrialização”, porém ainda insuficiente. “Londrina necessita de um processo de industrialização mais forte, não tenho a menor dúvida, inclusive para não ficar refém de crises”, disse ao *Repórter da História CBN/2019*. Um imprevisto que interfira negativamente na renda proporcionada pelo setor terciário (*serviços e comércio*) faz com que as pessoas dele dependentes “acabem não comprando, não gastando, não fazendo circular o dinheiro”, observa



Calçadão: remanescente do desenho original após restauração.



Década de 1980. Autor desconhecido/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



2020. Autor: Wilson Vieira

Rambalducci, para fundamentar a importância do setor secundário até para fortalecer o terciário.

A indústria tem a vantagem de gerar emprego de melhor qualidade em primeiro lugar, por necessitar de “pessoal com um nível de aculturação muito maior e profissional muito mais técnico”, implicando salários melhores que ampliam a disponibilidade de renda (pelo consumo) inclusive para o comércio e os serviços, aponta Rambalducci. “Eu sempre digo o seguinte: a indústria, o comércio e o serviço são ótimos para a gente mexer a panela na hora de fazer a polenta. Mas, na hora de colocar o fubá novo, é a indústria que tem de fazer esse papel. Então, precisamos dela realmente, 16,5% [*mais precisamente 16,69%*] de composição do PIB é muito pouco, precisamos ter alguma coisa de 25% a 28%” – a conclusão.

Tem sido comum recomeçar a cada prefeito, geralmente, o que deixa o cargo realizou parcialmente a proposta ou legou apenas o projeto. Por sua vez, o sucessor não dá continuidade ou quer fazer diferente, imprimir a sua marca. Rambalducci vê uma ruptura com tal mentalidade: “Tenho percebido (...) uma continuidade por parte da gestão do Marcelo Belinati em relação ao que foi feito pelo Kireeff. Inclusive vemos o Cilon (*Cidade Industrial de Londrina*), mais ou menos mudando de nome para dar a característica da administração deste momento, mas há uma política premeditada de incentivo a industrialização.” A sua impressão é “de que a vaidade não é tão grande como em outras administrações”, parecendo-lhe que Marcelo “vai bem melhor que os demais”. Lembra que “andamos expulsando um pouco as indústrias”, até

com um “grande prefeito, o doutor Wilson Moreira, mas que não gostava muito” e pôs o “foco” na prestação de serviços, as cidades adjacentes que se industrializassem. “Ótimo! A ideia parecia muito boa, mas (...) enfiada a fazer o empobrecimento. Então, percebemos nas cidades que nos rodeiam uma composição do PIB muito mais calcada na indústria, com muito mais facilidade na recuperação diante da crise.”

Superando resquícios da improbidade legados por antecessores e algumas falhas da própria administração, o prefeito Alexandre Kireeff muda a imagem do Executivo; no segundo ano da administração, a alemã Wittur anuncia (17. 7. 2014) o projeto de sua indústria. Produz portas para elevadores e um de seus maiores clientes está na cidade, a Atlas-Schindler. Não será preciso a Prefeitura providenciar terreno; a construtora DMX já o adquiriu e fará o prédio, que alugará à Wittur.

Sob a presidência de Bruno Veronesi, o Instituto de Desenvolvimento (Codel) constata entraves próprios do município à atração de empresas em geral. E informa que o Sindicato eliminá-los já será um avanço, embora restem dificuldades com a ausência de infraestrutura viária que cabe ao Estado e a oneração dos pedágios. Pela retrospectiva, a Prefeitura doa terrenos, mas não faz a infraestrutura para que as indústrias se instalem; desde 1998, o município proíbe indústrias margeando rodovias e sua legislação ambiental é excessivamente rigorosa, comparada às disposições federais. Alterações no “marco regulatório”, autorizadas por decretos e novas leis, colocam em perspectiva dois distritos industriais, excluída a zona de amortecimento da

Mata dos Godoy para localizá-los; a Justiça havia determinado a imunidade da zona, a pedido da organização não-governamental Meio Ambiente Equilibrado. Ao término do mandato, a área destinada a um dos parques (1,1 mil hectares) está comprada e definido o empréstimo, pelo BNDES, para custear a infraestrutura.

Assim, as empresas que chegaram no período de Kireeff não se relacionaram ao projeto dos condomínios industriais; influenciou a confiabilidade do poder público e a melhoria de infraestrutura, incluindo 26 quilômetros de extensões e duplicações de vias, entre as quais as Avenidas Angelina Vezozzo e Saul Elkind e o início do Arco Leste. Até uma solução energética, a unidade autônoma de gás natural com aproximadamente seis quilômetros de ramais, da Compagás. A primeira empresa abastecida pelo gasoduto, em 2014, é a Fast Gôndolas, instalada em terreno de 24.000 m², gerando 200 empregos.

Com investimento de R\$ 30 milhões, a Wittur inaugura a sua indústria em março de 2016, empregando 100 pessoas. Ocupa 11.000 m² construídos em área total de 20.000, por contrato de locação com a DMX Imóveis. Convenientemente próxima à unidade da Atlas-Schindler, a 318.^a entre as maiores empresas no país e a mais rentável em 2016 (*Exame Melhores e Maiores/2017*). Ocupa em Londrina 35 mil metros quadrados e abastece os mercados brasileiro e latino-americano. “Versátil, a fábrica brasileira é a única, entre as dez unidades industriais do grupo suíço Schindler no mundo, que produz elevadores, escadas e esteiras rolantes.”

A Cooperativa Integrada inaugurou a fábrica de rações e empresas de outros ramos chegaram,

entre as quais Ágile, Athos e Limagrain. A BRF S.A. (de alimentos) informou a intenção de estabelecer o seu principal centro de distribuição no Paraná (área de 157 mil m² cedida pelo município), previstos investimento de R\$ 80 milhões e 600 empregos.

“Essa tese de que Londrina não tem indústrias não é absolutamente verdadeira”, disse Kireeff ao *Repórter da História CBN (2019)*, referindo-se também às que se instalaram anteriormente.

No primeiro trimestre de 2017, o prefeito Marcelo Belinati assina decretos e envia projetos de leis à Câmara com o fim de facilitar o estabelecimento de empresas em geral, e informa que o Sindicato da Indústria da Construção Norte PR (Sinduscon) e o Clube de Engenharia e Arquitetura (Ceal) estão projetando a “cidade industrial”; a sua administração pensa em “mudar o modelo”, vender os terrenos e destinar o dinheiro ao custeio de infraestrutura. Convênio firmado em 5 de julho de 2018, pelo Prefeito e o secretário de Desenvolvimento Urbano do Paraná, Sílvio Barros, permite ao Estado emprestar R\$ 25 milhões ao Município para implantar a “Cidade Industrial”. Em 17 abril de 2019, o grupo J. Macedo, representado por seu presidente-executivo, Walter Faria Júnior, assina protocolo definindo um complexo industrial de alimentos de trigo na futura “cidade industrial”, que exigirá investimento de R\$ 500 milhões e empregará 1.500 pessoas diretamente. No dia seguinte, o projeto é incluído no programa estadual de incentivos fiscais, “Paraná Competitivo”, em audiência com o governador, Carlos Massa Júnior (“Ratinho Júnior”). Desde 1975, J. Macedo mantém na cidade o Moinho Dona Benta (antes *Moinho Londrina*).

Marcelo Belinati avalia o crescimento econômico pela liberação de alvarás, “cresceu demais de 2017 para cá, houve um salto de 11.000 para 16.000”, informou ao *Repórter da História CBN (2019)*. Disse que só agora o Município voltou a receber grandes empresas, depois daquelas que se instalaram ainda na década de 90. Limitando-se às que chegaram a partir de 2018, menciona a Tata Consultancy Services (TCS), “a segunda maior empresa de tecnologia do mundo e já chegando a mil novos empregos dos 4.000 diretos que vai gerar no município”. Previstos o complexo J. Macedo e o centro de distribuição do Magazine Luíza, que será o maior da empresa no país, com 37 mil metros quadrados e 700 empregos diretos e indiretos. “Londrina voltou a receber grandes empresas e isso mostra todo o nosso potencial.” O Prefeito atribui o fato a uma “nova política” de incentivos, oferecendo segurança jurídica ao empresário. “Enquanto o Brasil todo vive grande crise, Londrina está vivendo um grande momento.”

Na premiação do 26.^o Master Imobiliário, em agosto de 2020, o centro de distribuição da BRF em Londrina, construído pela Bresco, classificou – se em terceiro lugar na categoria Empreendimento – especificamente Built to Suit. Dos 21 Prêmios Master, 18 distinguiram realizações no Estado de São Paulo (12 das quais na capital) e cinco em cidades de outros Estados: Londrina (PR), Porto Alegre (RS), Eusébio (CE), Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ). O certame, promovido pelo Sindicato da Habitação de São Paulo (Secovi-SP) e o Capítulo Brasileiro da Federação Internacional das Profissões Imobiliárias (Fiabci Brasil) destaca

inovações tecnológicas, sustentabilidade ambiental, soluções e a “capacidade de vencer desafios”, pelo reconhecimento de júri representando a Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBea), Sinduscon-SP, Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), Instituto de Engenharia (IE) e Associação Brasileira de Agências de Publicidade (Abap).

“Com o desafio de dar eficiência a um galpão industrial que opera a até 30 graus Celsius negativos, a Bresco inovou no reaproveitamento de recursos e nas soluções” em Londrina, segundo reportagem no caderno “Master Imobiliário” (*O Estado de S. Paulo*, 30. 8. 2020, por G. C. S.) “Certificado pelo selo LEED, o centro de distribuição foi construído em 14 meses para ser um polo logístico de mercadorias da BRF, com mais de 23 mil m². O galpão tem pé-direito de 12,80 metros e foi reconhecido internacionalmente pela planicidade e pelo nivelamento de seu piso, que suporta até seis toneladas por metro quadrado. (...) tem capacidade para 123 mil toneladas de produtos e conta com 30 docas para veículos frigoríficos.” Entre as peculiaridades estão a refrigeração por “um sistema circular, moderno e inovador” utilizando menos amônia e mais outros fluidos; economia com o abastecimento de água, contribuindo a captação de chuvas e até o paisagismo, com espécies adaptadas ao clima londrinense, dispensando irrigação; além do sistema de refrigeração, a redução de energia elétrica, de aproximadamente 20%, será possível pela luminárias, eficiência do ar-condicionado e aquecimento solar parcial.

.....

RECORTES

INFLAÇÃO SEM LIMITES

Do início da década de 80, quando é de 100%, a inflação terá média anual de 600% até os primeiros anos 90, passando de 1.000% em 1989 e chegando a quase 2.500% em 1993. Apontamento do ex-ministro da Fazenda Pedro Malan, para lembrar que “foram os piores anos de desigualdade na concentração de renda no Brasil”.

A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

Absorvendo as inovações, passo a passo, Londrina é uma das primeiras cidades do interior a ter CBN, “a rádio que toca notícia”, em 1995. Criada em 1991, no Sistema Globo de Rádio, a Central Brasileira de Notícias – CBN – transmite em rede o jornalismo, atuando diretamente nos centros das decisões que afetam a nação, com análises de especialistas. E adiciona os complementos regionais e locais.

ROYAL PLAZA, NO CENTRO

Com 169 lojas em quatro pavimentos totalizando 20 mil metros quadrados, o Royal Plaza Shopping é inaugurado em 30 de novembro de 1999. Com dois cinemas, escadas rolantes e elevadores, sua localização corresponde principalmente à expectativa dos moradores no centro da cidade, onde é o primeiro shopping, por iniciativa de investidores locais. A edificação custou R\$ 15 milhões e no geral, R\$ 22 milhões, incluindo os investimentos dos lojistas.

A GUERRA DOS CAMELÔS

No que seria uma solução para descongestionar as calçadas no centro e preservar renda, os camelôs saem das ruas para um imóvel alugado pela Prefeitura, o “camelódromo”, em 2003. O arranjo causa controvérsia e reação da Associação Comercial e Industrial. Ora, o poder público sustentando o comércio ilegal de artigos piratas e contrabandeados, sem pagar impostos. Com a soma dos aluguéis superando a um milhão de reais (33 mil mensais) a Justiça manda cessar, atendendo à Promotoria de Defesa do Patrimônio Público. Em 12 de julho de 2007 às 6h20, o camelódromo é invadido e tem mercadorias apreendidas por 300 federais (200 fiscais da Receita e 100 policiais), com o reforço de militares estaduais e ajudantes para carregar. Às 9 horas o “centro tinha virado praça de guerra”, com camelôs e simpatizantes protestando e depredando lojas, incluindo o Royal Shopping, e a sede da Acil. A Polícia Militar interveio com bombas de efeito moral e spray de pimenta.

EXPO/LONDRINA REFLETE O AGRO REGIONAL

Com a menor participação no PIB do município, 1,3%, o setor primário é realçado pela Exposição Agropecuária e Industrial, que se originou com a Associação Rural de Londrina, hoje Sociedade Rural do Paraná. A cidade tem outras referências do setor, a Embrapa/Soja (anteriormente Centro Nacional de Pesquisa de Soja) e o Instituto Agrônomo do Paraná. Marcos Rambalducci observa que “a fatia muito pequena da agricultura no nosso PIB” se deve à separação de Tamarana, antes distrito e maior área agrícola de Londrina, mas o setor tem importância

maior no PIB da região metropolitana, que abrange 25 municípios. “E o Parque de Exposições Ney Braga cumpre esse papel de ser um catalisador dessa pujança agrícola regional, mesmo que Londrina não prepondere no seu PIB a agropecuária.”

RELEVÂNCIA NAS EXPORTAÇÕES

Trata-se do “centro de uma região fortemente agrícola”, aponta o diretor de Agronegócio da Associação Comercial e Industrial de Londrina (Acil), Luigi Carrer Filho, em reportagem de Celso Felizardo (*Mercado em Foco, maio-junho/2019*). “Toda a estrutura de serviços (em Londrina) se fundamentou no agronegócio” e a alta produtividade já não decorre somente do clima e do solo, “mas principalmente porque aqui temos centros de pesquisas que poucas cidades no país e no mundo têm”. A reportagem demonstra a relevância do agronegócio nas exportações por Londrina: do total de US\$ 831,7 milhões da receita, US\$ 352,8 milhões creditados à soja; US\$ 76 milhões ao café em grão; US\$ 31 milhões ao milho em grão. “Em Londrina e Cambé, os municípios mais populosos, a agricultura já não é a principal atividade, mas isso é muito relativo, porque temos uma cadeia que gira em torno do que se produz no campo”, expôs o chefe do Núcleo Regional da Secretaria de Agricultura do Estado, Antônio Carlos Barreto. Só em Londrina estão 3.154 produtores rurais, as lavouras ocupam 159 mil hectares e as pastagens, 45 mil. A soma dos rebanhos supera dois milhões de cabeças, aves a maior parte, 50 mil bois e 13 mil porcos, os mais representativos. A exposição Agropecuária e Industrial se caracteriza pela quantidade de negócios

muito elevada e as conferências técnicas, segundo Barreto. Há em Londrina cerca de 40 mil alunos de graduação e pós-graduação; os simpósios, oficinas e palestras durante a Exposição têm frequência muito alta.



Bresco Londrina BRF – Reconhecido pelo Prêmio Master Imobiliário 2020 (Built-To-Suit). Autor: Wilson Vieira



Atlas Schindler. Autor: Wilson Vieira



Companhia Cacique de Café Solúvel. Autor: Gabriel Teixeira



Amcor Flexibles BR – Antiga Dixie Toga. Autor: Wilson Vieira



Adama Brasil – Jardim Eucaliptos. Acervo Adama

CHAPTER 12
GDP CONTRIBUTION FROM INDUSTRIES SHOULD
BE HIGHER
.....

With all the progress in agriculture, the city was still lacking adequate infrastructure to support it. An industrial park that complements the local economy was the “item” missing from mayor Wilson Moreira’s broad portfolio (1983-1988), according to analysts. Given his competence, credibility and influence on the governors at the time, Mayor Wilson Moreira could have potentially co-opted people to all key positions in the state, but he never did. Others claimed that this decision was highly affected by the circumstances. He inherited a city administration that was completely “broken,” with an empty budget, which was an unprecedented in Londrina’s history. Then in 1986, the Sarney government introduced the new economic policy in Brazil, resulting in spiralling inflation and withdrawal of investments. During what economists refer to as the “lost decade,” Londrina’s economy was growing above the national and state average, completed various major construction projects and Sercomtel resumed the installation of new phone lines (see Chapter 11).

The 4 October 1989 issue of the Folha de Londrina reported that Mayor Antonio Belinati would be taking a document to Fiesp (Federation of Industries in the State of São Paulo), describing what Londrina had to offer to “new companies from São Paulo:” The city has the second highest revenue from taxes within the state. Sercomtel has installed 77,700 landlines with a further 10,912 in progress. Over 90% of the homes are connected to the water supply network and 60% to the sewer system. Of 110,000 students 23% are in secondary and higher education that is well above the national average of 13%.

The one thing Belinati was not able to offer, was easy access. Congressman Oswaldo Macedo already complained, eight years earlier, that although all of the various road plans for Brazil included adding an extra lane in both directions to the roads (BR-369 and BR 376) that connect Ourinhos and Paranavaí, no one has ever even drawn up a project for the implementation. Despite the fact that these were one of the busiest roads in the country. “The roads were passing through all the cites in the region, including Londrina, putting pedestrians in danger and often causing fatalities.” And the lack of support from the State continued. After a year of being mayor, Belinati set up the Municipal Development Fund (FDM), with the purpose of qualifying Londrina to be able to receive royalties from the hydroelectric dams in the state, and from that establish an industrial district on 2,000 hectares between the Jacutinga River and Lindóia River. The president of ACIL, João Jabur, found the initiative interesting, but had reservations about using royalties as funding, which was something uncertain at the time.

Two years later Jabur realized that although “the location chosen for the industrial zone was excellent, the area did not belong to the City Hall and was covered by a vast plantation. What impression would potential companies have of a city that plans to install an industrial district on such a location?”

In 1993, Labour Party candidate Luiz Eduardo Cheida was elected. He took over from Belinati and appointed Abílio Medeiros Júnior as chairman of Codel (Londrina Development Company). The Municipal Incentive and Benefit Act (Lei Municipal de Incentivos e Benefícios) (5.699/93) provided the infrastructure for small and medium-sized enterprises, and within the first 2 years 63 new companies were established. “The public and the private sector came together to envisage a Londrina that no one had ever dared,” said businessman Flávio Meneguetti about hiring Andersen Consulting to

manage the PDI-Plano de Desenvolvimento Industrial (Industrial Development Plan). As it was only set up at the end of Cheida’s term, it was his successor Antônio Belinati, who saw the PDI bringing three major firms to the city: Dixie Toga, Atlas Elevadores (later Atlas-Schindler) and Milênia through the merger with Herbitécnica. In addition to the PDI, the city also benefited from incentives offered by the state governor Jayme Lerner. For the first time, a project was able to “endure two separate administrations” regardless of the political differences between Cheida and Belinati, remembered Medeiros Júnior.

Having relatively few industries usually leads to municipal tax raises in other areas which is what happened during Cheida’s term. It was the “largest budget increase in the city’s history,” from 46,1 million US dollars in 1993 to 109 million US dollars in 1996. The projections in dollars were due to the successive changes of the Brazilian currency in attempting to fight inflation. Most of the revenue (31.7%) came from property taxes (IPTU and similar), more than VAT on products and services (ICMS), which was 25.3%. The treasury secretary, the economist João Rezende, cut electoral exemptions, corrected the rates and improved inspection. This coincided with the beginning of Plano Real, which would lower inflation. “No fiscal terrorism, no one protested,” said Rezende.

Belinati’s second term ended in 2001 with a Labour Party win. The elected Nedson Micheleti was the first mayor who won re-election to a second term (in 2005) keeping the party in power up to 2008. Nedson offered incentives to attract new businesses and to help existing ones expand, especially in the IT sector. He was aiming to set up a technological hub with the help of the newly established Universities Pontifícia Universidade Católica (PUC) and Universidade Tecnológica Federal.

However, companies continued to leave due

to external factors and several other reasons. Eliane S. A. Revestimentos Cerâmicos, founded 25 years earlier, closed down leaving 110 people unemployed. The company claimed that “energy costs” (liquefied petroleum gas and fuel oil) were very high, as natural gas was not available in the region. At the same time, the mayor hindered economic growth by not allowing Walmart, the largest supermarket chain to enter, under the pretext that it would generate excessive traffic in the city centre and make competition unfair. The decision was justified by Law 9.68, whereby no supermarkets with over 1,500m² of floor space or construction material stores with over 500m² were allowed in the town centre and neighbouring areas. The legislation became known as “Lei da Muralha” the “Law of the Wall.”

According to an analysis carried out by Ipea (the Institute of Applied Economics Research) in 2008, Londrina was the 15th city in the country in terms of technological training and education and one of 15 hubs that attracted investments in industrial technology. The City Hall registered 33,081 new jobs between 2001 to 2007. Based on the predictions, a lot of people were expecting the IBGE’s “population clock” data to reveal that Londrina had lost the ranking of having the third largest population in the South of Brazil to Joinville, (SC) holder of another more enviable position: the third most significant industrial hub of the region, after Porto Alegre and Curitiba. However, Londrina maintained its position ahead of Joinville in terms of infrastructure and ranked 20th among the 100 best cities in Brazil, reported by Consultoria Simonsen Associados (Anuário Exame magazine, 2006-2007). “Londrina’s progress is slower than it should be. All it needs, is the right public policy to grow faster,” according to the president of the Clube de Engenharia e Arquitetura, Nélson Brandão.

“Londrina is impoverished,” said economist, congressman and former State Treasury Secretary in Paraná,

Luiz Carlos Hauly in 2008. He demonstrated that, within 20 years, the city dropped from second (with 5.5%) to fifth place in the state for revenues from VAT. Total revenue from taxes dropped by 48,5% and GDP per capita figures were 57% lower than those of Joinville. “This decline is due to the poor administration of the last five mayors,” said Hauly, referring to Belinati (two terms), Cheida and Nedson (two terms). Hauly was a candidate for mayor at the time and presented his case at ACIL. He did not mention that state investments were generally focusing on the metropolitan region of Curitiba.

Nedson’s main legacy was a rather ambitious plan, designed by engineer Luiz Figueira de Mello, called Arco Norte. It included a cargo airport on an area of 520 hectares next to São Luiz and another area reserved for an industrial zone. He also envisioned building 89km of highways in order to bring together five cities (Londrina, Arapongas, Cambé, Ibiporã and Rolândia) initially and then adding two more in the future (Assaí and São Jerônimo da Serra). Each town could have their own initiatives. In order to begin, the federal government’s multi-year expenditure framework (of 2007) would have had to include an allocation of R\$71.7 million for the construction of highways, which together with the financial contributions from the State and the cities would reach a total of R\$100 million. The airport depended on private sector investment and the entire project was estimated to take at least 20 years to complete. Nedson was also planning an industrial district in the Cinco Conjuntos neighbourhood, as he could potentially purchase the land from Companhia Nacional de Habitação (Cohab). Barbosa Neto’s administration considered resuming the Arco Norte project, hoping that building the cargo airport would end the isolation caused by the inadequate highways and expensive tolls.

The R\$18.4 billion GDP in 2016 was made up of 16,69% from the industrial sector 57,9% from retail and services, 13,2%

from the public sector and 1,3% from agriculture. According to analysts, the “industrial culture” was not yet embedded in the city. The sector’s GDP contribution had been fluctuating over the decades and rarely got to 20% or above.

“Londrina has a very good IT base. It is an excellent hub in Paraná,” said ACIL’s former president Kentaro Takahara in 2017, referring to the reassuring perspectives of the 4.0 industry which relies on IT. “Stop with the lands and storage hangars! Those days are over,” he said. “If I was the mayor, I would say, it’s time we forget about buying more land.” According to Fórum Desenvolve Londrina, which was advocating a plan that included industrial zones, there was room for different sectors. “We do not have an industrial park. If a company showed up today, we wouldn’t know where to install it,” said entrepreneur Ary Sudan.

Alfredo Fauro, legal advisor of ACIL in 1962, recommended using private and public initiatives to attract more industrial sector companies to the city, in order to fill the “void” that would certainly be left by the diminishing coffee production. In 2019, ACIL economist advisor Marcos Rambalducci recognized that although there was “a deliberate policy encouraging industrialization,” it was not yet sufficient. “I have no doubt that Londrina needs a much stronger industrialization process so it doesn’t remain a hostage of crises,” he said in a CBN Repórter da História interview in 2019. Rambalducci emphasized the importance of the secondary sector. When tertiary sector revenues are negatively affected by a sudden change, people “stop buying things, stop spending and money stops circulating.” However, in those cases, revenue from the secondary sector could support and provide new income to the tertiary sector. The industrial sector offers better quality jobs, as it requires “people with much higher level of education and more technical skills.” It also pays higher wages, which means more income available

(through consumption) for retail and service companies, highlighted Rambalducci. “I always say that the industrial sector, retail and services are a great mix for making porridge, but the role of the oats is definitely played by the industrial sector. That is how much we need it. The industrial sector is currently providing a mere 16.5% of our GDP. It should be somewhere between 25% to 28%.”

Generally, so far, every new mayor decided to start everything all over. Usually, the one who left office would have only completed a small part of a project or only got as far as drawing up a plan. Then the successor either wanted to change the project, to be able to call it their own, or decided to not continue at all. Rambalducci perceived a different mentality this time around. “I have noticed...a certain continuity from Marcelo Belinati as regards to what was done by Kireeff. A good example is Cilon (Londrina Industrial City), where although the name was changed slightly to reflect the personality of the current administration, there was a clear continuation of a previous policy about boosting industrialization.” Rambalducci believed that “vanity is less present now than it was in other administrations,” and Marcelo seems “to progress much better than the others.” Let’s not forget that “we have been giving industrial sector companies a bit of a hard time.” Even the “great mayor Dr Wilson Moreira didn’t like them very much.” He preferred “focussing on” providing services and left industrialization for the neighbouring cities. “Great! The idea seemed very good, but...it still led to poverty. While the cities around us with a larger industrial component in their GDP recovered from the crisis much easier.”

Overcoming the remnants of corruption left behind by his predecessors and some failures of his own administration, Mayor Alexandre Kireeff changed the image of what a mayor should be. In the second year of his administration, the German elevator door supplier, Wittur announced (17/7/2014)

its plans to set up its base in Londrina, as one of its largest customers, Atlas-Schindler, was also based here. The city council wouldn’t need to provide land, as the construction company DMX already acquired the land where it would build and Wittur would be renting from them.

Under the chairmanship of Bruno Veronesi, Codel was able to identify the city’s own obstacles to attracting companies. Although eliminating these would be a step forward, some difficulties would still remain, such as the lack of state-owned road infrastructure and the toll charges. In retrospect, the council was donating land, but wasn’t providing the infrastructure that would allow companies to establish a base in the city. In 1998, the city banned industrial plants to build alongside its motorways and its environmental legislation was overly strict compared to federal laws. Changes in the “set of regulations,” authorized by new decrees and laws, qualified two areas in the city as potential industrial districts. One of them, the buffer zone around Mata dos Godoy, was excluded because the court had issued a certificate of immunity at the request of the non-governmental organization Meio Ambiente Equilibrado. At the end of his mandate, the designated area for one of the industrial parks (1,100 hectares) was purchased and the loan for funding the infrastructure was drawn up by BNDES the Brazilian Development Bank.

The reason companies came to Londrina during the Kireeff period was not the promise of an industrial park, rather, they had confidence in the public authority and the improved infrastructure also played a part. There were 26 kilometres of road extensions and extra lanes, which included Angelina Vezozzo Avenue and Saul Elkind Avenue and the first section of Arco Leste. There was also a new energy source. Compagás provided natural gas through approximately six km of pipelines. The company’s first customer, in 2014, was Fast Gondolas which was installed on a 24.000m² land and

generated 200 jobs.

With an investment of R\$30 million, Wittur opened its plant in March 2016, employing 100 people. The 11,000m² building was built on a total area of 20.000m² through a lease agreement with DMX Imóveis. The company was conveniently close to Atlas-Schindler, the 318th largest company in the country and the most profitable in 2016 (according to Exame Melhores e Maiores magazine, 2017). Atlas-Schindler's 35.000 m² plant in Londrina supplies the Brazilian and Latin American markets. "The versatile Brazilian factory is the only one of the ten industrial units of the Swiss Schindler group in the world which produces elevators, escalators as well as moving walkways."

Cooperativa Integrada opened its animal food plant, and other companies followed, including Ágile, Athos and Limagrain. The food company BRF S.A. announced its plans to establish its main distribution centre in Paraná (an area of 157,000m² would be provided by the city), with an expected investment of R\$80 million, generating 600 jobs.

"The claim that Londrina has no industries, is not entirely true," said Kireeff in a CBN interview in Repórter da História (2019), also referring to those companies that had been established previously.

In the first quarter of 2017, Mayor Marcelo Belinati was signing decrees and sending proposed legislations to Congress to facilitate establishing companies in general. He also announced that Sinduscon and Ceal were designing the "Industrial City." His administration was thinking about "changing the model," and sell the land so the money could be used to build the infrastructure. The Agreement was signed on 5 July 2018, by the mayor and the secretary of Paraná Urban Development Silvio Barros, whereby the state would lend R\$25 million to the city for the implementation of the "Industrial City" project. On 17 April 2019, the CEO of the J.

Macedo group Walter Faria Júnior signed a protocol outlining the construction of an industrial complex for wheat-based food production in the future "Industrial City," which will require an investment of R\$500 million and would provide 1,500 direct jobs. The following day, the project was included in "Paraná Competitivo," (a state tax incentive program from for companies investing in the region) with the presence of Governor Carlos Massa Júnior ("Ratinho Júnior"). The J. Macedo group had been operating Moinho Dona Benta (formerly Moinho Londrina) from Londrina since 1975.

Marcelo Belinati in a CBN Repórter da História interview (2019) used the number of business permits issued as a measure of economic growth and concluded that "the city has grown a lot since 2017, as there has been a significant increase from 11,000 to 16,000." He said that large companies have only started to come to Londrina again since the 90s. He gave a few examples from 2018 onwards, such as Tata Consultancy Services, "the second largest technology company in the world, providing 4,000 direct jobs and almost 1,000 indirect ones, the J. Macedo complex and the distribution centre of Magazine Luiza, that were both in progress. The distribution centre was going to be the largest in the country, built on 37,000m² and generating 700 direct and indirect jobs. "Londrina is attracting large companies once again and this shows our full potential." The mayor said that he believes the success is in consequence of a "new policy" of incentives that provide businessmen and companies a legal safety net. "While Brazil is going through a major crisis, Londrina is experiencing a great moment."

In August 2020, BRF's distribution building in Londrina, built by Bresco, was awarded third place at the 26th Property Master Awards (Master Imobiliário) in the Built to Suit development category. Of the 21 Master Awards, 18 winners were from São Paulo (12 from the city of São Paulo) and 5 from

other states: Londrina (PR), Porto Alegre (RS), Eusébio (CE), Belo Horizonte (MG) and Rio de Janeiro (RJ). The contest is promoted by Secovi-SP (São Paulo Housing Union) and Fiabci Brasil (International Federation of Real Estate Professions, Brazil Division) showcases technological innovation, sustainability and the "ability to overcome challenges" and find solutions. The jury included representatives of AsBea (Association of Architecture Firms in Brazil), Sinduscon-SP, Abecip (Association of Brazilian Mortgage Lenders), Faap (the Armando Álvares Penteado Foundation), IE (the Institute of Engineering), Abap (Association of Brazilian Advertising Agencies).

"Bresco faced the challenges of designing an efficient building for a warehouse in Londrina, that operated at minus 30 degrees Celsius, and was able to find innovative solutions by reusing resources," according to "Master Imobiliário" (by GCS in the 30 August 2020 edition of O Estado de S. Paulo). "The 23,000m² LEED-certified distribution centre, a logistical hub for BRF products, was built in 14 months. The warehouse featuring 12.8m ceilings received international recognition for its effective flat design and its even, hand screeded floors, which are able to support 6 tons per square meter. It can store 123,000 tons of products and has 30 loading docks for refrigerated transport vehicles." The distinctive solutions included an innovative, state-of-the-art, circular cooling system that uses less ammonia, the use of rainwater which provides great savings and the use of species adapted to Londrina's climate in the landscape design means that there is no need for irrigation, not to mention that, efficient air-conditioning, lamps and solar panels ensure 20% reduction in the use of electricity.

INFLATION WITHOUT LIMITS

In the early 80s, inflation was 100%, then until the early 90s

the annual average was around 600%, in 1989 it was over 1,000% and reached almost 2,500% in 1993. According to Finance Minister Pedro Malan we mustn't forget that those "were the worst years of income inequality in Brazil."

THE RADIO THAT PLAYS THE NEWS

Londrina was one of the first non-capital cities to install an affiliate station of CBN Radio, "the radio that plays the news," in 1995. CBN (Brazilian News Centre) network was created in 1991 by Sistema Globo de Rádio to broadcast news directly from the decision-making centres that affect the nation, provide analyses by experts and also to cover local and regional news.

ROYAL PLAZA, IN THE CITY CENTRE

Royal Plaza Shopping Centre opened on 30 November 1999, with 20.000m² floor space, 169 stores across 4 floors, 2 movie theatres and various escalators and elevators. Due to its location, it primarily caters to the needs of the residents of the downtown area. It was the first shopping centre built by local investors. The construction cost R\$15 million and the total investment, including that of the tenants, was R\$22 million.

THE WAR OF THE STREET VENDORS

In an attempt to decongest the pavements in the city centre and secure some revenue at the same time, the council moved street vendors off the streets to a rental property, the "Camelódromo," in 2003. The arrangement caused controversy and was disapproved by ACIL. The government was basically supporting the illegal trade of fake and smuggled goods and overlooking the non-payment of taxes. The total rent already exceeding one million reais (33,000 per month) the court ordered the project to close down when the prosecution claimed defence of public property. On 12 July 2007 at 6:20 Camelódromo was invaded and all merchandise

was seized by 300 federal agents (200 revenue officers and 100 police officers), the state military and some others who helped carrying and loading the products. By 9 o'clock, "the city centre had become a war zone." The street vendors and those supporting them were protesting and vandalizing stores, including the Royal Plaza Shopping Mall, and ACIL's headquarters. The military police intervened with stink bombs and pepper spray.

EXPO/LONDRINA REPRESENTING REGIONAL AGROBUSINESS
The Agricultural and Industrial Exhibition (EXPO) draws attention to the primary sector, which only represents 1.3% of the city's GDP. The EXPO began with Associação Rural de Londrina, now Sociedade Rural do Paraná. Londrina has some top-ranked companies within the sector, Embrapa/Soja (formerly Centro Nacional de Pesquisa de Soja) as well as Instituto Agrônômico do Paraná. According to Marcos Rambalducci, "the reason only a very small portion of our GDP is coming from agriculture," is that Tamarana split from Londrina. Tamarana used to be a district of Londrina and it was its largest agricultural area.

Nevertheless, the sector is of greater importance within the GDP of the metropolitan region, which encompasses 25 municipalities. "And Parque de Exposições Ney Braga, the venue for the event, fulfils the role of promoting regional agricultural strength, even if there isn't a large agricultural component in Londrina's GDP."

RELEVANCE IN EXPORTS

We are in the "centre of a strongly agricultural region," pointed out Luigi Carrer Filho, the director of agribusiness at ACIL, in an article by Celso Felizardo (in Mercado em Foco Magazine May-June 2019 edition). "All services (in Londrina) were initially dependent on the agribusiness" and today our high

productivity levels are no longer a question of great climate and exceptional soil, "but that we have research centres that a very few cities in the country and in the world have." The article shows the importance of agribusiness in Londrina's exports: of the total US\$831.7 million in revenue, US\$352.8 million is from soybean, US\$76 million from coffee bean and US\$31 million from corn exports. "In the most populous cities, Londrina and Cambé, agriculture is no longer the main activity, but this is relative, because there is a series of services that revolve around what is produced in the countryside," said the head of Núcleo Regional da Secretaria de Agricultura do Estado (Regional Centre of the State Secretariat of Agriculture) Antonio Carlos Barreto. In Londrina alone, there are 3,154 rural producers, 159,000 hectares of crops and 45,000 of grazing land. The total number of animals exceeds 2 million heads, mostly poultry, 50,000 cattle and 13,000 pigs among others. The significance of the EXPO lies in the number of businesses represented and in its technical conferences, according to Barreto. There are around 40,000 undergraduate and graduate students in Londrina and the symposiums, workshops and lectures during the exhibition are very well attended.



86 ANOS DE LONDRINA

**NO RETROVISOR, SÓ ORGULHO.
PELA FRENTE, UM CAMINHO ABERTO
PARA INÚMERAS CONQUISTAS.**

Londrina, a cidade que nos acolhe.

O lugar que permite à Ford Tropical realizar os sonhos de tantas pessoas e estabelecer relações de confiança e companheirismo.

Parabéns pelo seu aniversário e obrigado por seguirmos juntos na direção do desenvolvimento.

Av. Brasília, nº 2.769
fordtropicalpr.com.br

43 **3373-3131**

Ford TROPICAL

13 Déficits e cassações



Somando 14 anos em três mandatos, dos quais não cumpriu nove meses e 18 dias no primeiro e pouco mais de sete meses no terceiro, Antônio Belinati é o recordista na Prefeitura, também pelo acúmulo de ações por ilicitudes às quais responde na Justiça. Dessa trajetória resultaram, provavelmente, seis anos de atraso à cidade; cada sucessor demorou dois anos para reordenar a Prefeitura, recompor as finanças e regularizar os serviços essenciais.

Antônio Belinati, marco divisor na história das administrações municipais e o primeiro personagem do capítulo das cassações.

Em 1992, o secretário de Fazenda, Ismael Mologni, discorda do prefeito Antônio Belinati quanto a liberar o IPTU para candidatos a vereador comprar votos, por ser “imoral” e até “desleal” com aqueles impedidos de usar a máquina pública. Mologni declara ao *Jornal de Londrina* que um grupo exigira “teto mínimo de remissões” (cancelamento dos débitos) de 100 milhões de cruzeiros por candidato. Fora do esquema, a vereadora Iracema Mangoni informa que o candidato do PST Jaci Aguiar tivera deferido 100 carnês de uma só vez. E no geral, 4.035 já haviam sido liberados, segundo o vereador Renato Araújo, outro não participante.

Duas ações populares, uma do vereador Luiz Eduardo Cheida, ingressam no Ministério Público – e serão acolhidas no Judiciário – denunciando a Cohab pela compra superfaturada de 150 alqueires (“Fazenda Refúgio”) por 6,3 milhões de cruzeiros, valor de mercado em dobro conforme laudos de imobiliárias. Acidentado e pedregoso – uma “perambeira” –, o terreno nem sequer serviria para o que anunciara a Cohab: o assentamento de famílias.

Quando Belinati se despede do segundo mandato, Londrina já se tornou a quarta cidade brasileira e a primeira do interior com telefonia celular e a Prefeitura está devendo ao Sercomtel as contas de quatro anos, cerca de 200 mil dólares. Luiz Eduardo Cheida, o sucessor (1/1/93), imediatamente vai ao Sercomtel e toma empréstimo de 20 milhões de cruzeiros, equivalentes a cerca de US\$ 1,5 milhão. “E tomaria mais alguns milhões...” – segundo Assad Jannani então superintendente do Sercomtel.

Cheida informou ter recebido a Prefeitura com dívida equivalentes a US\$ 22,9 milhões de dólares (vencidos 4,4 milhões e 13,7 milhões de longos prazos) e orçamento de US\$ 6,4 milhões.

Novo grau de excelência em 1996: Londrina é a primeira cidade do país a ter telefonia celular digital. E o Sercomtel tem lucro de 12,5 milhões de dólares. Um ano antes, Cheida reafirmara ao *Jornal de Londrina* (12.2.95) a pretensão de privatizar até 40% do Sercomtel. “Só não o fiz ainda porque quero uma consultoria para esclarecer bem a sociedade”



ERA ISSO – 1996. Funcionavam em Londrina 129 mil telefones, média de 30/100 habitantes, a do país era 8/100. Londrina operava o primeiro sistema digital celular do Brasil. Autor Devanir Parra/Acervo Jornal de Londrina

explicou. A sua expectativa – conforme expôs – era a de que, vendendo ações, conseguiria US\$ 150 milhões, “não para a máquina pública, mas para a cidade, através de um plano de aplicação”.

A Sercomtel S. A. Telecomunicações (Lei 6419, de 18.12.95) efetiva-se em 18 de junho de 1996, com o capital de R\$ 268,4 milhões, adequando-se à legislação federal que manda distribuir ações aos usuários que pagaram antecipadamente pelas linhas (autofinanciamento) e com vistas ao fim do monopólio em breve, que exigirá a busca de parceiros para competir, segundo a justificativa.

Revelou-se, porém, a finalidade imediata: suprir a Prefeitura, já no último ano do mandato: a despesa supera a arrecadação e 55% estão comprometidos com a folha de pagamento. O prefeito informa que a dívida a ser paga até dezembro atinge a equivalentes US\$ 17 milhões e a de longo prazo, US\$ 20,1 milhões. Cheida termina o mandato com os funcionários em greve, pedindo o pagamento do 13.º salário. Por conta de discussões salariais, a jornada fora reduzida de oito para seis horas.

Havia “caucionado” ações em garantia de um primeiro empréstimo, mas impedido judicialmente de obter o segundo. Conforme expôs Cheida, “se não houvesse a ação na Justiça e a Prefeitura tivesse conseguido, com a venda de ações, R\$ 39 milhões para junto com os R\$ 21 milhões [antecipados por bancos] dar R\$ 60 milhões, nós estaríamos não só com todas as obras em andamento, mas com a situação de caixa equilibrado”.

Para o terceiro mandato, Belinati assume em 1.º de janeiro de 1997 e anuncia, logo no primeiro



Avenida Leste Oeste.



Autódromo Ayrton Senna e Estádio do Café.



Aeroporto Gov. José Richa. Autor: Wilson Vieira

ano, “reforma administrativa” para eliminar “o excesso de privilégios que ao longo do tempo foram se acumulando em várias áreas”, esperando economizar 22 milhões de reais em três anos. Mas a Comurb contrata novos funcionários sem concurso e o seu diretor administrativo-financeiro, Antônio Carlos Belinati, filho do prefeito, recebe salários sem trabalhar, porque estuda engenharia em tempo integral, toma conhecimento o Ministério Público.

Há, em 4 de maio de 1998, pomposa cerimônia no Hotel Sumatra, em que é anunciada a venda de 45% da Sercomtel, por R\$ 186 milhões, à Companhia Paranaense de Energia (Copel), que retém R\$ 69 milhões, reservados ao pagamento de credores do município com ações em garantia. Belinati promete usar o restante para fazer obras segundo o interesse da comunidade, a ser consultada.

Baseado em medida cautelar dos promotores Cláudio Esteves e Solange Vicentin, o juiz da 6.ª Vara Cível, Celso Seikiti Saito, determina o afastamento de Belinati do cargo, em 15 de maio de 2000, e a quebra dos sigilos bancários e fiscal extensivo à esposa e filhos. Está em curso a apropriação de dinheiro público através de licitações fraudulentas atingindo a pelo menos 16 milhões de reais na Companhia Municipal de Urbanização e na Autarquia do Meio Ambiente, o “caso AMA-Comurb”, envolvendo secretários e funcionários em conluio com prestadores de serviços e fornecedores, totalizando 108 réus.

O Juiz observou que o Prefeito e a esposa “foram frequentemente beneficiados em suas contas bancárias” com dinheiro da Comurb (Companhia Municipal de Urbanização) também

desviado para os filhos do casal, tendo sido encontrados comprovantes na casa de Cassimiro Zavierucha [tesoureiro das campanhas eleitorais dos Belinati]. Além da “evolução patrimonial espantosa e duvidosa” da família, que comprou, em menos de dois anos, imóveis avaliados em R\$ 1.255.405,25, conforme a denúncia.

Na justificativa do Juiz consta que “no período de um ano e meio, a Prefeitura Municipal através de seus elementos gastou R\$ 123.758.568,64 (...) dinheiro proveniente da vendas de ações da Sercomtel, o que representou gastos superiores a R\$ 6 milhões por mês, sem que houvesse quaisquer investimentos em obras municipais”. Entretanto, Belinati alega que desconhecia o esquema.

Em 22 de junho de 2000, a Câmara cassa o mandato de Belinati. Motivo: a comissão processante constatou que o prefeito, para inaugurar o Pronto Atendimento Infantil, gastou 440 mil reais em promoção pessoal, infringindo sete vezes a Constituição Federal e a Lei Orgânica do Município. O fato havia sido denunciado pelos cidadãos Leonardo Navarro Thomaz de Aquino, Luiz Antônio Pereira Marques, Luiz Fernando Oliveira Batista, Maria Terezinha Navarro e Paulo Alípio de Campos Silveira.

O desvendamento das fraudes na AMA e na Comurb teve a participação de 87 entidades (Movimento pela Moralização da Administração Pública de Londrina), que deu apoio ao Ministério Público e conclamou a Câmara Municipal para que interviesse. Porta-voz: o jornalista Délio César diariamente na internet, solitariamente por um período, até que os jornais e emissoras abrissem

espaço às denúncias. Em 7 de outubro de 2011, em Praga, os promotores Bruno Galatti, Cláudio Esteves e Solange Vicentin e o presidente da Associação Comercial e Industrial (Acil), Valter Orsi (representando todas as entidades), receberam o ‘Prêmio Integridade 2001’, concedido pela Transparência Internacional. Solenidade aberta pelo presidente da República Tcheca, Václav Hável, e o Prêmio traduziu o “reconhecimento internacional à eficácia da parceria entre um Poder do Estado (o Ministério Público) e a sociedade civil para levar à Justiça acusados de crimes de corrupção”.

Passados 12 anos, avolumam-se as denúncias de ilícitos na Prefeitura, que levam à cassação do mandato do prefeito Homero Barbosa Neto, em 30 de julho de 2012. Envolvidos secretários e outros auxiliares do prefeito, acusados de receber propinas e comissões.

Em ação ajuizada em maio de 2011, o Ministério Público atribui à Prefeitura o pagamento de dois vigilantes destacados na Rádio Brasil Sul por intermédio do contrato que mantém com a Centronic. Em dezembro, a Comissão Especial de Inquérito da Câmara conclui que houve negligência do prefeito na fiscalização do contrato com a Centronic e que o ilícito se consumou.

Por 14 votos a 2, a Câmara cassa o mandato do prefeito, após ouvi-lo por 45 minutos. Defendendo-se, Barbosa reafirmou que a rádio mantinha contrato de permuta com a empresa de segurança e os funcionários não foram enviados por conta da Prefeitura. “Não houve irregularidade, nem desvio de dinheiro ou enriquecimento ilícito”, afirmou.

O vice, José Joaquim Ribeiro, 68 anos, assume

a Prefeitura em 1.º de agosto de 2012 e no dia 6 de setembro declara ao Ministério Público que recebera em 2010, da G8 e Iridium, fornecedoras de uniformes escolares, propina de R\$ 150 mil reais que dividiu com o prefeito e o secretário de Fazenda, Lindomar dos Santos. Em seguida, confirma à imprensa e no dia 13 pede licença médica por 10 dias. Em seu lugar fica o secretário de governo, Gervásio Luiz Martin. Na manhã de 17, Joaquim é preso no litoral catarinense; horas depois a sua carta de renúncia chega à Câmara. A prisão fora autorizada porque ele instruíra, por telefone, um assessor na Prefeitura a respeito de documentos, o que prejudicaria as investigações, alegou o Ministério Público. Na carta de renúncia, Joaquim alega “total inocência e desvinculação de quaisquer atos ilícitos (...) na administração de Londrina” e que se incumbirá de provar. “Sou um homem honesto e humilde que estive no lugar errado na hora errada.”

O Judiciário absolve Barbosa Neto na ação movida pelo Ministério Público a respeito dos vigilantes na Rádio Brasil Sul, base para a cassação do mandato, pelo Legislativo Municipal. Sentenças da 1.ª Vara da Fazenda Pública em Londrina, em 2015, e do Tribunal de Justiça, em 2016, não reconhecem a existência de provas contra ele.

Duas personalidades de Londrina ganham destaque nacional em 2014: o doleiro Alberto Youssef e o vice-presidente da Câmara dos Deputados, André Vargas, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Apanhado na Operação Lava Jato, Youssef é preso em março, acusado de comandar o esquema de “lavagem de dinheiro” da Petrobrás via contratos de empreiteiras que pagavam propinas. Na primeira

semana de abril, é revelada a influência de Vargas em tentativa de obter contrato de 150 milhões de reais entre o Ministério da Saúde e um laboratório representado por Youssef.

Embora o contrato não tenha sido firmado, diálogos gravados pela Polícia Federal deixam transparecer que é ilícito. Youssef prometia a Vargas: “Você vai ver quanto isso vai valer. Tua independência financeira e a nossa também, é claro”. A proximidade era tal que, em janeiro de 2014, André e a família, em férias, viajaram de Londrina a João Pessoa, na Paraíba, em jato fretado por Youssef. Em 2 de abril, André diz ao plenário que foi “imprudente” e que cometeu “um equívoco” ao usar o avião fretado por Alberto Youssef para ir de Londrina ao Nordeste; Youssef é acusado de ter “lavado” dez bilhões de reais em negócios ilícitos com a Petrobrás.

A cúpula petista e o entorno da Presidência da República querem que André renuncie ao mandato, a fim de poupar a imagem do partido em ano eleitoral e antecipar-se à cassação já prevista. Em 9 de abril, ele renuncia, após ter-se licenciado dois dias antes. A comissão de ética já tinha aberto o processo por quebra de decoro parlamentar, requerido pelo PSDB, o DEM e o PPS. Em 10 de dezembro, o mandato é cassado, por 359 votos. Houve seis abstenções e apenas um voto contra. O PT determinou que seus 87 deputados votassem pela cassação, dos quais 53 obedeceram. Prevaleceu o entendimento de que faltou com o decoro parlamentar ao interceder pelo doleiro Alberto Youssef.

André e o irmão Leon são presos em 10 de abril de 2015. Conforme a Operação Lava Jato, há evidências de que se locupletaram com dinheiro

da Caixa Econômica Federal e do Ministério da Saúde, por serviços não prestados; um dos indícios é a residência de André, num condomínio de luxo em Londrina, avaliada em dois milhões de reais. Os meios ilícitos eram a IT7 Sistemas, fornecedora de tecnologia da informação, usada pelos Vargas, e a influência política de André, permitindo à agência de propaganda Borghi & Lowe obter contratos com a Caixa e o Ministério. IT7 e Borghi & Lowe usaram subcontratadas para gerar propinas ou transferir comissões. Peso, também, Ricardo Hoffmann, que representava a Borghi e Lowe. Conforme a Lava Jato, pelo menos 2,3 milhões de reais recebidos pela IT7, entre 2013 e 2014, foram lavados por meio de subcontratações.

André Vargas, o primeiro político condenado no âmbito da Operação Lava Jato, a 14 anos e quatro meses de prisão, em 22 de setembro de 2015. Conforme a sentença, do juiz Sérgio Moro, por crimes de corrupção envolvendo o recebimento de 1 milhão e 103 mil reais, pelo menos provenientes de contratos de publicidade com a Caixa Econômica Federal e o Ministério da Saúde. Condenados, também, Ricardo Hoffmann, a 12 anos e dez meses de prisão, e Leon Vargas Ilário, irmão de André, a 11 anos e quatro meses.

Tendo cumprido 37% da pena, André sai da prisão em 19 de outubro de 2018. Sentença da juíza Luciani de Lourdes Tesseroli, da 2.ª Vara de Execuções Penais de Curitiba, permite a ele cumprir o restante da condenação em liberdade condicional, levando em conta o bom comportamento na prisão e a proposta de trabalho fora.

Natural de Assaí e desde 1980 em Londrina,

André Luiz Vargas Ilário começou a carreira política em 1993, participando da administração do prefeito Luiz Eduardo Cheida (PT). Já assessor do deputado federal Nedson Micheleti, assumiu a presidência do PT no Paraná, em 1999; eleito vereador em 2000, deputado estadual em 2002 e deputado federal em 2006, por 83.222 votos. Reeleito em 2010 para a Câmara dos Deputados, contrariou Rui Falcão na executiva nacional do PT, assumindo a secretaria de comunicação. No início de 2014, ao chegar à vice-presidência da Câmara, era um dos descontentes com a presidente da República, Dilma Rousseff, a quem chamava de inábil.



“Fog londrino” no calçadão – Avenida Paraná. Autor: Wilson Vieira



Gleba Palhano, onde chácaras e espaços de agricultura extensiva deram lugar ao bairro sofisticado em menos de 20 anos. Autor: Wilson Vieira

O vereador Edson Petriv, vulgo Boca Aberta, tem o mandato cassado, em 15 de outubro de 2017, um domingo, por 14 votos a 5. A comissão processante da Câmara Municipal concluiu que ele infringiu o código do próprio legislativo (artigo 9.º) e o decreto-lei federal 201 (artigo 7.º), ao pedir dinheiro, pela internet, com a finalidade de pagar multa de oito mil reais por condenação na Justiça Eleitoral. Conforme o relatório, a multa se deveu a propaganda eleitoral dentro de unidade básica de saúde, durante a campanha em 2016, mas Petriv propalava ter sido uma ação fiscalizadora, que chamava “blitz da saúde”. Durante a sessão, ele tentou contestar a acusação, até com vídeos, e alegou ter arrecadado apenas uma pequena parte do valor, que doou a uma entidade. A sessão durou nove horas, iniciada às 8h04 e encerrada às 18h08, sob a presidência de Mário Takahashi.

Petriv, o segundo vereador a ter o mandato cassado; antes, Orlando Bonilha, em 2008, cujas ilicitudes o levariam a ser condenado em quatro ações criminais e cinco por improbidade, em segunda instância.

.....

RECORTES

SERCOMTEL PRIVATIZADA

Começou a operar em 1968, mas o marco inicial do Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina – Sercomtel – é a Lei 934, de 9 de outubro de 1964, sancionada pelo prefeito José Hosken de Novaes. “A minha administração joga o seu nome e a sua eficiência nessa difícil empreitada, daí o meu interesse no mais amplo debate”, respondeu Hosken sobre o gerenciamento público posto em dúvida comparado ao de empresas privadas. A comunidade financiará a implantação, pagando antecipadamente pelas linhas e a “propriedade da telefonia será praticamente do povo, pois embora em nome do município, estão seus bens e instalações afetados a um fim de serviço público inderrocável e imutável”. Passados 55 anos, em setembro de 2019, o prefeito, Marcelo Belinati, propõe a privatização da Sercomtel S. A. e a Câmara Municipal o autoriza. É o meio de evitar a caducidade da concessão para funcionar a telefonia fixa, tal o desequilíbrio financeiro, que coloca em risco a prestação do serviço, segundo a análise da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel); a receita anual tem crescido, chegando a R\$ 260 milhões, sem que seja suficiente para atenuar o passivo (endividamento, reservas para ações trabalhistas, prejuízo e outras incidências) acumulado. O prefeito não havia conseguido a adesão da Copel, sócia com 45%, a uma proposta de investimentos, que seria a alternativa. O Município, porém, ficará com as subsidiárias, Sercomtel Iluminação e Sercomtel Contact Center, mediante o

aporte antecipado de R\$ 7,17 milhões. “Hoje a dívida da Sercomtel pode chegar a 900 milhões de reais. Por isso, a Anatel queria decretar a caducidade”, expôs Marcelo ao *Repórter da História CBN*. Nos termos da proposta de privatização, a sede permanece em Londrina. Leilão na B3, em São Paulo, no dia 18 de agosto de 2020: por R\$ 130 milhões o Bordeaux Fundo de Investimentos em Participações Multiestratégia adquire 97,4% da Sercomtel e deverá assumir a empresa em 90 dias. Todo o dinheiro será aplicado na empresa, adiantados R\$ 50 milhões a serem administrados pela diretoria atual durante o prazo de transição, sob a presidência do engenheiro Cláudio Tedeschi. Apesar de ter sido o único pretendente, o Bordeaux ofereceu R\$ 0,10 por ação, ágio de 900% sobre o preço de edital, R\$ 0,01%. Restam 2,6%, divididos entre a Prefeitura, a Copel e sócios minoritários, que o Fundo irá comprar quando passar a gerir a empresa. No leilão, a Planner Corretora de Valores representou o Bordeaux e o prefeito, Marcelo Belinati, bateu o sino.

CONCORRÊNCIA E PREFEITOS

A mudança de autarquia para Sercomtel S. A. Telecomunicações se fez pela Lei 6.419, de 18 de dezembro de 1995, sancionada pelo prefeito Luiz Eduardo Cheida. Até então, os prefeitos após José Hosken de Novaes tinham mantido o gerenciamento profissional, atingindo todas as metas de expansão, ostentando a mais avançada tecnologia e equilíbrio financeiro. Com a liberação da telefonia no país à iniciativa privada, em 1996, a Sercomtel poderia alcançar ágio muito elevado, se fosse vendida por inteiro; Cheida e Antônio Belinati, porém, fizeram

“picado”, vendendo ações para cobrir os deficits da Prefeitura que iam surgindo e no caso do segundo, até para ilicitudes em proveito pessoal, conforme as denúncias do Ministério Público aceitas pelo Judiciário. Daí o plebiscito que impediu o prefeito Nedson Micheletti de vender a Sercomtel Celular, sob o argumento de que se tornaria inviável em meio à concorrência. Prevaleceu a desconfiança. Em 20 de agosto de 2001, compareceram pouco mais de 11% dos eleitores, 31.286, dos quais 16.505 não o autorizaram a vender. Apesar de vulnerável, a empresa prosseguiu “contaminada” pelo fisiologismo político tão comum às empresas públicas, nas quais facilita o corporativismo de funcionários e oferece cargos a correligionários e cabos eleitorais. Há os conselhos e diretorias, sem os quais a empresa poderia funcionar, talvez até melhor, e os patrocínios em larga escala. No período 2002 a 2012, teve prejuízo em sete anos. Sob a presidência de Kentaro Takahara, em 2012, houve o levantamento realista da empresa e o início da austeridade e racionalização (*ver o recorte seguinte*), que prosseguiu na administração do prefeito Alexandre Kireeff, incluindo até um plano de demissão voluntária, mas não foi possível o equilíbrio financeiro estável.

ERA AJUSTAR E VENDER

Sem cor partidária, colaborador de administrações municipais quando convidado, o advogado, empresário e ex-presidente da Acil Kentaro Takahara participou do Plano de Desenvolvimento Industrial na década de 90, projeto financiando pela iniciativa privada. Empresários voltaram a contribuir no período do prefeito Barbosa Neto, com um programa

de eficiência (Movimento Brasil Competitivo), motivo para Kentaro participar e assumir a Sercomtel em 2012. E percebeu imediatamente a inviabilidade da empresa: “Olha, vamos ter de reestruturar, ajustar e tal, mas a visão é a de vender tudo. Coloquei tanto para o prefeito da época como para a diretoria da Copel”. A seu ver, a privatização é o caminho certo, expôs ao *Repórter da História CBN/2019*. “O Sercomtel prestou enormes serviços, foi o grande diferencial de Londrina e eu convivi com isso no tempo do Plano de Desenvolvimento Industrial”, relata. Além da má gestão do poder público, Kentaro acha “que nenhuma atividade pode ir contra a dinâmica do mercado”. (...) Agora é verdade que esses governos populistas que tivemos (no município) infelizmente fizeram da Sercomtel cabide de emprego e um meio de arrecadar”, prossegue. “Teve um prefeito que vendeu os 45 % à Copel (...) e esse dinheiro até hoje não está bem explicado pra onde foi.” Segundo Kentaro, havia muito a racionalizar ou cortar na estrutura da empresa, quando esteve lá. “Cortamos todos os patrocínios, todas as propagandas, os apoios e pedimos sacrifícios aos funcionários. Tanto é que não pagamos o abono; a Sercomtel pagava o abono anual com prejuízo.”



Novo Panorama em 2020. Monumento Ao Passageiro do artista Henrique Aragão, mudou de lugar para a construção do viaduto na Avenida 10 de dezembro, entre o Boulevard Londrina Shopping e o Terminal Rodoviário.



Concha Acústica (Praça 1º de Maio) e Edifícios, Centro Comercial, Mônaco e Bosque na rua Piauí. Autor: Wilson Vieira



Autor: Wilson Vieira

CHAPTER 13
DEBTS AND IMPEACHMENTS

.....

Antônio Belinati doesn’t only hold the record for the “longest serving mayor,” with 14 years of service in total over three terms (discounting nine months and 18 days in the first and just over seven months in the third term), but also for the highest number of law suits and court cases for illegality. This journey delayed progress in the city by probably about 6 years, as each successor needed two years to reorganize the council, recover finances and regulate essential services. Antônio Belinati marked the beginning of an era of court cases in the history of the council.

In 1992, Treasury Secretary Ismael Mologni disagreed with Mayor Antônio Belinati on allowing city councillor candidates to get IPTU (Property Tax) bills revoked in exchange for votes. He considered it “immoral” and even “unfair” to those candidates who did not have access to these public means. Mologni told the *Jornal de Londrina* that a certain group had demanded that these tax debt cancellations should be “capped” at 100 million cruzeiros per candidate. Councilwoman Iracema Mangoni, who didn’t take part in the scheme, claimed that labour party candidate Jaci Aguiar had already managed to get the yearly tax bills of 100 voters cancelled at once. And in total, 4,035 bills had already been annulled, according to councillor Renato Araújo, another non-participant.

Two “actio popularis” law suits, one by councilman Luiz Eduardo Cheida, were submitted to Public Prosecution denouncing Cohab for the overpriced purchase of “Fazenda Refúgio,” a 150 alqueires land, which they bought for 6.3 million cruzeiros, double the market value, according to real estate reports. The land was just a steep slope, “a pit” with a rugged and rocky terrain, certainly not suitable for what Cohab

was reportedly planning: to house families.

By the time Belinati completed his second term, cellular network in the city had been installed. Londrina was the fourth in the country and the first in the provinces to introduce the new telephone system. By this stage, the council owed Sercomtel (phone provider) 200,000 US dollars in outstanding payments (about 4 years of phone bills). The next mayor was Luiz Eduardo Cheida (1/1/1993). His first order of business was to take a loan from Sercomtel. He borrowed 20 million cruzeiros, the equivalent of about 1.5 million US dollars. “And he would have taken a few million more...” according to Assad Jannani, the head of Sercomtel at the time. Cheida said that he inherited a debt of 22.9 million US dollars (4.4 million in outstanding payments and 13.7 million in long-term loans) and a budget of 6.4 million US dollars.

The next milestone that made the city stand out; in 1996, Londrina was the first in the country to introduce a digital mobile phone service, which earned Sercomtel a 12.5-million-dollar profit. A year earlier, Cheida told the *Jornal de Londrina* (12/2/1995 issue) about his plans to privatize up to 40% of Sercomtel. “I just haven’t done it yet because I need some advice on how to explain the process to the public.” He also disclosed that he was expecting to get about 150 million US dollars for the shares, which he would “invest in the city through an implementation plan.”

As per Law No 6419 of 18/12/1995, which came into effect on 18 June 1996, Sercomtel became a publicly listed public private partnership with a capital of R\$268 million, Sercomtel SA Telecomunicações. The law ensured that current line owners who already paid for their phone lines had the option to receive company shares and become preferred stockholders. The idea was to dilute control and stimulate competition. But shortly, the hidden agenda was exposed. The city needed to be bailed out. Cheida’s last year in tenure saw the expenses

exceed the revenues of which 55% were needed for salaries. The mayor declared that the council had a debt of 17 million US dollars to be paid until December and its remaining long-term loan balance was 20.1 million. When Cheida left office, employees were on strike demanding their 13th month pay. The salary negotiations resulted in the reduction of working hours from eight to six hours per day.

The mayor used company stock as collateral to secure the first loan, but his attempt for a second loan was unsuccessful. According to Cheida, “if the court hadn’t interfered with the second loan, the council would have managed to raise R\$60 million in total. The R\$21 million from the banks and further R\$39 million from selling the shares. This amount wouldn’t have gotten any projects started but at least we would have had a positive cash flow.”

Belinati was elected as mayor for the third time on 1 January 1997 and in the same year he announced an administrative reform, which could potentially save the council R\$22 million within 3 years. His plan was to cut the excess privileges that accumulated across various sectors over the years.

That said, the public prosecution was told that Comurb (the private public partnership responsible for public transport and urban development) disregarded the standard competitive selection processes for public servants and began hiring new employees who didn’t meet the minimum requirements. Not to mention, that the mayor’s son Antônio Carlos Belinati was receiving a monthly salary as the financial director of the company, while in reality he was in full-time education, studying engineering. During a pompous ceremony at Hotel Sumatra on 4 May 1998, it was announced that 45% of Sercomtel had been bought by Copel (the Electricity Company of Paraná State) for R\$186 million. The company retained R\$69 million to pay creditors of the council, using shares as collateral, and Belinati promised that the remaining amount

would be used for improvements in the city that benefit the general public, who would be consulted on the matter.

On 15 May 2000, 6th Civil Court Judge Celso Seikiti Saito granted the injunction request, made by prosecutors Cláudio Esteves and Solange Vicentin, to remove Belinati from office and to lift bank customer secrecy in order to have his bank records as well as those of his children and wife released.

Meanwhile another case was ongoing against the aforementioned AMA-Comurb for the embezzlement of at least 16 million reais of public funds through tender fraud, whereby department secretaries and employees colluded with service providers and suppliers. The number of defendants in the case reached 108. The judge noted that the mayor, his wife and children “received a great number of payments into their bank accounts” from Comurb, based on receipts found at the residence of Cassimiro Xavierucha, Belinati’s campaign treasurer. Not to mention that “the family fortune was growing at an astonishing rate,” in the space of less than 2 years they purchased properties worth R\$1,255,405.25 in total, according to the allegation. According to the judge’s rationale, “the Council had already spent all the proceeds from the Sercomtel sale (R\$123,758,568.64) within only a year and a half, that is over R\$6million a month paid out to various suppliers. Yet, there had been no developments of any kind in the city that would justify the expenditure.” Belinati claimed that he was unaware of the scheme. On 22 June 2000, members of the City Council acting as a court of impeachment removed Belinati from office. They found that the mayor used the opening event of the Children’s Emergency Service as a pretext to spend R\$440,000 of public funds to promote himself, breaking constitutional and municipal laws on seven occasions. He was accused by citizens Leonardo Navarro Thomaz de Aquino, Luiz Antônio Pereira Marques, Luiz Fernando Oliveira Batista, Maria Terezinha Navarro and Paulo Alípio de Campos Silveira.

87 organizations came together for the purpose of unravelling the fraud cases at AMA and Comurb (as part of the Movement for the Moralization of Londrina’s Public Administration). They gave the Prosecution support and put pressure on the Council to step in. At the beginning, information on the progress was only reported by journalist Délio César in his daily online journal, then later the newspapers and broadcasters also made room for the accusations.

The Movement received the “2001 Integrity Award” from Transparency International. On 7 October 2011 prosecutors Bruno Galatti, Cláudio Esteves and Solange Vicentin and the president of ACIL Valter Orsi (who represented the organizations that took part) received the award in Prague. The president of the Czech Republic Václav Hável opened the ceremony. “An important international recognition of the efficiency of the combined efforts of the Public Prosecutor’s Office and the civil society to bring those accused of corruption to justice.” 12 years had passed, and the criminal charges in the City Council were only increasing, resulting in the impeachment of Mayor Homero Barbosa Neto on 30 July 2012. The case involved department secretaries and other associates of the mayor accused of receiving bribes and kickbacks. In a lawsuit filed in May 2011, the prosecution found that two security guards stationed at Rádio Brasil Sul (radio owned by the mayor’s family) were paid by the Council through a contract with the security company Centronic. In December, the Council’s Special Inquiry Commission came to the conclusion that crime had been consummated, as the mayor neglected to inspect the contract with Centronic.

A 45-minute hearing was followed by a decision, whereby 14 councillors out of 16 voted for removing the mayor from office. In his defence speech, Barbosa claimed that the radio had a barter agreement with the security company and the employees were not sent by the Council. “There were no

irregularities, embezzlement or unlawful charges,” he said.

His 68-year-old deputy José Joaquim Ribeiro became the next mayor of Londrina on 1 August 2012. On 6 September, he confessed to the Public Prosecution that he had accepted a bribe of R\$150,000 from a school uniform supplier G8 e Iridium in 2010, which he shared with the mayor and the treasury secretary Lindomar dos Santos. He then also informed the press and on 13 September took a 10-day sick leave, leaving the government secretary Gervásio Luiz Martin in charge. In the morning of 17 September, Joaquim was arrested in a coastal town in Santa Catarina state, and within a couple of hours, the Council received his letter of resignation. According to the prosecution, the reason the warrant for his arrest was issued was that he had called a council assistant regarding certain documents that may have contained vital information. Therefore, he was in a position to potentially jeopardize the investigation. In his letter of resignation, Joaquim claimed that he was “completely innocent and denied knowledge of any wrongdoing...in Londrina’s administration” and pledged to prove his innocence. “I am an honest and humble man who was in the wrong place at the wrong time.”

Barbosa Neto was acquitted of all charges that were filed against him by the Prosecutor’s Office in relation to the security guards stationed at Rádio Brasil Sul, which had given the Legislative Chamber grounds for his dismissal. Neither the 1st Fiscal Court Londrina in 2015 nor the Court of Justice in 2016 found any evidence against him. Two people from Londrina made the national headlines in 2014: “doleiro” (black market currency dealer) Alberto Youssef and Vice-President of the Chamber of Representatives André Vargas (Labour Party -PT), as both were implicated in the Operação Lava Jato (Operation Car Wash) case. Yousseff was arrested in March, accused of running a “money laundering” scheme through Petrobras and handling the bribes paid by contractors. In the first week of

April, Vargas was exposed using his influence to facilitate a R\$150 million contract between the Ministry of Health and a laboratory which Yousseff represented. Although the contract had not been signed, conversations intercepted by the Federal Police incriminated both men. Yousseff could be heard promising Vargas: “You will see how much this will be worth! Your financial independence and ours, of course.” They had such a close relationship that in January 2014 André and his family flew from Londrina to João Pessoa (Paraíba) on vacation on a jet chartered by Yousseff. On 2 April André told the plenary assembly that he had been “reckless” and that he had made a “mistake” when using the jet chartered by Alberto Yousseff to go from Londrina to the northeast. Yousseff was accused of having embezzled R\$10 billion from Petrobras. The leaders of the Labour Party and the entourage of the president of the republic wanted André to resign to prevent probable expulsion and to save face in the coming elections.

On April 9, he resigned after having requested unpaid leave two days earlier. By then, the Ethics Committee had already opened the case for breach of parliamentary decorum at the request of the democrats, social democrats and the socialists (PSDB, DEM and PPS). On 10 December, he was expelled by 359 votes to 1 with 6 abstentions. The Labour Party ordered its 87 representatives to vote in favour of the expulsion and 53 obeyed the order. The understanding prevailed that he breached parliamentary decorum when interceding for the currency dealer Alberto Yousseff.

André and his brother Leon were arrested on 10 April 2015. Operation Car Wash found evidence that the brothers had made an absolute fortune from contracts with the federal bank, Caixa Econômica and the Ministry of Health where services were not rendered. André’s residence for example, in a luxury condo in Londrina, was valued at R\$2 million. The

brothers used André’s political influence to ensure that the advertising agency Borghi & Lowe and the software company IT7 Sistemas won certain tenders issued by Caixa bank and the Ministry of Health. They then laundered the bribes and kickbacks through further subcontractors. According to the Car Wash operation, IT7 Sistemas received at least R\$2.3 million between 2013 and 2014 from these contracts. Borghi e Lowe’s VP, Ricardo Hoffman, was also arrested.

André Vargas was the first politician convicted by the Car Wash Operation. He was sentenced to 14 years and 4 months in prison by judge Sergio Moro on 22 September 2015 for corruption, having pocketed R\$1,103,000 from advertising contracts with Caixa Econômica Federal and the Ministry of Health. Ricardo Hoffman was sentenced to 12 years and 10 months in prison and Leon Vargas Ilário (André’s brother) to 11 years and 4 months.

On 19 October 2018, André was released from prison, having completed 37% of his sentence. Judge Luciani de Lourdes Tesseroli, on behalf of the 2nd Parole Board of Curitiba, granted his release on licence based on good behaviour in prison and for having a job offer in the community.

André Luiz Vargas Ilário was born in Assaí and moved to Londrina in 1980. His political career began in 1993 when he joined Luiz Eduardo Cheida’s Labour Party administration. In 1999, while working as congressional aide supporting Congressman Nedson Micheleti, he became the head of the Labour Party (PT) in Paraná. He was elected as city councillor in 2000, state deputy in 2002 and congressman in 2006 by 83,222 votes. In 2010, he was re-elected for a second term in the Chamber of Representatives and he was also appointed National Communications Secretary for the Labour Party (PT, running against Rui Falcão). In early 2014, when he became the vice-president of the Chamber, he expressed his dissatisfaction with the president of the republic Dilma

ROUSSEFF AND CALLED HER INCOMPETENT

City Councilor Edson Petriv, also known as Boca Aberta, was expelled on Sunday, 15 October 2017 by 14 votes to 5. The Council Committee concluded that he violated Art. 9 of municipal legislation as well as Art 7 of Decree Law No 201, when he attempted to raise money online in order to pay an R\$8,000 fine issued by the Electoral Court. According to the report, he was fined for electoral advertising at a walk-in clinic during the election campaign in 2016. Petriv claimed that it was, what he called, a “health blitz” for the inspection of the services. During the 9-hour session (from 8:04 to 18:08), which was chaired by Mário Takahashi, Petriv presented video footages of the incident in his defence and argued that he only raised a small percentage of the amount which he donated to an organization. Petriv was not the first councillor expelled from the Council. In 2008, the appeal court convicted Orlando Bonilha for four counts of official misconduct and five counts of malfeasance.

SERCOMTEL PRIVATIZED

Londrina Telephone Communications Service, Sercomtel began its operations in 1968, but what provided the foundations was Law No 934 of 9 October 1964, sanctioned by Mayor José Hosken de Novaes. “My administration fully endorses this difficult endeavour, hence my interest in the broadest debate,” replied Hosken when challenged on the public authority managing the company as opposed to a private company. The community will pay for the implantation by purchasing the lines in advance and “the telephone service will be practically owned by the people, because although it will be in the municipality’s name, its assets and facilities will be serving an undeniable and immutable public purpose.” 55 years later, in September 2019, Mayor Marcelo Belinati’s proposal to privatize Sercomtel S. A. was accepted by the

council members in an attempt to prevent the revocation of its public utility certificate for the provision of landline services. The company’s financial imbalance was putting the provision of the service at risk, according to an assessment by the National Telecommunications Agency (Anatel). Although annual revenue had increased, reaching R\$260 million, it was not enough to settle the accumulated liabilities (debts, legal reserves and losses, among others). The mayor was unable to convince Copel, who already owned 45% of Sercomtel to invest more, which would have been an alternative solution. Instead, the company would be listed on the stock exchange and the city would become the major shareholder of two Sercomtel affiliates, Sercomtel Iluminacao and Sercomtel Contact Center by investing R\$7.17 million in pre-IPO shares. “Sercomtel’s debt was approaching R\$900 million and that is why Anatel was planning to revoke the certificate,” explained Marcelo in the CBN radio program Repórter da Historia. Under the terms of the privatization proposal, the company’s headquarters will remain in Londrina. On 18 August 2020, Sercomtel was bought by Bordeaux Funds on the B3 São Paulo Stock Exchange. The company purchased 97.4% of the shares (38 million shares) for R\$130 million and would be taking over the company within 90 days. All the proceeds will be invested in the company. The first payment of R\$50 million would be handled by the current management during the transition, with engineer Cláudio Tedeschi as president. Despite being the sole bidder at the auction, Bordeaux offered R\$0.1 per share, 900% over the minimum established price. The remaining 2.6% of the shares are owned by the Council, Copel and minor shareholders. Bordeaux would purchase the remaining shares, when it officially takes over the company. Bordeaux was represented by the broker firm, Planner, at the auction and the mayor, Marcelo Belinati had the honour of sealing the deal.

COMPETITION AND MAYORS

Sercomtel was first listed on the stock market on 18 December 1995 when Mayor Luiz Eduardo Cheida sanctioned Law No 6.419. Until then, every mayor after José Hosken de Novaes provided professional management of the company, achieved the set goals for expansion, obtained the most advanced technology and maintained a positive financial balance. In 1996, telephone commission was made available for private companies. If Sercomtel had been sold entirely at that time, it could have generated significant profits. Yet, Cheida and Antônio Belinati decided to sell the company’s shares “bit by bit” in order to cover the Council budget deficit and to increase Belinati’s personal fortune through his misdemeanours, which were reported to the Prosecution and proved in Court. Then, there was the referendum that prevented Mayor Nedson Micheletti from selling Sercomtel Celular, on the grounds that it would be unfeasible with such fierce competition. Scepticism prevailed and on 20 August 2001 with a turnout of just over 11%, 16,505 of 31,286 voters decided against the sale. Despite it being rather fragile, the company remained polluted by political favouritism and nepotism so typical of public companies, whereby positions were offered to friends and agents of a certain political party. There were boards and commissions, which the company could function perfectly well without, perhaps even better, not to mention the costly sponsorship deals. The company reported losses in 7 of the 10 years from 2002 to 2012. When Kentaro Takahara became the president of Sercomtel in 2012, the company had a real chance to bounce back, as he introduced austerity measures and began restructuring (see next paragraph). The process continued when Alexandre Kireeff was mayor, but even with a voluntary redundancy plan, they were not able achieve financial stability.

WAS SUPPOSED TO BE FIXED AND SOLD

In the 90s, nonpartisan council employee, lawyer, businessman and ex-president of ACIL Kentaro Takahara was asked to get involved with a private initiative called the Industrial Development Plan. When Barbosa Neto was the mayor, entrepreneurs funded Movimento Brasil Competitivo, an initiative advocating quality and efficiency in business, which prompted Kentaro to take on the leadership of Sercomtel. He realized at once that the company was unsustainable. “Look, we need to make certain changes and adjustments, but ultimately, the goal is to sell it all. I advised the mayor at the time as well as the directors of Copel.” He said in an interview on CBN Radio’s Repórter da História, that he believed the best way forward for the company would be privatization. “Sercomtel used to be a tremendous service provider. It used to be the great distinction that set Londrina apart. I witnessed this during the time of the Industrial Development Plan.” Although what Londrina accomplished in IT and automation, is greatly due to Sercomtel’s pioneering vision, it is not reasonable to keep the telephone service within the public sector at the moment,” considering the highly competitive market dominated by multinationals, never mind the mismanagement of the public authority. “I personally believe that no steps should be taken contrary to current market dynamics...admittedly our various populist (local) administrations in the recent years have used Sercomtel to create cushy jobs and find ways to drain public funds, continued Kentaro. “One mayor sold 45% of the company to Copel...and to this day no one knows where this money has gone.” According to Kentaro, when he was at Sercomtel, the company was in need of major cutbacks and had to be streamlined. “We cut all sponsorship and endorsement deals, all advertising and asked financial sacrifices from employees, so much so, that we cut all bonuses. Sercomtel used to pay bonuses even when it was operating at a loss.



14

O universo vermelho e sua expressão cultural

Festival de Dança de Londrina.
Autor: Wilson Vieira



Na década de 70, consolida-se a representatividade artística londrinense. O acadêmico de Direito e jornalista Délio César criara em 1968 o Festival Universitário, de música, teatro e outras artes, que, encampado pela Universidade Estadual (UEL), em 1972, tem o nome mudado: Festival de Teatro Universitário.

Organizado e dirigido por Nitís Jacon, logo ganha notoriedade até no exterior, credencial para Londrina receber a primeira e a segunda Mostra Latino-Americana de Teatro, na década de 80. Denomina-se Festival Internacional de Londrina – Filo – em 1991. Em 94, a Escola Internacional de Antropologia Teatral escolhe a cidade para a sua primeira sessão fora da Europa. Entretanto, “Londrina não possuía teatros ou quaisquer espaços adequados, sendo necessários adaptá-los” e “a censura ideológica era substituída pela censura econômica” (escassez de patrocínios e de dotações do poder público), conforme a história.

Não foi possível o Festival nos seus 50 anos, em 2018, por falta de dinheiro. Tradicionais e maiores patrocinadores, a Caixa Econômica e a Petrobrás cancelaram as participações, que seriam de R\$ 500 mil e R\$ 150 mil respectivamente; disponíveis só as contribuições do Programa Municipal de Incentivo à Cultura, R\$ 350 mil, e da Unimed, 100 mil, ante o custo estimado em R\$ 1,4 milhão. Denominado Filo 50 + 1, voltou em 2019, com 10 mil expectadores em 39 encenações de 15 de agosto a 1.º de setembro,

A Câmara Brasileira do Livro concede a Domingos Pellegrini, em 1977, o prêmio Jabuti, em primeiro lugar, pela autoria de *O Homem Vermelho, contos, editado pela Civilização Brasileira*.

O londrinense Domingos Pellegrini Júnior nasceu em 1949, quando a poeira vermelha ainda se levantava nas ruas, tingia as roupas nos varais e se infiltrava em muitos lares. *O Homem Vermelho*, seu primeiro livro, reflete o universo de origem, a que retorna com frequência na condição de romancista — *O Caso da Chácara Chão* (Jabuti 2003 1.º lugar), *Terra Vermelha* e *Herança de Maria* são retornos à aldeia. Primeiro Jabuti já com o primeiro livro, Domingos Pellegrini é um dos seis autores que mais receberam a premiação, considerando-se também as classificações em segundo e terceiro lugares. Seu mais recente livro (2018) é o romance *Mulheres Esmeraldas* (Editora Gutenberg), em que um repórter de revista para homens descobre um garimpo exclusivamente de mulheres na Amazônia.



Anúncio de inauguração Cine Ouro Verde, Natal de 1952. Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL.

Arrigo Barnabé vence, em 1979, o 1.º Festival Universitário de Música Popular Brasileira da TV Cultura em São Paulo. Entre 36 concorrentes, o primeiro lugar coube a *Diversões Eletrônicas*, de Arrigo e Regina Porto. Londrinense nascido em 1951, Arrigo se iniciou em música (piano) com Eudora de Campos e Marco Antônio Almeida, na cidade natal. Nos primeiros anos 70 participa do Festival Universitário e do show *Na Boca do Bode* e ingressa na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Uma das singularidades da música brasileira reconhecidas no exterior, Arrigo Barnabé compõe entre o erudito contemporâneo e o popular e seu disco *Tubarões Voadores*, com o selo Barclay, foi eleito um dos melhores do mundo pela revista francesa *Jazz Hot* em 1984.

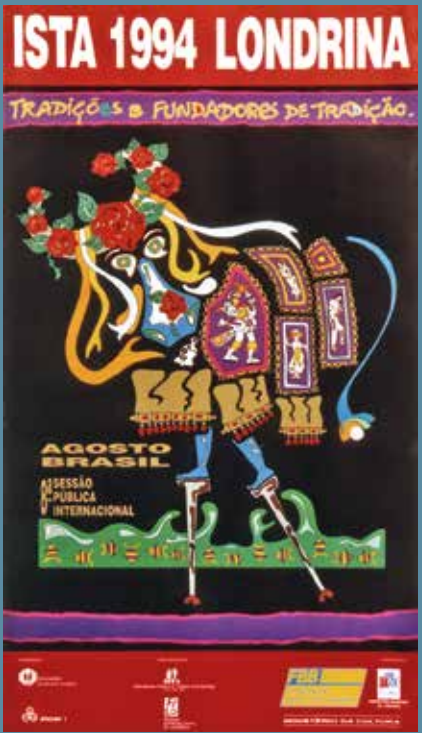
Paulista de Tietê, ainda adolescente Itamar Assumpção chegou ao Norte do Paraná e sua trajetória, do Festival Universitário de Londrina para São Paulo, tem semelhança com a de Arrigo, mas com outra vertente. À frente do próprio grupo, Itamar participa do Festival Feira de Vila Madalena em 1979 e consagra-se no Teatro Lira Paulistana, com o misto de reggae, samba, rock e funk e sátira social nas letras. Nos anos 80 cresce o reconhecimento de sua arte e ganha um público na Alemanha. Interpreta composições de Ataúlfo Alves, em 1995, e o CD contendo as gravações é “o melhor do ano” na premiação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Itamar morreu em 2003 e no acervo que legou há também uma ópera, sobre os 500 anos do descobrimento do Brasil, com os áudios em 14 CDs, revelou em 2019 sua filha Anélis, em São Paulo.

Vinculado à Universidade Estadual (UEL)

em 1979, o Festival de Música Barroca de Londrina se converteu no Festival de Música de Londrina nos primeiros anos 2000, com a maior programação artística e pedagógica na região sul, ostentando o segundo lugar no país em seu gênero. Em período mais recente, são 50 cursos de formação e aperfeiçoamento, com 48 mestres; direção de Marco Antônio Almeida. Já denominado Festival Internacional de Música de Londrina, a programação em 2019, entre 9 e 25 de julho, tem a abertura festiva com o pianista Nelson Freire, tocando Schumann e Chopin. Na abertura solene, a Orquestra Sinfônica do Paraná recebeu o fundador do Festival, maestro Norton Morozowicz, ao piano Marco Antônio Almeida.

Mas a origem do Festival foi o programa de música barroca no Conservatório Musical de Londrina em 1978, que trouxe os irmãos Henrique e Norton Morozowicz, piano e flauta transversal. E influenciou para que o então secretário de Educação e Cultura do Estado, Luiz Roberto Soares, criasse o Festival vinculado à Universidade Estadual.

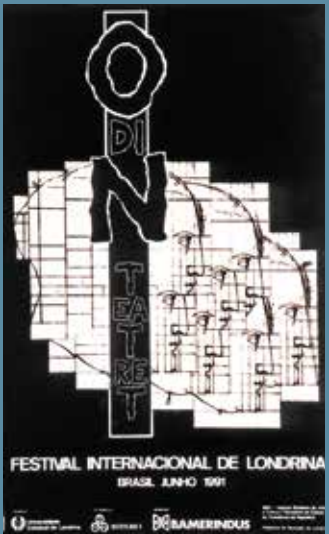
Do encontro anual de mestres e estudantes resultou a formação de 40 mil espectadores, pelo menos, da música melhor elaborada. “Nem em Curitiba temos esse público”, disse o diretor artístico em 2003, maestro Norton Morozowicz. Com o festival, a música se “espalha” pela cidade e distritos e chega à zona rural, em apresentações abertas. Entre os mestres, o Festival tivera em 1980 o alemão Hans-Joachim Köellreuter, influenciador de compositores brasileiros modernos, contando-se entre seus discípulos Cláudio Santoro, Guerra Peixe, Eunice Catunda e Antônio Carlos Jobim. Em 2003,



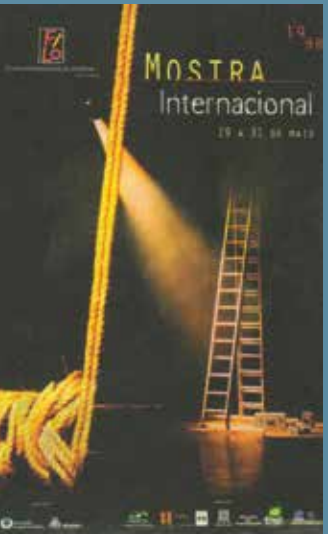
FILO 1994



FILO 2019



FILO 1991



FILO 1998



FILO 2000



FILO 2001

Joel Nascimento expressão maior do bandolim, se fazia presente pelo terceiro ano consecutivo e o baterista Wilson das Neves incluía-se.

Aquele programa de música barroca em 1978 tinha um motivo: os 25 anos do Conservatório Musical de Londrina, que se originara em 1952 com as professoras Betty Veiga, Elza Pinho de Brito e Maria Luiza Machado. No ano seguinte, procedente de São Paulo a convite de Betty Veiga chegou Ruth Lemos, aluna da pianista Magda Tagliaferro, a mestra já consagrada na França e nos Estados Unidos, com apresentações até no Carnegie Hall.

Londrina não havia chegado aos 25 anos de existência nem perdido completamente o ar de *boca de sertão*, mas recebeu a Tagliaferro em 1954, aplaudida em concerto no Grêmio. Instituição de ensino e autêntico agente cultural, o Conservatório passou a programar as “semanas da música”, trazendo Arnaldo Rebello, Eudóxia de Barros, Caio Pagano entre notáveis concertistas. E seria a origem do Festival de Música de Londrina.

Querendo dedicar-se mais à família, Betty Veiga se retira em 1965 e Ruth Lemos passa a ser a única proprietária. Ruth morreu em 1976 e foi sucedida pela filha, Sílvia de Lemos Baptista, que prosseguiu com as inovações em métodos e manteve o alto nível dos professores. Em 2002, quando completou 50 anos, o Conservatório havia formado 180 músicos, constatou Sílvia.



Festival de Música de Londrina. Autor: Wilson Vieira



Festival de Música de Londrina. Autor: Wilson Vieira



Viola Caipira - Apresentação Filo - Concha Acústica. Autor: Wilson Vieira

RECORTES

ANTIGA CASA DA CRIANÇA NOVAMENTE ORIGINAL
Um dos ícones da arquitetura moderna em Londrina, a antiga Casa da Criança teve a restauração concluída, entregue pela empreiteira em 7 de abril de 2016. O Município investiu R\$ 1,860 milhão. A cargo da NS Engenharia, a restauração obedeceu rigorosamente o projeto de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, eliminando anexos que descaracterizavam parcialmente o edifício. Inaugurada em 14 de agosto de 1955, quando era prefeito Milton Menezes, gradativamente a Casa da Criança perdeu a finalidade para a qual fora concebida, a assistência à infância. E sucederam-se modificações para que servisse a outros departamentos. Vilanova Artigas lamentou tais interferências. Com o propósito da restauração, houve quatro licitações desde 2010, sem que a obra progredisse; o prédio permaneceu fechado por cinco anos e 9 meses. Em 2014 a restauração foi retomada efetivamente na administração do prefeito Alexandre Kireeff. O edifício é ocupado pela Secretaria de Cultura.

OURO VERDE RESTAURADO APÓS O INCÊNDIO
O Teatro Ouro Verde é reaberto, em 30 de julho de 2017, passados cinco anos desde o incêndio que o danificou. Presentes o governador do Estado, Beto Richa, o prefeito, Marcelo Belinati, e a reitora da Universidade Estadual de Londrina, Berenice Quinzani Jordão, e outras personalidades. A solenidade, restrita a convidados, motivou protesto no lado de fora. O teatro tem 726 lugares e equipamentos de

última geração. O Governo do Estado dispendeu 17,5 milhões de reais e somou contribuições técnicas de empresas e profissionais de Londrina, coordenados pelo Sindicato da Construção Civil/Norte (Sinduscon), a título de doação à Universidade. Coube à Regional Planejamento e Construções, também de Londrina, fazer a restauração. A impontualidade do Estado com os pagamentos retardou em dois anos a conclusão. O projeto é de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, originalmente para o Cine Ouro Verde, inaugurado em 1952. Adquirido pela UEL em 1978, passou a cine-teatro, assim até 2002, quando cessou a projeção de filmes.

TEATRO MUNICIPAL: MUITO POUCO SAIU DO PAPEL
Cogitado oficialmente pela primeira vez na administração do prefeito Dalton Paranaguá (1969–1972), o Teatro Municipal ganhou perspectiva em 2007, com o prefeito Nedson Micheleti. Resultou de concurso coordenado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (Departamento do Paraná), a pedido do Município, que recebeu 105 anteprojetos. O vencedor corresponde ao “consenso de que o Teatro Municipal deveria comportar três salas de espetáculos; uma grande com palco italiano e fosso para orquestra, com até 1.200 lugares; uma média com palco italiano e 400 lugares; e uma de uso múltiplo (black box) com 300 lugares. E cinco salas didáticas para ensaios, práticas artísticas e pedagógicas”. Área construída estimada em 15.000 m² (abrangendo estacionamento coberto) e custo de R\$ 32 milhões de reais. Passados 12 anos e com orçamento acima do previsto inicialmente, muito pouco do projeto está construído e o que se vê causa sensação de

abandono. Pelo alto custo, a obra está condicionada a dotações federais provenientes do Ministério da Cultura e de emendas parlamentares, que cessaram após uma liberação em 2013, e à menor participação do município. Situa-se em área de 20.000 m² doada pelo Complexo Marco Zero, a leste, onde está o marco de origem da cidade. O projeto é de Thiago Nieves, sendo coautores Pablo Chakur, Fernando Ferreira, Amauri Sakakibara e André Luque.



Cine Teatro Ouro Verde.



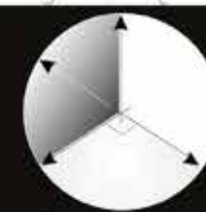
Filo 2017 – Fernanda Montenegro 'Nelson Rodrigues por Ele Mesmo'.



Museu Histórico de Londrina. Autor: Wilson Vieira



Museu de Arte de Londrina, antiga Rodoviária. Autor: Wilson Vieira



MARQUEZIN
PROJETOS ESTRUTURAIS E CONSULTORIA

ENGENHARIA ESTRUTURAL PARA TODO O BRASIL



AEROPORTO CUIABÁ-MT



FORÇA AÉREA BRASILEIRA
LAGOA SANTA-MG



SHOPPING CATUAÍ
MARINGÁ-PR



BRF BR-FOODS
LONDRINA-PR



SEDE FRIMESA MEDIANEIRA-PR



www.marquezin.com.br

marquezin@marquezin.com.br

Rua João Wyclif, 111 | Sala 402 | Centro Empresarial Jardim Sul
Gleba Fazenda Palhano, Londrina - PR - 43-3029-1870



CHAPTER 14
THE RED WORLD AND ITS CULTURAL DIVERSITY

.....

Londrina established its own position in the art scene in the 70s when journalist and law student Délio César founded the University Festival of music, theatre and other arts in 1968. The festival used to take place at UEL (the Londrina State University) and in 1972 it was renamed Festival de Teatro Universitário (University Theatre Festival). The festival coordinated and guided by Nitis Jacon quickly gained prominence abroad, and as credit to Londrina, became the host of the first and second Latin American Theatre Showcase (Mostra Latino-Americana de Teatro) in the 1980s. In 1991, its name was changed to Filo –Festival Internacional de Londrina (Londrina International Festival). In 1994, the International School of Theatre Anthropology chose to hold its first session outside Europe in Londrina. However, “Londrina did not have theatres or any suitable spaces so everything needed to be adapted” and “ideological censorship was replaced by budgetary censorship” (as support and assistance from the public sector was scarce). In 50 years, the festival didn’t go ahead only once, in 2018, due to lack of funding. Caixa Econômica bank and Petrobrás pulled out of sponsoring the event. These two major traditional sponsors were to contribute R\$500,000 and R\$150,000 respectively. Losing that, the event was left with R\$350,000 from the Municipal de Incentivo à Cultura (Municipal Cultural Incentive Program) and further R\$100,000 from Unimed, while the estimated cost of the event was R\$1.4 million. In 2019, the event Filo 50+1 took place from 15 Aug to 1 September with 39 performances and 10,000 spectators. In 1977, Domingos Pellegrini was one of the winners of the Jabuti literary award of the Brazilian Book Chamber for his book O Homem Vermelho (The Red Man), published by Civilização Brasileira. Domingos Pellegrini Júnior

was born in Londrina in 1949, when clouds of red dust would still linger above the streets, stain the clothes stretched out on the washing lines and seep into most homes. His first book, O Homem Vermelho explores the beginning, his roots, the world he grew up in, which is a topic he often returned to in his books such as in the 2003 Jabuti winner O Caso da Chácara Chão as well as in Terra Vermelha and Herança de Maria. His first book already earning him a Jabuti prize, he became one of 6 authors with the largest collection of Jabuti awards (when taking into account second and third prizes as well). His most recent (2018) novel Mulheres Esmeraldas published by Gutenberg is about a reporter of a men’s magazine who discovers a gold mine in the Amazon jungle run solely by women.

In 1979, Arrigo Barnabé and Regina Porto won the first MBP music festival contest on TV Cultura in São Paulo against 35 other contestants with their song Diversões Eletrônicas. Arrigo was born in Londrina in 1951 and that is where he started playing music (the piano) with Eudora de Campos and Marco Antônio Almeida. In the early 70’s he performed at Festival Universitário, played at the Na Boca do Bode concert and also started studying at the School of Communication and Arts (Escola de Comunicação e Artes) at the University of São Paulo. One of those rare cases when Brazilian music gained recognition abroad was when Arrigo Barnabé experimented with adding erudite contemporary elements to popular music on his second album Tubarões Voadores (Flying Sharks). It was released in 1984 by the record label Barclay and was selected one of the two best jazz albums of the year by French magazine Jazz Hot.

Itamar Assumpção was born in Tietê (São Paulo) and was still just a teenager when he moved to the north of Paraná State. His journey from the University Festival of Londrina to São Paulo was very similar to that of Arrigo. Itamar performed at the Feira de Vila Madalena Festival in 1979 as the lead singer

of his own band. He devoted himself to music and became a regular performer at the Lira Paulistana Theatre playing a fusion of reggae, samba and rock with lyrics infused with satire and social criticism. In the 1980’s his music became more widely recognized and he established a fan base in Germany. His album, which contained his interpretations of songs by Ataúlfo Alves was released in 1995 and was awarded the “the Best of the Year” by APCA (São Paulo Association of Art Critics). Itamar died in 2003. In 2019 in São Paulo, his daughter Anélis revealed that Itamar’s unpublished collection included, among others, 14 CDs worth of recordings of his work on an opera he was preparing for the 500th anniversary of the discovery of Brazil. The State University’s (UEL) Festival de Música Barroca de Londrina (Londrina Baroque Music Festival) began in 1979. By the early 2000s, it had become the largest artistic and educational event in the southern region, the second largest event in the country within the category and developed into Festival de Música de Londrina (the Londrina Music Festival). The last event was led by artistic director Marco Antônio Almeida and it had 50 training and specialization courses, with the participation of 48 conductors. In 2019, the event took place between 9 and 25 July. By then, it was called Londrina International Music Festival. Pianist Nelson Freire opened the festival playing Schumann and Chopin and the Paraná Symphony Orchestra played at the solemn opening ceremony, conducted by the festival’s founder Norton Morozowicz and Marco Antônio Almeida at the piano. The event that actually led to the foundation of the festival took place at Conservatório Musical de Londrina in 1978 where baroque pieces were played by the brothers Henrique (piano) and Norton Morozowicz (transverse flute). The performance inspired the state secretary of education and culture at the time Luiz Roberto Soares to create the festival for the State University. The annual gathering of

conductors and students of this highly sophisticated musical form has attracted an audience of at least 40,000. “We don’t even generate such interest in Curitiba,” said the artistic director and conductor Norton Morozowicz in 2003. During the festival, music “spreads” across the city with performances in various districts and it even reaches the rural areas where open air concerts are held. In 1980, the festival featured the German composer Hans-Joachim Köellreutter who had great influence on several modern Brazilian composers. Among his students were Cláudio Santoro, Guerra Peixe, Eunice Catunda and Antônio Carlos Jobim. In 2003, the greatest mandolinist Joel Nascimento took part in the event for the third year in a row and drummer Wilson das Neves also signed up.

The occasion for the baroque concert in 1978 was the 25th anniversary of Conservatório Musical de Londrina, which opened in 1952 with Betty Veiga, Elza Pinho de Brito and Maria Luiza Machado as its first professors. The following year Betty Veiga invited Ruth Lemos from São Paulo to join the team. Ruth had been trained by the pianist Magda Tagliaferro, who was already recognized in France and in the US and had performed in Carnegie Hall. In fact, in 1954, when Londrina was just about 25 years old and hadn’t even completely lost its countryside scent yet, it hosted a Tagliaferro concert at Grêmio. The Conservatório, an educational institution as well as a true promoter of culture, began scheduling “weeks of music” and invited distinguished players such as Arnaldo Rebello, Eudóxia de Barros and Caio Pagano. And this was the seed that developed into the Londrina Music Festival. In order to spend more time with her family, Betty Veiga retired in 1965 and Ruth Lemos became the sole owner of the Conservatório. Ruth died in 1976, and her daughter Sílvia de Lemos Baptista took over the management. She who introduced innovative methods but preserved the culture of employing teachers of the highest quality. By the 50th anniversary of the academy in

2002, it had trained 180 musicians, said *Silvia*.

THE OLD CASA DA CRIANÇA IS RESTORED TO ITS ORIGINAL FORM
The restoration project for one of the most iconic buildings of modern architecture in Londrina, the old Casa da Criança was completed on 7 April 2016. The city spent R\$1.86 million on the work carried out by NS Engenharia. The original designs of Vilanova Artigas and Carlos Cascaldi were followed strictly and all subsequently built extensions were removed, as they altered the character of the original building. It first opened on 14 August 1955, when Milton Menezes was the mayor, but consequent administrations gradually lost sight of the original purpose, to support children, and the building was adapted to suit other departments. Vilanova Artigas was disappointed with the alterations. The building was closed for 5 years and 9 month and there were 4 calls for tender in the period from 2010 to 2014 when eventually the restoration project resumed while Alexandre Kireeff was the mayor. The building currently houses the Department of Culture.

OURO VERDE THEATRE RESTORED AFTER FIRE

Theatre Ouro Verde reopened on 30 July 2017 five years after a fire damaged the building. At the opening ceremony governor of the state Beto Richa, the mayor of Londrina Marcelo Belinati, the dean of UEL Berenice Quinzani were present, among others. Meanwhile, outside the theatre protesters gathered who believed that the event should not have been invitation only, but rather open to the public. The theatre could seat 726 and was equipped with the latest technologies. The State spent R\$17.5 million on the project and Sincuson (the union for construction in the north of Paraná) coordinated technical contributions from various companies and professionals as a gift to the university. The work was carried out by a company from Londrina, Regional Planejamento e Construções. The

completion was delayed by two years due to the state falling behind schedule with the payments. The original design was of Vilanova Artigas and Carlos Cascaldi for the cinema Cine Ouro Verde, which opened in 1952. UEL acquired the building in 1978 and it functioned both as a theatre and a cinema until 2002 when movie screenings ceased.

THE MUNICIPAL THEATRE: MOSTLY REMAINED ON PAPER

The idea for the municipal theatre was first mentioned when Dalton Paranaguá was the mayor (1969–1972), but the project only gained momentum in 2007 with Nedson Micheleti as mayor. At the council’s request, a design contest was organized by the Paraná division of IAB (the Brazilian Institute of Architects) and 105 preliminary plans were submitted. The winning design incorporated the general “consent that the Municipal Theatre should have 3 main auditoriums: the largest, with a proscenium stage, an orchestra pit and 1,200 seats; another smaller also with a proscenium stage with 400 seats; and the smallest, a black box design with 300 seats. There would also be 5 classrooms for rehearsals and educational and art training.” The 15,000m² construction (including covered parking) was estimated to cost R\$32 million. 12 years have passed and although the original budget is already outdated, only a fraction of the construction has been completed and the site looks abandoned. Due to the high costs, the work relies on federal contributions from the Ministry of Culture and the Finance Bill, which ceased after a release in 2013 and the smallest part that is provided by the city. The 20,000m² land for the construction was donated by Complexo Marco Zero and is located in the eastern side of the city where a stone plaque marks the origin of the city. The project was designed by Thiago Nieves in collaboration with Fernando Ferreira, Amauri Sakakibara and André Luque.



Seu filho na escola onde **Newton** construiu suas leis

O Colégio Maxi é muito mais que uma escola bilíngue. É uma Cambridge International School.

Desenvolvemos um programa que vai muito além de preparar o aluno para falar fluentemente uma língua estrangeira, como o inglês. O **Maxi International Learning** dá as ferramentas para que o aluno possa viver onde escolher. Formamos cidadãos globais, que conseguem desenvolver suas potencialidades em diferentes culturas com espírito crítico e capacidade de moldar um futuro ainda melhor. Por isso, seguimos os currículos IEYC e Cambridge Assessment International Education, um departamento da mesma universidade onde Newton e tantos outros gênios mudaram o mundo de alguma forma.

Maxi International Learning.
Muito mais que bilíngue, Cambridge.

CAMBRIDGE
IS HERE

COGNITA

Escola integrante da Cognita, um dos maiores grupos educacionais do mundo, com sede no Reino Unido.

INFANTIL · FUNDAMENTAL · MÉDIO

colegiomaxi.com.br

15

Aos 86, sem perder a ousadia de origem



A leste, onde a expedição fundadora chegou em 21 ou 22 de agosto de 1929 — há duas versões —, o que se vê em 2019 é um centro de lazer de compras ocupando 165.000 m², que recebeu investimento de R\$ 320 milhões em apenas um dos componentes, o Boulevard Londrina Shopping, inaugurado em 3 de maio de 2013. No Boulevard, a decoração temática (cabines telefônicas, Sherlock Holmes e Alice no País das Maravilhas, imagens da arquitetura etc.) se relaciona a Londres e à influência na origem de Londrina. “Como as filhas de Londres”, segundo João Sampaio, que pôs o nome em homenagem aos ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná — Cianorte, a fundadora da cidade.

Antes do Boulevard havia na área adjacente ao “marco zero” (da cidade) uma estrutura de recebimento de café e algodão estrategicamente à margem da ferrovia. Por causa da urbanização atípica, os trilhos passaram de fator primordial a divisor da cidade, estigmatizando parcelas “abaixo da linha” em relação ao centro. Para isolar a zona do meretrício, que se encontrava muito próxima ao centro nos primeiros anos 50, deslocaram-na para o leste, “abaixo da linha” e foi por ali, também, que surgiu o primeiro “grilo”, a primeira favela.

O deslocamento de um trecho da ferrovia, entre as décadas de 70 e 80, pôs fim à divisão na parte central; nas cercanias do marco zero, porém, os trilhos são retirados somente na década de 2010, quando se desativa plenamente os armazéns e a empresa a que pertence a área decide vendê-la.

E a cidade “voltou” à sua origem, no sentido de modernizar aquela face, quanto já tinha avançado ao norte, oeste e sul. Idealizado e gerido por Raul

Fulgêncio, reunindo os parceiros que compraram o imóvel, o “Complexo Marco Zero” demora menos de três anos para transformá-lo, desde setembro de 2010, readequando e ampliando a infraestrutura de uso público abrangendo o entorno, com obras de drenagem servindo a comunidades vizinhas anteriormente sujeitas a alagamentos; a duplicação da Avenida Santa Terezinha ao longo de duas quadras e a construção da via de 680 m por 23 m de largura — o *bulevardeiro* –, otimizando os acessos. Tudo com dinheiro dos investidores, sem nenhum dispêndio da Prefeitura, que recebeu, por doação, a reserva natural obrigatória e espaço destinado à construção do Teatro Municipal.

Com 800 mil consumidores previstos para todo o complexo, a Leroy Merlin (materiais de construção, acabamento, decoração etc.) se antecipou na área e sua dimensão ali comprova um



Motivação de Londres no portal em frente ao Parque de Exposições Governador Ney Braga, passarela na BR-369. Autor: Wilson Vieira

mercado real. Ficaram prontos, a seguir, o Boulevard Shopping e o Hotel Ibis. Construído pela Sonae Sierra Brasil, o shopping tem área bruta locável de 47,8 mil m² (dois pavimentos) e 216 lojas, sete cinemas e estacionamento para 2.400 veículos, com 1.800 vagas cobertas. Mas ainda estão em projetos os condomínios residenciais e comerciais no Complexo Marco Zero.

A consultoria Urban System analisou 293 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes — “a tropa de elite responsável por 71% do PIB do país” — e identificou Londrina entre as 100 com maior potencial para receber novos investimentos, a 40ª do país, 5.ª do Paraná e 10.ª entre as 28 do sul, conforme o levantamento encomendado pela revista *Exame* (edição de 30.4.2014 — *O Futuro das Nossas Cidades*, por Daniel de Barros). Levados em conta 27 indicadores. Vitória (ES) figurou no topo, com 17,36 pontos; Londrina obteve 12,52 e Joinville (SC), 12,06 (55.º lugar). No Paraná ficaram à frente São José dos Pinhais (12,54), Cascavel (12,68), Maringá (14,19) e Curitiba (15,53).

Numa seleção mais restrita, a das 40 cidades do interior nas quais o consumo mais crescerá no período 2010–2020, Londrina é a única do Paraná, figurando em 16º lugar, entre as 100 com as melhores perspectivas incluindo 10 capitais. A projeção é da consultoria McKinsey, base para o “mapa do consumo” no país, em Exame (agosto/2012).

Inaugurado num período de crise econômica, o Boulevard Shopping “funcionou como uma aposta na essência de Londrina, que, desde os pioneiros, sempre soube se reinventar”, em se recorrendo à definição de Fulgêncio.

Menos de três anos após o Boulevard, é inaugurado o Aurora Shopping Center, em 26 de abril de 2016, entre os maiores da cidade, por iniciativa da Galmo, da Sathlem e da LPCom, que investiram 300 milhões de reais. Com 63 mil metros quadrados, dos quais 18 mil locáveis para oito megalojas e 160 satélites, situa-se na Gleba Palhano. Ao abrir com 70% do espaço locável ocupados, o Aurora está acima da média dos shoppings inaugurados em período mais recente no país, que havia entrado em crise. O Aurora corresponde primordialmente à exigência de sua localização, onde 74% dos moradores pertencem às classes A e B. Mas, localizado numa via arterial, a Avenida Ayrton Senna, é acessível a públicos de outros bairros e de cidades vizinhas. Inclui cinco cinemas com a tecnologia mais avançada, livraria, praça de alimentação com 17 operações e 750 lugares, centro de convenções para 500 pessoas, estacionamento com mil vagas. Entre os estabelecimentos, há os que introduziram inovações antes inéditas em shoppings, só possíveis ante o potencial da Gleba Palhano.

“Poucos lugares no mundo cresceram tanto em pouco tempo”, refere-se a publicidade do shopping à Gleba Palhano, onde chácaras e espaços de agricultura extensiva deram lugar ao bairro sofisticado em menos de 20 anos. E o shopping se coloca “arquiteticamente belo e funcional”, com o que há de mais moderno no mundo em seu gênero. O crescimento anual das vendas do comércio varejista, que era de 7,5% desde 2004, diminuiu para 2,2% em 2014, elevando-se a grande número de novos shoppings, cuja ociosidade média 3% em 2015.



A primeira fotografia de Londrina, primeira Derrubada Marco Zero em agosto 1929. Autor: George Craig Smith/Acervo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss-UEL



Marco Zero em 2020; à esquerda Boulevard Londrina Shopping; à direita Terminal Rodoviário. Autor: Wilson Vieira

A baixa coincidiu com a abertura de um grande número de novos shoppings, cuja ociosidade média ficou em 45%. E houve os que fecharam devido à ocupação muito baixa. Conforme reportagem de *O Estado de S. Paulo*, os 498 shoppings no país em 2016 tinham 12.200 lojas fechadas, somando 1,7 milhão de metros quadrados.

O agrimensur e comissário de terras do Estado Mábio Gonçalves Palhano começou a vender partes de sua propriedade – a Fazenda Palhano – nos primeiros anos 30, a japoneses, tendo sido Denkiti Takahashi o comprador número um, de 10 alqueires. Supõe-se que Sinkichi Agari tenha sido o primeiro corretor da área, autorizado por Mábio e que vendeu 200 alqueires a Tyosuke Kami, procedente de Cambará. A Companhia de Terras Norte do Paraná (Cianorte) vende os seus primeiros lotes na divisa com a Fazenda Palhano a Yuti Sawasaki, Massayuki Yonezaki, Mohei Kajihama e Kan-Iti Ando, que vieram de Bastos (SP). É fundada em 1937 a Associação Japonesa (*Nihojin-kai*) da Seção Palhano, sendo presidente Guenji Yamashita.

Em 1938, relacionada no Plano de Integração Nacional pelo uso do avião, Londrina recebe 20 contos de réis do Departamento de Aeronáutica Civil (DAC), dos quais a Prefeitura destina 15 ao pagamento de 24 alqueires paulistas (580.800 m²) comprados de Mábio Palhano, a oito quilômetros da cidade, perto do Espírito Santo, sabe-se pelas reportagens no *Paraná-Norte*. Construído “sob direção técnica do próprio prefeito, Willie Davids, profissional que honra a engenharia brasileira, o primeiro aeroporto regulamentado de Londrina” é inaugurado em 25 de setembro de 1938, com aviões, festa e “algumas

milhares de pessoas”. Três pistas com diferentes comprimentos – 1.000 metros, 750 e 650 por 100 de largura, permitindo “orientações diversas, de modo a ficarem na feição do vento, venha este de onde vier”.

Um salto para 1950: denomina-se “Prolongamento da Avenida Higienópolis” o trecho abaixo da Rua Alagoas, desprovido de pavimento e energia elétrica. Nos primeiros 150, 200 metros para quem desce (sentido oposto à Alagoas), a galharia mais alta nos dois lados forma um “túnel verde”, a Chácara Agari à esquerda e a de Domingos Lourenço, o *Bodeiro*, à direita. É o “caminho” para o aeroporto. As *peruas* (caminhonetes) da Aerovias-Brasil, Real e Vasp passam “zunindo” lotadas de passageiros para os aviões. Geralmente, são homens de terno e gravata sob guarda-pó ou capa de gabardine, o colarinho da camisa envolto em lenço. As *peruas* levantam nuvens vermelhas toldando a visão dos motoristas, que acendem os faróis – mesmo de dia – e ligam os limpadores de para-brisa, que “varrem” a poeira acumulada.

Saindo do “túnel verde”, as *peruas* passam em frente ao núcleo de aluguel do sr. Joaquim Carvoeiro; as janelas estão fechadas, mas o pó entra pela base dos telhados, as casas não têm forro. Impossível manter os móveis e o assoalho limpos, nem por minutos sequer. Uma pequena ponte transpõe o Ribeirão Cambé (ou Cambezinho) no fundo de vale, a largura e o volume naquele ponto estão mais para córrego. Por ali, moleques lavam bicicletas; para nadar, vão ao Córrego do Leme, pela margem na chácara de Dona Inocência. Já no espigão, a estrada serpenteando entre os cafezais,

o trajeto das *peruas* configura-se no ar, desenhado pela poeira que levantaram.

Além dos que vão embarcar, há os visitantes; o aeroporto é alvo da curiosidade popular. Chegar perto dos aviões, a aventura dos moleques da Vila Higienópolis, que atalham pelos cafezais. Vão saboreando mamões e melancias, abundantes e sem vigilância, raramente com restrições à colheita.

Quem olhar mais atentamente o mapa da cidade em 1951 (*organizado e editado especialmente para o “Paraná no Bolso”*) verá que estão demarcados o Jardim Higienópolis e a Vila Higienópolis, paralelamente, separados por uma via.

Inicia-se nos primeiros anos 50 a transferência gradativa dos aviões para o aeroporto ainda em construção – a leste –, que fica pronto em 1956, cessando o extraordinário movimento na Gleba Palhano, devolvida à serenidade agrícola. E o Cambezinho “vira” Lago Igapó, criação dos engenheiros Amílcar Neves Ribas e José Augusto Queiroz, na administração do prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, que o inaugura em 1959. Saltando para os anos 70, Londrina é o primeiro município a executar, no país, o programa Comunidade Urbana para a Recuperação Acelerada (Cura), financiado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), no período do prefeito José Richa (1973-76). Logo na primeira etapa, a Higienópolis é duplicada abaixo da rua Alagoas e assim prolongada adiante do lago, integrando os Jardins Cláudia e Arco-Íris e o Parque Guanabara.

“A transformação da Palhano começou com o prefeito Wilson Moreira mudando o plano diretor

da cidade, ainda na década de 1980, para permitir construções verticais ali. Com isso, desafogou o centro, congestionado por muitos edifícios e sem terrenos propícios para novos empreendimentos”, relata Raul Fulgêncio em *O Triunfo da Ousadia* (ver bibliografia).

Então acessível praticamente só pela Higienópolis, a alternativa viria do aterro de “um brejo no fundo de vale” permitindo a transposição do Cambezinho ligando as Avenidas Madre Leônia e Maringá. (Embora não haja menção da parte de Raul, o aterro dividiu opiniões, de um lado atribuindo a Wilson “um crime ecológico”, de outro admitindo uma ação saneadora, considerando que o sítio era insalubre.) “A infraestrutura na Palhano (ruas, galerias pluviais, rede elétrica) passou a ser responsabilidade das construtoras, a Prefeitura viu crescer todo um bairro novo, gerador de muita receita de IPTU e outros tributos, praticamente sem ter de investir dinheiro público”, observa Raul. “Viemos alojar aqui a nossa imobiliária porque a Gleba Palhano é um dos melhores exemplos do que podem fazer investidores, construtores, incorporadores, arquitetos, urbanistas e gente disposta a viver bem”, explica. Se recebe um visitante que não conhecia a cidade, Fulgêncio o conduz a uma das salas envidraçadas da imobiliária, para que contemple “um exemplo de Força Brasil”, sua definição para a gleba. “A pessoa me pergunta por que, já que vê apenas edifícios como em tantas cidades, aí concordo, acrescentando apenas que tudo isso não estava aí há apenas dez anos.”

Margeando um trecho da Avenida Madre Leônia entre a rotatória com o chafariz e a PR-445, ainda se contempla em 2019 um dos últimos sinais

da transformação: a agricultura (rotação soja-trigo) em contraste com a alvenaria. “Brevemente, só em fotografia”, sabe quem conhece o retrospecto, em que uma observação de Alfredo Khouri ainda na década de 80 se tornou definitiva: “Já superamos várias crises e os prédios em Londrina sempre continuaram”. Pela Relação Anual de Informações Sociais (Rais), havia 1.072 construtoras na cidade em 2017, entre as quais a maior do sul do País, a Plaenge, atuando além de Londrina, em outros Estados e no exterior, com permanência no Chile.

Há 15 instituições de ensino superior: 2 universidades públicas (uma estadual e uma federal), 1 instituto federal e 12 universidades e faculdades privadas, cerca de 41 mil estudantes e 5.500 professores.

Comunidade de 25.853 pessoas das quais 19.361 estudantes (graduação e pós) é a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a maior. Dos 1.669 docentes 94% são mestres e doutores, Sérgio de Carvalho e Décio Sabbatini Barbosa reitor e vice-reitor respectivamente, eleitos em 2018. Integram o quadro 2.089 agentes universitários (25% com especialização) e outros 1.734 servidores. Aos 48 anos de existência e sob oito avaliações, a maioria por instituições do exterior, no biênio 2018/19 a UEL alternou-se nas posições entre 13.^ª e 29.^ª das melhores universidades públicas brasileiras. Pelo *University Ranking Brics/2019*: primeira estadual do Paraná e quarta do Brasil; e 22.^ª do ensino superior do país.

Cresce a importância do centro universitário por contribuir para formação do pólo de saúde; das 15 instituições de ensino superior, 6 se relacionam ao setor, com 40 cursos de graduação. Estão na cidade

2.198 médicos de 68 especialidades (3,95 médicos por 1.000 habitantes) e 1.349 estabelecimentos de saúde. Mas, no total, são 3.167 empresas com 14.128 pessoas empregadas, conforme o “Encontro sobre Tecnologia e Inovação para o Mercado de Saúde”, organizado pela *Folha de Londrina* (2018). Distribuem-se em serviços de saúde (1947), distribuição de produtos e serviços (746), intermediação financeira (208), serviços de apoio e complementares (189) e fornecedores de produtos e tecnologia (77).

Londrina tem 575.377 habitantes (97,4% urbanos), a segunda maior população do Paraná, a quarta na região sul e 38.^a do país. Eleitores: 376.073. O PIB, R\$19,2 bilhões é o terceiro do Estado e 45.^º do país. Há 260.245 imóveis tributáveis; as vias públicas urbanas atingem 2.200 quilômetros (pavimentados na quase totalidade), estão licenciados 380.745 veículos automotores e os coletivos urbanos transportam, em média, 3,5 milhões de passageiros/mês. A Sanepar (Companhia Paranaense de Saneamento) considera que toda a população urbana está servida por água tratada (3.000 km de rede distribuidora, 163.923 ligações) e 93,78% estão servidos pela rede coletora de esgoto (2.200 km, 146.563 ligações), tratado 100%. Com base nos parâmetros de saúde, educação e renda, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é alto, 0,778. Produto Interno Bruto (PIB), R\$ 19,2 bilhões; per capita R\$ 34.445,00 (2016). Com 54,47% da população economicamente ativa (PEA), o município tem 203.294 (36,4%) ocupadas (2017).

O Município tem potenciais ou “reservas de energia” que não deixaram a economia estancar, ainda que o poder público local tenha atrapalhado

no período mais recente de duas para três décadas. “Graças a empresas e instituições, a cidade não parou. Mesmo com períodos de turbulência política marcados por denúncias, escândalos, cassações e até prisões, Londrina seguiu trabalhando e produzindo”, enfatizou o presidente da Associação Comercial e Industrial (Acil) no biênio 2013-2014, Flávio Balan. Sua observação é de que houve a ruptura do círculo fundamentado “nos laços de confiança entre as pessoas e as instituições”, pelas sucessivas administrações públicas eivadas de incompetência e improbidade. Segundo Balan, Londrina nasceu como empresa, iniciativa da “Companhia que honrava seus contratos e tinha um ousado plano de desenvolvimento regional, motivando a vinda de outros empreendedores baseados na confiança e na ousadia”. Assim, o dinamismo que a caracteriza vem da ousadia na origem empresarial, que uma “minoridade não gosta de reconhecer, mas até hoje a maioria absoluta da população londrinense tem espírito empreendedor”.

Assume, em 1.^º de janeiro de 2013, o prefeito Alexandre Kireeff, prometendo que “não haverá qualquer tolerância à corrupção”, a seu ver “moléstia infecciosa que corrói as entranhas da Prefeitura e que pode destruir famílias, sepultar sonhos e matar”. Em seguida, assina o decreto instituindo o comitê que irá estabelecer o Plano de Transparência e Controle Social, cumprindo promessa de candidato. O novo prefeito afirma que apesar do “grande ceticismo” acha possível a harmonia entre o Executivo e o Legislativo, “nossa meta, senhoras e senhores vereadores, será promover a surpresa aos céticos”.

A nova administração pretende ser inversa às

anteriores em período recente, quando “projetos não puderam ser concluídos, planejamentos essenciais não foram sequer elaborados e a descontinuidade foi a principal característica (...) de nossa cidade”. Daí as “finanças deterioradas, equipamentos públicos em condições precárias e serviços aquém do ideal de qualidade”. Diante do quadro, “a gestão técnica será fundamental para que os escassos recursos públicos possam ser utilizados com a máxima eficácia na execução de nossas prioridades”, preconizou.

Recebeu o cargo de Gérson Araújo, o mais recente prefeito designado, pela condição de presidente da Câmara. O Município tem orçamento de 1 bilhão e 200 milhões de reais em 2013, mas precisa aumentar a arrecadação para ajustar-se às despesas. Em junho, a Câmara aprova projeto de lei enviado pelo prefeito, permitindo o protesto de devedores há mais tempo. Revoga-se a lei de 2009, de autoria do então vereador Marcelo Belinati, que impedia o protesto. O prefeito e o procurador jurídico, Zulmar Fachin, expuseram aos vereadores a necessidade da nova lei para agilizar a cobrança dos grandes inadimplentes; os 500 maiores contribuintes de IPTU e Imposto sobre Serviços deixaram de pagar 388 milhões de reais. O projeto recebe emenda do vereador Jamil Janene, determinando que não serão protestados os inscritos no Cadastro Social Único. “Implantamos um processo de protesto e execução dos grandes devedores, levando inclusive imóveis a leilão. Imóveis emblemáticos, até um terreno na beira do Igapó, que é o supassumo da imagem de valor em Londrina”, relatou Kireeff ao (*Repórter da história CBN* 2019.)

Contrariando a proposta de Kireeff, a

improbidade não cessa completamente no Executivo, é remanescente ou residual, vem de administrações anteriores. O Ministério Público denuncia, em fevereiro de 2014, dois funcionários do Instituto de Desenvolvimento (Codel), juntamente com uma negociante de imóveis, um empresário e sua secretária. Um dos funcionários tem 29 anos de serviço. A dedução é de que eles exigiam dinheiro de pessoas que solicitavam terrenos para estabelecer empresas. É no Codel que são redigidos os projetos de lei para doações, a seguir enviados à apreciação dos vereadores. Já por outra denúncia, fiscais da Secretaria de Obras liberavam construções irregulares desde 2012, mas a nova administração demorou para coibir, após ser informada. Em abril de 2014, há uma comissão de inquérito na Câmara; o prefeito demite a diretora de projetos da Secretaria de Obras, Celina Ota, que já havia encaminhado pedido para ser exonerada. E o secretário, Sandro Nóbrega, põe o cargo à disposição, mesmo não havendo acusações improbidade contra si. A nova administração “herda” outros expedientes ilícitos e pendências, entre estas a construção sem alvará de licença para um shopping na rua Benjamin Constant, em 2012, liberada no ano seguinte, motivo da ação movida pela Promotoria de Defesa do Patrimônio Público em julho de 2014. Segundo a Promotoria, por omissão da Secretaria de Obras houve a continuidade do que constava ter sido embargado e após a conclusão o Ippul liberou baseado em parecer da Procuradoria-Geral do Município em 2013. O Ministério Público pretende responsabilizar a empresa dona do shopping, quatro funcionários da Secretaria de Obras e o ex-secretário Ossamu

Kaminagakura; o procurador-geral do município, Paulo Valle; e a presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (Ippul), Igenes Dequêch Alvares, já na administração Kireeff.

Apesar dos percalços “herdados” e de algumas falhas próprias, Kireeff restabelece a confiabilidade e começam as obras de infraestrutura viária (ver capítulo 11), reformas de edificações (incluindo a sede da Prefeitura); ante a baixa disponibilidade orçamentária, o Prefeito distingue a possibilidade de investimentos pela capacidade de endividamento do município, permitindo empréstimos. Há o suprimento pleno dos setores de Saúde e de Educação, detentores das maiores dotações orçamentárias e os mais determinantes para que o quadro geral de funcionários aumentasse 27% no período de Kireeff, de 7.868 para 10.004. Janet Thomas, secretária de Educação, é neta de Arthur Thomas, executor da colonização que deu origem à cidade. Janet havia sido secretária de Educação de Mato Grosso, premiada nacionalmente pela gestão. Aproximadamente 50% dos servidores estão no setor educacional em 2016, em que a dotação aumentou de R\$ 199,1 milhões para R\$ 339,7 milhões, 26% do orçamento municipal. Com R\$ 530,9 milhões (2016) a dotação para Saúde corresponde a 31% de todas as receitas da Prefeitura e é integrado por 4.200 profissionais (600 médicos, 420 enfermeiros, auxiliares e outros). A dotação aumentou 41,85% no período 2013-2016, em que foram reformadas 21 unidades básicas de saúde e construídas cinco; de uma única e precária ambulância disponível em 2013, o suprimento chegou a 14 novas.

Ao término do mandato ainda faltam

soluções, mas a percepção é de que foi consistente e cumpriu, principalmente, a proposta que mais sensibilizou os eleitores: interromper o ciclo de políticos profissionais na Prefeitura, assinalar o fim da corrupção e a volta da moralidade. “A motivação da candidatura já foi em torno disso, porque havia uma percepção da sociedade de que a moralidade e o combate à corrupção deveriam fazer parte da gestão pública”, responde Kireeff em 2019 (Repórter da História CBN). “Nesse sentido, acredito que, realmente, essa análise seja consistente. Havia uma demanda na sociedade, fui candidato motivado pela indignação com aquele estado de coisas, sentia que era um ato de rebeldia a tudo aquilo. Então, faz sentido sim essa declaração”.

O sucessor, Marcelo Belinati, assume em 1.º de janeiro de 2017 e logo se caracteriza pela continuidade na execução de obras, o início de outras e a objetividade na busca de soluções, ainda que algumas pareçam menos urgentes ou restritas. Por exemplo, a lei 12.744 julho/2018), proibindo o consumo de bebidas alcoólicas em vias e praças no período das 22 às 8 horas, com vigilância e multa a infratores; ao redor de postos de combustíveis que vendem cervejas, moradores não podiam dormir, tal a algazarra dos bebedores.

Uma das intervenções de maior eficiência envolve as licitações, que, quando não pormenorizadas o suficiente, causam prejuízos ao erário (qualidade e preços) ou impedem o suprimento pela suspensão (na Justiça) a pedido de fornecedores concorrentes e facilitam a corrupção. Quando Marcelo convidou Fábio Cavazotti, membro do Observatório de Gestão Pública (privado) para a

secretaria municipal homônima, propalou-se em comentário “a esperteza do prefeito”, em levar para seu lado um dos que mais poderiam fiscalizá-lo. Conhecedores do caráter de Fábio, porém, disseram que, aceito o convite, a proposta só poderia ter sido séria. Gradativamente resultaram o rigor e o aprimoramento de métodos, agregando uma contribuição da Universidade Estadual de Londrina; a regra passou a ser o transcurso das licitações sem percalços, bem menos demoradas.

Corrigir a planta de valores do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), há 16 anos atualizada só pela inflação, muito aquém dos preços dos imóveis no mercado, afigurou-se ousadia surpreendente para os que presumiam uma administração populista, infensa a desagradar o eleitorado. Ora, havia até uma lei do vereador Marcelo Belinati impedindo o protesto de devedores (*revogada pelo antecessor*).



Aurora Shopping Londrina

Por que a diferença entre o legislador e o executivo?

“Não existe nenhuma diferença, absolutamente coerente” — responde Marcelo ao *Repórter da História CBN*. “Discordo do que se coloca aí.” Segundo ele, havia uma discussão jurídica a respeito, prolongada até o Supremo Tribunal Federal admitir o protesto. “Coerência absoluta lá atrás, até quando políticos, de maneira maldosa e distorcida, hostilizaram uma imagem minha falando quando vereador. Mas naquele momento, em 2005, a planta de valores (...) estava recém-reavaliada e eles queriam nova reavaliação”, memorou. “De lá para cá foram 16 anos sem atualização, o que criou uma distorção tremenda, por exemplo mansões de alto luxo pagavam menos IPTU do que casa popular e a imprensa, muitas vezes, teve dificuldade de mostrar isso, até pelo momento.” Pela análise de Marcelo, a sua reforma eliminou as distorções e se revelou menos rigorosa, “quem pegar lá o seu carnezinho vai ver que não vende nem compra pelo valor venal, porque ainda está abaixo do valor de mercado”. E já haveria um reconhecimento à necessidade da atualização: o índice de pagamento do IPTU em 2019, “o maior, já passa de 70% no começo do ano”. Lembra que na campanha eleitoral, todos os candidatos a prefeito, “sem exceção”, apregoaram a necessidade da recomposição.

Submetida a associações classistas, discutida em audiência pública e entre vereadores e representantes do Prefeito, a proposta original foi amenizada; ainda assim, com a distribuição dos carnês, se tornou alvo de protestos, ações judiciais e de uma lei por iniciativa popular aprovada em primeira discussão. O reajuste da planta teve o mérito

de revelar mais distorções do que as anunciadas: até o condomínio em que reside o prefeito vinha pagando menos IPTU e coleta de lixo do que deveria, razão para o Ministério Público denunciar Marcelo por “omissão e improbidade”, ação não acolhida pelo Judiciário.

A conduta executiva de Marcelo Belinati não leva em conta obter comodidade para ser reeleito. Além do equilíbrio fiscal, ele anuncia a pretensão de flexibilizar a jornada do funcionalismo, ampliando-a de seis para oito horas; por duas alternativas, a adesão voluntária mediante compensações, aos que já compõem o quadro, e a obrigatoriedade para os que vierem a ser admitidos. E declara impostergáveis ajustes na previdência municipal, onerando os inscritos. São iniciativas notoriamente desagradáveis aos costumes de um estrato que, por ser também um “capital eleitoral”, faz com que legisladores e executivos — em geral no país — o contemplem com privilégios e mamatas. Contando-se 30 mil assinaturas no projeto popular contra o IPTU, refletindo talvez o dobro de votos, e 10 mil funcionários e seus dependentes, parece um desbaste no eleitorado.

“Estou absolutamente focado no trabalho, Londrina hoje é outra cidade, em razão de todo choque de gestão que implementamos na Prefeitura. Tem muita coisa ainda a ser feita, mas foi dado um novo rumo à cidade nos próximos 20 anos”, responde Marcelo. Conforme sua exposição, a Prefeitura, antes na “lanterna do ranking” da Controladoria-Geral da União, agora é “a mais transparente do Brasil, a que tem as contas mais equilibradas do Paraná e a cidade “tem obras por toda ela”. Menciona a construção de

creches e de escolas, reformas de postos de saúde e da infraestrutura de desenvolvimento e novamente a vinda de grandes indústrias. “Mas muita coisa precisa ainda ser feita. Agora, estou focado no trabalho, não estou pensando em eleição, não.”

No orçamento para 2020, de R\$ 2,018 bilhões, as maiores dotações destinam-se à Saúde, R\$ 705 milhões, e à Educação, R\$ 475 milhões. Marcelo Belinati é o terceiro médico a exercer o cargo de prefeito de Londrina, Dalton Paranaguá o primeiro e Luiz Eduardo Cheida o segundo, ambos com iniciativas relevantes no setor. Desde então, a procura pela assistência médica cresceu junto com a população e o suprimento não acompanhou inteiramente. Reportagens têm mostrado o déficit de médicos, de que resulta esperas de cinco a sete horas no Pronto Atendimento Infantil, por exemplo. Marcelo responde que “o maior foco de trabalho está na saúde e os resultados positivos são impressionantes”. Segundo ele, a reestruturação “é a maior que se faz no município”, incluindo reformas e troca de equipamentos, prevista a introdução de prontuário eletrônico e de cartão saúde do cidadão, que vão dar melhor qualidade ao atendimento e às condições de trabalho do profissional. E reduzindo o custo, permitirá “reinvestir o valor economizado para contratar médicos”. Mas observa que as UPAs, por exemplo, agora “têm sete médicos de plantão por período, até 2016 tinha dia que era um.”

Quanto aos meios de financiamento, se há influência partidária nas liberações federais e estaduais e o antecessor ter distinguido na capacidade de endividamento uma alternativa para investimentos, Marcelo diz que prevalece

uma articulação. “Pelo contrário, tiramos Londrina do isolamento político, depois de muitos anos”, responde, para discorrer sobre a necessidade de duas coisas a seu ver essenciais: projetos e articulação em Brasília e Curitiba. “Isso ficou parado muitos anos, retomamos todo esse tipo de articulação.” Em síntese, atribui as realizações ao “casamento de recursos do governo federal, do governo estadual e da Prefeitura, com a contrapartida”.

.....

RECORTES

O ELDORADO, NÃO PARA TODOS

“Londrina era, então, uma cidade sem passado. Lembro-me da impressão singular que me causou o fato de aqui não encontrar cabelos brancos nem pedintes. Coisas que o tempo se encarregou de nos vir trazendo.” Milton Menezes memorando a sua chegada, em 1938. E na sua primeira administração de prefeito (1952-1955), conjugaram-se ações do poder público e comunitárias para eliminar favelas. Pela história da Santa Casa de Londrina, a pobreza dava sinais consistentes já na transição da primeira para a segunda década da cidade, motivo para a fundação do hospital. E se tornou, cada vez mais, uma preocupação, refletida na criação de 143 instituições beneficentes ou de caridade até 1989, conforme demonstra Jolinda de Moraes Alves no livro “Assistência aos pobres de Londrina - 1940/1080” (*Eduel*, 2013). Na atualidade, a exuberância da Gleba Palhano contrasta com favelas, assentamentos e ocupações irregulares, alguns em locais tão impróprios que não permitem chegar a rede de

água. Estima-se que sejam pobres entre 18 e 20% da população, indicativos no período mais recente de quatro anos, entre os quais 41.433 famílias no cadastro único para programas sociais do Governo Federal, sendo 16.608 com renda per capita até 85 reais, aptas para receber a bolsa família. E neste programa já inscritas 16.217 famílias; outras 5.526 no Programa Municipal de Transferência de Renda. À espera de moradia popular há 51 mil inscritos na Companhia de Habitação (Cohab). Em 2016, o Serviço Municipal de Assistência Social registrou 56.150 famílias, aproximadamente 150 mil pessoas, embora nem todas atendidas efetivamente.

IPTU E PRIVILÉGIOS

Começar o reajuste da planta de valores do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) com o porcentual de 0,85% em 2018 e chegar a 1% em 2021 era a pretensão em 2017; os debates e contestações determinaram dois recuos, para 0,65% e 0,60% e a extensão do prazo para 2024. E a seguir, a não progressividade (congelamento) do porcentual (ou alíquota) de 0,60. Desmembrada do imposto, a taxa de lixo teria valores diferentes pelo número de coletas semanais, de 1 a 6 vezes. Foi com a chegada dos carnês aos contribuintes, a partir de janeiro de 2018, que a atualização se tornou alvo de protesto de grupos isolados e de “movimentos organizados”; pareceres emitidos por entidades classistas a consideram exagerada, “sem levar em conta a capacidade contributiva dos munícipes, mas tão-somente a necessidade de caixa da municipalidade para fazer frente ao desarranjo fiscal”, segundo a Subseção da OAB. O país está em

crise, desemprego em alta. A não progressividade (“congelamento”) da alíquota de 0,60% é sugerida pela Associação Comercial e Industrial, a Subseção da OAB e a Sociedade Rural; o Ministério Público propõe termos de ajuste de conduta para corrigir distorções; o PDS solicita mandado de segurança com o fim de revogar a nova planta. Entre as ações, uma direta de inconstitucionalidade, movida pelos deputados estaduais Tercílio Turini e Devanil da Silva, e uma civil pública assinada pelo promotor Renato de Lima Castro, coordenador do Grupo de Combate à Improbidade Administrativa. Atribui ao prefeito “omissão e improbidade” por não informar que o condomínio onde reside permanecia com as unidades não desmembradas, todas pagando o IPTU e a taxa de lixo em conjunto e por isso, menos do que pagam os condomínios regularizados. (A seguir, a Prefeitura identifica 71 condomínios sem o desmembramento, que passam a ser regularizados.) A ação seria rejeitada pelo juiz da 1.^a Vara da Fazenda Pública, Marcos José Vieira, considerando a defesa do Prefeito; não havia a obrigatoriedade de ele informar e, quando ciente da irregularidade, em janeiro, determinou no âmbito da Prefeitura a notificação do condomínio. Geralmente, as ações alegam excesso (“confisco”) em relação à capacidade contributiva e a não observação do princípio de publicidade. Em 20 de novembro, a Câmara aprova, em primeira discussão, o projeto de lei de iniciativa popular, respaldado por 30 mil assinaturas, revogando a nova planta, por 13 votos a 5. (Assinaturas colhidas pelo Movimento abaixo o IPTU, organizado pelo advogado André Trindade, que fora candidato a prefeito pelo PPS.) Precedendo a segunda votação,

o secretário de Fazenda, João Carlos Perez, e o Prefeito insistem em que a manutenção se tornou indispensável, mas os vereadores aguardam um substitutivo com atenuantes. No dia 29, a Câmara decide pelo arquivamento do projeto de iniciativa popular. Em 5 de dezembro, aprova o projeto de lei do Prefeito em que consta a não progressividade (“congelamento”) da alíquota de 0,60%. Limita-se a 20% do valor do imposto a taxa de lixo. Os valores do IPTU em 2019 serão os cobrados em 2018 acrescidos de correção pelo Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA).

PARQUE MATA DOS GODOY

Abrange 600 hectares de floresta original nativa preservada pelos irmãos Álvaro e Olavo Godoy (em memória) desde 1930, na Fazenda Santa Helena, de 3.600 hectares, mais tarde declarada reserva obrigatória, por lei. Em 1980, Olavo propôs a venda ao Estado, alegando o alto custo de preservação, desde que o Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra) decidira tributá-la como área improdutiva. E ameaçou deixar de protegê-la de predadores. Só em 1989 houve a transferência ao Estado, por iniciativa da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), que repassou NCz\$ 2,04 milhões (cruzeiros novos) ao governo, valor da compra, incluindo mais 75 hectares, desmatados, para a sede administrativa do parque. A Cesp contribuiu a título de compensação pelas áreas inundadas no Paraná devido às hidrelétricas que construiu no rio Paranapanema.

O MUNICÍPIO E A PANDEMIA

O Brasil registra a primeira infecção pelo covid-19

(*novo coronavírus*) em 26 de fevereiro de 2020 e a primeira morte, em 17 de março. Em Londrina, afigura-se a pandemia em abril, os primeiros óbitos nos dias 3 e 6, dois homens. Entre as duas datas, os infectados no município aumentaram de 24 para 58. Já havia sido dado a conhecer, pelo prefeito, Marcelo Belinati Martins, o plano de ações para compatibilizar o atendimento médico-hospitalar com os indicativos de crescimento das infecções; paralelamente, outras iniciativas do Executivo e do Legislativo municipais vão contemplar micro e pequenos empresários e trabalhadores autônomos com empréstimos emergenciais, a lhes permitir suportar a recessão causada pela pandemia. Os contribuintes em geral terão os prazos de pagamento de impostos e taxas prorrogados e será reajustado o auxílio às famílias inscritas no programa de assistência social do Município.

No geral, a Câmara contribui com R\$ 20 milhões, anteriormente reservados à reforma de seu prédio, adiada; e a Prefeitura com mais de R\$ 80 milhões. O secretário Municipal de Saúde, Felipe Machado, informa que serão necessários R\$ 86 milhões exclusivamente para enfrentar a pandemia, com parcelas destinadas à contratação temporária de 541 profissionais, pagamento de horas extras, suprimento de equipamentos de proteção individual, acréscimo de 120 leitos no Hospital Universitário, custeio de 135 leitos em outros estabelecimentos e a instalação de um hospital de campanha. Compõe-se o Centro de Cooperação de Emergências de Saúde Pública de Londrina (Coesp), que discute as propostas de ações preventivas, compreendendo o isolamento (quarentena) dos mais vulneráveis,

o distanciamento entre os que transitam, uso de máscara, interrupção de atividades econômicas não essenciais, reabertura com limitações de horários e frequência, etc. Vigoram decretos municipais e numa das vezes, do governador do Estado, impondo o fechamento total por 14 dias. No Conselho há divergências entre representantes do comércio, principalmente, que desejam a maior abertura, e os que defendem a prevenção rígida.

Até julho não tinha ocorrido déficit no atendimento de pacientes, a disponibilidade de leitos sempre acima da procura. Conforme informações oficiais, em 29 de julho Londrina acumulava 3.037 infectados (1.675 mulheres e 1.362 homens) e 112 mortos. Recuperados, 2.626. No Estado: 70.155 infectados e 1.792 mortos.

Há o reconhecimento de que as autoridades de Londrina e o Governo do Paraná se distanciaram da inépcia do Governo Federal a partir da demissão do médico Luiz Henrique Mandetta do cargo de ministro da Saúde, em abril, por discordar do presidente da República, Jair Bolsonaro, diariamente tentando desacreditar a ciência. Quando o país assinalou 25 mortes pelo vírus, em março, Bolsonaro disse que 800 pessoas morreram de H1N1 em 2109 e sentenciou: “A previsão é não chegar a essa quantidade de óbitos no tocante ao coronavírus” (em 2020). Passados pouco mais de quatro meses, em 29 de julho o Brasil somava 90.188 mortos pelo vírus, 2.555.518 contaminados e 1.787.419 recuperados. É o segundo país mais atingido, os Estados Unidos em primeiro lugar, com 4,4 milhões de infectados e 140 mil mortos.

(Covid-19: “covi”, de coronavírus; “d” = doença; e “19”, de 2019. Ou Sars-CoV-2, síndrome respiratória aguda grave (Sars) tendo por referência o vírus cov-2. Originou-se na China.)



Autor: Wilson Vieira

• Londrina **octogenária!**

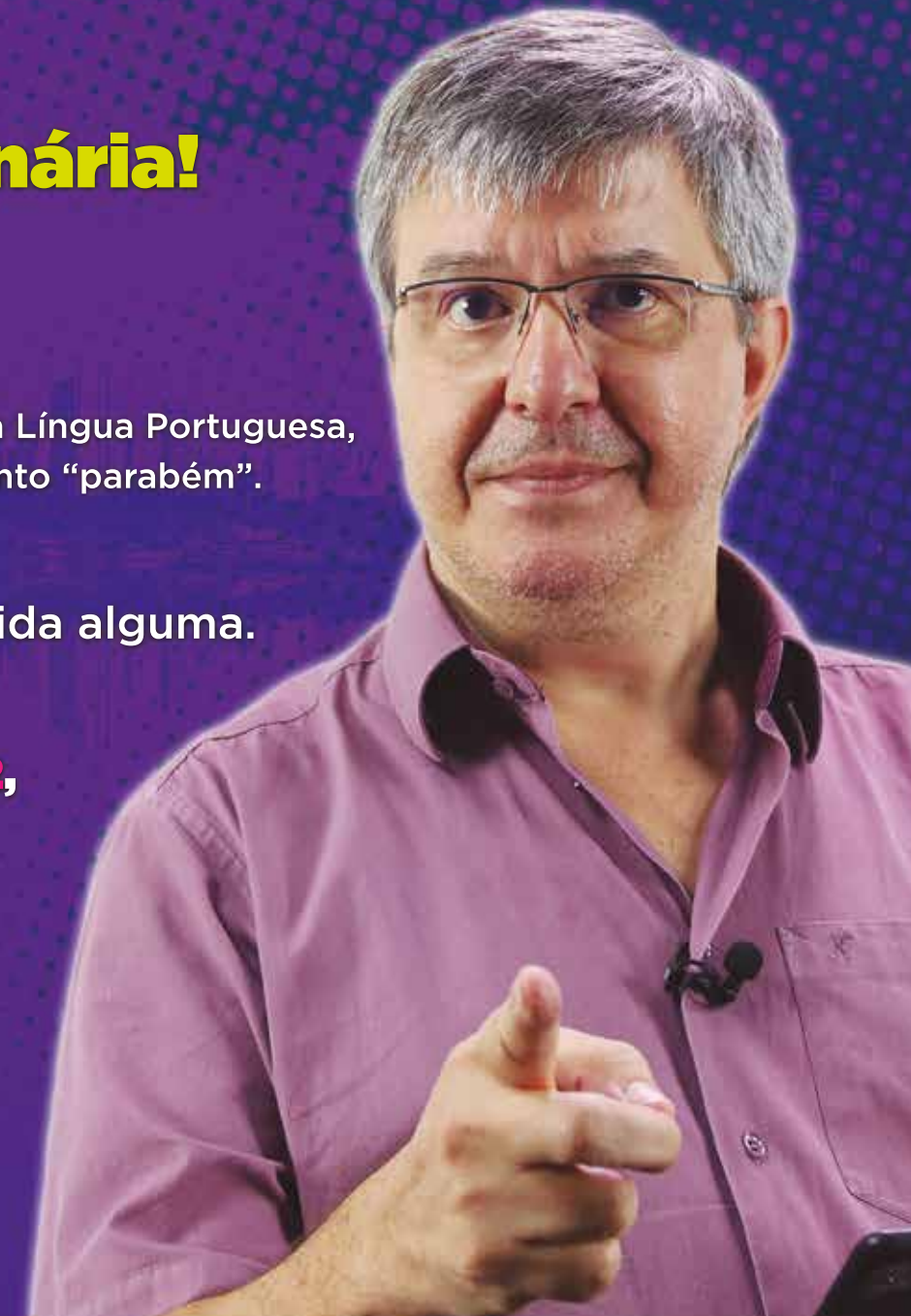
• **Parabém!**

Parabém? Isso existe? Existe, sim. Na Língua Portuguesa, tanto se pode dizer “parabéns”, quanto “parabém”.

• Meu foco é o **aluno** sem dúvida alguma.

• Aulas todo **sábado, às 16h32,** no meu canal do **YouTube.**

Sou Dílson Catarino, sexagenário londrinense e professor de Gramática da Língua Portuguesa há quarenta anos. Nesta cidade, ajudei mais de trinta e cinco mil alunos a realizar seu sonho.



CHAPTER 15
AT 86, STILL AS BOLD AS EVER

.....

In the east, right where the first settlers first set foot in the city (21 or 22 August 1929), what one sees today, in 2019, are the towering buildings of the shopping and leisure complex built on an area of 165,000m². One of the units, the Boulevard Shopping mall alone cost R\$320 million and it opened on 3 May 2013. The recurring theme across the shopping centre is a tribute to the city’s founding fathers, the English. Sherlock Holmes, Alice in Wonderland as well as several red telephone boxes among other typical British icons and elements are integrated in the architectural design. Londrina itself was named by João Sampaio, “London’s daughters,” in honour of the English founders and the Companhia de Terras Norte do Paraná – Cianorte.

There used to be a warehouse for coffee and cotton strategically placed by the highway beside the city’s “point zero,” right where the shopping centre is today. The urbanization process in Londrina was unusual. The railway track that was so vital for the city in the beginning became a symbolic dividing line that split the centre in half and the areas “below the line” were considered kind of dodgy. In the early 50s, the red-light district was right by the city centre so it was decided that it should be moved “below the line,” to the east. The first grilo (“cricket”, which stands for slum) also emerged in the same area.

The 2 parts of the city centre were reunited during the 70s and 80s when the railway tracks were removed. As for the segment crossing “point zero,” only after 2010, when the company decided to close the warehouse and sell the land, were the tracks removed. And the city was once again focussed on what it knows best: rejuvenate the area, just like it

did in the north, west and south.

Real Estate mogul, Raul Fulgêncio planned and orchestrated the purchase of “Complexo Marco Zero” (the “zero point complex”) by bringing together investors. It took less than 3 years, from September 2010, to adapt the old and also develop new infrastructure in the area that was suitable for public use. It included a sewage system that extended to the neighbouring areas that used to be subject to flooding previously; an extra lane added to Santa Terezinha Avenue along a stretch of two blocks; and a 680m per 23m additional road, the “bulevardeiro,” for easy access. All the money came from private investors so the city did not need to contribute at all. Not only that, a part of the area which had to be preserved as a nature reserve was also donated to the city as well as an additional space for the construction of Teatro Municipal (the municipal theatre).

The estimated number of customers for the entire complex was 800,000. The first to take the plunge was the hardware store Leroy Merlin, who realized an ambitious project and proved that there was indeed significant potential in the area. Then Boulevard Shopping mall and Ibis hotel followed.

The shopping centre was built by Sonae Sierra Brasil and boasts an impressive gross leasable area of 47,800m² across two floors, 216 stores, 7 cinemas and 1,800 covered and another 600 uncovered parking spaces. The residential and commercial gated communities of the “Marco Zero Complex” are still in the planning phase and are yet to be built.

According to a study by Urban Systems, that looked at 293 Brazilian cities with a population of 100,000 plus, “the elite troop that produces 71% of the country’s GDP,” Londrina is among the top 100 for new investments. Details of the study were published in Exame magazine’s 30 April 2014 edition, written by Daniel de Barros and titled O Futuro das Nossas Cidades (The future of our cities). Londrina ranked 40th in the

country, 5th in Paraná and 10th in the south, based on the 27 indicators.

The city of Vitória (ES) was on the top of the list with 17.36 points; Londrina got 12.52 and Joinville (SC) 12.06 (55th place). In Paraná, São José dos Pinhais (12.54), Cascavel (12.68), Maringá (14.19) and Curitiba (15.53) ranked higher than Londrina.

According to another study that selected the 40 countryside towns that are expected to show the greatest growth in consumption between 2010 and 2020, Londrina was the only city chosen from Paraná state and ranked 16th. A wider study, that included state capitals, by McKinsey looked at which cities have the best prospects in general and Londrina was among the top 100 in the country. These results were published in Exame magazine in August 2012 as a base for the country’s “consumption map.”

Boulevard Shopping mall opened in the midst of an economic crisis, “betting on Londrina’s essential element, its ability to reinvent itself ever since the first settlers arrived,” according to Fulgêncio.

Less than 3 years later, on 26 April 2016, Aurora Shopping Centre opened its doors to customers. The joint project of Galmo, Sathlem and LPCom cost R\$300 million and resulted in one of the biggest shopping centres in the city, with 63,000m² of construction, 18,000m² of leasable area for 8 megastores and 160 shops of which 70% had been rented out before the opening. It is located in a district called Gleba Palhano. Aurora seeks to meet the demands of its surrounding area where 74% of the residents belong to the A and B social grades. However, as it is on Ayrton Senna Avenue, which is a main arterial road, it is easily accessible to residents of other parts of the city as well as those of neighbouring cities. It has 5 cinemas of the highest technology, a book store, a food court with 17 restaurants and a seating capacity of 750, a convention

centre that fits 500 people and parking for 1000 vehicles. Some of the stores were able to do some ground-breaking things, previously unheard of in shopping centres, due to the consumer base of Gleba Palhano.

“Very few places in the world were able to grow so much in such a short time,” goes the advert referring to Gleba Palhano, where farms and extensive agricultural sites had been completely replaced by a sophisticated neighbourhood within less than 20 years. And the building is not only architecturally functional but also beautiful and is certainly one of the most modern of its kind in the world. The 70% occupation on opening is undoubtedly higher than average among the recently opened shopping centres in the country, especially when a national crisis had just begun. The annual growth in retail sales has been 7.5% since 2004. It dropped to 2.2% in 2014 and rose to 3% in 2015. The decrease coincided with the opening of a large number of new shopping centres that only had an average of 55% occupancy rate and several of them had to close. According to the O Estado de S. Paulo, there were 498 shopping malls in the country in 2016 and in total 12,200 of their stores were vacant, which added up to 1.7 million square meters.

Mábio Gonçalves Palhano, land surveyor and commissioner, began selling parts of his property (Fazenda Palhano – the Palhano Farm) in the early 30s to mainly Japanese buyers. The first 10 alqueires were purchased by Denkiti Takahashi. Apparently the first property agent that Mábio authorized to work in the area was Sinkichi Agari, who sold 200 alqueires to Tyosuke Kami from Cambará. Companhia de Terras Norte do Paraná (Cianorte) sold its first lots that were next to Fazenda Palhano to Yuti Sawasaki, Massayuki Yonezaki, Mohei Kajihama and Kan-Iti Ando from Bastos (SP). In 1937 the Japanese Association (Nihojin-kai) of the Palhano area was founded with Guenji Yamashita as president.

In 1938, Londrina received 20 million réis from DAC (the Department of Civil Aviation) as part of the National Integration Plan for the use of aeroplanes. The council was planning to spend 15 to purchase a 580,800m² land from Mábio Palhano 8km from the city, close to Espírito Santo, according to the reports of Paraná-Norte. “Londrina’s first regulated airport was built with the technical guidance of the city’s own mayor Willie Davids, who had great respect for Brazilian engineering.” The opening ceremony on 25 September 1938 featured aeroplanes, a party and “a few thousand people.” The airport had three 100m-wide runways that were different in length: 1,000m, 750m and 650m. The 3 runways were at “different angles so that one would always be aligned with the direction of the wind, wherever it may be blowing from.”

Jumping to the 50s and the way to the airport was through the so called “Extension of Higienópolis Avenue,” a stretch of dirt road below Alagoas Street devoid of street lighting, where the first 150–200m felt like a “green tunnel,” as the tall vegetation from the two farms (Chácara Agari on the left and Domingos Lourenço’s Bodeiro on the right) formed a foliage arch above the road. The shuttles of Aerovias Brasil, Real and Vasp airlines would be “whizzing through,” filled to the brim with passengers for the planes. They were generally men, who wore suits under their dust coats or rain jackets and a scarf around their neck to shield their collar. The pick-up trucks would stir up clouds of red dust from the road, which blocked the drivers’ vision, who would keep their headlights on – even at daylight – and turn on their windscreen wipers to “brush off” the build-up of dust.

Leaving the “green tunnel,” the shuttles would pass in front of the main building of Mr Joaquim Carvoeiro’s rental. Even with the windows closed, the dust would get in under the roof as the houses didn’t have ceilings. The floors and furniture would forever remain dusty no matter the amount of cleaning.

Then through a small bridge, the road crossed the Cambé creek (or Cambezinho), which was just a narrow stream at the time and where kids would be washing their bikes. To swim, they would go to Córrego do Leme beside Dona Inocência’s farm. The road then began winding uphill, twisting and turning between the coffee plantations, and the dust stirred up by the cars would paint the zigzagging path up ahead in the air.

Apart from the passengers, there were also visitors, as the airport was the subject of great curiosity. The adventurous kids from the neighbouring Vila Higienópolis would cut through the plantations just to get close to the aeroplanes and would of course help themselves to the unattended papayas and watermelons on the way.

Taking a closer look at the 1951 map of the city (collected and edited especially for the book “Paraná no Bolso” – Paraná in your pocket), we can see that the areas Jardim Higienópolis and Vila Higienópolis were alongside each other, only separated by one road.

In the early 50’s began the gradual transfer of the airplanes to the airport (in the east), which was still under construction until 1956. By removing the heavy traffic from Gleba Palhano, the serenity of the farmlands took hold in the area once again. The Cambezinho was “turned into” Igapó Lake by engineers Amílcar Neves Ribas e José Augusto Queiroz and was inaugurated by the mayor, Antônio Fernandes Sobrinho, in 1959. In the 1970, when José Richa was the mayor (1973–76), Londrina was the first city to complete the Cura program in the country. The program was funded by BNH, the National Housing Bank, and aimed to improve urban infrastructure. The first stage of the implementation included an additional lane on Higienópolis Avenue below Alagoas Street and an extension that reached the lake, integrating Cláudia, Arco-Íris and Parque Guanabara.

“The transformation of Palhano began with Mayor

Wilson Moreira changing the city’s master plan in the 1980’s giving permission for the construction of high-rises in the area. In doing so, he alleviated the centre, which had been overcrowded by buildings and there were no lands left for new businesses,” according to Raul Fulgêncio in O Triunfo da Ousadia (see bibliography).

At the time, the area was practically only accessible via Higienópolis Avenue. The alternative would be to connect Maringá Avenue with Madre Leônia Avenue by embanking the “swamp at the bottom of the valley” between them and cross the Cambezinho. (The idea of the embankment split public opinion, some believing that Wilson was committing an “ecological crime,” while others saw it as something beneficial not only to the environment but also to human health, as the site was admittedly unsanitary.) “Building the infrastructure (roads, storm drains, electricity) in Palhano was the responsibility of the construction companies. The council reaped the benefits without having to invest any public funds. A brand-new neighbourhood emerged, generating a lot of (IPTU) property tax and other income for the city,” noted Raul. “We decided to set up our base for the real estate company here, because Gleba Palhano is the perfect example of what investors, construction companies, architects, urban planners and people who are ready to live well, are able to achieve together,” he explained. Whenever he had any visitors who didn’t know the city, Fulgêncio would guide them to one of the rooms of the agency that had a panoramic view so that they could admire “an example of Força Brasil” (Brazilian power), which was his definition of the neighbourhood. “They would ask me: What’s the big deal? There are buildings like this in so many other cities! I would then agree and then add: the only thing is, none of this was actually here just 10 years ago.” The last remaining testimony to the transformation in 2019 is the stretch of Madre Leônia Avenue between the roundabout

(with the fountain) and the PR-445 highway where modern architecture can be seen right beside the agricultural (wheat-soybean rotation) landscape. “Soon we’ll only see this on photographs.” Those who remember, know that Alfredo Khouri’s comment in the 80s came true. He said that “we have already overcome several crises and the construction of buildings in Londrina have always continued.” According to the Rais (Annual Report on Social Data), there were 1,072 construction companies in the city in 2017. One of them, Plaenge is the largest in the south of the country and operates in several other states as well as abroad, with offices in Chile. There are 15 institutions of higher education with 41,000 students and 5,500 professors: 2 public universities (one state and one federal), one federal institute and 12 private universities and colleges.

The largest is UEL (the Londrina State University), a community of 25,853 people of which 19,361 are (graduate and post graduate) students. Of the 1,669 docents 94% have a master’s or doctorate degree. The university’s current dean is Sérgio de Carvalho and vice-dean is Décio Sabbatini Barbosa who were both elected in 2018. There are 2,089 administrative and 1,734 support staff. The university has been through 8 evaluations within its 48 years of existence, mostly by foreign institutions. In 2018 and 2019, UEL ranked 13th and 29th among the public universities in the country. According to the 2019 BRICS University Rankings, UEL was first in Paraná and 4th in Brazil among state universities and 22nd in higher education overall.

The universities are vital, as the city aspires to become a centre of medicine and health. Of the 15 higher education institutions 6 are related to the health sector with 40 graduation courses in total. There are 2,198 doctors in the city of 68 different specialties (that is 3.95 doctors for every 1,000 inhabitants) and 1,349 health establishments. According to the

2018 event organized by the Folha de Londrina, “Encontro sobre Tecnologia e Inovação para o Mercado de Saúde” (on technology and innovation in the health sector), there are 3,167 companies in the sector employing 14,128 people. Among them 1,947 health services, 745 product and service distributors, 208 financial agencies, 189 support services and 77 suppliers of technological products.

Londrina is the 38th largest city in the country in terms of population (575,377) of which 97.4 live in urban areas and 372,000 are eligible to vote. There are 260,245 taxable properties; 2,200 km of public roads (almost all paved); 380,745 motor vehicles and an average 3,500 passengers use public transport per month. According to Sanepar the entire population has access to treated water (3,000km network connected to 163,923 households) and 93,78% are connected to the sewer system (2,200 km network with 146,563 connections), 100% treated.

Based on health, education and income parameters, the Human Development Index (HDI) is high, 0.778. The GDP is R\$19.2 billion, R\$33,374.97 per capita (2016). 54,47% of the population is economically active, and 36,4% (203,294) are employed (2017). The city had some “reserved energy” that ensured a continuous economic growth, despite the setbacks caused by the local public administration along the last two to three decades. “Thanks to companies and institutions, the city didn’t come to a halt. Even amid political turbulence characterized by allegations, scandals, impeachments and even imprisonment, Londrina went on working and producing,” stressed the 2013-14 president of ACIL (the Londrina Association of Business and Industries) Flavio Balan. He perceived that the essential “bond of trust between citizens and the state” had been shaken by a series of corrupt and incompetent public authorities. According to Balan, Londrina was founded like a business, based on the initiatives

of CTNP. “The company honoured its contracts and had an ambitious regional development plan. And it was this integrity and courage that brought other entrepreneurs to the region.” The city’s distinctive boldness is rooted in its business-driven origin, and although “some may not recognize it, most of Londrina’s population has a clear entrepreneurial spirit.” On 1 January 2013, Alexandre Kireeff took office as the mayor of Londrina. He promised that “no form of corruption will be tolerated.” In his view, corruption is “an infectious disease that attacks the organs and tissues of the Council from the inside and is able to devastate families, shatter dreams and even cause death.” He then approved a decree that set up a committee tasked to establish Plano de Transparência e Controle Social (the Social Control and Transparency Plan), in order to honour his campaign promise. The new mayor stressed that he strongly believed that despite “all the scepticism,” the executive and the legislative branches will be able to work together in harmony and addressed the council members: ladies and gentlemen, our task is to prove the critics wrong.”

The new administration is going to be the opposite of recent ones, where “projects were left unfinished, not even the most essential plans were developed and a complete lack of continuity characterized...our city.” All this led to “depleted funds, public facilities in hazardous conditions and poor-quality services.” In view of the situation, “we must manage scarce public resources with expertise in order to maximize efficiency in implementing our priorities,” he acknowledged. He took over from Gérson Araújo, who used to be the president of the Council Legislature and was later appointed as mayor. Although the city budget in 2013 was 1.2 billion, in order to cover all expenses, certain taxes had to be increased. In June, the council’s legislative chamber approved a bill submitted by the mayor, which allowed prosecuting

citizens who fell into arrears with tax payments. This repealed the 2009 Law which prevented prosecution and was submitted by then councillor Marcelo Belinati. The mayor and prosecutor Zulmar Fachin presented their case to the council members highlighting that the new law would expedite the collection of outstanding debts. The top 500 property and service tax debtors together owed R\$388 million. The bill was amended by Jamil Janene making debtors who are registered to receive social assistance (Cadastro Social Único) exempt. “We set up a process of prosecution and debt collection for the largest debtors, auctioning off properties, if necessary. No matter if they were iconic properties; I remember one land overlooking Igapó Lake, which was the ultimate symbol of wealth in Londrina,” said Kireeff in a CBN interview in 2019. Contrary to Kireeff’s promises, corruption didn’t cease completely in the executive branch. There were still crumbs of it left over by previous administrations. In February 2014, the Public Prosecutor’s Office pressed charges against two Codel (Institute for Development) employees, a real estate agent, a businessman and his secretary. One of the employees had worked for the institute for 29 years. They were presumably accepting bribes from people, who were applying for lands for their businesses.

Bills for donations were drafted at Codel and then were sent to the council members for consultation. The inspectors of Secretaria de Obras (the Department of Construction) had been approving buildings with irregularities since 2012, but the new management took a while to put an end to it all, once they had been informed. In April 2014, the Council set up a Commission of Inquiry, and the mayor dismissed Celina Ota, the director of projects of Secretaria de Obras, who had already submitted a request to be exonerated. The department head Sandro Nóbrega handed in his resignation, even though until this point he had not

been accused of any wrongdoing. The new management “inherited” other pending cases of unlawful acts, such as the construction of a shopping centre on Benjamin Constant street in 2012 without a permit, as it was only issued the following year. The Public Prosecution brought the case to court in July 2014. According to the Prosecution, because of an oversight from the Secretaria de Obras, the construction went ahead despite the withheld permit and once it was completed Ippul released the permit of, what seems to be, the request of the General Attorney in 2013. The company that owned the shopping centre, 4 employees of Secretaria de Obras, the previous department head Ossamu Kaminagakura, the attorney general Paulo Valle and the president of Ippul (Research Institute of Urban Planning) Ignes Dequêch Alvares from Kireeff’s team were all prosecuted. Despite the “inherited” problems and some of his own mistakes, Kireeff was able to restore reliability and began road infrastructure works (see chapter 11), and building renovations (including the council building itself). In view of the small budget, the mayor began assessing possible investments against the council’s debt capacity when approving loans. The department of health and the department of education received the largest and most uncompromising budget allocations so that the number of employees in the sector was able to increase by 27% from 7,868 to 10,004. The head of the department of education was Janet Thomas, the granddaughter of the colonizer Arthur Thomas. Janet was previously the head of the same department in Mato Grosso and received a national award for her work. Approximately 50% of civil servants worked in the educational sector in 2016. The sector’s allocated budget increased from R\$199.1 million to R\$339.7 million and represented 26% of the council budget. The health sector was allocated R\$530,9 in 2016, which corresponded to 31% of the total budget. The sector supported 4,200 professionals (600

doctors, 420 nurses and other support staff). The allocated budget increased by 41,85% between 2013 and 2016 and 5 new Primary Health Care Units were built, 21 were renovated and the 1 unreliable ambulance car was replaced by a fleet of 14 new ones. At the end of his tenure, although there were still things to be solved, the overall perception was that the mayor was consistent and fulfilled the promise that voters cared most about: ending the cycle of professional politicians, stop corruption and reinstate integrity within the council. “The reason for becoming a candidate was exactly this, as there was an expectation from society that morality and the fight against corruption should be an integral part of public administration,” responded Kireeff in a radio interview in 2019 (Repórter da História CBN). “I agree with this assessment in the sense that there was a clear demand from the community and I decided to run as a candidate out of resentment for the state of things. It did feel like a rebellion against all that. So yes, this statement does make sense.”

The next mayor, Marcelo Belinati, took office on 1 January 2017, and he distinguished himself as someone who completes public construction projects, starts new ones and is objective in his solutions, even when the issues are minor or less pressing. An example is Law 12.744 of July 2018, which prohibits the consumption of alcoholic beverages in urban public spaces from 22:00 to 8:00. Surveillance was put in place and offenders were fined. Residents living close to petrol stations that sell beer, were not able to sleep from the noisy drinkers. One of his interventions in the name of increasing efficiency, was related to tendering processes. Lack of detail usually leads to budgetary losses (quality and price), delays in services and shortages of supplies (due to court suspensions at the request of competing bidders), and it can also facilitate corruption. Observatório de Gestão Pública was a private institution aiming to scrutinize council spending on behalf of

the public. When Marcelo asked Fábio Cavazotti, one of the members of the institution, to take on the same role within the council, Fabio said “how clever of the mayor,” bringing in one of the most qualified people to conduct inspection. Those who know Fábio well, believe that, given that he accepted the offer, the proposal had to be sincere. The council set up a partnership with UEL and together they introduced improved methods and procurement processes have gradually become smoother and less lengthy as a result.

Belinati carried out the first IPTU (Property Tax) revision in 16 years. The rates had only been adjusted for inflation and no longer reflected the real market value of the properties. The move seemed bold for someone who people expected would be running a populist administration that usually steers clear of upsetting the voters. Belinati had proposed a law, when he was councillor, that would actually prevent the prosecution of tax debtors, so why the change of heart, once mayor?

“There has been no change of heart at all. I have been consistent,” responded Marcelo in a CBN Repórter da História interview. “I will have to disagree.” According to him, there was a legal dispute about allowing prosecution, which even reached the Supreme Federal Court. “I was completely consistent back then, even when other politicians were trying to paint a distorted image of me as councillor. At the time, in 2005, the rates had just been reviewed and they were considering a new evaluation,” he remembered. “Since then, 16 years have passed without a revision, and it resulted in a tremendous distortion of rates. For instance, residents of high-end mansions were paying less tax than those, who were living in simple social housing units and the press, so far, has failed to show this. According to Marcelo’s assessment, his reform rectified the disparities, and it proved to be less rigorous: “anyone who takes a look at their bill will realize that

they wouldn’t want to sell nor be able to buy the property at the considered rate, as they are still below the market price.” The public seem to have acknowledged that there was a need for the update. In 2019, over 70% of the property taxes were paid off the beginning of the year, which is a record. Let’s not forget that during the campaign, all mayor candidates (without exception), proclaimed that a review was inevitable.

As a result of heavy criticism, public debates and discussions between members of the council and representatives of the mayor, the plan was toned down. Nevertheless, once the residents received their tax bills, the new plan became the subject of protests and lawsuits. A public appeal to revoke the new bill was even approved by the council members at the first reading. The tax rate review revealed more discrepancies than expected. Even Marcelo was charged with negligence and misconduct, by the Public Prosecution, in relation to the low property tax rates and waste collection fees paid by the gated community where he lived. Marcelo Belinati’s strategy as mayor certainly does not focus on ensuring his re-election. Apart from working towards balancing the books, he is also planning to increase working hours from 6 to 8 hours a day and make them more flexible. Current employees can volunteer to work longer hours, in which case they will be compensated and all new hires will be under the new 8-hour day terms automatically. He also announced that increasing the council pension fund contribution rates is inevitable. These initiatives typically upset a certain social class that has significant “voting power,” and for that reason, the legislative and executive branches of power –across the country in general– are used to spoiling them with privileges and special advantages. The 30,000 signatures on the public appeal against the IPTU probably translate to double in votes, together with 10,000 employees and their families, seem like a great loss of supporting votes. “I am fully focussed on my work. As a

result of the shake-up of our council’s administration that we implemented, Londrina is a new city today. Although there is still a lot to do, it has given the city a new direction for the next 20 years,” responded Marcelo. In his view, whereas the council used to be last on the government’s transparency ranking (by Controladoria-Geral da União), today it’s “the most transparent council in Brazil, with the healthiest balance sheet in Paraná, and there are public constructions all across the city.” He is referring to the new kindergartens and schools, refurbished walk-in clinics, improved infrastructure and new, big industries moving to the city. But there is still a lot to do. Right now, I’m focusing on my work, I’m not thinking about the elections.”

From the 2020 budget of R\$2.018 billion, the largest allocations are going to Health (R\$705 million) and Education (R\$475 million). Marcelo Belinati is the third mayor in Londrina, who is also a doctor. First was Dalton Paranaguá and the second Luiz Eduardo Cheida, who both had new initiatives for the sector. Since then, with the growing population the demand for health care has increased but provision has not caught up fully. For instance, the average waiting time at the Children’s A&E is 5 to 7 hours, due to a shortage of doctors. Marcelo says that “his priority is the health sector and the positive changes have been very impressive.” He believes that “this sector is going through the biggest reform in the city, which involves refurbishments, new equipment, the introduction of electronic medical records and citizen health cards. This will improve quality of care as well as working conditions. Not to mention, that the reduced cost will allow for hiring more doctors. It’s important to note, he adds, that walk-in clinics, which used to have one doctor on call per period until 2016, now have seven.”

Regarding funding, if there is any party influence on the release of federal and state funds, Marcelo responded

that political articulation is what matters. “We lifted Londrina from years of political isolation,” he said that he believes there are two important things: projects and political connections in Brasília and Curitiba. “These have been on hold for many years and we have now rebuilt all these connections.” In short, he attributes the achievements to “combining federal, state and council resources.”

ELDORADO, BUT NOT FOR EVERYONE

“Londrina was a city without a past back then. I remember that I had a peculiar feeling that here one would not find anyone with grey hair or living on the streets. But with time, both began to appear,” reminisced Milton Menezes about his arrival in 1938. During his first time as mayor (1952–1955), the government and the community combined their efforts in an attempt to abolish slums. The signs of poverty became strong at the turn of the second decade in the city’s life, which prompted the foundation of the public hospital, Santa Casa de Londrina. The issue continued to be an increasing concern, which was reflected in the growing number of charitable foundations and non-profit organisations. By 1989, 143 had been established, based on the book of Jolinda de Moraes Alves, *Assistência aos pobres de Londrina – 1940/1080* (Eduel 2013). The currently so prosperous Gleba Palhano neighbourhood is in complete contrast with the slums, farm settlements and squats, some of which are not even connected to the water and sewage network. It is estimated that between 18% and 20% of the population is poor, based on data from the last four years. 41,433 families are officially registered to receive social benefits from the federal government. 16,608 of these families live on less than R\$85 per capita and qualify for receiving income support; 16,217 of them have already signed up for this benefit. Another 5,526 families have income support from the municipality via the Programa Municipal de Transferência

de Renda. 51,000 families are on the (Cohab) waiting list for social housing. In 2016, the council’s social services register (Serviço Municipal de Assistência Social) contained 56,150 families, approximately 150,000 people. However, not all of them were actually seen.

IPTU AND PRIVILEGES

The initial plan in 2017 was to increase the Property tax (IPTU) rate to 0.85% and gradually reach 1% by 2021. As a result of debates and disputes, the rates were pulled back to 0.65% then to 0.6% and the deadline to reach 1% was extended to 2024 but eventually the rates were frozen at 0.6%. Waste collection rates were to be based on the number of weekly collections. When people received their tax bills in January 2018, was when the tax review came under attack by independent groups as well as “organized campaigns.” Classist organisations considered the increase excessive and claimed that “taxable capacity was not taken into account, and the sole objective was to save the council from a financial meltdown,” according to the OAB board (the local branch of the Brazilian Bar Association). The country was going through a crisis and unemployment rates were high. The OAB, ACIL and Sociedade Rural suggested freezing the rates at 0.6%. The Prosecution called for a revision of values to correct any discrepancies. PDS (The Social Democratic Party) requested a writ of mandamus for the withdrawal of the new plan. One of the lawsuits was a Direct Unconstitutionality Action filed by a civilian and two state councillors, Tercílio Turini and Devanil da Silva, and prosecutor Renato de Lima Castro, who was also the coordinator of Grupo de Combate à Improbidade Administrativa. The mayor was accused of “negligence and misconduct” for failing to report that the gated community where he was living was still considered as one unit, and therefore the calculated property tax rates and waste collection fees were lower than those

of the regulated communities. (Following on from this case, the council identified another 71 gated communities in the same situation and rectified the issue.) 1st Fiscal Court judge Marcos José Vieira ruled in favour of the mayor after hearing his defence. It was not the mayor’s responsibility to report the irregularity, and as soon as he found out about it in January, he ensured that the association was informed. The lawsuits were generally allegations of excess, in terms of taxable capacity, and breach of the publicity principle which ensures transparency. On 20 November, the bill to revoke the new tax plan, officially endorsed by 30,000 citizens, passed the first council reading with 13 votes to 5. (“Movimento abaixo o IPTU” – the Lower Property Tax Movement collected the signatures, which had been organized by André Trindade, the socialist party candidate for mayor.) Prior to the second reading, both the mayor and the treasury secretary João Carlos Perez insisted that maintaining the current rates had become inevitable, but the councillors were expecting a new plan with reduced rates. On 29 November, the bill was rejected on the second reading. On 5 December, the mayor’s bill was approved, stipulating that the rates remain frozen at 0.6%, waste collection fee cannot exceed 20% of the IPTU and the rates in 2019 would only be adjusted for inflation in accordance with IPCA (Extended Consumer Price Index).

PARK MATA DOS GODOY

The park is 600 hectares of native forest, part of the 3,600-hectare Fazenda Santa Helena, and brothers Álvaro and Olavo Godoy had been preserving it since 1930. It was later classified as a natural reserve. It became difficult to maintain the forest, because Incra (the National Institute of Agrarian Reform) decided to classify it and tax it as a non-productive area, so costs were getting high. In 1980, Olavo proposed to sell the reserve to the state and said that he

would no longer be able to protect it from predators. Yet, only in 1989 did the state acquire the forest and another 75 hectares of deforested land where the management and administration of the park would be set up. The 2.04 million cruzeiros novos for the purchase were actually provided by CESP (The São Paulo Energy Company) as a compensation for the flood damage they caused in Paraná with the installation of their hydroelectric plants on the Paranapanema River.

THE CITY AND THE PANDEMIC

The first case of COVID-19 (new corona virus) in Brazil was registered on 26 February 2020 and the first death caused by the virus on 17 March 2020. The outbreak reached Londrina in April. A man died on 3 April and another on 6 April. Between these two dates, the number of cases increased from 24 to 58. By then, the mayor, Marcelo Belinati Martins, had already issued an action plan for adapting medical and hospital care so that it would be compatible with the increasing number of infections. In addition, the council was looking at options to provide the self-employed and small business owners emergency loans, to help them overcome the recession caused by the pandemic. Furthermore, payment deadlines of municipal fees and taxes would be extended in general and assistance provided to families by the city’s social assistance program would be adjusted.

The legislative chamber contributed R\$20 million, which was initially allocated for the refurbishment of their own building, which they postponed, and the council contributed another R\$80 million. The secretário Municipal de Saúde (municipal health secretary), Felipe Machado estimated the initial costs of facing the pandemic at R\$86 million, which included employing 541 temporary staff, overtime payments, the purchase of Personal Protective Equipment, 120 extra beds in Hospital Universitário, another 135 beds in other health

institutions and the cost of setting up a field hospital.

Coesp (Londrina Public Health Emergency Cooperation Center) was set up as a platform to discuss preventive action proposals. For instance, quarantining the most vulnerable, social distancing, the use of masks, the interruption of non-essential economic activities, re-opening with limited time and frequency, among others. New Municipal Decrees came into force and the governor of the state ordered complete lockdown for 14 days. The opinions vary between those, who would like to see businesses open, mainly business owners, and those who support strict prevention control.

By 29 July there had been 3,037 cases of infection (1,675 women and 1,362 men), 112 related deaths and 6,626 patients recovered. Until then there were no hospital bed shortages and all patients could be treated. In Paraná state there were 70,155 cases and 1,792 deaths.

Admittedly, Londrina and Paraná state distanced themselves from the federal government as soon as Health Minister Dr Luiz Henrique Mandetta was dismissed in April, for disagreeing with the president Jair Bolsonaro in not believing the science. In March, when Brazil had 25 confirmed deaths caused by COVID-19, the president said that N1H1 killed 800 people in 2019 and according to his assessment: “the estimated number of deaths from the coronavirus will not reach similar levels” (in 2020). 4 months later, on 29 July, the number of cases in Brazil reached 2,555,518, (1,787,419 recovered and 90,188 died). Brazil became the second most affected country in the world, behind the United States that had 4.4 million cases and 140,000 deaths at that point.

(COVID-19: “COVI,” refers to coronavirus, “D” to disease and 19 indicates the year, 2019. Sars-CoV-2 refers to severe, acute, respiratory syndrome coronavirus 2 and it is the strain that causes coronavirus disease 2019. It originated in China.)



Calçadão durante a Pandemia da Covid-19. Autor: Wilson Vieira



PARA SUA EMPRESA GANHAR ASAS

Fazemos muito mais que vender software original. Oferecemos soluções tecnológicas de alta complexidade, que são capazes de atender organizações de todos os portes e setores. Para superar seus desafios e alcançar seus objetivos, conte com quem é autoridade no assunto e pode ajudar a elevar seus resultados com inteligência de negócio.

DEPOIMENTOS | ENDORSEMENTS

.....

Das coisas que mais gosto quando leio sobre o nosso Paraná, é descobrir como foram escolhidos os nomes das cidades. É que por trás dessa simples curiosidade tem sempre a história de alguém. Homens e mulheres que desbravaram as terras que hoje compõem este estado que nos dá tanto orgulho.

Com Londrina não foi diferente. A cidade não tem o nome do seu desbravador, mas é uma referência às origens dele. Simon Joseph Fraser ou Lord Lovat, como era conhecido, era inglês e viu nas névoas desse canto no sul do Brasil semelhanças com a capital do seu país. Foi assim que surgiu a pequena Londres, que se tornou a segunda maior cidade do Paraná, em número de habitantes.

Uma história iniciada pelos ingleses mas construída por paranaenses, pés vermelhos, que lutaram muito e fizeram da cidade uma potência na produção do café, chegando a ser responsável pela metade da produção mundial na década de 60. Foi com essa mesma força que os londrinenses enfrentaram aquela que foi a maior crise pela qual nosso estado passou, antes da pandemia que nos desafia nos tempos atuais. A geada negra destruiu os sonhos da capital mundial do café, mas revelou cidadãos capazes de se reinventar e de fazer a cidade voltar a crescer, criar indústrias, universidades e se fortalecer na agricultura, com investimento em culturas diferentes.

Por tudo isso, e pelo que Londrina se tornou,

tenho certeza que assim como eu, os paranaenses comemoram com admiração e gratidão os 86 anos dessa importante cidade do norte do Paraná!

Para retribuir, o que nos cabe no governo do Estado, é investir em obras que colaborem ainda mais para o desenvolvimento do município. Neste pacote entram a construção de 20 unidades básicas de saúde, do novo Samu, a duplicação da PR-445 entre Londrina e o distrito de Irerê e a instalação da cidade industrial de Londrina.

Seguimos juntos nesta jornada. Contando com a força dos londrinenses e com a força dos paranaenses, para fazer deste, o melhor estado do Brasil! Feliz aniversário, Londrina! Obrigado por ser tão especial!

When I read about Paraná, what intrigues me the most is how the names of the cities were chosen. There is always a fascinating story to be told that involves the men and women who explored the lands that make up our state today and fill us with such pride. Londrina was no exception. Although it wasn't named after its explorer, there is a clear reference to its origins. Simon Joseph Fraser, better known as Lord Lovat was British and the fog in this southern corner of Brazil reminded him of the capital of his own country. And this is how Little London first emerged and then became the second most populated city in Paraná. A story that began with the English but was completed by the paranaenses (people from Paraná), the red feet men, who fought and strived and turned the city into a powerful coffee producer, which by the 60s, was supplying

fifty percent of the world's coffee.

The same relentless strength helped the citizens of Londrina through the biggest crisis the state had seen until the current day pandemic. With the black frost, the dreams of the world coffee capital faded away, but it also unveiled the citizens who are able to reinvent themselves, bring the city back to life, build new industries, universities and strengthen the agriculture by investing in different crops.

I am certain that just like me, the people from Paraná celebrate these 86 years of this distinguished city in north Paraná and what it has achieved and become, with affection and gratitude. In return, what the state government is able to do is invest in projects that take the development of the municipality even further. These include the construction of 20 new health care units, of the new ambulance service (Samu), the addition of an extra lane to the PR-445 highway between Londrina and Irerê and the installation of Londrina's industrial city.

We continue this journey together, relying on the strength of the people from Londrina and the strength of the people from Paraná to make this, the best state in Brazil!

Happy Birthday, Londrina!

Thank you for being so remarkable!

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná | Governor of Paraná

.....

Gratidão é uma palavra boa para ilustrar o ano de 2020, quando Londrina comemora 86 anos. A cidade vive um dos melhores momentos da sua história, impulsionada pelo aumento da autoestima do cidadão em relação ao município.

Temos muito a comemorar, encerrado o primeiro ciclo de quatro anos de gestão - o reconhecimento nacional de que somos a administração mais transparente do país, a reestruturação da Saúde, a retomada de grandes obras, o cuidado com os detalhes que garantem vida mais digna, como asfalto, iluminação de primeira qualidade nas ruas, praças impecáveis, a atração de indústrias e grandes empresas. Todos os feitos seriam grandiosos em qualquer época, porém a pandemia da Covid-19 tornou as conquistas ainda mais memoráveis. E o mérito é todo do londrinense, acostumado a se reinventar, desde a época em que os primeiros migrantes pisaram aqui e fizeram uma cidade brotar da mata fechada.

Nada nos abateu neste 2020, apesar das perdas. Permaneceu em pé a vontade de vencer os desafios, de não se dobrar perante as dificuldades, de sonhar algo bom para todo coletivo. Que estejamos conscientes do milagre que é a vida e gratos, no sentido de guardar na memória do coração os fatos bons e tantas lições aprendidas.

Gratitude is a good word to illustrate the year 2020, when Londrina celebrates 86 years. The city is going through one of

DEPOIMENTOS | ENDORSEMENTS

the best moments in its history, driven by the increase of the citizen’s self-esteem in relation to the municipality.

We have a lot to celebrate, ending the first cycle of four-year management – the national recognition that we are the most transparent administration in the country, the restructuring of the city Public Health Care, the resumption of major construction works, the care for details that guarantee a more dignified life, such as asphalt, top quality street lighting, impeccable squares, the attraction of industrial companies and large businesses. All these achievements would be great at any time, but the Covid-19 pandemic made them even more memorable. And the merit is all of the “Londrinense” – Citizens of Londrina, who are very used to reinvent themselves, since the time when the first migrants stepped here and made a city spring from the closed forest. Nothing has put us down this 2020, despite the losses. Remained standing the desire to overcome challenges, not to bend in the face of difficulties, to dream something good for the whole collective. May we be aware of the miracle that life is and grateful, in the sense of keeping in our hearts’ memory the good facts and so many lessons learned.

Marcelo Martins Belinati

Prefeito do Município de Londrina | Mayor of Londrina

Londrina é uma cidade única, que traz o empreendedorismo enraizado em sua história. Com a diversidade proporcionada pela imigração, tornou-se uma terra de diálogo entre os povos.

O associativismo se fortaleceu na multiplicidade de ideias e ações que fizeram de nossa cidade uma referência econômica, cultural e tecnológica. Com uma localização estratégica e um dinamismo pautado pela inovação, Londrina é um ótimo lugar para investir e morar. E está, agora, planejando seu futuro a longo prazo, preparando o caminho para um desenvolvimento constante e sustentável, voltado principalmente para a qualidade de vida de seus habitantes. A ACIL é protagonista nesta trajetória, trabalhando pela consolidação do pólo tecnológico cuja expansão nos aproxima do conceito de cidade inteligente.

Londrina is a unique city with entrepreneurship rooted in its history. Immigration brought diversity and thus became the land of all people. The multitude of ideas and actions strengthened these connections and made Londrina prominent economically, culturally and technologically. Its strategic location and innovation based dynamism makes Londrina a great place to live and invest. Londrina is setting its long-term goals, preparing for the future, paving the way for a continuous and sustainable development, focusing primarily on its citizens’ quality of life. ACIL is playing a key role in Londrina becoming a technological hub as part of the journey towards realizing the concept of a smart city.

Fernando Moraes

Presidente da ACIL | President of ACIL

Nesses 86 anos, a história de Londrina se confunde com a história de cada um de nós que vive nesta cidade. Acompanhamos passo a passo cada conquista e cada mudança, vivemos com muito prazer os desafios dessa Terra Roxa. Acredito que preservar o passado é preservar também a memória de nossos pais, avós, que ajudaram e ainda ajudam a escrever a Londrina do futuro. A iniciativa deste livro tem grande importância para a CBN Londrina, estamos há 25 anos no ar, ajudando a contar essa história, a mostrar essa cidade pujante, cheia de oportunidades e que a cada dia cresce. É gratificante realizar esse projeto, com todos os envolvidos, contribuindo também para eternizar a cidade, seu rico passado, e documentar para as gerações futuras cada detalhe dos passos que percorremos rumo a novos sonhos.

Along these 86 years, Londrina’s story has been entangled within the stories of each one of us who live in this city. We have accompanied every change and achievement and lived through the challenges of this Red Land with great pleasure. I believe that preserving the past is preserving the memories of our parents and grandparents who have helped and to this day help writing Londrina’s future. This book is particularly important for us at CBN Londrina, as we have been on air for 25 years, helping to tell this story and showing this thriving city that is full of opportunities and continues to grow every day. Completing this project has been highly rewarding and everyone’s involvement has contributed to making this city and its rich past eternal, documenting each detail of the steps that we are taking towards new dreams, for future generations.

Amarildo Lopes

Diretor da Radio CBN, Ayoba e Mundo Livre | Director of Radio CBN, Ayoba and Mundo Livre

BIBLIOGRAFIA

ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE LONDRINA 1938/1939 – Adriano Marino Gomes.

ARTHUR THOMAS, MEU PAI — Hugh Muir Thomas, 2003.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE LONDRINA. Centro de Documentação e Memória, depoimentos. Co-ordenação de Amélia Tozzetti Nogueira, 2004.

BALAN, Flávio Montenegro – “Londrina, terra da confiança”, artigo assinado – Folha de Londrina 14.5.2014.

BANCO COM “RAÍZES” NA TERRA VERMELHA (UM) – Widson Schwartz, Jornal de Londrina 16.9.2002.

BELINATI, MAIS QUATRO ANOS DE POPULISMO – Jornal de Londrina 18/9/2000.

BRAGA, Rubem. “Dois repórteres no Paraná”. Imprensa Oficial do Estado, reimpressão, 2001. Ru-bem Braga e Arnaldo Pedroso d’Horta viajaram pelo Estado a convite do governador Bento Munhoz da Rocha Netto.

BRAZILIAN COTTON. Being of the Journey of the International Cotton Mission through the Cotton States of São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte. By Arno S. Pearse, general secretary of the International Federation of Master Cotton Spinners and Manufactures Associations. Manchester. March to september, 1921. Reprodução fotográfica em “Roberto Clark meu avô”.

CAFEICULTURA PARANAENSE 1900/1970. Nadir Aparecida Cancian. Coedição Grafipar e Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981.

CEM ANOS DE ÁGUAS CORRIDAS DA COMUNIDADE JAPONESA. Osamu Toyama. Tradutores: Shintaro Hayashi, Setsuo Hieda, Cecília R. Nagayama e Arnaldo M. Oka. AGWM Editora, São Paulo. Apoio: Japan Foundation. 2009.

CATÁLOGO DA CORRESPONDÊNCIA ATIVA DE GEORGE CRAIG SMITH. Organizadoras: Rai-munda de Brito Batista, Regina Maria Guarnier Domiciano, Rosângela R. Haddad e Ruth H. Shigaki Ueda. Editora UEL, 2002.

CIDADE ESPECIALIZADA EM CONSTRUIR (UMA) – Folha de Londrina 10.12.2010, reportagem de Silvana Leão.

COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NORTE DO PARANÁ – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 2.ª edição, 1975.

COLONIZAR O NORTE NOVO, IDEIA DE 1925 – Jornal de Londrina,13.3.2004.

CORRETOR, O INÍCIO DE TUDO – Francisco das Chagas Marinho. Editora e Gráfica Cotação da Construção Ltda., 1996.

COUTINHO, H. Puiggari – Londrina 25 anos de sua História, edição do autor – 1959; segunda tira-gem, – 1997, George de Freitas Coutinho.

DESVENDANDO MANOEL RIBAS/O HOMEM, A OBRA, O MITO. – F. Fernando Fontana. 2015. Sesc PR, Curitiba.

ELDORADO, REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA EM LONDRINA 1930-1975 – José Miguel Arias Neto. Editora UEL, 1998.

ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA BRASILEIRA – PubliFolha, 1998.

EXAME MELHORES & MAIORES (as 1000 maiores empresas do Brasil). Exame, agosto de 2017 (Editora Abril).

FINCANDO ESTACAS, HISTÓRIA DE LONDRINA NA DÉCADA DE 30 – Paulo César Boni, 2004. Ministério da Cultura (Lei 8 313), apoio cultural Milênia Agrociências.

FARQUHAR, O ÚLTIMO TITÃ – Charles A. Gauld, tradução de Eliana Nogueira do Vale. Editora de Cultura, 2006. ÉXITO EM BIRIGUI, MODELO PARA LONDRINA – Jornal de Londrina, 6.3.2004.

FEBRE DE VOAR NA TERRA VERMELHA – Widson Schwartz, anotações para um livro a editar.

GÓIS, Adolfo Barbosa. Autor: Dr. Góis – A saga de um nordestino. 1992. E depoimento ao Centro de Documentação e Memória da Associação Médica de Londrina (16. 9. 1984), na coletânea Eles Con-tam sua História, coordenação de Amélia Tozzetti Nogueira, 2004.

HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO PARANÁ – Carlos Roberto Antunes dos Santos. Juruá Editora, 2.ª edição – 2007. Curitiba.

HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO PARANÁ. Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná – 2001.

GEOGRAFIA FÍSICA DO ESTADO DO PARANÁ – Reinhard Maack. Livraria José Olympio Edito-ra/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 2.ª edição, 1981.

GERMER, Claus – mestre em agronomia agrária e secretário de Agricultura do Paraná em 1983, em “O milagre brasileiro do Norte do Paraná”, Cadernos de Justiça e Paz n.º 4 (Comissão Pontifícia de Justiça e Paz).

HAULY, Luiz Carlos – ver Jornal da Acil/outubro de 2008, reportagem de Glória Galembeck.

HISTÓRIA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ VOLUME I – Samuel Guimarães da Cos-ta. Edição da Assembleia, 1995.

HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SÃO PAULO APÓSTOLO/PARÓQUIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – Carlos Probst. Edição da Sociedade do Apostolado Católico (SAC), Londrina.

IMPRENSA E POLÍTICA, O CASO BELINATI – Fábio Silveira. Edições Humanidades, 2004.

INFLUÊNCIA MUSICAL DE 50 ANOS (UMA) – Jornal de Londrina 9..9.2002, reportagem de Wid-son Schwartz.

INSTITUTO AGRONÔMICO DO PARANÁ – Circular n. 49, fevereiro/87.

JANNANI, Assad – Relatório enviado ao Jornal de Londrina, edição de 2.7.2001.

LESSER, Jeffrey. “Imigração e Mutações da Identidade Nacional no Brasil durante a Era Vargas”, arti-go na Revista Brasileira de História n.º 28/1995 (São Paulo) – tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro do original numa edição de Luso Brazilian Review.)

LIBERALISMO E COLONIZAÇÃO, O CASO DO NORTE DO PARANÁ – Jorge Cernev. Editora UEL, 1997. LIGUE-SE EM LONDRINA, páginas semanais no Jornal de Londrina, 1996-2004.

LONDRES, LONDRINA – José Joffily. Paz e Terra, 1985.

LONDRINA ATRAVÉS DOS TEMPOS E CRÔNICAS DA VIDA – Alberto João Zortéa. Editora Juris-crédi, 1975.

LONDRINA PERDEU UMA POSIÇÃO, MAS NÃO A FORÇA – Widson Schwartz, Folha de Londrina 11.3.2007,

LORD LOVAT. Biografia em Londrina 25 anos de sua História – Humberto Puiggari Coutinho e reportagem de James Dalrymnple em The Sunday Times (Londres), reproduzida em Exame Vip/janeiro de 1997 (Editora Abril); pesquisa de Dora Horvat (2020) incluindo https://en.wikipedia.org./wiki/thomas_lister,_4thBaron_Ribblesdale – https://en.wikipedia.org/wiki/Simon_Frasser,_11th_Lord_Lovat.

LUDOVIC SURJUS: HISTÓRIA, HISTÓRIAS – Raimunda de Brito Batista. Promic, 2005.

MALAN, Pedro. “A maioridade do real e os próximos 18 anos”, em O Estado de S. Paulo 8.7.2012.

MAUÁ (biografia) – Alberto de Faria. Editora Nacional, 1933.

MEMÓRIA E COTIDIANO. CENAS DO NORTE PARANÁ: ESCRITOS QUE SE RECOMPÕEM – organizado por Jorge Cernev. Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (Ipac/Lda.). Edi-ção UEL/ MEC-Sesu, 1995.

MEMÓRIA E RECORDAÇÃO, FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA 40 ANOS – Nitis Ja-con, 2010.

MONBEIG, Pierre – “O Brasil” (Difusão Europeia do Livro, 2.ª edição, 1958).

MOROZOWICZ, Norton – entrevista ao Jornal de Londrina 16.8.2003, “Público já é patrimônio da música”.

MUNICÍPIOS BILIONÁRIOS EM 2012 (OS) – Reportagem de Wilson Tosta sobre dados da ONG Transparência Municipal, em O Estado de S. Paulo 23.7.2012.

NA BOCA DO BODE, ENTIDADES MUSICAIS EM TRÂNSITO – Fábio Henrique Giorgio. Promic, 2005.

NIXDORF, Oswald. Autor: Um Pioneiro na Selva Brasileira, a história de aventuras da colônia alemã em Rolândia. Tradução de Werner Paulo Oesterle. Edel, 2016.

NORTE DO PARANÁ, HISTÓRIAS E FANTASMAGORIAS – Nelson Dácio Tomazi. Editora Aos Quatro Ventos, 2000. ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE EM LONDRINA (A) – Márcio José Almeida. Editora Inesco, 2013.

PEROBA ROSA, UEL 25 ANOS – Joaquim Carvalho da Silva. Editora UEL, 1996.

PITTMAN, Booker – em “Por você, por mim, por nós”, Ophélia Pittman. Editora Record, 1985.

PODER EMERGENTE NO SERTÃO – Widson Schwartz. Acil, 1997.

PRIMAVERA DE LONDRINA (A) – Délio César. 2001.

PRIMEIRO PREFEITO DE LONDRINA ERA UM DESBRAVADOR E “SEMEOU” DOIS MUNICÍ-PIOS NO VALE DO IVAÍ (O) – Folha de Londrina 22.9.1978, entrevista a Widson Schwartz.

RIBEIRO, Darcy - “Aos trancos e barrancos, como o Brasil deu no que deu.” Editora Guanabara, 1985. ROBERT CLARK MEU AVÔ – Fernando José C. Xavier Soares. Edição do autor, 2003.

SANTA LUTA DA NOSSA CASA (A) – José Antônio Pedriali. Edição da Irmandade da Santa Casa de Londrina, 2012.

SCHULTHEISS, NOSSO SEGUNDO COMERCIANTE – Jornal de Londrina 3.6.2002, reportagem de Widson Schwartz.

SE O AEROPORTO TIVER A PRIORIDADE, ARCO NORTE DEMORA MENOS – Folha de Londri-na 19.10.2007, por Widson Schwartz.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O MERCADO DE SAÚDE – EncontrosFolha. Caderno da Fo-lha de Londrina, 26. 7. 2018, reportagem de Micaela Orikasa.

TESTA, J. – “Os cafezais no Norte do Paraná”, artigo na Revista do Café, editada em São Paulo, pre-sumivelmente no primeiro semestre de 1951.

TREM CORRE PARA O OESTE (UM) – Fernando de Azevedo. Edições Melhoramentos, 1949-1953.

TRÊS ANOS DE SERTÃO 1925-1928/ESTADO DO PARANÁ REGIÃO NORTE. Alexandre G. Bel-trão – Curitiba, 1980.

TRIUNFO DA OUSADIA (O) – Raul Fulgêncio. Pesquisa, texto e edição: Domingos Pellegrini e Edu-ardo Maluf. Londrina, 2018.

UDIHARA, Hikoma. Respire. Essa poeira é Ouro... – entrevista de Kasuê Udihara. Jornal de Lon-drina 10.4.1996.

WHISKY NO SERTÃO, A RENDIÇÃO DO LATIFÚNDIO – Jornal da Acil, edições de outubro/2008 a agosto/2009.

YAMAKI, Humberto. Terras do Norte, paisagem e morfologia – Ed. H. Yamaki/Universidade Estadu-al de Londrina. Patrocínio: Prefeitura de Londrina (Secretaria Municipal de Cultura). Apoio: CNPq. 2017.



Autor Wilson Vieira
Fotógrafo, professor e
diretor da Escola de Fotografia



LONDRINA

Aos 86, com a ousadia de origem.

Londrina: 86 years of relentless progress.

CBN Londrina

100,9 FM